
AISLING RAWLE
THE COMPOUND
A Novel

ÍNDICE

Índice 2
Um 10
Dois 23
Três 40
Quatro 51
Cinco 62
Seis 75
Sete 81
Oito 100
Nove 108
Dez 118
Onze 130
Doze 137
Treze 145
Catorze 155
Quinze 164
Dezesseis 174
Dezessete 180
Dezoito 190
Dezenove 199
Vinte 208
Agradecimentos 215

THE COMPOUND

a novel

Aisling Rawle



RANDOM HOUSE

NEW YORK

Random House
Uma marca e divisão da Penguin Random House LLC
1745 Broadway, Nova York, NY 10019
randomhousebooks.com
penguinrandomhouse.com

Direitos autorais © 2025 por Aisling Rawle

A Penguin Random House valoriza e apoia os direitos autorais. Os direitos autorais fomentam a criatividade, incentivam a diversidade de vozes, promovem a liberdade de expressão e criam uma cultura vibrante. Agradecemos por adquirir uma edição autorizada deste livro e por respeitar as leis de direitos autorais, não reproduzindo, digitalizando ou distribuindo qualquer parte dele de qualquer forma sem permissão. Você está apoiando escritores e permitindo que a Penguin Random House continue publicando livros para todos os leitores. Observe que nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer forma para fins de treinamento de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

RANDOM HOUSE e o logotipo DA CASA são marcas registradas da Penguin Random House LLC.

Publicado no Reino Unido pela The Borough Press, uma marca da HarperCollins Publishers, Londres.

Agradecemos à The Permissions Company, em nome da Graywolf Press, pela permissão para reimprimir "A Espera", de *Os Poemas Franceses Completos de Rainer Maria Rilke,* de Rainer Maria Rilke, traduzido por A. Poulin, direitos autorais da tradução © 1979, 1982, 1984, 1986 por A. Poulin, Jr. Reimpresso com a permissão da The Permissions Company, LLC, em nome da Graywolf Press, Minneapolis, Minnesota, graywolfpress.org.

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO DA BIBLIOTECA DO CONGRESSO
NOMES: Rawle, Aisling, autora.
TÍTULO: O composto: um romance / Aisling Rawle.
DESCRIÇÃO: Primeira edição. | Nova Iorque, NY: Random House, 2025.
IDENTIFICADORES: LCCN 2024061227 (impresso) | LCCN 2024061228 (e-book) | ISBN 9780593977279 (capa dura; papel livre de ácido) | ISBN 9780593977293 (e-book)
ASSUNTO: LCGFT: Romances.
CLASSIFICAÇÃO: LCC PR6118.A5226 C66 2025 (impresso) | LCC PR6118.A5226 (e-book) | DDC 823/.92—dc23/eng/20250108
Registro da Biblioteca do Congresso disponível em https://lccn.loc.gov/2024061227
Registro do e-book da LC disponível em https://lccn.loc.gov/2024061228
Edição internacional ISBN 978-0-593-97945-7

ISBN do ebook: 9780593977293

EQUIPE DO LIVRO:
EDITOR DE PRODUÇÃO: *Cara DuBois* • EDITORA-CHEFE: *Rebecca Berlant* • GERENTE DE PRODUÇÃO GRÁFICA: *Sandra Sjursen* • EDITORA DE TEXTO: *Julie Ehlers* • REVISORES: *Megha Jain, Catherine Mallette, Vincent La Scala*

Projeto gráfico do livro por Barbara M. Bachman, adaptado para ebook.

Design da capa: Sarah Horgan e Greg Mollica
Arte da capa: Carrie Graber

O representante autorizado na UE para segurança e conformidade do produto é a Penguin Random House Ireland, Morrison Chambers, 32 Nassau Street, Dublin D02 YH68, Irlanda . https://eu-contact.penguin.ie

ep_prh_7.1a_9001707_c0_r0

Conteúdo

Dedicação

Epígrafe

Parte I

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Parte II

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Parte III

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Agradecimentos

Sobre o autor

_9001707_

Para Dee e Dave

AS PERGUNTAS MAIS ESTÚPIDAS de todas foram feitas por Mollie, a égua branca. A primeira pergunta que ela fez foi: "Haverá açúcar depois da rebelião?"

“Não”, disse Bola de Neve firmemente. “Não temos como produzir açúcar nesta fazenda. Além disso, vocês não precisam de açúcar. Terão toda a aveia e o feno que quiserem.”

"E ainda poderei usar fitas na minha crina?", perguntou Mollie.

“Camarada”, disse Bola de Neve, “essas fitas às quais você é tão devotado são o símbolo da escravidão. Você não consegue entender que a liberdade vale mais do que fitas?”

Mollie concordou, mas não pareceu muito convencida.

—GEORGE ORWELL, *A Revolução dos Bichos*

Parte I

UM

EU ACORDOU PRIMEIRO. HAVIA Não havia nada de particularmente significativo nisso, apenas que sempre dormi mal e geralmente acordo cedo. Não tinha como saber as horas, mas achei que tinha dormido bastante: meus membros estavam pesados e rígidos por causa de um sono longo e imóvel. O quarto era escuro e sem janelas, com apenas uma pequena claraboia diretamente acima da minha cama, embora não cheirasse a sono ou almíscar: cheirava a fresco e arejado, como se tivesse sido limpo recentemente. Acho que consegui detectar um leve traço de aromatizador de ambientes, com cheiro de cítricos, ou talvez pinho. Havia dez camas, embora apenas uma, além da minha, estivesse ocupada. A garota na cama em frente à minha estava despertando lentamente. Ela se sentou e olhou para mim. Ela era bonita, mas isso era de se esperar.

"Olá", eu disse depois de alguns segundos. "Meu nome é Lily."

“Sou Jacintha”, disse ela. “Prazer em conhecê-lo(a).”

Coloquei os pés no chão, sentindo-me renascida. Me espreguicei, com os braços erguidos acima da cabeça, e ouvi minhas articulações estalarem. O ar-condicionado estava ligado, mas eu conseguia sentir o calor que vinha de trás, denso e sufocante. Quando olhei para o lado, Jacintha estava de pé. Ela vestia calcinha e uma regata. Olhando para baixo, vi que eu estava usando algo parecido.

Talvez tenha sido um pouco estranho, mas ela sorriu para mim. "Vamos encontrar os outros?"

Percorremos a casa, explorando-a enquanto caminhávamos. A casa era ao mesmo tempo familiar e completamente nova para mim. De cada lado do quarto ficavam os vestiários: o dos meninos à esquerda, o nosso à direita. O vestiário dos meninos não nos interessou, e fomos direto para o nosso. Era enorme, muito maior que o quarto. Era onde nós podíamos Guardávamos todas as nossas coisas, assim que as tínhamos. O quarto era composto principalmente de espaço de armazenamento: guarda-roupas embutidos, cômodas, armários e algumas caixas brilhantes, semelhantes a uma que eu usava para guardar minhas fantasias quando criança. No centro do quarto, havia uma mesa revestida de laminado cinza, com um banco de cada lado. Ao longo da mesa, havia espelhos iluminados e pequenas telas. Toquei em uma delas, mas a tela permaneceu preta.

Embora o quarto estivesse limpo, o closet estava visivelmente desarrumado: havia roupas espalhadas pelo chão e manchas de maquiagem na mesa, com o aroma persistente de produtos femininos ainda no ar. Jacintha e eu vasculhamos as gavetas e armários e encontramos principalmente roupas, a maioria delas baratas e usadas: maiôs esticados a ponto de ficarem transparentes, vestidos manchados e camisetas com aparência desgastada. Havia algumas peças bonitas, possivelmente de grife — alguns vestidos, uma saia e uma jaqueta. Estavam engomadas e sem amassados, e imaginei que provavelmente nunca tivessem sido usadas.

Descendo o corredor ficava o banheiro, azulejado e impecável. Havia dois vasos sanitários, um mictório que percorria toda a parede, um chuveiro e uma banheira grande e convidativa, com o formato de uma canoa gigante. Havia uma elegante barra dourada onde as toalhas ficavam penduradas, puxadores dourados combinando nas portas do armário e uma barra dourada semelhante sobre o espelho da pia. As torneiras eram de um belo tom de latão, com uma quantidade impressionante de sabonetes enfileirados em uma prateleira e uma pilha de papel higiênico artisticamente arrumada. Na parede ao lado da banheira havia uma pintura grande e abstrata. Era a única obra de arte que eu já tinha visto na casa. Eu sabia que o lugar tinha mudado drasticamente ao longo dos anos, mas a mesma obra de arte permanecia, intacta. O quarto e o closet eram agradáveis, mas foram projetados para a praticidade. O banheiro era puro luxo: perfeito, exceto pelo fato de não ter porta.

Jacintha e eu descemos. Havia vários quartos vazios, talvez quatro ou cinco. Havia algumas caixas vazias neles, e imaginei que os quartos deviam ter sido usados como depósito. Havia mais dois banheiros, e embora fossem razoáveis, eram claramente os banheiros mais simples.

Chegamos à sala de estar e paramos desconfortavelmente na porta. Embora o closet estivesse bagunçado, esta sala estava destruída. Não havia sofá, mas havia cadeiras dobráveis jogadas num canto. Havia um espelho no chão, cujos cacos refletiam a bagunça ao redor: uma parede amassada, uma mesa de centro sem pés, um vaso estilhaçado. Quase tudo no cômodo estava quebrado ou destruído, exceto a tela grande, que estava pendurada na parede, intacta. Assim como as telas menores, a tela grande estava em branco. Nem Jacintha nem eu comentamos sobre a bagunça, mas ficamos parados na porta por um minuto ou dois, esperando para ver se a tela grande ligaria.

Depois, havia a cozinha, grande e, felizmente, bem abastecida. Havia bancadas de granito com os eletrodomésticos usuais e uma pequena ilha com três banquetas. A cozinha tinha um ar industrial, projetada para acomodar várias pessoas cozinhando ao mesmo tempo ou cozinhando em grandes quantidades. Jacintha e eu passamos um bom tempo lá, vasculhando armários e gavetas. Havia comida suficiente para durar bastante tempo — semanas, pelo menos.

Embora bem construída e bem equipada, era incrivelmente desarrumada; de uma forma desconcertante. Havia cascas de ovo no chão, respingos de molho na parede e louça na pia. O chão estava sujo, as bancadas pegajosas. As lixeiras estavam transbordando e cheiravam a carne podre.

“Não há congelador”, disse Jacintha.

“A geladeira é enorme”, eu disse. Abri as portas duplas cromadas, admirando sua envergadura, e sorri para ela. Ela me olhou como se ainda não tivesse certeza sobre mim.

Havia uma grande janela acima da pia que se estendia por quase toda a parede. Tinha um efeito agradável, embora isso significasse que a cozinha estava desconfortavelmente quente, quase pulsando de calor. Através dela, eu conseguia avistar a piscina ao longe. Foi só quando vi a água azulada, brilhando ao sol, que me dei conta de onde estava e do que estávamos fazendo.

“Olha”, disse Jacintha. Levei um minuto para ver a menina, encolhida como estava, dormindo no chão à beira da piscina.

Saímos para inspecioná-la. Quando nos aproximamos, ela não se mexeu. Por um instante, pensei se ela estaria morta. Jacintha se agachou e a sacudiu pelo ombro. Por um

segundo, olhando para ela, pensei que ela se parecia muito comigo e senti uma pontada de preocupação. Então a garota Acordei e percebi que ela não se parecia comigo: era magra e loira também. Estava levemente rosada por todo o corpo por ter ficado deitada ao sol. A garota olhou para nós, ajeitando o cabelo.

“Olá, pessoal”, disse ela. “Sou a Susie.” Jacintha e eu nos apresentamos, e Susie sorriu e acenou com a cabeça. “São ótimos nomes”, disse ela com entusiasmo.

Nos entreolhamos, tentando pensar em algo para dizer.

"A piscina não é incrível?", perguntou Susie.

Eu disse: "Eu estava pensando exatamente nisso."

“Não sei como acordei aqui. Não me lembro de ter ido dormir, mas isso não importa agora, não é? Ah”, disse ela, olhando em volta. “Tem tanta areia. Uau. Está quentinho também. Acabei de acordar e acho que nunca senti tanto calor na minha vida! Onde vocês dois acordaram?”

“Nós duas estávamos no quarto”, disse Jacintha. Susie pareceu um pouco confusa, então eu disse: “Você é a primeira que encontramos”. Ela pareceu mais feliz, e saímos para encontrar as outras.

Enquanto caminhávamos, pudemos absorver, pela primeira vez, a dimensão do lugar onde iríamos morar. O complexo se estendia, variado e deslumbrante: terra marrom-avermelhada, grama amarelada em alguns lugares e um verde vibrante e surpreendente em outros; caminhos de pedras, pequenos trechos de vegetação e comodidades, e cercando tudo, separado de nós por um anel de arbustos, o deserto se estendia infinitamente até o horizonte. Nos fundos do complexo, a grama e a vegetação floresciam, e um sistema de irrigação jorrava gotas preguiçosas de água, a luz projetando arco-íris através das gotículas, uma beleza casual que contrastava quase de forma grotesca com as planícies monótonas que se estendiam além. A visão do deserto me fez refletir; eu já o tinha visto na televisão, é claro, mas vê-lo diante de mim era algo completamente diferente. A areia dourada pálida e a terra plana e árida pareciam intocadas pela presença humana. Era de lá que os meninos viriam, e para lá que seríamos banidos, se fosse necessário.

Embora o tamanho do complexo fosse incrível, ele estava visivelmente degradado. Parecia muito com a casa de um bilionário, caso os funcionários do bilionário tivessem entrado em greve.

Bem em frente à casa havia um pátio que a contornava. A oeste, o terreno era exuberante e atraente, com longos caminhos que cruzavam belos canteiros de flores. Ao longe, um lago cintilava, e portões e muros pareciam não levar a lugar nenhum, como se alguém tivesse começado a dividir o terreno em seções, mas desistido. No ponto mais a oeste, um imenso labirinto verde e imponente se erguia.

O lado oeste era pitoresco, enquanto o leste era funcional. Havia uma quadra de tênis: sem rede nem equipamentos, mas o piso estava devidamente demarcado. Havia uma pequena academia ao ar livre com um banco e um aparelho de step. Um pouco mais adiante, havia uma mesa de pingue-pongue, que parecia relativamente nova, e um trampolim com molas enferrujadas e lona gasta e flácida.

Curiosamente, embora muitas partes do terreno estivessem em grave desordem, era possível perceber que havia um esforço conjunto para construir uma cerca. Além dos arbustos, plantados há muito, muito tempo, havia uma cerca de madeira simples que

percorria toda a extensão da propriedade, demarcando onde nossa casa terminava na imensidão do deserto. Antes, eu sabia, só havia arame farpado. A cerca era uma melhoria.

Havia muito para explorar, mas o que mais me interessava era a enorme piscina em forma de ovo, e por onde quer que andássemos, eu sempre voltava para admirá-la. A piscina era o que dava coesão ao lugar: era o que transformava alguns jardins malcuidados e caminhos estranhos em uma residência.

A próxima garota nos encontrou; ela já estava acordada. Estava parada num pedaço de areia atrás da casa. Com as mãos na cintura, olhava para o deserto, tão imóvel que a princípio não a notamos. Ela ergueu o braço em cumprimento, e senti seus olhos percorrerem nosso corpo, absorvendo tudo o que podiam. Mesmo antes de chegarmos perto dela, mesmo à distância, e com o rosto parcialmente coberto, eu sabia que ela era linda. Havia algo em sua postura, ou talvez algo na forma como seus cabelos caíam. E, de fato, quando nos aproximamos, ela abaixou a mão, e vi que tinha o tipo de rosto que enlouquecia as pessoas, seja de desejo ou de inveja.

"Olá", disse ela. "Sou Candice." Ela nos olhou com expectativa, e cada uma de nós se apresentou. Lembrei-me de que não estava usando maquiagem.

Eu não conseguia parar de encará-la, mesmo tentando não demonstrar muito incômodo com a sua presença. Seus cabelos eram longos e escuros, intimidantemente lisos apesar da umidade. Ela tinha olhos particularmente marcantes, de um azul muito claro, quase translúcido; eles nos observavam atentamente, avaliando o ambiente. Sua boca não tinha um formato ou tamanho que estivesse na moda atualmente; meus próprios lábios eram cuidadosamente projetados para parecerem cheios e carnudos. A boca dela era larga, com lábios finos, um traço rosado marcante em seu rosto. Não havia nada em sua beleza que não me fizesse questionar a minha.

"Somos quatro agora. Acho que vi alguém dormindo perto daquele arco de flores. Por aqui", disse ela, e nós a seguimos.

Demoramos bastante para encontrar os outros — provavelmente umas duas horas. Revistamos todo o complexo, exceto o labirinto, no qual nenhum de nós queria entrar, nem mesmo em grupo. Quando todos os dez estávamos reunidos, fomos em direção à piscina. O calor era implacável, até chocante, e eu só conseguia pensar em me refrescar. Tiramos a roupa, ficando só de roupa íntima, e entramos na água, sentindo um alívio imediato.

Deitei-me de costas e olhei para o céu acima de mim. Era um azul diferente do que eu estava acostumado. Estava limpo, completamente intocado por nuvens ou poluição, sem prédios altos para bloquear grandes porções dele, nem luzes artificiais para disfarçar seus tons. O complexo era rústico, sem dúvida, e precisava de muita reforma, mas havia algo nele que parecia fantasticamente real. Onde quer que as câmeras estivessem, não eram fáceis de detectar.

Todos nós vagávamos sem rumo pela piscina. Sorríamos quando nossos olhares se cruzavam, mas não falávamos nada. Eu não gostava do silêncio. Achava que dava a impressão de que estávamos tramando algo, embora eu imagine que as pessoas só quisessem ficar sozinhas com seus próprios pensamentos. Em uma das extremidades da piscina, Susie estava fazendo parada de mãos. Eu não a acompanhei, mas nadei em sua direção e fiquei observando. Ela era muito boa: suas pernas ficavam retas como flechas no ar, e quando terminava, dava uma cambalhota debaixo d'água e voltava à superfície, sorrindo.

Sempre fui uma pessoa passiva; é ao mesmo tempo meu pior defeito e o que as pessoas mais gostam em mim. Se os outros tivessem ficado na piscina o resto do dia, eu teria feito o mesmo, mas aparentemente eles só queriam se refrescar, então quando os outros saíram, eu saí também. E quando todos se sentaram à sombra de uma árvore, eu fiz o mesmo, embora a ideia de insetos na minha pele nua me apavorasse. Será que havia carrapatos no deserto? Quis pesquisar, mas lembrei que não tinha celular.

Candice foi a última a sair da piscina. Eu a observei da sombra; todos nós a observamos. Ela penteou o cabelo para trás com um movimento casual e amplo, pressionando-o contra o couro cabeludo e afastando-o do rosto. Mergulhou na água: elegante, sem respingos, apenas os tornozelos reluzindo no ar antes de submergir completamente. Por alguns segundos, deslizou silenciosamente sob a água, um borrão abstrato, e emergiu do outro lado. Subiu lentamente os degraus, revelando o corpo centímetro por centímetro, até estar além do domínio da água e parar no deck, pingando água e com os membros fortes, o cabelo ainda no lugar.

Eu conseguia imaginar o quão impressionante teria sido para quem estivesse assistindo. Na verdade, foi meio constrangedor: Candice sabia exatamente o que estava fazendo, e o resto de nós estava apenas se atrapalhando, tentando evitar o pior do calor.

Quando todas encontramos um lugar confortável para sentar, começamos a conversar um pouco. Uma garota loira chamada Eloise disse que gostava do meu cabelo, e eu disse que gostava das unhas dela. Outra garota, linda e com seios fartos, que eu achei que se chamava Vanessa, acrescentou que sentia que ia morrer de calor. Era tudo uma conversa fiada, já que não havia muito o que dizer. Então Candice me olhou e perguntou: "Se os rapazes chegassem agora, que tipo de cara você escolheria?"

O olhar de todas as garotas estava fixo em mim. Soltei um pouco os cabelos, para ganhar tempo. Era uma boa pergunta. Era a pergunta que precisávamos tirar do caminho, antes que elas viessem.

“Provavelmente o cara que me mete em encrenca”, eu disse. Achei que era uma boa resposta, mesmo que não fosse necessariamente verdade; eu a tinha preparado nas semanas anteriores à minha chegada. Pensei que era aberta o suficiente para não me limitar antes mesmo de conhecer alguém, e me fazia parecer aventureira. Algumas das garotas assentiram pensativamente enquanto me olhavam. “E eu definitivamente prefiro um homem mais velho.”

"Você tem problemas com seu pai?", perguntou Susie.

“Que eu saiba, não”, respondi.

“E você?”, perguntei a Candice. “O que você está procurando?”

Ela sacudiu o cabelo; ainda estava molhado, e pequenas gotas voaram ao seu redor, uma delas pousando no meu tornozelo. Pressionei a mão contra o braço: estava mais quente que o resto do meu corpo. Eu já estava em chamas.

“Gosto de rapazes ambiciosos”, disse ela. “Um homem que se conhece. É isso que eu quero.”

A pergunta sobre o tipo de homem que cada uma de nós queria foi passando de menina para menina. Susie gostava de rapazes que a tratassem bem e que gostassem de se divertir. Susie não gostava de rapazes chatos. Jacintha gostava de rapazes gentis, especialmente com pessoas que não conheciam. Jacintha se importava muito com a família e queria um homem que também fosse voltado para a família. Mia gostava de rapazes que malhavam: isso

demonstrava dedicação, e ela apreciava um homem que conseguisse carregá-la acima da cabeça. Ela gostava de se sentir delicada. Rapazes baixos e magricelas a repugnavam. Becca, que era quieta e corou ao responder, disse que gostava de um homem gentil — só isso. As outras meninas não responderam, o que achei suspeito.

"Quando você acha que os meninos vão chegar?", perguntou Mia.

Todos nos entreolhamos.

“Pode demorar um pouco”, disse Jacintha com cautela. Entendi que Jacintha queria dizer que, em anos anteriores, às vezes levava apenas algumas horas e outras vezes dias. Ela não podia dizer isso explicitamente, pois teria infringido uma das regras.

Havia várias regras no complexo. A primeira era que era proibido discutir que o programa era de fato um programa, ou que já o tínhamos visto antes. Disseram-nos que isso arruinava a experiência tanto para o espectador quanto para os participantes. A segunda era que não podíamos falar sobre nossa vida fora do complexo, a menos que fôssemos instruídos a fazê-lo. A terceira era que era proibido ferir outro residente. Havia outras regras, mas elas só entrariam em vigor quando os meninos chegassem. Todos nós entendíamos que, se quebrássemos alguma dessas regras, seríamos punidos.

“Deveríamos começar a arrumar o lugar agora, caso eles apareçam esta noite”, disse outra garota. Não me lembrava do nome dela, mas ela era alta, com traços marcantes e um leve sotaque que não consegui identificar. Imaginei-a como uma estagiária de marketing, saindo para almoçar saladas. Enquanto eu Ao examiná-la, ela se virou e olhou para mim. Fingi que estava olhando para o céu atrás dela.

"Por onde começar?", disse Eloise. "O lugar todo está uma bagunça."

“A casa”, disse Candice, levantando-se. “O resto pode esperar. Precisamos arrumar a cozinha e o quarto primeiro.” Candice estendeu a mão para mim. Seu aperto era firme, e os músculos de seus braços se moveram sutilmente enquanto ela me ajudava a levantar. Eu era pequena e delicada em comparação. As outras meninas também se levantaram, e entramos na casa como uma fila de formigas. Eu ficava olhando ao redor, tentando entender o espaço, o estado em que se encontrava. Pelo caminho, recolhemos alguns pedaços de lixo que encontramos, deixados pelos moradores anteriores.

—

NOS SEPARAMOS EM cômodos diferentes, e foi um alívio não ter que olhar para as nove meninas ao mesmo tempo. Algumas subiram para limpar o quarto, enquanto um grupo foi para a sala arrumar a bagunça. Eu ajudei na cozinha, limpando as superfícies e levando o lixo para fora. Não havia aspirador de pó, nem pá de lixo: varremos a poeira usando um tapete de mesa. A ausência do aspirador de pó incomodou particularmente Mia, que disse: “Não imaginei que seria tão mal equipado. É primitivo, não é?”

“Temos uma máquina de lavar roupa e uma máquina de lavar louça”, disse Vanessa. “Não é um mau começo.”

Peguei uma maçã meio comida no parapeito da janela da cozinha, em volta da qual moscas-das-frutas começavam a se aglomerar. O interior da maçã estava marrom, mas não podre. Calculei que tivesse sido comida um dia antes, talvez menos. Enquanto a jogava fora, vi pratos de papel engordurados e caixas de pizza na lixeira.

“Eles tinham pizza”, eu disse. Ninguém respondeu nem demonstrou interesse, mas para mim, pelo menos, foi interessante. Deu a impressão de que os antigos moradores eram reais. Eu já começava a ver o lugar como nosso; era estranho pensar em outras pessoas que viveram ali antes de nós.

Eu não sabia em que circunstâncias elas tinham saído — já que não tínhamos podido assistir ao grupo de participantes deste ano nas últimas semanas. Da última vez que consegui assistir, os prêmios estavam começando a ficar realmente bons. Uma das meninas tinha ganhado uma chapinha de cabelo. que eu sempre quis. "Qualidade de salão", lembro-me dela dizendo, mostrando a chapinha fumegante para as outras meninas. Ela a compartilhou no primeiro dia em que a recebeu, mas depois disso a trancou em uma gaveta e só usava o cabelo à noite, quando as outras estavam dormindo. As outras meninas acordavam com o cabelo frisado e a olhavam com ressentimento.

“Não entendo por que eles não cuidaram melhor do lugar”, disse Mia.

“Não é tão ruim assim”, disse Jacintha. Ela estava parada na janela da cozinha e apontou para o jardim além dela. “Eles plantaram flores, viu?”

Olhei para o jardim, para os tons de rosa e violeta em meio à grama verde-amarelada. Sim, o lugar era lindo, mesmo que precisasse de trabalho. Poderíamos começar de verdade quando os meninos chegassem.

Lavamos a louça e deixamos a cozinha mais ou menos organizada. Mas, antes de prepararmos o jantar, optamos por nos trocar para a noite, para que os meninos não chegassem e nos encontrassem como estávamos, com os cabelos despenteados e os rostos descobertos.

Em nosso provador, vasculhamos as várias peças que haviam sido esquecidas. Fomos generosas umas com as outras, dando as peças para a garota que achasse que ficariam melhor nelas e nos elogiando bastante cada vez que experimentávamos algo. Encontrei algumas coisas de que gostei e escolhi minha segunda favorita para usar, um macacão xadrez rosa. Decidi que guardaria a peça mais bonita — um vestido vermelho com decote coração — para quando eu realmente precisasse dela.

Na frente de cada guarda-roupa havia um espelho, o que significava que, mesmo virando as costas ou nos escondendo em cantos, não havia como evitar nos vermos. Enquanto eu tirava meus shorts e minha regata, vi membros reluzindo nos espelhos: o braço de alguém se contorcendo para vestir um vestido, a coxa de outra pessoa, o cabelo sendo jogado para trás do ombro. Eu sabia que havia várias câmeras na sala e que todos estávamos sendo filmados, mas, por mais estranho que pareça, esse foi um dos aspectos do dia que menos me perturbou. Não me dei ao trabalho de examinar a sala para ver onde as câmeras poderiam estar. Agi mais ou menos como havia agido do lado de fora — partindo do princípio de que todos estávamos sendo observados de alguma forma.

Havia pouquíssimos produtos de maquiagem, apenas alguns tons diferentes de base e dois tubos de rímel que passamos de mão em mão sem hesitar. Em outra situação, eu talvez pensasse duas vezes antes de compartilhar maquiagem para os olhos com estranhas, mas não estávamos em posição de ser exigentes. Jacintha ficou por perto enquanto estávamos escolhendo a base, e eu percebi que não havia maquiagem para pele negra. Ela me olhou nos olhos e deu de ombros. "Tudo bem", disse ela.

“Sente-se”, eu disse. “Vou cuidar dos seus olhos.”

Fiz a maquiagem dela com pinceladas cuidadosas, minha mão pressionada levemente em sua bochecha para impedir que ela movesse a cabeça. Quando terminei, ela abriu a mão e me mostrou algo escuro, parecido com uma aranha.

"Aqui está", disse ela. "Fique com eles. Acho que nunca foram usados."

Eram cílios postiços. Toquei neles, leves como uma pluma e delicados. "Tem certeza?"

Ela assentiu com a cabeça e me passou a cola. Eu disse: "Se você quiser, posso tentar usar o rímel para fazer um delineado gatinho em você."

Enquanto fazíamos nossas caras, ficávamos olhando para a porta. Embora estivéssemos nos olhando, pensávamos nos meninos. De vez em quando, se alguém achava que tinha ouvido alguma coisa e soltava um "Shhh!" repentino e agudo, todas ficávamos em silêncio sepulcral, tentando ouvir. Quando nada acontecia, ríamos de nós mesmas.

Assim que estávamos prontos, apresentáveis, ainda que não glamorosos, fomos para a cozinha e preparamos um jantar simples: omeletes. Havia duas garrafas de champanhe na geladeira, que dividimos, bebendo pequenos goles em taças pequenas. Na falta de cadeiras, sentamos na grama, com os pratos no colo ou equilibrados nos joelhos. O ar não era doce, mas denso e carregado de um almíscar do deserto, que pesava sobre minha pele. Era inebriante, e senti minha cabeça ficar leve e arejada. Sorri cordialmente para todos, até me lembrar de que fico parecendo um palhaço quando sorrio demais. Tentei curvar os lábios moderadamente, como se tivesse acabado de me lembrar de uma piada.

Começamos a conversar com mais entusiasmo, imaginando diferentes coisas que poderíamos fazer com o complexo, imaginando que tipo de garotos poderiam aparecer e que tipo de recompensas poderíamos obter. Depois de um tempo repetindo diferentes variações da mesma coisa, consegui falar. Sem pensar muito, observei as garotas, tentando decifrar o que pudesse a partir da conversa fiada delas. A verdade é que não estávamos interessadas em nos conhecer — ainda não. Estávamos avaliando quem era a mais bonita e quem poderia causar problemas. Ao mesmo tempo, analisávamos qual seria o nosso lugar no grupo. Em poucos minutos de conversa com as garotas, eu já sabia que era uma das mais bonitas e uma das menos interessantes.

Continuei sorrindo e conversando animadamente enquanto observava as garotas à minha frente, comparando-as a mim mesma e tentando vê-las como os garotos as veriam. Éramos dez: eu, Jacintha, Sarah, Candice, Susie, Becca, Melissa, Mia, Vanessa e Eloise.

Desde a adolescência, eu me preocupava em ser a pessoa mais burra em um grupo. Às vezes era verdade, outras não. Eu não me considerava realmente burra, apenas não entendia muito de assuntos acadêmicos; ficava desconfortável quando o assunto era história ou geografia e tinha um medo inato de política. Acho que tenho minha própria inteligência, no entanto. Consigo entender as pessoas razoavelmente bem, embora às vezes me engane. Não vejo isso como uma falha na minha pequena habilidade, mas sim como uma prova da imprevisibilidade da natureza humana. Mas, com alívio, percebi que, enquanto Susie morasse no complexo, eu não seria a pessoa mais tola ali. Não estou dizendo isso para menosprezar ninguém — na verdade, não valorizo tanto a inteligência em uma pessoa. A inteligência pode ser artificial, mas o charme é sempre genuíno, e Susie tinha charme de sobra.

"Já estou adorando aqui", disse ela sinceramente, com a mão no meu braço. "É tão bom estar em um lugar novo." Eu estava curiosa para saber a idade de Susie. Imaginei que ela fosse um pouco mais nova do que eu, mas era difícil dizer. Ela tinha um certo ar jovial.

Imaginei-a trabalhando como guia turística, cumprimentando crianças com um “high-five” e dizendo aos casais que eles formavam um belo par.

Becca era a mais quieta; mexia nervosamente no short e olhava para o chão enquanto falava. Era bonita de um jeito discreto, principalmente quando sorria. Não sorria com frequência, mas olhava bastante ao redor, como se esperasse que alguém tomasse a iniciativa. Era a menor de todas e mais pálida que qualquer uma. Não havia passado bronzeador para vir. Também era a única de cabelo curto.

Mia era maldosa. Eu percebia que ela tentava esconder isso para causar uma boa primeira impressão, mas a maldade sempre transparece, e mais de uma vez eu a vi revirar os olhos ou dar uma desaprovação quando ela não gostava do que alguém dizia. Também a vi debochar abertamente na cara de outra garota. Sabiamente, ela não tentou fazer o mesmo com Candice, mas também não se esforçou para ser gentil com ela. Eu percebia que ela não queria ser má: ela tentava ser gentil e, às vezes, conseguia. Ela era geralmente atenciosa e sempre a primeira a se oferecer para pegar água para as pessoas ou lavar a louça. Ela se considerava uma realista.

“Não gosto de besteira”, disse ela, olhando ao redor e encarando as pessoas. “Sou heterossexual. Espero que os outros também sejam.” Seu cabelo era de um vermelho vivo e artificial, que ela balançava bastante enquanto falava, e tinha unhas postiças longas e bem cuidadas. Ela era intensa, mas ainda assim era alguém com quem você queria estar perto: ela tinha esse tipo de energia.

Mas era Candice quem brilhava, e era para Candice que todos nós gravitávamos. Ela era gentil, de um jeito despretensioso, e tinha uma aura de autoridade à qual nos submetíamos sem questionar. Poucos minutos sentada ao lado dela, me vi pensando, com uma intensidade silenciosa e ardente, que se eu pudesse ser qualquer pessoa no mundo, eu seria Candice.

Em certo momento, ouvi uma garota, cujo nome eu imaginei ser Melissa, dizer: "Eu já estive em um deserto antes, em uma viagem de férias com a família. Foi muito diferente." Nós a encaramos. Ela olhou para nós, sem entender.

Uma voz soou ao nosso redor, clara como um sino. Não consegui identificar de onde vinha. Assistindo ao programa, a voz parecia andrógina, mas ouvindo-a pessoalmente, achei que soava distintamente feminina.

“Boa noite”, disse a voz. “Por favor, evite revelar informações pessoais, a menos que seja instruído a fazê-lo em uma tarefa.”

Ficamos sentados, imóveis, olhando um para o outro. Havia um silêncio absoluto: não havia pássaros sobrevoando, nem sons vindos da casa, e nenhum menino ainda. As câmeras, que eu imaginava estarem por toda parte, escondidas em arbustos e presas às paredes, não zumbiam nem clicavam; elas também estavam silenciosas.

"Desculpe", disse Melissa finalmente. "Eu esqueci."

“Não mencionou nenhuma punição”, disse Mia.

"Acho que foi só um aviso", disse Candice, olhando nos olhos de Melissa. "Qualquer uma de nós poderia ter cometido um deslize. Não se preocupe, Melissa."

“Vamos para a cama”, disse Becca, com a voz suave e melodiosa. “Quando acordarmos, os meninos estarão aqui.” Nos ajudamos a levantar e entramos em casa. Eu ficava olhando para trás, como se fosse encontrar os meninos cambaleando pela mata fechada.

Quando passamos pela tela na sala de estar, vi que ainda estava apagada. "Por que você acha que ainda não acendeu?", perguntei a Jacintha.

“Não pode começar enquanto os meninos não estiverem aqui”, disse ela. “Seria uma vantagem injusta.”

Eu já sabia a resposta: era a mesma todos os anos. Só perguntei por causa do meu velho hábito de insistir para que as pessoas me explicassem as coisas, mesmo quando eu já sabia a resposta. Quando criança, descobri que isso fazia com que as pessoas quisessem me ajudar mais, e funcionou tão bem para mim na vida adulta. Quando nos sentamos em nossos bancos e tiramos a maquiagem, Jacintha tirou meus cílios postiços e os colocou delicadamente sobre a minha mesa. Naquele instante, eu soube que éramos amigas. Algumas coisas são simples assim, e com Jacintha não foi diferente.

Fui até a cama em que havia acordado e, do outro lado, Jacintha sentou-se na dela, enquanto as outras discutiam sobre qual cama queriam. Deitei-me e senti o ar, que ainda estava doce e fresco, embora agora houvesse um leve cheiro de areia e suor. As meninas murmuravam ao meu redor. Boa noite, dissemos, em voz baixa. Boa noite, boa noite, boa noite.

—

DE MANHÃ , os meninos ainda não tinham chegado e começamos a nos preocupar.

Abri os olhos — a primeira a acordar, mais uma vez — e procurei um telefone que não estava lá. Acordei de verdade então e olhei em volta para todas as outras garotas dormindo profundamente. Não conseguia vê-las direito no escuro e parecia que eu havia esquecido a maioria dos seus nomes. O pequeno vestígio de familiaridade da noite anterior havia desaparecido e me lembrei de que elas eram estranhas para mim. Naquele momento, eu teria dado tudo para ter ido para casa.

Percorri a casa em silêncio, verificando se havia alguma mudança. Na sala de estar, a tela continuava em branco. Saí e imaginei que veria os meninos me esperando na piscina. Mas não havia sinal deles. Lá fora podia até estar tudo tranquilo — toda aquela terra plana e pálida se estendendo até onde a vista alcançava —, mas eu detestava o silêncio absoluto e fui para a cozinha, onde preparei um café enquanto observava a paisagem pela janela. Depois, fiz uma enorme frigideira de ovos mexidos e devorei o que considerei uma porção moderada. Pensei em como devia estar feia nas câmeras, comendo sozinha na cozinha, com o cabelo despenteado e o rosto ainda por lavar. Terminei de comer o mais rápido que pude.

Quando voltei ao quarto, as outras meninas estavam acordadas. Elas estavam conversando, mas pararam quando entrei. Mia olhou para mim com os olhos arregalados. "Aí está você", disse ela. "Não sabíamos para onde você tinha ido."

“Eu trouxe café”, eu disse.

“Mas por que você se levantou antes de todo mundo?”

"Não sei", eu disse. "Acabei de acordar."

"Você estava simplesmente vagando sozinha? Que estranho", disse Mia.

“Não”, eu disse. “Acabei de preparar o café da manhã. Fiz ovos para todos.”

"Obrigada, Lily", disse Jacintha. "Foi muito atencioso da sua parte." Encontrei seu olhar e senti uma profunda onda de gratidão por ela, como se ela tivesse me impedido de cair de um penhasco.

Depois de comermos, levamos nossos cafés para a área de refeições ao ar livre. Não havia cadeiras, e ficamos em pé, constrangidos, encostados na parede, com os quadris levemente inclinados.

Foi difícil saber como planejar nosso dia. Decidimos voltar a arrumar a casa pela manhã; poderíamos passar a tarde relaxando e nos conhecendo melhor. A limpeza foi árdua com o calor, principalmente na cozinha, onde a temperatura era tão extrema que éramos obrigados a fazer pausas frequentes, refrescando o rosto e o pescoço com água.

Quando terminamos, vestimos nossos biquínis e entramos na piscina. Notei a relativa firmeza da barriga de todas e percebi que, embora Sarah tivesse o abdômen mais definido, eu certamente era uma forte candidata ao título de quadris mais torneados.

A piscina era enorme; mesmo com nós dez dentro ao mesmo tempo, ainda havia espaço para umas cinquenta geladeiras. Não estávamos tão reservados quanto no dia anterior; fizemos parada de mãos e espirramos água. uma à outra. Mia e Eloise competiam entre si, e eu nadava o mais fundo que conseguia, mantendo os olhos abertos debaixo d'água e desviando das formas borradas das pernas das meninas.

Mas onde estavam os meninos? Enquanto estávamos deitados na sombra, comendo nachos e guacamole, me perguntei se eles tinham se machucado. Quatro anos atrás, um dos meninos quebrou a perna a caminho do complexo e ficou perdido por doze horas até que os executivos do programa o encontrassem. Teria levado menos tempo, mas ele repetia sem parar que não queria que ninguém viesse buscá-lo e que conseguiria chegar ao complexo eventualmente. Ele foi levado para casa imediatamente.

Eu sabia que ia ficar pensando demais e perguntei à Jacintha se ela queria jogar pingue-pongue. A mesa ficava escondida na lateral da casa e jogamos por um tempo — acho que uma hora, talvez. Tinha uma bolinha, mas não raquetes, então jogamos com as mãos. Eu achava que a Jacintha era uma pessoa tranquila, mas ela ficou extremamente competitiva assim que começamos a jogar. Ela gostava de dar voltas triunfais ao redor da mesa de pingue-pongue enquanto eu me agachava no chão para pegar a bolinha.

“Que horas você acha que são?”, perguntei a ela entre as séries de partidas. Ela apontou para cima de nós, para o sol.

“É difícil ter certeza, mas acho que por volta das três ou quatro. Com certeza é à tarde.” Ela se aproximou e parou ao meu lado, apontando para cima novamente. “Viu?” Assenti com a cabeça, mas não entendi exatamente como ela sabia. Para mim, o sol era só o sol. Ela se virou para mim. Não usava óculos escuros, tinha pouca maquiagem e seu rosto estava nítido. “Você acha que algum dos meninos será negro? Geralmente tem um, mas nem sempre.”

"Talvez", eu disse. Pensei um pouco e depois disse: "Tenho certeza que sim".

"Se forem só rapazes brancos, estou ferrada", disse ela. "Os rapazes brancos nunca se interessam por garotas negras."

"Você é deslumbrante", eu disse. "Qualquer um dos rapazes teria sorte de ter você."

"Você acha?", disse ela, girando os brincos. "Bom, de qualquer forma, você não tem com o que se preocupar. Essa é a cor natural do seu cabelo?"

Eu ri. "O que você acha?"

Voltamos para o gramado, onde a maioria das meninas estava tomando sol. "Onde você estava?", perguntou Mia. "Por que você sempre some?"

“Estávamos jogando pingue-pongue”, eu disse. Ela pareceu não acreditar em mim. O que eu poderia dizer? Estávamos jogando pingue-pongue.

Jacintha e eu nos sentamos um pouco longe dela, e Candice veio até nós e sentou-se de pernas cruzadas em uma almofada ao nosso lado. Candice havia trocado o maiô por um vestido de crochê com uma linda estampa em tons de verde e azul. Ela usava o cabelo longo e grosso preso em um rabo de cavalo alto. Eu conseguia ver as gotas de suor em seu pescoço. "Não se preocupe com a Mia", disse ela. "Ela vai se animar quando os meninos chegarem."

Algumas das meninas decidiram preparar o jantar para todos. Elas entraram, concentradas na tarefa, e fiquei impressionado com a dedicação delas. Tudo o que eu conseguia pensar era em relaxar. Eventualmente, ficar deitado também ficou entediante, e Jacintha me pediu ajuda para improvisar uma porta para o banheiro.

Sempre fui um desastre nessas situações: não entendo nada de mecânica. Nunca montei um móvel sozinho e nunca abri o capô de um carro por vontade própria. Mas Jacintha parecia saber o que estava fazendo, e eu a incentivei e fiz sons de aprovação. No fim, ela simplesmente colocou um lençol na porta. Era fácil de mover e nos dava um nível de privacidade aceitável, por enquanto.

Quando o jantar ficou pronto, comemos tacos lá fora e cobrimos a boca enquanto conversávamos. Tive a impressão de que todas estavam guardando seus assuntos mais interessantes para quando os meninos chegassem; eu sei que eu estava. Jacintha sentou-se ao meu lado e fiquei feliz por estarmos nos tornando amigas. Ela era simpática e inteligente também. As dez meninas já haviam se dividido em dois grupos: durante o dia, Vanessa, Sarah, Melissa, Becca e Eloise se mantiveram separadas, limpando o andar de cima e almoçando perto dos balanços, e no jantar também se sentaram um pouco afastadas. Em particular, eu achava que o segundo grupo — formado por Candice, Susie, Jacintha, Mia e eu — era o melhor. As outras meninas eram chatas e não tinham muito a acrescentar à conversa. Mia, olhando para elas, comentou: "A Vanessa é a única bonita entre elas, de qualquer forma."

Estávamos um pouco mais tensos naquela noite, e algumas das meninas estavam impacientes umas com as outras, interrompendo-se ou revirando os olhos. Bebemos mais do que na primeira noite também, e tivemos dificuldade em encontrar assuntos para conversar. sobre. Só a Susie continuava entusiasmada; acho que o fato de haver uma espécie de limite para os nossos assuntos de conversa não a incomodava nem um pouco. A Susie conseguia falar sobre qualquer coisa. "Nem quero que os rapazes venham", disse ela. "Estamos nos divertindo tanto sem eles."

Finalmente entramos para tomar banho e cuidar das queimaduras que tínhamos sofrido. Eu tinha uma queimadura longa e vermelha que percorria todo o meu braço, resultado de ter adormecido ao sol. Passamos babosa uma na outra até o quarto ficar com um cheiro forte e adocicado, e caminhamos lentamente, com passos hesitantes. Dormi mal, acordando constantemente. Eu ficava encolhendo os braços sob o queixo enquanto dormia e, em seguida, acordava fazendo caretas de dor. Por fim, fiquei deitada de costas como uma estrela-do-mar, ouvindo o som fresco do ar-condicionado e a respiração tranquila das outras meninas.

Na manhã seguinte, os meninos chegaram.

DOIS

ELES VIERAM DO Colinas atrás do complexo, ao sul da quadra de tênis, deslizando por uma brecha na cerca no início da manhã. Se tivéssemos pensado em dar a volta pela parte de trás da casa, talvez os tivéssemos visto ontem, atravessando o terreno lentamente e vindo em nossa direção.

Eles estavam visivelmente exaustos: mesmo os que estavam em boa forma tinham lábios rachados, queimaduras de sol e estavam cobertos de areia marrom-dourada do deserto. Alguns pareciam estar em pior estado: havia três ou quatro com arranhões e hematomas no rosto e nos braços. Um deles, enorme e corpulento, tinha arranhões por todo o peito, um corte na perna e um impressionante olho roxo. Fiquei pensando se algum dos rapazes havia lutado nas guerras.

Com certo constrangimento, os conduzimos até a grama para se sentarem — pareceram um pouco surpresos por não haver cadeiras, mas não reclamaram. Trouxemos jarras de água sem fim e tínhamos comida pronta para lhes oferecer: torradas com geleia, bacon, ovos, tigelas de feijão cozido. Um deles levou a tigela de feijão ao rosto e despejou o conteúdo na boca como se fossem os últimos pingos de leite em uma tigela de cereal. Disseram-nos que tinham trazido alguns mantimentos, mas não era a mesma coisa que comida caseira de verdade. Quase nos sentimos indecentes enquanto descansávamos e tomávamos banho, observando os rapazes, sujos e exaustos, com os olhos percorrendo o complexo e voltando inexoravelmente para nós. Imaginei que o mais velho tivesse por volta de trinta e poucos anos, enquanto o mais novo certamente não passava dos vinte. Mesmo depois de três dias no deserto, eles eram lindos. Mas nós também éramos lindas, e nos sentamos eretas, deixando-os nos observar.

“Quantos de vocês são?”, perguntei, embora já tivesse contado. Precisava perguntar, porque era a pergunta mais importante.

“Nove”, disse um dos meninos. Ele tinha cabelo castanho bem aparado, olhos castanhos expressivos e queimaduras de sol no pescoço e nas clavículas.

Um dos meninos que tinha arranhões no peito, que se apresentou como Andrew, disse: "Um dos meninos se perdeu. Ele não virá."

Outro ainda perguntou: "Quantos de vocês são?"

"Dez", disse Mia, e todos ficamos em silêncio enquanto os meninos olhavam para as meninas, e as meninas olhavam para os meninos.

“Vamos mostrar tudo para vocês”, disse Candice, levantando-se de repente.

Eu sabia o que a havia motivado a agir; todos nós sabíamos. Essa era a regra para permanecer no complexo. Era o que fazia as pessoas assistirem ao programa, dia após dia, e o assunto das conversas durante os intervalos comerciais: você só permanecia no complexo se acordasse de manhã ao lado de alguém do sexo oposto. Se dormisse sozinho, teria que ir embora antes do amanhecer. Geralmente, éramos dez meninas e dez meninos no início,

mas agora, como as meninas eram em maior número que os meninos, um de nós teria que ir embora até o dia seguinte.

“É um grupo grande demais para mostrar a todos”, disse Mia. “Candice, você leva quatro e eu levo cinco.”

Se Candice não gostou do plano, ela não demonstrou. Eu fui com Candice, assim como Jacintha. Eloise e Susie foram com Mia. Becca e algumas outras meninas recolheram os pratos dos meninos e os levaram para a cozinha para lavar a louça.

Candice nos levou para o oeste, o lado mais bonito do terreno, onde ficavam o labirinto, os jardins e o lago. Dos quatro meninos do nosso grupo, eu me lembrava apenas de alguns nomes. Candice caminhava devagar, atenta ao cansaço dos meninos, embora eles tivessem se animado bastante e estivessem olhando em volta com interesse. Estávamos mostrando tudo para eles como se estivéssemos mostrando nossa própria propriedade, e eles a observavam como se nunca a tivessem visto antes.

"Foi terrível lá fora?", perguntou Candice. "Eu não gostaria de ter passado por isso."

Andrew disse: “Foi uma experiência interessante, com certeza. Nos conhecemos muito bem. Não, não foi terrível, mas ficamos muito felizes em ver todos vocês.” Olhei novamente para as marcas em seu peito e rosto. Achei que o deixavam mais bonito. Ele tinha altura e porte físico medianos, com cabelos claros e cacheados. Quando sorria, covinhas apareciam. Lágrimas profundas em suas bochechas suavizavam sua aparência e lhe conferiam um certo ar juvenil. Havia algo nele, porém, uma leveza nos movimentos e um jeito de prender o olhar que o diferenciavam. Candice caminhava ao seu lado, lançando-lhe olhares de vez em quando. De todos os garotos, ele parecia o mais acessível.

“Você tem alguns arranhões aí”, eu disse. “O que aconteceu?”

“Houve alguns problemas”, disse ele. “Mas nós os resolvemos.” Ele sorriu para mim. “É bom estar perto de mulheres e voltar a ser civilizado.”

Os outros rapazes permaneceram em silêncio. Fosse o que fosse que tivesse acontecido, eles não iam nos contar.

“Bem, graças a Deus você conseguiu”, disse Jacintha.

Um dos outros garotos se pronunciou. Ele era alto e tinha ombros largos, parecia um jogador de rúgbi. Achei que seu nome fosse Marcus. "Posso te dizer uma coisa: você aprende muito sobre si mesmo no deserto. Foi difícil, mas também emocionante. Você precisa confiar na sua inteligência. Não há nada para se esconder."

Outro homem, magro e usando óculos de sol de tartaruga, possivelmente chamado Seb, disse: "Um homem pode ser um homem no deserto."

Candice emitiu um leve ruído de interesse e voltou-se para Andrew, apontando para a área empoeirada que imaginávamos ser para jogar bocha.

O homem com o pescoço queimado de sol caminhou ao meu lado. "Desculpe", disse ele. "Não ouvi seu nome."

“Lily”, eu disse.

“Prazer em conhecê-la, Lily. Sou Sam.” Ele estendeu a mão para um aperto de mãos. Eu a apertei, sorrindo diante da formalidade.

"O quê?", disse ele, retribuindo o sorriso. Seus olhos eram de um castanho muito quente, da mesma cor que seu cabelo.

"Não sei", respondi. Ao virar a esquina, esbarrei levemente nele, e o pequeno toque do meu braço no dele pareceu particularmente constrangedor. "Desculpe", disse. Ele deu um

pequeno, mas perceptível passo para trás, criando distância entre nós. Fingi olhar para o outro lado.

"Eu... ah—" disse Sam. "Estou ciente de que não tomei banho há alguns dias."

“Tudo bem”, eu disse. Ele tinha um leve cheiro de suor, e havia sujeira e areia grudadas em suas pernas. Talvez lá fora, em casa, pudesse ter sido diferente. Aquilo me surpreendeu, mas depois de dias esperando pelos rapazes na casa limpa e organizada, a visão daquele homem diante de mim, sujo e fantasticamente real, me emocionou.

Ele olhou em volta, como se estivesse absorvendo a paisagem. Deu mais um passo à frente. O chão sob meus pés era arenoso e áspero, arranhando meus sapatos brancos. Seu braço roçou o meu novamente, os pelos do antebraço roçando a parte interna do meu pulso. Eu não me sentia tão animada desde que chegara ali. Ele se virou para mim. "Você...?" Ele se interrompeu. "Eu sempre esqueço que não podemos falar sobre nossas vidas fora do complexo", disse ele.

“Fica mais fácil depois de alguns dias.”

“Sobre o que vocês conversam?”

“A casa, principalmente. O terreno, o clima.” Dei de ombros.

Caminhamos em silêncio por alguns instantes. Eu conseguia ver o outro grupo no lado leste do complexo, Mia os guiando como uma turista. Eu ouvia perfeitamente a voz dela do outro lado, alta e anasalada.

Era evidente que os rapazes estavam cansados, embora não o dissessem. Candice comentou que estava com calor e queria sentar-se um pouco na sombra, então paramos debaixo de uma árvore. Quando olhei para Sam, ele estava olhando para cima, com o rosto voltado para o céu azul. Na luz clara, vi rugas em sua testa. Fiquei pensando em quantos anos ele teria. Quando percebeu que eu o observava, sorriu. "Acho que isso vai ser bom", disse ele. "Uma chance de recomeçar, não é?"

"Certo", eu disse. A verdade é que eu não tinha certeza se concordava com ele. Nem se discordava. Achei simpático que ele quisesse recomeçar ali. Não disse o que realmente pensava, que era que aquele era um bom lugar para uma pausa.

Quando Candice achou que os meninos estavam suficientemente descansados, caminhamos até o lado leste do complexo, passando pela academia. O homem com porte de fisiculturista e com os ferimentos mais graves caminhou ao meu lado, e Sam se inclinou para a frente, como se quisesse nos dar privacidade. Achei que o nome do outro garoto fosse Tom, mas não quis perguntar de novo. Ele tinha cabelo loiro bem curto e olhos cinza-ardósia. Mas era difícil me concentrar em qualquer coisa além de seu porte enorme. Ele disse: "O que vocês fizeram enquanto esperavam por nós?"

“Nós limpamos, na maior parte. Estávamos ansiosos para que todos vocês chegassem.”

Ele assentiu com a cabeça. Havia suor em sua testa, e ele o enxugou sem constrangimento. Eu vinha discretamente limpando meu lábio superior na última meia hora, quando tinha certeza de que nenhum dos garotos perceberia.

“Imagino que você já esteja fazendo muitos planos para o que fazer com o lugar.”

“Acho que sim. Sim, já conversamos sobre isso.”

“Tenho muitas ideias”, disse ele. “Mesmo antes de chegarmos aqui, eu já tinha ideias do que poderíamos fazer. Mas”, disse ele diplomaticamente, “não gostaria de atrapalhar os planos de vocês. Afinal, vocês chegaram primeiro.”

Ele olhou para mim de relance. Sua aparência era comum, exceto pelo seu tamanho. "Podemos conversar sobre isso quando estivermos todos juntos", eu disse.

“Estamos felizes por estarmos aqui. No deserto faz muito frio à noite, sabe? Aqui você não sente isso, porque tem um abrigo. Vai ser bom dividir a cama esta noite.”

Fiquei pensando se ele estava afirmando aquilo como um fato, ou se estava me dando uma deixa para sugerir que poderíamos dividir a cama. Tinha certeza, porém, de que ele não reagiria bem a uma recusa. Como não disse nada, ele foi até Candice.

Os meninos levaram alguns minutos para testar os equipamentos na academia, e Jacintha ficou ao meu lado e falou baixinho. "O que você disse para o Tom?"

“Qual deles é o Tom?”

Ela fez um gesto à la Tom, endireitando os ombros e mantendo os braços separados do corpo. Foi uma boa impressão. Em uníssono, olhamos em volta para ter certeza de que ele não tinha visto.

"Eu não disse nada", respondi. "Conversamos por, tipo, um minuto."

“Somos dez meninas e nove meninos. Se estaremos aqui amanhã ou não, depende de algum menino gostar de nós. Não descartem ninguém ainda, ok?”

Quando terminamos a visita guiada, todos nos sentamos na grama. Já não era desconfortável: eu já estava me acostumando. Candice sentou-se ao lado de Marcus e Susie ao lado de Sam. Eu sentei-me ao lado de Jacintha. Todos estavam relaxados, exceto Tom, que olhava em volta inquieto. "A cerca ao redor do perímetro", disse ele. "É nova, né?"

Não podíamos afirmar com certeza que tinha sido instalado nas últimas semanas pelos antigos moradores, então Candice apenas disse: "Novinho em folha".

“Que bom”, disse ele, com os olhos seguindo a linha divisória. “E tem o arame farpado também. Então é seguro? Quer dizer, você se sentiu seguro aqui nos últimos dias?”

"É seguro", disse Candice. Tom assentiu. Naquele momento, pensei que havia algo estranho nele. Enquanto os outros garotos olhavam abertamente para as garotas, Tom estava com o olhar perdido no deserto.

“Que tal um copo de algo um pouco mais forte que água?”, disse Marcus. “Para comemorar o fato de finalmente estarmos juntos?”

Nossos olhares se encontraram, mas Candice desviou o olhar rapidamente. Já tínhamos bebido toda a bebida. "Ainda não sobrou nada", disse ela.

Irritado, Seb disse: "Você não seguiu as instruções?"

“A tela não estava ligada”, disse Jacintha. “Achamos que foi porque eles precisavam que todos nós estivéssemos aqui.”

Andrew se levantou. "Por que não vemos se já está ligado?" Ele ofereceu a mão a Candice, e os dois entraram na casa. Um instante depois, Candice saiu, acenando com o braço no ar. A tela grande havia se iluminado.

—

TODOS SABIAM COMO funcionava o telão: ele detalhava as instruções diárias que todos nós deveríamos cumprir. Só seríamos recompensados se todos participassem. Se tivéssemos sucesso, receberíamos itens para o complexo: comida, móveis, eletrodomésticos ou outras coisas que facilitariam nossas vidas. Além disso, havia Tarefas Pessoais, detalhadas em

nossas telinhas; essas recompensas nos beneficiariam individualmente. Não havia limite para o número de tarefas que podíamos completar nos telões ou nas telinhas: a cada tarefa concluída, outra aparecia. Se não fosse concluída em um dia, a recompensa era perdida para sempre; uma nova tarefa surgia na manhã seguinte.

A qualidade da recompensa para cada Tarefa Comunitária dependia de quão bem a executávamos, enquanto a qualidade da recompensa para uma Tarefa Individual dependia, adicionalmente, de quantas pessoas restavam no local — quanto menos pessoas, mais valiosa a recompensa. Era uma das partes mais divertidas do programa, na verdade: eles forçavam as pessoas a formar casais e tentavam fazer com que falsificassem identidades. Os relacionamentos com os outros moradores eram testados para ver se você estaria disposto a sacrificar essas mesmas pessoas em troca de prêmios melhores. Quando havia vinte pessoas, as recompensas eram bem básicas, mas à medida que o número de participantes diminuía, os prêmios se tornavam luxuosos. Em um ano anterior, um participante que chegou à final ganhou o vestido que uma atriz famosa usou em uma cerimônia de premiação. Em outra ocasião, o vencedor ganhou um relógio que valia dezenas de milhares.

E havia outro detalhe: se você ganhasse, receberia recompensas ilimitadas. Nem todas eram tão caras quanto o relógio, mas, uma vez sozinho no complexo, você não precisava completar nenhuma tarefa para ganhar uma recompensa — bastava pedir, e ela logo aparecia. Seu outro prêmio era o próprio complexo. Teoricamente, você podia ficar o tempo que quisesse, mas geralmente o vencedor acumulava o máximo de recompensas que conseguia carregar e partia para desfrutar de sua vida de fama e riquezas ainda maiores do lado de fora. No minuto em que a última pessoa saía, o próximo grupo de competidores podia entrar.

Na tela grande, estava escrito:

Tarefa: Todos os meninos e meninas devem discutir seus relacionamentos anteriores.

Recompensa: Mesas ao ar livre

“Moleza”, disse Seb. Havia algo em Seb que era fácil de detestar. Ele era alto, mas parecia se esforçar para ocupar mais espaço do que o necessário, sentando-se de forma insolente, com as pernas bem abertas e os braços jogados para trás. Além disso, tinha um sotaque aristocrático irritante e dava um sorrisinho irônico quando as pessoas falavam.

“Alguém checou as telinhas?” perguntou Mia. Várias pessoas começaram a se dirigir para o vestiário, mas Candice disse: “Ninguém sai daqui até terminarmos essa primeira tarefa. Precisamos de um lugar para sentar”. Ela tinha razão: além do fato de que assentos pareciam essenciais para uma vida civilizada, o chão estava muito quente. Nós, que já havíamos começado a ir para o vestiário, paramos quando Candice disse isso.

Criamos uma fila rotativa perto da piscina. As meninas ficavam em um lugar, enquanto os meninos se moviam para a menina à esquerda depois de dois minutos. Não tínhamos relógio nem como medir o tempo, então a menina que não estivesse falando com um menino gritava "troca" depois de contar dois minutos.

Estávamos esperando pelos meninos havia dois dias, mas a realidade de vê-los parados diante de nós foi chocante. Até o menor deles, Evan, Um deles era mais alto que a garota mais alta, e a aparência deles variava bastante — de esbeltos e definidos a extremamente musculosos e ameaçadores. As garotas estavam de costas para a piscina, e eu sentia, enquanto nos encaravam fixamente, que a qualquer momento os garotos poderiam cair aos nossos pés ou nos jogar para trás na piscina.

“Muito bem”, disse Jacintha, de pé na ponta. “Comecem!”

Diante de mim estava Seb. Ele era magro e tatuado: a tinta se estendia dos pulsos até atrás da orelha. Ele havia tirado a camisa por causa do calor do meio-dia, e eu conseguia ver as curvas do seu abdômen definido. Quando os rapazes chegaram, eu discretamente vesti meu vestido vermelho, o bonito, mas agora não tinha certeza se era a roupa certa. Me sentia arrumada demais, tentando parecer sedutora de forma óbvia. Ficamos nos encarando por uns bons dez segundos, sem dizer uma palavra.

“Eu sou Lily”, eu disse.

“Eu sei”, disse ele. “Já conversamos antes.”

Houve outro breve silêncio, e eu pude ouvir as pessoas ao meu lado falando rapidamente, como se não conseguissem resumir todos os seus relacionamentos em uma conversa de dois minutos. Ao meu lado, Melissa descrevia um relacionamento poliamoroso que havia vivenciado. "É muito mais tranquilo do que você imagina", disse ela.

“Quando eu tinha quinze anos”, eu disse finalmente, “namorei um garoto da minha classe por três meses. O nome dele era José, e a gente ia nadar junto quando fazia calor. Foi um caso de verão. Quando voltei para a escola em setembro, nenhum de nós estava particularmente interessado no outro. Aí, quando eu tinha dezessete, tive um breve… caso com o meu professor. O nome dele era Sr. Donovan-Richard. Eu costumava ajudá-lo a arquivar livros na biblioteca da escola depois da aula, e aí a gente começou a trancar a porta da biblioteca e ficar lá por horas. Ele era casado e terminou o relacionamento quando a esposa descobriu. Logo depois disso, comecei a namorar o Louis. Ele era muito, muito legal. Era irmão de uma amiga minha, e a gente se divertia muito juntos. Isso durou, acho, menos de um ano? Terminei com ele porque estava meio entediada e queria algo diferente. E aí conheci o Brian, e a gente namorou por três anos. Terminamos há dois meses. Ele me traiu com uma garota que conheceu nas férias. Então, é isso.”

Seb assentiu com a cabeça e, embora tivesse me observado atentamente enquanto eu falava, fixou o olhar alguns centímetros à esquerda do meu rosto enquanto falava.

“Amélia quando eu tinha quatorze anos. Depois Denise quando eu tinha dezoito. Sierra quando eu tinha dezenove. Carmel quando eu tinha dezenove. Maggie quando eu tinha vinte e um.”

Esperei que ele dissesse algo mais, mas ele continuou olhando para um ponto distante.

"É só isso que eu ganho?", perguntei. Ele deu de ombros. Não disse mais nada pelos dois minutos seguintes, e ficamos ali parados, sem nos olharmos diretamente, até que Jacintha gritou para trocarmos de lugar.

Em seguida, me vi diante de Tom, o fisiculturista. Ele começou a falar sem que eu o incentivasse e, assim como Seb, mencionou uma breve lista de nomes de garotas, sem dar mais detalhes. Depois, falou calmamente e longamente sobre uma delas, Amy. Descreveu-a com uma ternura surpreendente — eu poderia ter pintado um quadro de como ela era, com seus olhos de corça e corpo franzino. Pensei que ele tivesse terminado, mas então ele disse: “Ela era uma garota muito doce. Precisava de ajuda com tudo, mas eu gostava de ajudá-la. Ela costumava dizer que não aguentava um dia sem mim.”

“Parece que você ainda a ama”, eu disse.

“Não, não tenho”, disse ele, emburrado. Ele desviou o olhar, e eu fiquei com cerca de vinte segundos para relatar meus próprios romances.

Depois de repetir a mesma coisa várias vezes, para vários garotos diferentes, ficou mais fácil. Eu conseguia recitar como uma lista, sem pensar. Ainda sentia uma leve pontada de constrangimento enquanto falava, pensando em como eu devia soar para as pessoas assistindo, em como eu era descaradamente incompetente em relacionamentos. Eu queria não ter dito que Brian tinha me traído. Me dei conta, lá pelo quinto garoto, que eu não deveria ter mencionado o nome do Sr. Donovan, mas já era tarde demais. Era mais fácil repetir o mesmo discurso sem nenhuma variação do que me concentrar o suficiente para editar os detalhes.

A quantidade de rapazes bonitos à nossa frente era impressionante, e mesmo assim, automaticamente me vi percorrendo-os para encontrar o mais bonito. Decidi que o chamado Ryan era o mais atraente. Ele era alto, com um queixo anguloso espetacular e olhos azuis emoldurados por cílios longos. Mas tudo isso era secundário ao seu físico — tão incrivelmente esculpido que parecia ser o sonho de uma adolescente tornado realidade, o tipo de garoto que as garotas desejam. Elas davam risadinhas só de olhar. Até os garotos estavam dando umas olhadas no torso dele, mas Ryan tinha um jeito descontraído que não demonstrava nenhum sinal de timidez. Ele sorria sempre que falava, não importava o que dissesse. Não tinha tatuagens nem piercings, e o peito estava depilado. Eu arrumei meu cabelo antes que ele chegasse perto de mim.

Ele não tinha tido um relacionamento nos últimos dois anos, mas estava profundamente envolvido com a garota que conheceu depois da faculdade, com quem namorou por um ano. Antes disso, teve alguns relacionamentos breves, um fato que preferi ignorar. Ele terminou seu discurso rapidamente, e eu fiz o mesmo. Enquanto eu falava, percebi que ele me observava atentamente, sorrindo o tempo todo.

“Você tem um sorriso lindo”, disse ele.

“Obrigado. Você também.”

“Bem”, disse ele, sorrindo, “acho que temos isso em comum”.

O último garoto com quem fui emparelhado foi o Sam. Ele disse: "Você pode ir primeiro, se quiser."

Contei-lhe a minha história, e ele manteve o contato visual e assentiu com a cabeça. Senti-me mais consciente das minhas palavras enquanto falava com ele, talvez porque ele parecesse estar prestando muita atenção. Ele tinha um olhar inteligente e atento. Quando terminei, ele disse: "Sinto muito por isso. A trapaça e o seu professor."

"Tanto faz. Acho que acontece com todo mundo."

“Você disse que tinha dezessete anos?”

Eu tinha dezesseis anos, mas isso não importava. Eu percebia que Sam estava tentando inventar uma história trágica para mim. Eu não queria isso. Eu não tinha um passado conturbado. Nada de ruim jamais tinha me acontecido.

“Quero saber mais sobre seus relacionamentos.”

“É uma lista bem curta. Tive duas namoradas na escola — nada muito sério. Fiquei com a Laura por, sei lá, três semanas? E depois fiquei com a Naya por uns quatro meses. Aí fiquei com a Shannon por seis anos. Ela se mudou para o exterior ano passado, e desde então estou solteiro.”

Tínhamos alguns segundos de sobra. Essa era nossa última chance de revelar informações pessoais até a próxima tarefa que nos permitisse fazê-lo. "Quantos anos você tinha quando você e Shannon terminaram?"

“Vinte e seis.”

Ele tinha vinte e sete anos, então. Abriu a boca, mas Eloise, parada na beirada, disse que o tempo havia acabado. As meninas se afastaram imediatamente e se reuniram para discutir o que tinham aprendido. Os meninos se juntaram, por sua vez, lançando olhares para as meninas. Fiquei mais um instante com Sam. Agora que não podíamos mais conversar sobre nossas vidas fora do complexo, era difícil pensar em algo para dizer.

“Você está gostando da sua estadia aqui?”, perguntou ele.

"Sim", eu disse. "As meninas são ótimas." Olhei timidamente para os meus pés, sentindo-me como uma adolescente que conhece um rapaz bonito nas férias. Quando levantei o olhar, ele estava me observando atentamente.

“Vai ficar mais fácil”, disse ele.

Eu fui até as meninas e ele foi até os meninos. Quando olhei para trás, vi Sam me encarar e depois desviar o olhar. Virei-me e levantei o cabelo do pescoço, como se fosse prendê-lo. Deixei-o cair e olhei por cima do ombro para conferir. Ryan também estava me observando.

—

QUANDO VOLTAMOS para a tela, ela estava iluminada em verde, sinalizando que tínhamos concluído com sucesso nossa primeira tarefa. Fomos até a área de entrega atrás da casa, e as cadeiras estavam lá, todas as dezenove. As recompensas eram entregues por meio de dutos subterrâneos que conectavam o complexo à base de operações dos produtores. Eu só sabia disso por meio de discussões e especulações online sobre o programa. Eles nunca mostraram os túneis ou os produtores na televisão, mas eu sabia que eles estavam por perto e poderiam intervir se necessário.

Os meninos carregaram duas cadeiras cada um e as colocaram orgulhosamente no pátio. Em êxtase com o nosso sucesso, cumprimos outra tarefa imediatamente. Todos tiveram que pular na piscina, uma tarefa fácil pela qual cada um de nós ganhou um frasco de protetor solar, muito necessário. Depois, deitamos na grama, eufóricos e rindo. Susie estava limpando o rímel debaixo dos meus olhos, e Evan, pequeno e magricela, estava com a cabeça apoiada nos meus joelhos.

“Deveríamos verificar as telinhas”, disse Seb.

“Não, não”, disse Andrew. “Não vamos conseguir fazer nada se todos nos separarmos. Vamos fazer mais uma o mais rápido possível e depois podemos verificar nossas telinhas.”

“O Andrew tem razão”, disse Jacintha. “Precisamos de um congelador. Muita comida não vai durar se não pudermos congelá-la.”

“E precisamos de ar condicionado no resto da casa também”, disse Eloise.

"Precisamos de uma porta para o banheiro", disse Becca em voz baixa.

“Eu e o Andrew vamos verificar a tela”, disse Candice, levantando-se. Enquanto caminhavam em direção à casa, Andrew disse algo, e Candice colocou a mão no braço dele e riu.

Ryan sentou-se ao meu lado. Lançou-me um olhar amigável, mas não disse nada. Evan afastou-se, captando algum sinal tácito. O sol estava impiedoso, então provavelmente ainda era tarde, mas a noite se aproximava. Em poucas horas, todos iríamos para a cama, e se eu

dormisse sozinha, já teria ido embora. Virei-me de costas. Levantei um pouco a cabeça e olhei para ele por cima do ombro. Talvez a regra de encontrar alguém para formar par tivesse sido concebida como uma forma de compensar o egoísmo de buscar recompensas, mas enquanto eu estava deitada ali, olhando para os rapazes ao meu redor, a regra parecia apenas um exagero cruel das nossas ideias de desejo e desejabilidade.

Virei-me para Ryan. "Você pode passar protetor solar nas minhas costas?", perguntei.

“Claro”, disse ele.

Suas mãos estavam firmes nas minhas costas, e embora seus movimentos não fossem exatamente profissionais, também não eram lascivos. Ele não se aventurou abaixo dos meus rins. Quando terminou, pressionou as mãos nos meus ombros e disse: "Está tudo bem para você?". Virei-me e me apoiei nos cotovelos. Sorri para ele, mostrando meus dentes, que eu havia escovado três vezes naquela manhã. "Perfeito", eu disse. "Obrigada."

Candice e Andrew voltaram e pararam diante de nós, trocando olhares.

"Então, o que é?" perguntou Seb. Seb era frequentemente impaciente, mesmo quando estava relaxando ou boiando na piscina. "Acabe com o nosso sofrimento."

"Para ganhar uma caixa de champanhe", disse Andrew, sorrindo, "os rapazes têm que classificar a beleza das moças, e as moças têm que fazer o mesmo conosco."

Sorri para disfarçar meu terror. Alguns dos garotos *exclamaram "oh,* Ed!", como se estivessem em uma partida de futebol e alguém tivesse acertado um chute espetacular.

Susie disse: "O quê, *agora* ? Vamos nos trocar primeiro, pelo menos. Estamos todas encharcadas. Estamos ridículas!" Ela riu, mas era evidente que estava em pânico.

Andrew balançou a cabeça. "Vamos fazer isso agora", disse ele. "Quanto mais rápido fizermos, mais cedo poderemos estar brindando com champanhe."

"Mas estamos todos molhados!" exclamou Susie. "E não nos parecemos nós mesmos! Não seria certo fazer isso agora!"

Mia acrescentou: "Vamos nos trocar rapidinho. Sinceramente, nem vamos usar maquiagem. Vai levar dois minutos."

Candice disse: “Se vocês forem para os vestiários, verão as telinhas e aí nunca vamos conseguir terminar. Vamos, vai ser rápido e indolor.” Mas, quando todas nos levantamos, Susie se virou para mim e, com lágrimas nos olhos, disse: “Se eu ao menos conseguisse arrumar meu cabelo—”

Coloquei o cabelo dela atrás das orelhas. Antes de entrarmos na água, estava liso, mas agora, depois de secar parcialmente ao sol, estava frisado e desgrenhado, quase branco e quebradiço por causa do excesso de química. Alisei os fios com um toque cuidadoso e suave. "Você é linda", eu disse, e era verdade.

As meninas decidiram classificar os meninos primeiro, tanto como forma de autopreservação quanto para nos dar alguns minutos para torcer o cabelo e retocar a maquiagem borrada. Os meninos se alinharam perto das palmeiras, e nós os observávamos, cochichando em grupo. Se estavam nervosos, não demonstraram. Algumas das classificações foram difíceis, e as meninas levantaram as mãos e falaram devagar, expressando uma raiva latente. Finalmente, porém, chegamos a um consenso e organizamos os meninos de acordo com a ordem. Levamos cerca de quinze minutos para chegar a um acordo.

Em nono lugar ficou Evan, que sorriu timidamente e gritou: "Personalidade, meninas; é isso que importa!" Evan não era um cara feio: tinha um cabelo bonito, loiro-claro e

ondulado, mas era muito baixo. Em oitavo lugar ficou Seb, que ficou descontente por estar tão mal colocado e se moveu para ocupar seu lugar, sem sorrir. Achei que ele teria ficado em uma posição melhor se soubesse variar suas expressões faciais além de franzir a testa ou dar sorrisinhos irônicos. Em seguida veio Gav, que era bonito, mas não bonito o suficiente.

Os rapazes do meio da tabela eram mais difíceis de classificar, e mudávamos de ideia mesmo enquanto os alinhávamos. Em sexto lugar estava Marcus, que tinha um queixo forte, embora nada mais se destacasse nele. Em quinto lugar estava Tom: houve alguma discordância sobre ele. Todas concordamos que ele não era bonito no sentido clássico, mas foi sugerido que um rapaz não precisava ser bonito se tivesse um físico tão bom. Em quarto lugar estava Carlos, que não tinha falado muito, embora todas nós gostássemos do seu olhar sedutor. "E não podemos esquecer que ele é muito alto", disse Susie em voz baixa. Ele era o único negro ali, e vi algumas das meninas olharem para Jacintha enquanto tomavam a sua decisão. Não sei se pensaram que Jacintha tinha uma percepção melhor da sua beleza, ou se pensaram que ela pudesse estar interessada nele.

Em terceiro lugar ficou Sam. Ao se posicionar, ele sorriu, seus olhos se estreitaram, e eu pensei que talvez tivéssemos cometido um erro ao não classificá-lo mais acima. Em segundo lugar ficou Andrew, que deu um grito de alegria ao se posicionar ao lado de Sam. Eu achava Sam mais bonito que Andrew, mas as garotas insistiam que ele tinha uma confiança inerentemente sexy. Em primeiro lugar ficou Ryan, que assumiu o topo com uma segurança que o tornava ainda mais atraente.

Então foi a vez dos meninos nos classificarem. Ficamos em fila, nos encorajando mutuamente enquanto nos esforçávamos para mostrar nossos melhores ângulos. Deixei meu cabelo cair em cachos ao redor do meu queixo e apoiei a mão na coxa.

Os rapazes chegaram a uma decisão em dois minutos.

Em último lugar estava Melissa, que se posicionou no final da fila e olhou para os pés, como se tivesse medo de cruzar o olhar com alguém. Acho que era o nariz dela, talvez: um pouco comprido demais. Em seguida, Eloise, que balançou a cabeça em aparente fúria. Ela resmungava palavrões baixinho que eu não conseguia ouvir, mas que os microfones certamente captariam. Surpreendentemente, depois veio Mia. Ela se posicionou com uma expressão de mártir, e as meninas murmuraram, claramente em desacordo. Fiquei pensando se era o cabelo ruivo: os meninos nem sempre gostavam de cabelo tingido, a menos que fosse loiro. Em seguida, Becca, a menina mais quieta, embora eu achasse que ela estivesse no lugar errado; ela tinha um lindo rubor nas bochechas e dentes pequenos e perolados.

Em sexto lugar ficou Jacintha. Foi um erro de julgamento tão absurdo que tive que me conter para não rir alto. Ela era uma verdadeira beleza: talvez tão bonita quanto Candice. Ela até parecia mais bonita depois de ter sido Encharcada na piscina, ela caminhou calmamente até seu lugar e se comportou com uma dignidade que envergonhou todos nós.

Em seguida, veio Susie, que caminhou até Jacintha e olhou em volta, como se não tivesse certeza se estava no lugar certo. Em quarto lugar estava Sarah, a quem eu ainda considerava a estagiária de marketing. Ela era alta e morena, com a cintura mais fina que eu já tinha visto. Havia nela um ar de agressividade que, na minha opinião, diminuía seu charme, mas talvez o que não me atraía fosse fascinante para os rapazes.

Em terceiro lugar estava Vanessa, outra loira, que tinha o corpo que todo homem desejava: uma bunda firme e redonda e seios fartos e exuberantes. Eu já tinha visto um corpo idêntico ao de Vanessa mil vezes, mas nunca ao vivo. Para alguém que era tão querida pelos rapazes, você pensaria que eu teria reparado nela nos últimos três dias, mas na verdade precisei observá-la por um ou dois minutos antes de me lembrar do seu nome. Ela falava muito pouco e frequentemente parecia entediada durante a conversa.

Fiquei em segundo lugar. Em outra situação, teria ficado encantada, mas a classificação não significava muito para mim se Jacintha estava tão mal classificada. Esses garotos não entendiam de beleza. Eles viam contornos borrados e achavam que conheciam a imagem.

Candice tomou seu lugar no início da fila. Caminhou com passos rápidos e firmes, e acenou para os meninos, que a observaram e aplaudiram.

—

SUGERIRAM que os meninos tirassem uma soneca enquanto o resto de nós preparava o jantar. "Não se acostumem com a gente esperando por vocês", gritou Mia para as costas deles enquanto se afastavam. "Isso só aconteceu porque vocês estavam no deserto esta manhã."

Eu não queria cozinhar o jantar. Queria sentar com as meninas, brincar com o cabelo de alguém e deixar que alguém brincasse com o meu. Embora a classificação tivesse tecnicamente corrido bem para mim, e embora tivéssemos feito o mesmo com os meninos, eu me sentia humilhada. Vi os meninos caminhando até o quarto, conversando e relaxados, enquanto as meninas evitavam se olhar nos olhos. Pensei que tínhamos perdido uma parte crucial do nosso poder, não pelo ato de sermos julgadas, mas por demonstrarmos que aquilo significava algo para nós. Eu queria... Como os rapazes, que pareciam ter esquecido tudo no instante em que se afastaram. Será que eles não se importavam tanto com a aparência, ou será que já tinham tanta certeza do próprio valor que a opinião alheia não lhes importava? Eu não odiava ser a segunda mais bonita: odiava ter que ficar ali parada e ouvir que todo mundo pensava o mesmo.

Estávamos quietos e pensativos enquanto preparávamos o jantar. Estávamos fazendo uma panela enorme de espaguete à bolonhesa; havia uma grande quantidade de carne que precisava ser usada, já que ainda não tínhamos freezer. "Você sabe que eu não posso comer isso, né?", disse Mia. "Eu sou vegetariana."

“É isso que estou preparando”, disse Candice, inspecionando a carne. “Se você quiser outra coisa, fique à vontade para fazer você mesmo.” Candice começou a cortar o alho, enquanto Mia a observava. Trocamos olhares entre as duas. Pensei que Mia pudesse responder com rispidez, mas depois de alguns instantes ela começou a cortar alguns cogumelos. Talvez se as coisas tivessem sido diferentes, Mia tivesse confrontado Candice. Mas os meninos votaram em Candice como a mais bonita, e seria tolice fingir que a influência que ela exercia se limitava à percepção que os meninos tinham dela.

Finalmente, Susie quebrou o silêncio. "Na verdade, não achei que a classificação tivesse ido tão mal assim", disse ela. Nesse momento, Eloise e Melissa saíram sem dizer uma palavra, largando os talheres no balcão e deixando as cebolas cortadas pela metade. Nós as observamos pela janela enquanto caminhavam até o extremo oposto do perímetro.

“Não ligue para eles”, disse Candice. “Vamos ter uma noite maravilhosa, todos nós.” Ela cortou as cebolas em fatias rápidas e precisas e raspou o conteúdo para dentro da panela num movimento fluido. Ela olhou para mim. “Então, de quem você gosta?”

Eu sabia que havia um significado no fato de Candice ter me escolhido. Não tinha certeza se era porque ela queria ser minha amiga ou se se sentia ameaçada por mim. Acho que a maneira mais simples de entender era que Candice era a mais bonita, e eu a segunda mais bonita. Se não déssemos atenção uma à outra, qual seria o sentido de tudo isso?

"Não sei", respondi, enquanto tentava abrir uma lata de tomates. "É muito cedo para dizer, não é?"

“Por favor.” Mia arrancou a lata das minhas mãos e removeu a tampa. "Não parecia muito cedo quando você já tinha o Ryan passando protetor solar em você."

Candice terminou de comer as últimas cebolas. Seus olhos lacrimejaram um pouco e ela os enxugou distraidamente. "Eu gosto do Andrew, acho", disse Candice lentamente. "Vou convidá-lo para dormir na minha cama hoje à noite." Ela olhou para todos nós. "Mas isso não significa que nenhum de vocês possa conhecê-lo. É muito cedo para me comprometer com alguém." Ela voltou a mexer a comida e parecia tão despreocupada que pensei que ela provavelmente estava falando sério. Ela não se importava que ninguém conversasse com Andrew; ela não se sentia ameaçada. Era isso que significava ser a mais bela.

"Precisamos estar bonitas esta noite", disse Mia, virando-se para mim com um sorriso. "Lily, você poderia me maquiar?"

Assenti com a cabeça e me ofereci para fazer o teste de qualquer uma, se quisessem. Susie deu um suspiro repentino e eu me assustei, certa de que ela tinha se cortado. "As telas!", exclamou. "Nunca as checamos!" Ela saiu correndo e a observamos por um instante antes de segui-la. Segurei a mão de Jacintha quando entramos no camarim e rimos, empolgadas com o absurdo da situação. Meu coração disparou enquanto eu me sentava no meu banco e tocava na minha tela. Distantemente, ouvi algumas das meninas exclamarem ou rirem baixinho das instruções que haviam recebido, mas eu não estava prestando atenção. Na verdade, nunca me senti tão distante delas.

Tarefa: Conte um segredo para alguém no complexo.

Recompensa: Pente

Toquei no meu cabelo. Olhei em volta e vi pessoas olhando para suas próprias telas. Não éramos obrigados a fazer nenhuma tarefa, mas, uma vez que a tarefa expirasse ao amanhecer, não nos ofereciam a mesma recompensa novamente. Como éramos muitos, as recompensas que recebíamos não seriam valiosas. Mas, como tínhamos muito pouco, não podíamos recusar a possibilidade de algo que nos tornasse mais desejáveis ou nos deixasse mais confortáveis ali. Aceitaríamos o que nos fosse oferecido.

“Muito bem”, disse Mia, “de volta ao jantar”. A maioria das meninas voltou para a cozinha, onde podíamos sentir o cheiro de cebola e alho fritando. Becca ficou no camarim, limpando algumas manchas de maquiagem que haviam se acumulado na mesa.

“Ei, Becca”, eu disse.

"Sim?" Becca tinha um jeito quieto e sério. Fiquei pensando em quantos anos ela tinha. Se fosse mais velha que dezoito, eu teria ficado surpreso.

“Quando eu tinha onze anos”, eu disse, “fiz uma festa do pijama com minha melhor amiga. Enquanto ela dormia, cortei o cabelo dela e o enterrei no jardim.”

Becca parecia confusa, e eu saí sem dizer mais nada. Fui até as caixas de correio nos fundos da casa. Havia um compartimento para cada morador, com os primeiros nomes etiquetados nos enormes recipientes. No meu compartimento havia um pente. Era brilhante, preto e de plástico, como algo que você encontraria em um biscoito da sorte de Natal.

Junto com o pente, havia um pedaço de papel com o nome da marca. Depois de receber sua Recompensa Pessoal, você tinha que agradecer à marca que a havia enviado. Era a melhor propaganda que as marcas podiam ter, e significava que sempre haveria um suprimento de coisas para ganharmos. Segurei o pente como uma estatueta na mão e olhei para a pequena lente de vidro fixada na parede em frente às caixas de correio. "Obrigada, Alsipa, por isso", eu disse, e sorri.

Às vezes, se a marca gostasse muito de você no programa, ou se parecesse uma boa combinação, eles te contratavam como patrocinador quando você saía da prisão. Os participantes se entusiasmavam com certas recompensas numa clara tentativa de conseguir um contrato de patrocínio. Mas Alsipa era uma marca da qual eu nunca tinha ouvido falar, e eu não ia bajular uma marca se não quisesse ter uma parceria com ela.

Sentei-me nos degraus por alguns minutos e escovei o cabelo, colocando o pente delicadamente no topo da cabeça e deslizando-o lentamente para baixo, até as pontas que caíam pelas minhas costas. No começo, havia alguns nós, mas escovei até que meu cabelo estivesse liso e arrepiado. Talvez eu tivesse ficado ali por mais tempo, mas ouvi passos vindo em direção à caixa de correio e fui até a cozinha me juntar às outras meninas.

—

OS MENINOS ESTAVAM sentados lá fora, na grama. Usavam óculos escuros, e era difícil dizer com certeza, mas achei que estivessem nos observando pela janela. Jacintha e eu estávamos servindo grandes porções de espaguete em tigelas e passando para Candice, que acrescentava o molho à bolonhesa, e depois para Mia, que acrescentava o parmesão. Os outros As meninas traziam taças, a caixa de champanhe e os talheres embrulhados em papel higiênico. Os meninos vibraram quando elas apareceram, e eu vi Sam e Andrew se levantarem para ajudar Becca a carregar a caixa.

Esta noite seria crucial, e nós sabíamos disso. Seria humilhante ser o primeiro a sair.

Em voz baixa, perguntei a Jacintha: "Qual você acha?"

Ela olhou pela janela para os meninos que estavam relaxando, confiantes e à vontade. "Carlos", disse ela.

“Você gosta dele?”

“Não tenho certeza. Acho que é a opção mais segura, por enquanto. Geralmente, os casais negros ficam juntos. E de qualquer forma, não é como se tivéssemos que planejar um futuro juntos. Só preciso passar a noite.”

“Os rapazes têm o poder esta noite”, comentou Mia.

Candice, que estava quieta há algum tempo, ergueu a cabeça de repente e disse: “Os rapazes não têm poder nenhum. Olhem para eles: estão sentados ali como reis. Mas sabem de uma coisa? Pedi ao Evan para me mostrar de onde eles vieram, por onde tiveram que viajar. São uns oito quilômetros daqui, e levaram três dias inteiros. Que poder eles têm

sobre nós? A garota que sair amanhã não vai embora porque um rapaz não a achou bonita. Vai ser porque ela não soube como conquistar um rapaz."

As tigelas estavam quentes, mas não tínhamos panos de prato nem luvas de forno, então as deixamos esfriar por alguns segundos na bancada antes de as tirarmos do forno. Observamos Susie sentar no colo de Marcus e sussurrar algo em seu ouvido. Ele a abraçou forte e sorriu para ela; ela deu uma risadinha e correu para dentro. "Aonde ela vai?", perguntou Mia.

"Caixa de correio", disse Jacintha. "Ela deve ter concluído sua primeira tarefa."

Existia uma regra que proibia os residentes de discutirem os detalhes de suas Tarefas Pessoais. Isso servia para disfarçar se eles estavam agindo de acordo com as instruções da telinha em vez de se comportarem genuinamente. Por exemplo, no ano passado, uma garota recebeu a instrução de beijar um garoto que estava interessado nela há semanas. Ele ficou encantado e pensou que era o início de um romance entre eles. Todos que assistiam ficaram alvoroçados, porque sabíamos que o beijo era apenas para que a garota ganhasse um secador de cabelo.

Levamos os pratos de comida para fora e nos sentamos nos lugares que havíamos conquistado mais cedo naquele dia. Ainda não tínhamos mesas, mas isso viria com o tempo.

Fizemos uma espécie de dança das cadeiras, mudando de lugar a cada dois minutos para conversar com alguém diferente. Ryan sentou-se ao meu lado primeiro e conversamos um pouco sobre as tarefas. Então eu disse que gostava de pular na piscina, e ele respondeu: "A classificação foi brutal, mas isso não significa nada."

"Foi meio estúpido", eu disse.

"Foi uma estupidez, você tem razão. Mas, se isso serve de consolo, eu achei que você deveria ter ficado em primeiro lugar."

Eu ainda estava usando o vestido vermelho. Agora parecia que tinha sido a decisão certa, embora tivesse ficado melhor se eu tivesse passado blush ou batom. Conversamos mais um pouco e tentei me concentrar no que ele estava dizendo, em vez de prestar atenção nos outros casais.

"Gosto de conversar com você", disse ele. "É fácil conviver com você." Andrew estava parado ao lado do meu assento, conversando com Tom, e Ryan acenou para ele amigavelmente. Ele se inclinou para perto de mim e disse: "Vamos conversar mais tarde, tudo bem?" Ele me deu um beijo na bochecha antes que eu pudesse responder e foi até a cadeira de Sarah.

Andrew sentou-se no lugar vago de Ryan, mas não olhou imediatamente para mim. Ele olhou para os casais ao nosso redor, e eu fiz o mesmo. Jacintha conversava com Carlos, mas Seb estava ao lado dele, esperando para interrompê-lo. Candice estava recostada na cadeira, à vontade, enquanto Marcus falava, tamborilando os dedos na perna. Sam conversava com Becca, que olhava para as próprias mãos e depois para ele.

"Incrível", disse Andrew. "Não é?" Ele se virou para mim. A expressão em seu rosto me surpreendeu. Ele tinha olhos meigos e um ar terno, como se tivesse acabado de presenciar o nascimento de um bebê. Não havia nada de extraordinário em sua aparência — ele não tinha o sorriso de Sam, nem a estrutura óssea esculpida de Ryan, mas, mesmo assim, era alguém que dava vontade de admirar. "Você acredita que estamos aqui?"

"É como um sonho", eu disse.

"Posso lhe servir mais um copo? Nós merecemos, não é?"

"Claro", eu disse, e ele serviu. Estava fantasticamente gelado, e embora eu geralmente não goste de champanhe, gostei naquela noite.

“É um pouco estranho conversar com todo mundo e não poder perguntar onde Eles não sabem de onde vêm, nem qual é o trabalho deles. Mas não é emocionante também? Acho que tem algo de valioso nisso. Podemos nos conhecer melhor enquanto construímos o complexo. O que você está achando daqui até agora, Lily?”

Eu não tinha certeza se deveria falar sobre o quanto eu tinha gostado ou refletir sobre o trabalho que poderíamos fazer para melhorá-lo. Eu queria impressionar o Andrew, disso eu tinha certeza.

"Vai ser espetacular", eu disse.

“Eu também acho. Um brinde a isso, hein?” Ele ergueu o copo e olhou para os outros, elevando a voz para que todos pudessem ouvir. “A uma casa espetacular e à vida fácil!” Todos gritaram: “À vida fácil!” e beberam. Observei as pessoas ao meu redor, rindo, inclinando-se para perto, uma mão tocando o braço de alguém, os olhos percorrendo o ambiente. Ninguém diria que todas as garotas ali estavam lutando por seu lugar. Jacintha cruzou o olhar comigo e sorriu. Sorri de volta. Sam apareceu ao meu lado. Percebi isso ao mesmo tempo que Andrew.

“Olha, Lily, não vou impedir seus admiradores de falarem com você. A gente se vê por aí.” Ele foi direto para o lugar de Candice, e Marcus se levantou ao ver Andrew se aproximando. Antes que eu pudesse pensar, Sam parou na minha frente. “Posso?”, perguntou ele.

"Claro", respondi. Passei a mão pelos cabelos. Eu não tinha comido muito do meu jantar, mas a tigela dele estava vazia. "Estava bom?", perguntei.

“Fantástico”, disse ele. “Obrigado por terem feito isso.”

Eu disse o que tinha ouvido meia dúzia de garotas dizerem na última hora: "Você precisava de uma boa refeição depois do tempo que passou no deserto."

Ele sorriu, e eu percebi que provavelmente já lhe tinham dito a mesma coisa várias vezes. "Não foi tão ruim assim", disse ele. "Mas me diga, o que você fez antes de chegarmos aqui?"

“Nós basicamente limpamos. Havia muito lixo por aí. Os antigos moradores comeram pizza, provavelmente há apenas alguns dias, talvez até esta semana.” Olhei para ele. Ele assentiu com a cabeça. “Queríamos que o lugar estivesse agradável para você quando chegasse”, eu disse, um pouco tímida.

“Foi muita gentileza da parte dele”, disse ele. “Ficamos impressionados, com certeza, quando chegamos.”

Sempre achei que os rapazes, de alguma forma, acreditam que a arte da sedução é algo natural para as garotas bonitas, que se deleitam em usar essas artimanhas. artes para devastar aqueles que encontramos. Na verdade, eu não tinha ideia de como seduzir um homem; eu apenas sorria, fazia perguntas e, às vezes, ria. Mas o lado duplo de ser bonita é lutar para ser levada a sério e, curiosamente, eu também lidava com esse obstáculo sorrindo e fazendo perguntas. Provavelmente, eu precisava de novas técnicas de sedução.

Não senti que precisasse de nenhum charme ou artifício feminino com Sam. Me senti à vontade perto dele e, depois de um tempo, parei de pensar muito no que dizia ou em como minha voz soava. Não estávamos falando de nada importante, nada interessante ou digno de nota, mas senti que o compreendia bem só por aquela conversa, pelo jeito como ele se

movia, como sorria para mim e como ouvia atentamente tudo o que eu dizia, mesmo que não fosse nada interessante. Seus olhos seguiam tudo o que eu fazia: quando limpava o champanhe da boca ou quando levantava o cabelo do pescoço para tentar respirar. Eu também o observava: suas mãos grandes, com dedos longos e afilados, que às vezes repousavam sobre os bíceps e outras vezes se estendiam no colo. Quando ele olhava para a comida, eu observava as veias que percorriam seus braços. Ele não desviou o olhar durante todo o tempo em que estivemos sentados juntos, embora Jacintha estivesse sorrindo e rindo na cadeira ao nosso lado, radiante e brilhante, e Vanessa estivesse acariciando seus longos cabelos sedosos.

Enquanto conversávamos, as outras meninas estavam se esforçando. Vi o rostinho sério da Becca assentindo com a cabeça para tudo o que o Gav dizia, e a Vanessa tocando o braço do Seb enquanto falava. Curiosamente, vi o Andrew se movimentando o tempo todo, conversando com todo mundo, meninos e meninas. Cada vez que eu olhava para cima, via suas covinhas aparecendo, seus dentes brancos brilhando. Ele falava muito, e depois de ouvi-lo falar, percebi que ele tinha o hábito de usar palavras difíceis de forma incorreta.

“Olha só essa vista!”, ouvi-o gritar. “Não é simplesmente deslumbrante?” Pensei que pudesse soar irritante em outra pessoa, mas conferia-lhe uma certa ingenuidade que era inegavelmente encantadora. As moças se esforçavam porque precisavam de um companheiro para a cama, a fim de evitar o exílio; Andrew se esforçava tanto quanto elas, creio eu, porque tinha o desejo compulsivo de ser querido. Ele encantava com a energia e o desespero de alguém que pensava que poderia ser expulso pela manhã.

A noite começava a cair e garrafas vazias de champanhe rolavam pelo chão. Saímos das cadeiras da sala de jantar e fomos para a grama perto da piscina. Sentei-me ao lado de Susie e Evan, e Ryan sentou-se atrás de mim, seu braço roçando minha lateral de vez em quando. "Não é incrível que os meninos só tenham vindo hoje?", disse Susie. "Parece que os conheço há uma eternidade." Evan mordia o lábio e olhava para Susie como se ela fosse um peixe que pudesse se libertar do anzol.

A noite ficou confusa e nebulosa: parecia que bastava muito pouco para ficarmos bêbados.

“É porque estamos desidratados”, disse Jacintha. “Todos nós deveríamos beber mais água antes de dormir.” Marcus a pegou no colo e a jogou na piscina. Todos rimos, e Marcus pulou atrás dela. Carlos ficou na beira da piscina e a ajudou a sair. Evan pulou na água em seguida, e Susie também, segurando o cabelo dela no alto da cabeça.

Na grama, Mia começou a cantar. Ela tinha uma voz doce e melodiosa. Cantou uma música que todos conhecíamos, e algumas pessoas cantaram junto. A temperatura havia caído e nos aconchegamos, deitados uns sobre os outros, membros pressionados uns contra os outros. Mia sentou-se à parte, ainda cantando, com uma expressão inexpressiva, diferente do habitual. Ela era linda, Mia. Eu tinha certeza de que ela estaria aqui pela manhã.

Ryan se ajeitou para que eu ficasse deitada contra ele. Fechei os olhos. Seus músculos abdominais pressionavam minha cabeça como pedras. "Isso é perfeito", eu disse, e ele acariciou meu cabelo. Estava macio ao toque, mesmo depois da escovação vigorosa.

Mais tarde, deitei-me na cama e senti as voltas do universo na minha cabeça. Virei-me de lado e puxei o cobertor até ao queixo. Com os rapazes a vaguear no escuro, a escolher os

seus companheiros de cama, o quarto parecia enormemente cheio. Estava com sono, mas também extremamente alerta.

A cama inclinou-se para a minha direita. Virei-me e lá estava Ryan. Não havia luz nos quartos, mas eu o reconheci pelo formato do nariz e pelo maxilar anguloso e marcante. Houve um breve silêncio entre nós, um momento de incerteza. Então ele colocou a mão na minha cintura. "Surpresa?", perguntou.

"Na verdade, não", eu disse.

Eu sabia que tinha feito sorte em ter o rapaz mais bonito na minha cama. Deitei-me de costas, de modo que podia vê-lo pelo canto do olho. Lembrei-me, mais uma vez, de que não o conhecia — não conhecia ninguém ali. Imaginei-o erguendo-se sobre mim, suas mãos me prendendo, e eu impotente para impedi-lo. Mas foi apenas um pensamento passageiro. Quando olhei para o lado, vi que ele estava tenso, com as mãos grandes cruzadas sobre o estômago. A visão de sua postura nervosa me relaxou. Demorei bastante para adormecer, mas quando finalmente consegui, dormi profundamente e sem sonhos.

Na manhã seguinte, quando o sol já havia nascido e os pássaros circulavam no ar, havia uma cama vazia no terreno, e Melissa tinha ido embora.

TRÊS

E DORMIU NO DIA SEGUINTE

De manhã. Senti-me tímida perto de Ryan quando acordei. Preocupei-me por ter bebido demais na noite anterior e ter parecido boba. O quarto tinha uma claraboia, mas nenhuma outra fonte de luz, e eu só conseguia ver quem estava dividindo a cama com quem quando o sol já estava bem alto. Andrew estava com Candice, Jacintha com Carlos, Susie com Evan, Mia com Marcus, Eloise com Gav, Seb com Sarah, Tom com Vanessa e Sam com Becca. Apesar de eu estar com o rapaz mais bonito, sentia que era errado que Sam estivesse com qualquer outra pessoa que não fosse eu.

O encanto da noite anterior havia desaparecido completamente, e a bagunça de louça na cozinha e os copos abandonados no jardim me causaram repulsa. Tomamos café, arrumamos um pouco, depois deitamos na sombra e conversamos um pouco. Quando nos sentimos mais receptivos, voltamos nossa atenção para a primeira Tarefa Comunitária do dia. Agora que a ameaça iminente de exílio havia passado, tínhamos tempo para nos concentrar em melhorar o complexo. Calculamos que, se mantivéssemos o foco, conseguiríamos concluir três tarefas até o meio da tarde, com a opção de fazer mais tarde, se quiséssemos. Todos concordamos em deixar nossas Tarefas Pessoais para depois que as Tarefas Comunitárias estivessem concluídas; fácil o suficiente quando as recompensas ainda eram de tão pouco valor.

Nossa primeira tarefa foi tão simples que a realizamos em questão de minutos: bastava dizer qual era nosso ator favorito. Em troca, ganhamos uma caixa enorme de bananas, que comemos sentados à sombra.

A próxima tarefa demorou mais, mas em troca ganhamos um mata-mosquitos elétrico. Isso agradou especialmente a Susie, que nos disse, mais de uma vez, que não conseguia entender por que havia tantos insetos: o deserto não deveria ser *desprovido* de vida? Para ganhá-lo, tínhamos que recitar um poema em Em uníssono. Passamos a maior parte da manhã nessa tarefa. No início, não tínhamos certeza se algum de nós sabia um poema de cor. Carlos sabia cerca de noventa por cento de um poema de Keats, mas não conseguia se lembrar de dois versos da segunda estrofe, e Mia sabia um poema curto, mas Seb achou que, se conseguíssemos apenas um poema de três versos, ganharíamos "um mata-moscas incrivelmente ruim". Pensei que eles provavelmente estivessem envergonhados por não saberem um poema de cor, e passamos um tempo andando por aí e recitando trechos que conseguíamos lembrar, murmurando fragmentos de Wordsworth e Shakespeare, nunca conseguindo mais do que alguns versos. Apenas Ryan parecia relaxado, deitado na grama, depois de ter anunciado, assim que viu a tela, que não sabia um único poema.

Então Becca, que não havia falado por várias horas, recitou um poema de Rilke, curto o suficiente para que pudéssemos memorizá-lo e longo o bastante para que sentíssemos que mereceríamos algo valioso. Nós a incentivamos, e Susie e eu colocamos flores atrás de suas orelhas; Candice lhe deu um beijo na testa. Pedimos que ela repetisse o poema inúmeras

vezes, até que todas o soubéssemos de cor. Levou um tempo: não tínhamos caneta nem papel e tivemos que confiar apenas na memória. Lembro-me perfeitamente — das palavras e da maneira como Becca as disse, sentada de pernas cruzadas na grama, com o rosto jovem e aberto. "É a vida em câmera lenta", recitou ela, e nós a ouvimos em perfeito silêncio, ouvimos enquanto ela repetia o poema várias e várias vezes até que conseguíssemos dizê-lo nós mesmas.

É a vida em câmera lenta.
É o coração ao contrário.
É uma esperança e tanto:
Muito e pouco ao mesmo tempo.

É um trem que de repente
paradas sem estação por perto,
e podemos ouvir os grilos,
e, debruçando-se para fora da carruagem

porta, contemplamos em vão
um vento que sentimos que agita
os prados floridos, os prados
tornada imaginária por essa parada.

Quando terminamos, estávamos triunfantes, e embora alguns de nós preferissem uma pausa, concordamos em fazer mais uma tarefa antes do almoço.

A recompensa pela terceira tarefa foi a maior até agora: um sofá. Seria nosso primeiro móvel para dentro de casa, e todos concordamos que era o que mais precisávamos para a sala de estar. "Um sofá realmente dá o toque final a uma casa", disse Evan, assentindo com a cabeça.

A tarefa consistia em cada residente manter outro residente submerso por um minuto. Achei que seria fácil.

Vestimos nossos trajes de banho e entramos na piscina. Ficamos um tempo brincando, jogando água uns nos outros e nadando sem rumo, até que Andrew nos lembrou que precisávamos ir: o sol estava a pino e todos nós iríamos nos queimar, quer tivéssemos consciência disso ou não. Nos reunimos na borda da piscina. Tom sugeriu que nos dividissemos nos pares em que tínhamos dormido: notei que ele teve o cuidado de não usar a palavra "casal". Evan contaria o tempo em que as meninas estivessem debaixo d'água, e Jacintha contaria o tempo em que os meninos estivessem submersos.

Ryan estava ao meu lado. Na piscina, ele estava magnífico: parecia um deus. Os meninos pediram para ir primeiro, e nós deixamos. Ryan se abaixou para que eu pudesse colocar a mão na nuca dele. "Muito bem", disse Jacintha, com a mão na cabeça de Carlos. "Vai!"

Ryan respirou fundo e submergiu. Mantive minha mão delicadamente em seu pescoço e o olhar fixo nele, como se ele pudesse flutuar a qualquer momento. Jacintha estava fazendo a contagem regressiva de sessenta. Havia um silêncio absoluto, todas as garotas

observando os garotos que mantinham submersos. Alguns ombros dos garotos estavam visíveis, mas a maioria havia submergido quase todo o tronco. Os segundos passaram lentamente e, por volta de cinquenta segundos, senti os músculos do pescoço de Ryan se contraírem sob minha mão, sua cabeça se movendo. Afrouxei um pouco o aperto.

"Um!" Jacintha gritou, e eu o puxei para cima. A piscina de repente ganhou vida com o movimento dos meninos, que emergiram à superfície. Ryan estava ofegante, assim como os outros. Senti uma estranha proximidade com ele naquele momento. Movi a sua boia. Ele afastou o cabelo do rosto e sustentou meu olhar enquanto recuperava o fôlego. Depois de um minuto, Tom perguntou: "Pronto, Evan?"

“Só um segundo”, disse ele, ainda recuperando o fôlego. Fiquei surpresa com a falta de ar de todos, até mesmo do Tom. Respirei fundo e vi as outras garotas fazendo o mesmo.

"Pronta?", perguntou Ryan. Alguns dos rapazes estavam cochichando com as meninas, e eu tentei não ouvir. Com seriedade, Ryan disse: "É mais longo do que você pensa."

"Pronto", eu disse.

“Ao contar até três”, disse Evan. “Um, dois, três!”

Quando li as instruções na tela, prendi a respiração e contei até sessenta, como um teste. Não foi confortável nos últimos segundos, mas era possível. Debaixo d'água, com uma mão na minha cabeça, era impossível. Entrei em pânico quase imediatamente e, embora a mão de Ryan fosse delicada, quase imperceptível, fui tomada por um medo avassalador de morrer. Eu conseguia ouvir a voz de Evan, mas depois de vinte segundos já não conseguia mais acompanhar. Não me dei conta da decisão de subir à superfície; só sabia que num segundo eu estava me debatendo debaixo d'água e no seguinte estava ofegante e agarrada ao ombro de Ryan. Evan ainda estava contando — ele só tinha chegado a quarenta e sete — e quando consegui pensar racionalmente, eu disse: "Droga. Droga, estraguei tudo."

"Está tudo bem", disse Ryan, e me abraçou enquanto eu continuava a ofegar. "Não se preocupe. Apenas respire."

"Droga", repeti. Patético; eu era patético.

“Você não está”, disse ele, e eu percebi que tinha falado em voz alta. “Olha”, disse ele. Ele se virou um pouco — eu não tinha me dado conta de que estava enrolada nele como uma trepadeira em uma árvore. Havia várias garotas acima da superfície, ofegantes como eu: Candice, Sarah e Becca.

Quando o minuto terminou — como os segundos voavam quando se tinha ar para respirar! — as outras garotas emergiram à superfície, ofegantes, mas também sorrindo. Desviei o olhar. Alguns dos garotos começaram a cochichar entre si.

“Olha”, gritou Andrew. “Está tudo bem, meninas. É um desafio difícil. Respirem fundo e vamos tentar de novo.”

As meninas que permaneceram submersas estavam visivelmente confusas. Seus parceiros explicaram-lhes em voz baixa que nem todas nós tínhamos conseguido. "Quem?" Ouvi a palavra ecoando pela piscina, ricocheteando na água. "Quem, quem?"

"Eu consigo", eu disse para Ryan. "Só que foi diferente do que eu imaginava."

"Eu sei", disse ele. "Eu quase também não consegui ir."

Minha respiração já estava regular. Olhei para as outras garotas que não tinham conseguido. Becca ainda respirava com dificuldade. Ela estava agarrada ao ombro de Sam, e ele falava baixinho com ela. Tirei as mãos de Ryan e desviei o olhar. Candice estava calma, mas olhava para Becca com preocupação. "Vamos descansar um pouco antes de tentarmos

de novo", disse ela. Todos se aglomeraram ao redor da piscina, mas eu tentei ficar parada e inspirar o máximo de ar possível. Depois de um tempo, Candice acenou com a cabeça para Evan.

“Só mais uma vez”, disse Ryan. “Um minuto, e acaba.” Ele sorriu para mim. Ryan fazia tudo parecer fácil. Respirei fundo e senti meu peito expandir.

"Vai!" Evan gritou, e eu mergulhei novamente. Estava mais calma desta vez: sabia que estava segura e que meus pulmões eram capazes de sobreviver um minuto sem ar. Mesmo assim, agora eu entendia como um minuto parecia uma eternidade debaixo d'água; tentei cantarolar uma música mentalmente, mas desistia a cada poucos segundos. Achei que já deviam ter se passado trinta segundos. A mão de Ryan na minha cabeça era leve; senti seu dedo acariciar meu pescoço e soube que ele estava tentando me tranquilizar. Mas meus pulmões ardiam, e eu ficava imaginando inalar um gole de água clorada, como seria a sensação ao atingir meus pulmões, como eu tossiria e engasgaria, só para engolir outro gole de água. Fechei as mãos em punhos e as levei ao peito. Encolhi-me em posição fetal, com a cabeça balançando para frente e para trás. Fiz um barulho, lá no fundo do meu peito — foi horrível, horrível, horrível —

Ryan me puxou para a superfície e continuou me levantando até que eu estivesse acima da cabeça dele. "Você conseguiu", disse ele. Dei um tapa no ombro dele e mandei que me colocasse no chão, mas me sentia triunfante, extremamente orgulhosa de mim mesma. Ninguém estava comemorando, porém. Vi Candice e Sarah ofegando e olhando em volta. Becca estava encostada em Sam, tremendo. "Ela não aguentou nem quarenta segundos", Ryan sussurrou no meu ouvido. Ele estalou a língua, demonstrando arrependimento.

“Tudo bem”, disse Andrew. “Que tal fazermos uma pausa — beber água, talvez comer alguma coisa?”

A maioria dos outros saiu da piscina, restando apenas Tom, Andrew, Sam, Becca, Vanessa e eu.

Tom parecia descontente. Ele disse: "Temos outras tarefas a fazer. Esta é apenas a nossa terceira, e já devem ser... duas ou três horas?" Ele olhou para Vanessa e disse: "Vanessa, você se importaria de verificar a tela e ver se já está verde?"

Vanessa não pareceu muito entusiasmada com a instrução, mas nadou até a borda e entrou. Eu sabia que o concreto estava terrivelmente quente — os outros gritaram ao sair —, mas ela caminhava sem pressa, balançando os quadris.

Para Becca, eu disse: "Como você se sente agora?"

"Estou bem", disse ela, com a voz quase inaudível. "Só não quero fazer isso de novo."

"Dê um minuto", disse Tom, "e depois você pode tentar novamente."

“Ela disse que não quer”, disse Sam.

“Mas o sofá—”

"Que se dane o sofá", disse Sam. "Ela não vai fazer isso."

Becca se afastou de Sam e ficou parada, mordendo a pele dos braços com os dedos. Ela não olhava para ninguém, mas eu ainda não a conhecia bem o suficiente para dizer se era por vergonha ou medo. Tom disse: “Você poderia pensar de forma realista por um minuto, por favor? Você acha que faria sentido morar em uma casa sem sofá? Você quer que a gente fique sentado no chão o tempo todo que estivermos aqui? Como seria? Mas não é só isso. Tem tudo o mais que não vamos conseguir hoje — vamos ter que esperar mais um dia para podermos seguir em frente. Precisamos de um freezer. E precisamos de uma porta de

entrada. Há animais selvagens lá fora — eles podem entrar a qualquer minuto. Enquanto estivermos dormindo."

Foi engraçado. Até ele mencionar isso, eu não tinha me dado conta de que não tínhamos porta da frente.

Vanessa ficou na sombra da casa e gritou para nós: "Ainda não ficou verde!" Ela hesitou por um momento, como se fosse voltar, mas ninguém respondeu e ela entrou.

Sam disse: "Vamos todos tomar um drinque. Está calor e logo vamos nos queimar. Se a Becca estiver se sentindo bem mais tarde, podemos voltar à tarefa." Seu tom Não havia espaço para discussão. Andrew e Tom trocaram olhares, mas nadaram até a borda da piscina e saíram. Sam ficou por um instante, perto de Becca, mas ela disse para ele entrar. "Só um minutinho", disse ela. "Estou bem. De verdade." Ele assentiu e seguiu os outros para dentro. Eu o vi olhar para trás enquanto atravessava o gramado.

"Eu consigo fazer isso", disse Becca, quando eles se foram. "Só que... não desse jeito."

Peguei na mão dela. "Eu sei", eu disse. "Está tudo bem."

Ficamos ali por alguns minutos, a água calma na ausência dos outros. O ar estava denso e pesado sobre nós, e o som das vozes da casa vinha de longe e abafado, como o zumbido de insetos. Ao meu lado, senti Becca respirando fundo, e fiz o mesmo. Fechei os olhos por um instante e senti o sol no meu rosto, o peso dele nos meus ombros. Sam tinha razão: logo iríamos nos queimar.

Abri os olhos ao ouvir um barulho de água. Nos viramos e vimos Tom entrar na piscina e nadar em nossa direção. Becca soltou minha mão.

"E aí", disse ele quando chegou até nós. "Vocês estão bem? Aquilo foi bem intenso."

Becca não disse nada, então eu disse: "Estamos bem. Só estamos dando um tempo."

Ele assentiu com a cabeça. Seus cabelos brilhavam com gotas de água. Sem camisa, seus músculos pareciam inexplicavelmente grandes. Eu não conseguia entender por que alguém precisaria de tanta força no mundo de hoje. "Eu entendo. Foi assustador. Não é uma situação agradável."

"Certo", disse Becca.

Ele olhou ao redor, o pescoço se virando para contemplar os gramados e o labirinto à distância. "Eu sei que parece que o último grupo não cuidou deste lugar", disse ele. "Mas eles devem ter feito muito para que ele se tornasse tão grandioso quanto é agora. Eles realizaram muitas tarefas e trabalharam muito duro para que pudéssemos ter o que temos aqui hoje. Eu me lembro disso constantemente. Isso me ajuda a ser grato por tudo o que temos."

A piscina ondulava com os pequenos movimentos dos nossos corpos. Ouvi um som distante; talvez a voz de um dos moradores da casa ou o grito de um animal no deserto.

"Becca", disse Tom, "você vai ficar bem". Ele apertou as costas dela. Com uma mão enorme, ele afundou seu crânio e ela não resistiu, não emitiu um som enquanto ele a inclinava em direção à água. Ela respirou fundo, um suspiro descontrolado, e então seu rosto estava submerso. Ele começou a contar. Vi sua cabeça se erguer bruscamente, provavelmente mais por reflexo do que por um esforço consciente para escapar. Ele pressionou sua cabeça ainda mais fundo na água.

Tentei agarrar Tom, mas ele me afastou facilmente com a outra mão. "Pare, Lily", disse ele. "Ela está bem. É só um minuto."

"Pare com isso, Tom! Ela disse que não quer!"

“Nós dois conseguimos”, disse ele. “Ela também consegue.”

Fiz outro movimento em sua direção, mas ele estendeu a mão, como se quisesse me impedir. Ele continuou a contar. Ela se movia levemente debaixo d'água, mas não se debatia.

"Está tudo bem, Becca", eu disse em voz alta. "Você está indo muito bem."

Aos quarenta segundos, segurei a mão dela debaixo d'água. Ela a apertou com força, as unhas cravando na minha pele. "Quase lá", eu disse. Ela chutava com os pés. Aos cinquenta segundos, começou a se debater. Tom manteve uma mão sobre a cabeça dela, segurando-a, e usou a outra para pressionar seus ombros. Eu conseguia ver os músculos dos braços dele se moverem enquanto ele a mantinha no lugar. As marcas no peito de Tom brilharam, vermelhas e doloridas. Mais uma vez me perguntei o que tinha acontecido no deserto.

“Sessenta”, disse ele, e a puxou para a superfície. Seu suspiro foi o de um homem moribundo que voltou à vida.

Ela era completamente branca, com os cabelos grudados no rosto e os olhos inquietos.

"Sinto muito, Becca", disse Tom, com o rosto impassível e sombrio. Becca olhou para ele, respirando fundo. "Vou dizer que você fez isso de livre e espontânea vontade. Assim, você não será um alvo. Caso contrário, eles vão te escolher como a mais fraca."

Consegui ouvir gritos de comemoração vindos do interior da casa: a tela tinha ficado verde.

Tom atravessou a piscina a nado com braçadas fortes e controladas, e saltou para fora da borda num movimento fluido. Parecia um gigante, atravessando o gramado com passos largos, sem se importar com o calor do chão. Senti Becca tremendo ao meu lado. Estava horrorizada com o que ele tinha feito, sim — e deixei que minha desconfiança em relação a Tom se transformasse em antipatia, até mesmo medo. Apertei o ombro de Becca e me deixei ferver de raiva em silêncio. raiva; não me permiti refletir sobre o fato de que eu também havia considerado fazer a mesma coisa com a Becca quando estávamos só nós duas na piscina.

Tom não entrou na casa, mas voltou para os fundos, para a área de entrega. Quando Becca e eu saímos da piscina, suas pegadas molhadas já haviam secado sob o calor do sol.

—

NÃO OLHEI para a minha telinha naquele dia; não tinha vontade nenhuma depois da tarde cansativa. A Becca não apareceu em casa durante várias horas, e desistimos da ideia de fazer mais alguma Tarefa Comunitária naquela noite.

Os meninos ficaram responsáveis pela cozinha, enquanto as meninas ficaram do lado de fora. Candice, Susie, Jacintha, Mia e eu sentamos embaixo de uma árvore e conversamos.

“Bem”, disse Mia, apoiando-se nos cotovelos. “O que achamos dos rapazes?”

"Eu acho o Tom meio sexy", disse Susie.

"Ele quase afogou a Becca", eu disse.

"Será? Mesmo assim, ainda quero conhecê-lo melhor."

“O Evan não consegue tirar os olhos de você. Fique longe do Tom. Fique com o Evan”, disse Candice.

Susie deu de ombros e pegou algumas mechas do meu cabelo; seus dedos eram macios e perfumados, com um leve resíduo de protetor solar ainda presente. Ela trançou meu cabelo com delicadeza, e eu senti o sono me invadir.

"O que você acha do Ryan?", perguntou-me Candice.

"Acho que gosto dele", eu disse.

"Ele é lindo", disse Candice, mas havia algo na maneira como ela disse isso, como se estivesse me consolando.

“Vocês dois combinam muito bem”, disse Mia com firmeza. “E parabéns para você por ter ficado com o rapaz mais bonito.”

"Ryan tem sorte de ter Lily", disse Jacintha com acidez. "Não o contrário."

De forma descontraída, eu disse: "Ele é bem legal, eu acho. É fácil conversar com ele."

“Qual você acha que é o trabalho dele?”, perguntou Candice. Éramos proibidos de discutir nossas vidas pessoais fora do complexo, mas podíamos especular sobre a vida de qualquer outra pessoa.

Pensei nisso por um instante. "Doutor?"

"Ele não é médico", disse Mia, com tanto desdém que me senti tola por ter sugerido isso.

“O que você acha que Andrew é?”, perguntou Jacintha.

“Ah, isso é fácil”, eu disse. “Ele é gerente de projetos.”

Candice riu. "Por que você acha isso? Eu pensei que ele pudesse ser advogado, talvez, ou político. Ele é bom em convencer as pessoas a fazerem coisas."

"Não tão bom quanto o Tom", disse Mia. Candice deu-lhe um sorriso forçado.

“O Andrew é definitivamente um gerente de projetos. Consigo imaginá-lo claramente, circulando pelo escritório, certificando-se de que todos tenham tudo o que precisam, e depois pedindo para você ficar até mais tarde. Mas, tipo, ele faria você querer ficar até mais tarde”, eu disse.

Candice sorriu para mim de uma forma visivelmente mais amigável do que havia sorrido para Mia. Senti-me aquecida por seu olhar. Ela usava óculos de sol que devia ter ganhado em alguma prova. Eram baratos e frágeis, e não particularmente estilosos, mas naquele momento não podíamos ser exigentes. "Acho que você provavelmente tem razão." Ela pareceu pensativa por um instante, e esperamos que ela falasse. "Ele é muito entusiasmado", disse ela enigmaticamente.

"Você quer dizer na cama?", perguntou Susie.

Candice olhou para Susie com desaprovação. "Claro que não. O que você pensa de mim? Quer dizer... quero dizer que ele é entusiasmado com o complexo. Com as pessoas. Ele gosta de se envolver nas coisas." Eu entendi o que ela não estava dizendo: Andrew se comprometeria com ela, se ela conseguisse despertar o interesse dele.

“Vocês acham que algum dos rapazes…?” perguntei, deixando a frase no ar. Fiz uma pausa, tentando decidir o que queria dizer e se deveria dizer. Queria perguntar às meninas se achavam que algum dos rapazes tinha lutado nas guerras. Meu pai estava lutando no exterior, e eu achava difícil, na minha vida segura e comum, visualizar aquilo; eu tinha visto imagens e vídeos na televisão e na internet, claro, mas nunca me pareceram reais. Eu preferia relatos pessoais: meu vizinho comentou certa vez, casualmente, que quando estava lutando, passou seis semanas sem ver um sabonete. Achava mais fácil construir uma narrativa do que meu pai poderia estar fazendo em torno da imagem do sabonete.

Repetidamente, quase Com obsessão, eu o imaginava em diversos cenários diferentes, finalmente encontrando o sabonete; em algumas versões, imaginei que a visão dele o comoveu até às lágrimas. Meu pai estava fora há tanto tempo que eu já não esperava que ele voltasse para casa, mas eu gostava de colecionar as experiências de outros soldados e fingir que eram dele.

As garotas esperaram que eu terminasse meu raciocínio. Então me lembrei de que não queria pensar em nada daquilo. Não queria me lembrar da realidade do que tínhamos deixado para trás. Sorri e balancei a cabeça, sinalizando para me ignorarem, e as garotas seguiram em frente com uma rapidez que me fez suspeitar que sabiam o que eu queria perguntar e, também, acharam melhor mudar de assunto.

"O Seb não é muito chato?", disse Mia. "Nunca conheci ninguém tão sem graça. Ele parece estar sempre infeliz."

"Quem é a pessoa com quem ele divide a cama?", perguntei.

“Sarah”, disse Jacintha.

"Ela também é chata", disse Candice. "Elas deviam ficar juntas."

“É difícil acompanhar todo mundo”, disse Jacintha.

"Ah, eu tenho apelidos para todo mundo", disse Mia. "É o único jeito de lembrar de todos os nomes."

“Continue”, disse Candice.

“'Seb Sonolento.' Porque ele é um chato de marca maior.”

Concordamos com a cabeça, acenando com a cabeça.

“Os 'peitões' da Vanessa, obviamente.”

“Vamos lá”, disse Candice. “Você está objetificando-a.”

“Se ela tivesse personalidade, eu não precisaria objetificá-la.”

Havia algo quase reconfortante na maldade de Mia. A maioria das pessoas escondia seu lado feio e se esforçava para que ele nunca fosse visto. Provavelmente, todos que participavam de um programa como esse eram pessoas desprezíveis de alguma forma. Eu quase admirava a sinceridade dela sobre isso.

"E o Evan?", perguntou Susie, sorrindo com uma mistura de nervosismo e entusiasmo juvenil.

“'Homem-criança'”, disse Mia. A expressão de Susie mudou. “Desculpe. Mas ele está sempre dando mergulhos de bomba na piscina.”

“E eu?”, perguntou Candice.

"Ah", disse Mia, depois de dar um gole em sua garrafa de água. "Não tenho nenhuma para vocês. Conheço vocês muito bem."

Sorrimos e fingimos acreditar nela. Ela se levantou e disse que queria passar mais protetor solar. Candice a observou sair, com seu lindo rosto contorcido em uma expressão de desdém.

“Vou falar com o Marcus hoje à noite”, disse Jacintha. “O Carlos é legal, talvez um pouco tímido demais, mas quero ver se rola alguma coisa entre nós. Ele está dividindo a cama com a Mia agora. Você acha que ela vai se importar?”

"Ela vai se importar", disse Candice. "Mas não deixe que isso te impeça."

Evan saiu de casa e ligou dizendo que o jantar estaria pronto em vinte minutos. Entramos para nos arrumar para a noite.

Notei que as meninas estavam bastante ocupadas com suas telas e que havia alguns produtos na mesa que eu não tinha visto antes: Mia tinha um elástico de cabelo e Candice tinha um pincel de maquiagem. Eu estava um pouco constrangida por ter o pente, mas quando vi os outros produtos novos, coloquei-o na mesa, sem me importar com quem o visse.

Era difícil discernir o que era uma instrução — um meio de obter alguma recompensa pessoal — e o que era apenas uma interação normal para nos conhecermos melhor. Às vezes era óbvio, como quando eu estava descendo as escadas e Evan me parou para dizer que meus seios estavam ótimos no vestido. Ele ficou vermelho da raiz do cabelo até o pescoço e seguiu em frente sem dizer mais nada. Mas quando Carlos me colocou nos ombros e me carregou nas costas até a sala de jantar, aquilo era uma tarefa? Ou quando Sam pegou uma das minhas tranças e sorriu para mim — aquilo era real? De qualquer forma, eu corei, como se tivesse significado algo mais.

Quando terminamos o jantar — uma tentativa desanimada de fazer chili com carne e uma opção vegetariana ainda mais apática para Mia — Gav sugeriu que explorássemos mais o terreno. Vagamos um pouco e encontramos um conjunto de balanços em uma área empoeirada perto do perímetro sul. Empurrei Jacintha por um tempo e me diverti observando o arco elegante do seu voo pelo ar, seus pezinhos pontiagudos alcançando cada vez mais alto a cada impulso.

"Tudo bem", ouvi uma voz dizer, e então braços me envolveram, me colocando no balanço vazio ao lado de Jacintha. Virei-me. Vi Ryan. Ele puxou meu assento para trás até que eu pudesse chutar o chão sem encostar os pés. Então ele me soltou e eu estava voando pelo ar, em sincronia com Jacintha. Marcus estava atrás de Jacintha agora, dando-lhe leves empurrões nas costas. Eu sentia um pequeno arrepio cada vez que a mão de Ryan pressionava minhas costas, e deixei meu cabelo voar ao meu redor e estiquei as pernas. Jacintha balançou ao meu lado, descrevendo um arco para cima enquanto eu caía. Estendíamos as mãos e nos roçávamos cada vez que nos cruzávamos. Os meninos atrás de nós ficaram em silêncio enquanto nos empurravam, mas Jacintha e eu ríamos e exclamávamos, a noite se enchendo com os sons da nossa alegria. Quando me senti corajosa o suficiente, pulei. Aterrissei em pé, mais ou menos firme, e olhei por cima do ombro para Ryan, que me observava e sorria. Ele veio até mim, pegou minha mão e saímos juntos, meu balanço vazio ainda viajando pelo ar, para cima e para baixo.

Caminhamos para oeste até chegarmos a um lago. Era lindo: salgueiros com trepadeiras ondulantes e flores perfumadas crescendo em direção à água. Havia patos no lago, nadando preguiçosamente de um lado para o outro, e também peixes; reflexos alaranjados e dourados brilhando sob a água. Sentamo-nos na margem.

"Hoje foi divertido", disse ele, com leveza. Era tão fácil conversar com ele — ele nunca parecia pensar muito sobre nada.

"A tarefa subaquática foi um pouco intensa", eu disse. Hesitei e depois continuei: "Eu sei que você não estava lá, mas o Tom ficou um pouco… agressivo no final".

"Ah, o Tom? Ele é um cara legal, de verdade. Ele é enérgico, com certeza, e tem um temperamento forte, mas ele só está tentando manter as coisas funcionando sem problemas."

"Não sei por que ele acha que deve ser ele a assumir o comando", eu disse.

Ryan deu de ombros. "A gente meio que resolveu isso no deserto. Mais ou menos." Eu estava curioso para saber os detalhes, mas instintivamente senti que não era o momento de perguntar.

Não havia lua naquela noite, mas estava tão linda, com as flores roxas escuras e as trepadeiras balançando ao vento, que não fez falta. Ele sentou-se perto e segurou minha mão na sua. No escuro, minhas mãos pareciam brancas como lírios.

“É difícil acreditar que nos conhecemos apenas ontem”, disse ele. “Sinto que já sei quem somos.” Você estava tão adorável naquele balanço, Lily. Parecia que você não tinha nenhuma preocupação no mundo.

Ele era muito mais alto que eu, com o queixo inclinado na minha direção. Era incrivelmente bonito; parecia com todos os atores por quem eu sempre tive uma queda e com os garotos que eu sempre fingia não notar.

"Fico feliz que você tenha me escolhido", eu disse. "Eu não tinha certeza."

“Eu tinha certeza”, disse ele, inclinando a cabeça e me beijando. Ele tinha gosto de cloro e babosa. Estava tudo em silêncio, exceto pelo ocasional murmúrio da água à nossa frente e o zumbido das cigarras. Ele me pressionou delicadamente contra a grama, acariciou meu cabelo e sussurrou que eu era linda. Pensei que devia ter sido um ótimo momento para a televisão. Imaginei as pessoas assistindo em casa, sorrindo suavemente, felizes por nós.

—

FOMOS PARA A cama um pouco depois. Ryan não me beijou novamente, apenas se deitou silenciosamente ao meu lado. Estava escuro, mas eu conseguia ouvir pessoas se movimentando: não apenas se acomodando nas camas, pensei, mas também mudando de cama. Certamente havia pessoas que haviam compartilhado a cama na noite anterior e que agora preferiam outra pessoa.

Quando achei que o banheiro estava vazio, espiei por trás do lençol que usávamos como porta. Vi Sam lá, escovando os dentes. "Desculpe", eu disse. "Vou esperar." Comecei a colocar o lençol de volta, mas ele balançou a cabeça e me fez sinal para entrar, com a escova de dentes ainda na boca. Eu tinha trazido minha nécessaire, mas não queria tirar a maquiagem na frente do Sam. Então, peguei minha escova de dentes também. Sam estendeu a mão e colocou uma pequena quantidade de pasta de dente na minha escova, e ficamos de frente para o espelho, escovando os dentes em silêncio. Ele escovava rápido e vigorosamente; meu método, em comparação, parecia letárgico. Havia algo em Sam que parecia preencher o ambiente: eu estava atenta a cada movimento seu. Cuspi o mais delicadamente que pude. Fiquei esperando que ele terminasse e saísse para que eu pudesse tirar a maquiagem, mas ele continuou escovando os dentes. Cuspi uma última vez. "Boa noite", eu disse.

Ele também cuspiu. "Espere um segundo", disse ele. Estendeu a mão e escovou o canto da minha boca. "Pasta de dente", disse ele.

"Ah", eu disse. Acho que corei. "Obrigada."

“Claro. Boa noite, Lily.”

Voltei para o quarto e me deitei na cama. Virei-me de lado para ficar de frente para Ryan e vi, pelos ocasionais lampejos de luz branca e azul na escuridão, que ele também me

observava. Podíamos parecer amantes, trocando olhares com aquela ternura que surge à noite — mas eu o observava para ver se ele iria embora, para ter certeza de que eu estava segura. Já havia acontecido antes: moradores saindo da cama no meio da noite e trocando de lugar com outro, às vezes retornando mais tarde, e às vezes deixando o companheiro vulnerável. Senti o olhar dele sobre mim e soube que ele estava pensando o mesmo. Teria sido mais fácil para nós dois se eu simplesmente tivesse dito: "Não vou para a cama de ninguém — eu quero você". Em vez disso, não disse nada e acordei várias vezes, checando se ele ainda estava lá.

QUATRO

EU NO CLARÃO DA MANHÃ

Com a luz do dia, pude ver os outros casais na cama: Andrew e Candice dormiam lado a lado, cada um em seu próprio lado. Jacintha estava com Marcus, com os braços dele em volta dela. Mia e Carlos dividiam a cama, deitados tão afastados que ambos ficavam parcialmente para fora do colchão.

Saí silenciosamente e fui para o vestiário feminino, onde, na ausência de ar condicionado, o calor me atingiu de imediato, cruel e abrasador. Sentei-me à minha estação de trabalho e penteei o cabelo, tentando apagar qualquer vestígio de sono do meu rosto. Toquei na tela e minha Tarefa Pessoal acendeu.

Tarefa: Nadar pelado na piscina

Recompensa: Bálsamo labial

Percorri a casa, prendendo o cabelo enquanto caminhava. No corredor, encontrei Tom sentado junto ao arco onde deveria estar a porta. Ele havia trazido uma das cadeiras da sala de jantar para dentro e estava virado para o exterior. Virou-se para me olhar.

"Ei", eu disse.

"Bom dia", disse ele.

"Não conseguiu dormir?"

"Eu queria ficar de olho. Não é seguro sem uma porta. Qualquer tipo de animal selvagem poderia entrar."

Eu tinha planejado realizar minha tarefa rapidamente, antes que qualquer outra pessoa acordasse, mas do lugar onde ele estava sentado, havia uma visão direta da piscina.

"Tem uma aranha no banheiro", eu disse. "Você se importaria de se livrar dela?"

"Claro que não", disse ele, e levantou-se imediatamente.

Caminhei rapidamente em direção à piscina, tirando a roupa enquanto ia. Hesitei por um segundo na borda da piscina, antes de pular. Arfei com a água gelada, tão dolorosa quanto refrescante. Saí da água e me vesti o mais rápido que pude. Quando olhei para cima, me assustei ao ver Tom de volta ao seu lugar. Ele não reagiu quando percebi que estava me observando, mas também não desviou o olhar. Não queria passar por ele, então fui em direção aos balanços que tínhamos encontrado na noite anterior. Tirei os pés do chão e me balancei um pouco. Era sombreado, e me senti fresca e limpa. Quando ouvi os outros se levantando e se movimentando, entrei para tomar um café.

—

A CASA ESTAVA novamente em desordem geral. A cozinha estava bagunçada, com bancadas imundas e louça suja na pia. O lençol que servia de porta do banheiro agora jazia amassado

no chão. Vi Jacintha e Gav discutindo sobre a melhor maneira de mantê-lo no lugar e os deixei lá.

Troquei de roupa, vestindo meu look do dia, shorts e top, e comecei a limpar a cozinha. Havia sabonete líquido e uma esponja, mas não havia luvas nem detergente. Depois de alguns minutos, Becca apareceu ao meu lado e secou silenciosamente a louça que eu havia lavado. Eu a tinha visto esta manhã, na cama com Sam, dormindo encolhida enquanto ele estava deitado de costas, próximos um do outro, mas sem se tocarem.

Gav entrou e vasculhou a geladeira. Ainda havia bastante comida, mas não o suficiente para o jantar. "Como estão vocês, minhas queridas, esta manhã?"

"Tudo bem", eu disse, e Becca disse algo que eu não consegui ouvir.

Ele pegou uma caixa de suco de laranja e bebeu. Bebeu em longos goles e fez um som de *"ahh"* quando terminou. Colocou a caixa de volta na geladeira. "Desculpe", disse ele. "Da próxima vez, usarei um copo."

“Por favor, faça isso”, disse Becca.

"Comprei uma lâmina de barbear hoje de manhã", disse ele. "Nossa, fiquei muito feliz. Tudo o que eu tinha que fazer era fazer cócegas na Susie até ela chorar."

Ele não entendia por que estávamos olhando para ele. Abriu a boca e depois a fechou.

“Bom dia”, disse a voz. “Discussões sobre Tarefas Pessoais são proibidas. Este é o último aviso antes que medidas sejam tomadas.”

Um pequeno grupo de pessoas entrou na cozinha. Era óbvio quem estava lá. A culpa era visível na expressão de angústia no rosto de Gav.

"Idiota", disse Marcus.

—

A PRIMEIRA TAREFA era falar sobre os animais de estimação que tínhamos tido e como eles morreram. Para isso, recebemos um tubo comprido de cola. Eu não estava particularmente animada com essa recompensa, mas Jacintha gritou de alegria quando a viu. Ela correu para o banheiro e eu a segui. "Aqui", disse ela, segurando uma das pontas do papel. "Segure isso — coloque bem aqui." Fiz como ela pediu e ela colou o papel na moldura da porta. Eu só conseguia ver seu contorno vago através do papel enquanto ela continuava a aplicar cola generosamente.

“Então”, disse ela. “Você e o Ryan?”

Olhei para o final do corredor para verificar se estávamos sozinhos. "Ele é ótimo", eu disse.

"Você fez…?"

“Nós nos beijamos.”

Consegui ouvir o sorriso dela. "Que bom para você."

"Eu vi você com o Marcus na cama ontem à noite?"

“Sim”, disse ela. “Nos divertimos muito ontem. Ele é um cara muito engraçado.”

“E quanto a Carlos?”

“O Carlos também é ótimo. Estou mantendo minhas opções em aberto.”

“Isso é inteligente.”

Ela afastou a folha e olhou para mim. "Você também deveria manter suas opções em aberto."

"O que você quer dizer?"

"Eu vi o Sam olhando para você. Ele parece ser uma boa pessoa. E ele é lindo."

“O Ryan também.”

“Eu sei, mas só se passaram alguns dias. Não se limite.”

Fiquei pensando se ela achava que Ryan não gostava de mim. Doía pensar assim, mas entendi o sentido da sugestão dela. "Acho que não faria mal nenhum conhecê-lo melhor", respondi.

Ela olhou para o seu trabalho. Não duraria muito: provavelmente teria que ser consertado e colado novamente pelo menos uma vez por dia. Mas era um certo grau de privacidade, por enquanto. Eu tinha visto a bunda nua de Evan enquanto ele usava o mictório e Sarah gritou comigo quando eu cambaleei em direção a um banheiro no meio da noite e a encontrei lá já.

“Converse com todos os meninos aqui se isso te mantiver segura”, disse Jacintha. “Agora não é hora de ser sentimental.”

—

FIZEMOS um progresso melhor: concluímos quatro tarefas pela manhã e ganhamos um produto de limpeza para o vaso sanitário, uma escada, uma tesoura e uma toalha nova para cada um de nós. As tarefas eram fáceis e ficamos felizes enquanto as realizávamos, embora um pouco desanimados ao olhar para nossos ganhos, todos de uma praticidade nauseante. Almoçamos ao ar livre — pão e pequenas porções de presunto ou queijo. Depois do almoço, tiramos um cochilo no quarto, que ainda era o único cômodo fresco da casa.

Jacintha deitou-se na minha cama e Ryan na dela. Carlos entrou no quarto procurando por Jacintha. Levei o dedo aos lábios e apontei para ela, que dormia ao meu lado. Ele assentiu e ficou por ali alguns minutos, como se esperasse que ela acordasse. Então disse: "Não conte para a Mia que eu estive aqui" e desapareceu.

Apreciei o ar fresco e o silêncio. Antes de dormir, pensei em como tudo havia se tornado fácil. Ao mesmo tempo, tudo ali parecia novo e empolgante. Senti, agora que estava completamente longe daquilo, que não havia nada para mim em casa, apenas a mesma rotina maçante, dia após dia. Eu não sabia o que poderia acontecer no complexo nas próximas semanas, mas sabia que haveria oportunidades para mais. Uma tarefa simples, até mesmo divertida, e algo novo surgiria. Que tédio eu teria que suportar para conseguir as mesmas coisas em casa: ficar de pé por horas, fingir sorrisos, fingir ter energia e entusiasmo. Quando dormi, sonhei com prêmios caindo do céu, e todos nós em pé no deserto com os braços estendidos, esperando que eles nos alcançassem.

Quando acordei, o resto do pessoal do condomínio estava na sala de estar, sentado no sofá enorme e novinho em folha em formato de L, de frente para a tela grande. Eles pararam de falar quando entrei.

Tarefa: Escolha uma pessoa para banir do complexo.

Recompensa: Congelador

“Olha”, disse Andrew, colocando as mãos na cintura. “Isso não vai dar certo.” Para ser fácil. Mas precisamos ser essenciais nisso.” Pelo canto do olho, vi Jacintha revirar os olhos.

Mia disse: "Vai ser pior quando nos tornarmos amigas e criarmos laços. Do jeito que está, não nos conhecemos de verdade. Devemos fazer isso logo e sem alarde."

Ainda não tínhamos caneta nem papel e debatemos um pouco sobre como votar. Em anos anteriores, eles geralmente já tinham material para escrever a esta altura. Em vez disso, fomos até a extremidade do terreno, para a parte mais empoeirada, onde não cresciam árvores nem flores. Passamos um tempo procurando pedras e seixos pontiagudos; assim que conseguimos um de cada, riscamos o nome do morador que queríamos banir nas pedras usando os seixos. Nos espalhamos, como se fôssemos tentar espiar as respostas uns dos outros. Depois, colocamos nossas pedras no círculo demarcado.

Quando todos votaram, Tom entrou no círculo e virou as pedras, revelando as letras gravadas em cada uma. Nos aglomeramos ao redor dele, todos tentando dar uma olhada. Becca recebeu seis votos e Gavin, o restante. Ninguém sentiu necessidade de especular ou se justificar. Gav havia quebrado uma das regras num momento de descuido, nos aproximando de algum castigo não especificado, e por causa de Becca quase não tínhamos nosso sofá em formato de L.

"Eu sabia", disse ele, melancolicamente. "Eu sabia que seria eu."

Ficamos parados, incertos, por alguns instantes. Eu me perguntava se Gav ia causar algum tipo de confusão. Eles costumavam fazer isso no programa. Não conseguia imaginar nada mais humilhante do que ser o primeiro a ser eliminado. Mas Gav apenas disse: "Acho que vou pegar um copo d'água primeiro."

Voltamos para casa, sem saber o que dizer. Gav foi até a cozinha e preparou um copo grande. Virou-o de uma vez só, com a garganta subindo e descendo, os olhos fixos no teto. Nós, os dezessete, ficamos observando-o, amontoados na cozinha.

"Está bem", disse ele quando seu copo ficou vazio. "Já vou indo."

Saímos com ele. Quando chegamos ao perímetro sul, ele parecia nervoso.

“Não é como entrar”, disse Tom em voz baixa. “Haverá alguém esperando por você no caminho. Essa pessoa lhe mostrará o caminho.”

Inesperadamente, Gav estendeu a mão e agarrou Tom com força e ferocidade. Abraço. "Valeu, cara", disse ele. Tom não disse nada, mas deixou Gav se agarrar a ele. Olhei para Eloise, que estava dividindo a cama com Gav. Ela puxava as mangas nervosamente, mas também olhava em volta para os outros meninos, como se estivesse avaliando com quem mais poderia dividir a cama.

Não havia uma entrada ou saída propriamente dita na cerca que separava o deserto do complexo, mas os rapazes tinham aberto uma brecha para passar quando chegaram. Havia também arame farpado, presumivelmente para impedir a entrada de animais, e Gav o atravessou com cuidado, depois se virou e olhou para nós como se achasse que poderíamos mudar de ideia.

"Tchau, Gav", disse Andrew, e alguns dos outros se juntaram em coro para se despedir. "Sentiremos sua falta."

Ele parecia visivelmente desapontado.

"Tchau", disse ele, e seguiu seu caminho.

Voltamos em direção à casa, passando pelos fundos para que os meninos pudessem pegar o freezer. O freezer foi uma grande conquista para nós, uma melhoria significativa para o terreno, mas não comemoramos; não teria sido certo.

Gav saiu depressa e silenciosamente. Não levou nada consigo, nem mesmo a lâmina de barbear. Todos concordamos que foi uma atitude de muita classe.

—

COM A SAÍDA DE GAV, haveria alguém dormindo sozinho e, portanto, outra pessoa também sairia pela manhã. Às vezes, as pessoas eram banidas em duplas, mas geralmente os telespectadores gostavam quando os moradores votavam para que apenas uma pessoa fosse banida, o que significava que o resto do dia era repleto de tensão sobre quem ficaria para dormir sozinho. Mais uma vez, havia uma garota sobrando e ficamos em desvantagem. Todos nós ficamos perambulando pelo complexo por um tempo, até que Mia falou de forma decisiva.

“Vamos dar um mergulho”, disse ela. “Precisamos nos refrescar.”

Enquanto trocávamos de roupa para vestir os trajes de banho, olhei para a tela do meu celular.

Tarefa: Converse com Sam

Recompensa: Colar

Fiz uma pausa, relendo o texto. Era estranhamente simples, e me perguntei por quê. tudo tinha acontecido. As instruções eram às vezes aleatórias, outras vezes deliberadas. Às vezes, levavam em consideração o que os telespectadores queriam, e outras vezes eram maliciosas, uma tentativa de criar drama. Eu ponderava se deveria ou não fazer isso enquanto arrumava o cabelo e passava mais protetor solar. Eu gostava do Sam. Queria conversar com ele. Era possível que eu gostasse dele um pouco mais do que deveria, e eu não queria me envolver em nada. Se eu causasse problemas tão cedo com o Ryan, talvez não tivesse outra oportunidade tão boa.

Vanessa entrou no camarim carregando uma espécie de tecido dourado. Despiu-se sem pressa e vestiu a peça. Girou-se lentamente em frente ao espelho, observando-se de diferentes ângulos, observando-nos observá-la. Era muito pequeno, feito de bronze e ouro, e brilhava a cada movimento. Meu próprio biquíni era azul com bolinhas. Ao lado dela, eu parecia pateticamente infantil.

"Onde você conseguiu isso?", perguntou Mia.

"Tarefa", disse ela. "É da Trench and Co. Chama a atenção, não é?"

Nenhum de nós tinha recebido roupas ainda. Eu me perguntava o que ela teria que fazer para consegui-las.

Susie entrou vinda do quarto, colocando presilhas no cabelo. Ela nos olhou com tristeza. "Eu sempre acho que estou bonita até ver o resto de vocês."

“Você se parece com a Princesa Leia”, disse Jacintha para Vanessa.

Ela se virou novamente e nós ficamos observando, hipnotizados. Ela não elogiou muito a peça, como outras pessoas faziam quando buscavam um contrato publicitário. Ela simplesmente estava deslumbrante nela. Eu podia imaginar todas as pessoas em casa pegando seus celulares e procurando por Trench and Co. Eu também teria comprado, se

estivesse assistindo. Era a melhor recompensa possível que ela poderia ter recebido naquele momento, não apenas porque a peça valorizava seu corpo, mas também porque era pequena e fácil de carregar para quando precisasse sair, e porque as pessoas a associariam à roupa, facilitando a conquista de um contrato publicitário quando ela fosse embora.

Ela juntou os cabelos atrás das orelhas, franzindo-os. "Você acha que eu deveria arrumar o cabelo?"

“Não”, disse Candice. “Seu cabelo fica mais bonito solto.”

Vanessa ajeitou um pouco o cabelo e depois saiu.

Mia pegou seu bronzeador e o largou novamente. " *Droga* ", disse ela.

—

ALGUNS DOS meninos estavam na piscina, e outros estavam espalhados pelo complexo. Quando cheguei lá, Vanessa estava sentada na borda da piscina, enquanto Evan e Seb flutuavam à sua frente. Como a própria Princesa Leia, a barriga de Vanessa não tinha nenhuma dobra quando ela se sentava.

Mia, Candice, Jacintha e eu entramos na água e ficamos paradas na borda da piscina por um instante, sem saber o que fazer. Os meninos não fizeram nenhum esforço para se aproximarem de nós. Mia foi mais para dentro da piscina e então começou a nadar lentamente, com movimentos metódicos, por toda a sua extensão. Ela tinha uma boa técnica. Pensei que ela devia ter feito muitas aulas de natação na vida.

Candice sentou-se na beira da piscina e apoiou um braço na borda, relaxada. Ela acenou com a cabeça para Jacintha. "Roxo é a sua cor", disse ela.

“Obrigada”, respondeu Jacintha. “Gostei do seu cabelo hoje.”

“Ah, obrigada. Olha, eu não sei vocês”, disse ela. “Mas eu não confio na Mia.”

Jacintha e eu trocamos olhares. "Por quê?", perguntei.

"Acho que ela é falsa. Você não acha?"

Mia estava nadando de volta em nossa direção. Ela parou quando chegou perto de Vanessa, Evan e Seb. "E aí, pessoal", disse ela. "Querem apostar uma corrida? Eu sou muito rápida."

Evan disse: "Eu também sou muito rápido!"

"Seb?" disse Mia.

“Claro”, disse ele.

“Vanessa?”

“Não, obrigada. Não quero molhar meu cabelo.”

“Sem problema. Você pode ser o juiz.”

Ao iniciarem a corrida, Candice lançou um olhar significativo para mim e para Jacintha. "Viram?"

Jacintha disse: "Não há nada de errado nisso, na verdade."

Candice balançou a cabeça. "Ela só finge ser amigável." Ela olhou para mim. "Você sabe que no segundo dia ela disse que havia algo suspeito em você?"

“O que há de suspeito em mim?”

“Nada. Ela só está sendo maldosa. Mas depois ela é um doce com você.” Eu me perguntava se Mia realmente achava que eu era um problema, ou se ela se sentia ameaçada por mim. Eu sabia que ela se sentia inferior à Candice — todas nós nos sentíamos —, mas ela sabia que era melhor não arrumar confusão com ela. Suponho que eu era um alvo mais fácil, passiva como eu era. Se eu fosse a Candice, teria ido direto até ela e perguntado o que ela queria dizer com falar de mim pelas costas. Mas eu não disse nada. Apenas as observei, junto com Candice e Jacintha. Fiquei pensando se os telespectadores diriam que eu era boba, ou sábia por não cair na armadilha.

Eles quase tinham percorrido toda a extensão. Evan estava um pouco atrás, mas Seb e Mia estavam lado a lado.

"Ei, espero estar enganada", disse Candice. "É apenas uma sensação que eu tenho."

—

ENCONTREI SAM na sala de estar, sentado no sofá com Carlos. Quando me sentei, Carlos olhou entre nós e se levantou, dizendo que queria ir nadar.

A sala de estar tinha janelas sem persianas e estava quente, mas não a ponto de ser desconfortável. Sentei-me de frente para ele, com as pernas apoiadas nas almofadas do sofá. Ele estava sentado no sofá e, embora suas pernas estivessem esticadas à sua frente, o sofá era grande o suficiente para que nossas pernas ficassem próximas, mas sem se tocarem.

“Só nós dois”, eu disse.

“Só nós dois”, disse ele.

“Como está a Becca hoje?”

"Bem, na maior parte. Ela ficou abalada com o desafio de ontem e com o Tom. O fato de algumas pessoas terem votado nela antes também não ajudou."

“Eu não votei nela”, eu disse.

“Eu não achava que você pensasse assim. As pessoas acham que ela é fraca, mas não a conhecem.”

"Quer dizer", eu disse, odiando o jeito que minha voz soava, aguda e lenta. "Você também não a conhece de verdade."

“Você provavelmente tem razão. Fico pensando que conheço pessoas aqui, e aí me lembro que não sei de onde elas são, se são gêmeas, filhas únicas ou mesmo qual é o trabalho delas. É estranho não ser capaz de falar corretamente.”

“Podemos conversar direito”, eu disse. “Você não pode me contar sobre sua vida pessoal, mas aposto que consigo adivinhar algumas coisas.”

“Você acha?”

"Aposto que consigo adivinhar qual é o seu trabalho", eu disse. "Você não precisa dizer nada. Saberei pela sua reação se acertei."

"Vá em frente."

"Veterinário."

Ele não disse nada, mas sorriu levemente, como se eu estivesse fazendo algo fofo. Encolhi as pernas. Embora estivesse gostando, gostando de estar sentada ao lado dele e conversar com ele com facilidade, parei por um momento, atenta, como se pudesse ouvir a

voz nos alertando sobre quebrar as regras. Mas não havia som algum, exceto o de conversas distantes. Contanto que ele não falasse diretamente sobre sua vida pessoal, estava tudo bem. Eu não podia fingir que flertar com a quebra das regras não contribuía para o prazer da conversa. "Empreiteira." Fui recebida com silêncio. "Dentista. Terapeuta." Ele colocou o braço no encosto do sofá, de modo que sua mão ficou a poucos centímetros da minha cabeça. "Engenheiro de software. Advogado. Isso é chato. Estou perto?"

“Não, de forma alguma.”

"Jardineiro."

Ele balançou a cabeça, sorrindo. "Mas isso parece bom."

"Então você gosta mesmo da Becca?"

Olhei para ele e ele retribuiu o olhar, com o olhar firme. "A Becca é legal. Eu gosto dela, sim."

“Sim, eu também gosto dela. Ela é ótima.”

"O quê?", disse ele, com um canto da boca se curvando num sorriso.

"O quê?", eu disse, sorrindo também, embora não soubesse porquê.

“Por que você estava fazendo essa cara?”

“Eu não estava fazendo careta nenhuma!”

“Certo”, disse ele. “Onde está Ryan?”

“Acho que foi na academia. Ele comprou um haltere hoje de manhã”, eu disse.

"Você não quer vê-lo se exercitar?", disse ele, agora sorrindo.

“Cala a boca”, eu disse, e empurrei a perna dele. Ela não se mexeu. “Eu não sou casada com ele. Mal o conheço. Na verdade”, eu disse, imprudente, tonta, “eu Cheguei a pensar que você poderia ter se oferecido para dividir a cama comigo naquela primeira noite. Achei que nos demos bem.”

"Você fez isso?", ele disse. "Você não fala comigo há dias." Havia algo seco em seu tom que eu não gostei.

“Bem”, eu disse. “Você esteve com a Becca.”

“E você esteve com o Ryan.”

"Certo", eu disse. Senti que tinha estragado as coisas. Eu estava tão animada quando me sentei ao lado dele e éramos só nós dois. "Isso não nos impede de conversar."

“Você tem toda a razão. Acho até curioso que você só esteja falando comigo agora, quando uma garota vai ser banida esta noite.”

"Então?"

“Então, a última vez que conversamos direito foi a última vez que uma garota seria banida. Acho que está começando a parecer um pouco transacional, não é?”

Eu queria me levantar, dar uma volta pelo complexo e voltar com uma resposta espirituosa. "Isso não é verdade", eu disse. Ele tinha razão, mas isso não diminuía o fato de que eu queria falar com ele.

“Bem, você não tem nada com que se preocupar. Há muitos interessados. Você não vai embora tão cedo.” O tom dele não era nada agradável, e eu tive vontade de sair da sala furiosa, como se ele tivesse insinuado algo vulgar. Senti raiva por nosso momento agradável ter sido arruinado, e igualmente raiva por ele ter percebido minhas intenções. Eu não queria ser confrontada com minhas decisões egoístas. Eu queria ser absolvida pela consideração que ele tinha por mim.

“Por que você está sendo tão malvado agora? Você não é assim.”

“Talvez eu seja”, disse ele. “Você também não me conhece.”

“Você não pode simplesmente ser *gentil* ?”

“Você está sendo gentil?”

"Vai se foder", eu disse, e me levantei. Não fui até a minha caixa de correio. Voltei para a piscina, embora tivesse acabado de me secar. Mergulhei de cabeça, com os braços acima da cabeça e as costas arqueadas. Fiquei debaixo d'água o máximo que pude, tentando ignorar o som das risadas das outras pessoas. Quando voltei à superfície, flutuei de costas por um tempo, depois fiquei boiando no mesmo lugar, concentrando-me em manter uma expressão agradável.

—

PROCUREI POR RYAN, mas não o encontrei. Procurei na quadra de tênis, vazia de raquetes e bolas, perto da lixeira e nos balanços, mas não o vi em lugar nenhum. Andrew me viu perto da academia e disse: "Ei, Lily. Está procurando alguém?"

“Ryan”, eu disse.

“Ah”, disse ele, sorrindo. “E eu aqui, esperando que você estivesse me procurando. Ele acabou de terminar aqui. Acho que foi tomar um banho.”

"Ah, legal. Talvez eu o veja por aí."

“Ei, você me faria um favor?”

"Claro."

“Se você vir a Candice”, disse ele, “diga a ela que estou procurando por ela?”

"Claro."

“Você a viu… ah, conversando com algum dos rapazes hoje?”

"Não sei", respondi. Dei de ombros. "Você teria que perguntar a ela mesma."

Ele pareceu desapontado. Eu queria que Andrew gostasse de mim, então eu disse: "Se eu a vir, direi a ela para ir te procurar."

Ele sorriu. "Eu a encontrarei primeiro, não se preocupe."

Quando cheguei ao banheiro, Ryan estava puxando o lençol, com vapor saindo de trás dele. Havia uma toalha enrolada em sua cintura — tínhamos ganhado recentemente uma toalha de luxo cada um, com nossos nomes bordados na borda. Ele pareceu surpreso ao me ver, e eu percebi — tarde demais — que devia estar com uma aparência estranha, esperando por ele do lado de fora do banheiro.

“Que surpresa agradável”, disse ele. “Você estava planejando me abordar no chuveiro?”

"Não", eu disse, embora minhas bochechas estivessem coradas. Ele riu da minha expressão. "O que foi?"

“Nada. Só queria saber onde você estava.”

“Você não está preocupado com esta noite, está?”

Olhei para ele. Não havia motivo para mentir. "Claro que sou."

“Você não precisa se preocupar com nada, enquanto eu estiver aqui”, disse ele, e me deu um beijo na testa. Ele cheirava ao sabonete líquido que todos nós usávamos, um recipiente enorme deixado por outros moradores, suave e com aroma de toranja. Ele tinha um cheiro diferente na noite anterior, quando eu estava enroscada nele. Ele. Eu queria isso: queria estar perto dele.

“Me beija”, eu disse. Ele colocou a mão nas minhas costas e me puxou para perto, e quando seus lábios tocaram os meus, senti um imenso alívio: não porque fosse um beijo particularmente especial, ou porque eu o desejasse, mas porque eu sabia que ele me desejava. Enquanto Ryan me quisesse, eu estaria segura. Eu só precisava me agarrar a ele até os cinco finalistas, quando os casais não importariam mais e ninguém seria eliminado se dormisse sozinho. Mas poderia demorar muito até lá, semanas ou meses, e eu precisava ter certeza de que tinha alguém que ficaria ao meu lado.

Ryan vestiu sua sunga, pegou minha mão e caminhou comigo pelo complexo. Todos estavam ocupados, mesmo que parecesse que estivessem ociosos. Em temporadas anteriores do programa, algumas pessoas ficavam com a mesma pessoa desde a primeira noite, enquanto outras trocavam, buscando a pessoa certa, seja por uma escolha estratégica ou por interesse genuíno. Parcerias estratégicas raramente duravam muito. Dividir a cama não era simples, mesmo que fosse só para dormir. Eu gostava do Ryan: gostava de dormir ao lado dele. Mas ainda assim, houve algumas vezes em que acordei confusa ao encontrar uma boca respirando perto do meu ouvido. Quando pensava em ter que dividir a cama com o Seb ou o Evan, sentia um vago nojo. Não havia nada de errado com eles; eu simplesmente não os queria.

Havia algo de triste em ver algumas das garotas tentando manter seu lugar no complexo. Tom, descascando uma laranja e sentado na grama, nem olhou para Susie enquanto ela lhe contava sobre suas marcas de perfume favoritas. Quando terminou sua fruta, levantou-se e foi embora. Vê-la sentada sozinha poderia ter sido terrível, não fosse o fato de Evan ter vindo ao seu lado quase imediatamente. Levou-a até o trampolim, erguendo-a com delicadeza. Saltou com grande entusiasmo e alguma habilidade, dando cambalhotas no ar, mortais artísticos e saltos triplos ambiciosos. Susie saltava letargicamente ao lado dele, com os braços caídos junto ao corpo.

A visão deles me fez lembrar de como eu desejava desesperadamente um trampolim quando criança. Morávamos em uma área densamente povoada, onde eu podia ver trampolins espalhados pelos jardins vizinhos. Dominada por uma inveja que quase me consumiu, passei semanas juntando todo o meu dinheiro, cada moeda que eu tinha, dada por algum parente generoso ou que sobrou do meu último brinquedo. Aniversário. Juntei tudo e apresentei à minha mãe, triunfante. Ela abriu um catálogo de brinquedos que tinha sido minha bíblia pessoal, principalmente perto de aniversários e Natal. Ela me mostrou o preço de um trampolim e depois me disse quanto eu tinha. "Viu?", ela disse. "Viu como você está longe de conseguir?" O fato de o trampolim parecer tão fora do meu alcance só aumentava meu desejo por ele. Eu detestava sair e ver meus vizinhos pulando alegremente no ar. Eu abominava seus giros e cambalhotas.

Então, alguns meses depois, no meu aniversário, lá estava ele, do lado de fora, no nosso pequeno e comum pedaço de grama. Eu gritei. Lembro-me tão claramente: eu estava parada na porta e gritei de tanta empolgação. Pulei por horas naquela noite e em todas as noites daquela semana, até que o topo da minha cabeça começou a doer e o orvalho começou a cobrir o náilon. Corri ao redor da sua circunferência, meus pés tão rápidos, tão leves, e fui catapultada pelo ar: mortais para trás, cambalhotas, mergulhos de barriga — todas essas contorções fantásticas que antes me eram impossíveis.

Mas depois de umas três semanas, perdi o interesse. Eu não tinha mais vontade de pular na cama elástica. Como eu sabia exatamente quanto tinha custado — o número não

me saía da cabeça —, sentia uma enorme culpa por ter me cansado tão rápido. Eu me esforçava para ir algumas vezes por semana, mas, acima de tudo, parecia um fardo. Mais tempo se passou, e minha mãe me perguntava quase todos os dias, com uma certa crueldade, se eu tinha ido na cama elástica naquele dia. Eu respondia que sim, com certeza. "É melhor mesmo", ela dizia.

Que monotonia! Os tombos e as cambalhotas pareciam um imposto que eu tinha que pagar. Eu observava meus vizinhos saltitantes com desinteresse. Em menos de um ano, eu já não brincava mais nele, e em poucos anos as molas enferrujaram e minha mãe o jogou fora quando uma caçamba de entulho apareceu na rua. Fiquei feliz em vê-lo ir embora: havia algo nele que me cansava — o quanto eu o desejava e o quão rápido me cansei dele. Eu queria contar essa lembrança para o Ryan, mas não era permitido, e além disso, acho que não significaria nada para ele.

Quando passamos pelas mesas de pingue-pongue, vi Candice conversando com Carlos, mas quando demos a volta completa no complexo, ela estava sentada com Andrew, debaixo do braço dele. Ele acariciava seus cabelos, seus... olhos fechados.

Ryan fez questão de cumprimentar os outros. Eu sabia que ele estava mostrando a todos — inclusive a mim — que iríamos dividir a cama naquela noite. Em anos anteriores, brigas ocasionalmente aconteciam no meio da noite, quando algum garoto tentava tomar o lugar de outro. Eu geralmente não gostava de possessividade, mas no programa era preciso ser firme na escolha. As pessoas mudavam de ideia rapidamente, e se você relaxasse demais, alguém podia aparecer e roubar seu parceiro de cama. Eu sabia que Ryan estava sendo primitivo, de certa forma, mas não posso dizer que isso não me agradou.

—

MAIS TARDE, NA CAMA, eu conseguia ouvir sons de movimento noite adentro. Alguém era expulso ao amanhecer, nem um minuto antes. Eu não sabia se os sons eram causados por pessoas buscando conforto umas nas outras, trocando de camas, ou se havia garotas implorando baixinho para não serem deixadas sozinhas. Seja o que fosse, na manhã seguinte Eloise tinha ido embora, e os números estavam equilibrados novamente.

CINCO

NO DIA SEGUINTE, PERCEBEMOS que estávamos ficando sem comida. Quando chegamos, calculamos que o conteúdo da cozinha duraria mais ou menos duas semanas, mas subestimamos enormemente o quanto os meninos comiam por dia. Agora tínhamos apenas dois pães, ambos duros, mas ainda comestíveis, umas vinte bananas, alguns legumes, um frasco de mel e uma barra grande de chocolate. Não fazia sentido como as coisas tinham acabado tão rápido. Eu suspeitava secretamente que alguém estivesse se levantando de madrugada para comer.

A falta de comida nos preocupou e levou à convocação de uma reunião. Foi Andrew quem nos reuniu. Ele estava de camisa e calça, um pouco formal demais para o calor, e eu me perguntei se ele havia trocado de roupa para a ocasião.

"Antes de mais nada, agradecemos à Sarah e à Vanessa por nos alertarem sobre a diminuição dos suprimentos de comida. O mais importante no complexo é a cooperação, então todos nós teremos que nos unir para conseguirmos passar pelos próximos dias e garantir que isso não aconteça novamente."

"Vanessa e Sarah, vocês ficarão responsáveis pela comida. Isso significa dividir as porções para que durem até amanhã. Teremos que fazer o máximo de tarefas possível hoje, na esperança de que uma das recompensas seja comida. Mesmo assim, teremos que ter cuidado. De agora em diante, Vanessa e Sarah ficarão responsáveis por fazer o inventário dos alimentos e dividir as porções." Ao dizer isso, Sarah olhou em volta, como se nos desafiasse a discutir. Ficamos todos em silêncio, esperando para saber quais seriam nossos papéis.

"Enquanto resolvemos isso, precisamos estabelecer uma maneira melhor de manter o complexo. O lugar está ficando sujo e desorganizado. Atualmente, dezesseis pessoas moram aqui. Estou dividindo as tarefas em oito categorias e precisarei de voluntários para cada grupo. Vamos chamá-los de departamentos, para maior clareza. Levantem a mão se quiserem se voluntariar para um departamento."

Geralmente, nas temporadas passadas, cada um se virava sozinho, ajudando como podia, embora inevitavelmente alguns se esforçassem mais do que outros. Apesar de não gostar da ideia de ter uma tarefa designada (não tínhamos vindo para cá para dar um tempo de tudo isso?), eu me sentia um pouco orgulhoso de quão organizados e competentes todos nós devíamos parecer. Pensei nos participantes de cinco anos atrás, que a mídia apelidou de Os Sete Desleixados. Quando chegaram, eram moderadamente desorganizados, mas pioraram progressivamente à medida que brigavam entre si. Então, restaram apenas sete moradores, mas nenhum deles parecia gostar dos outros e, numa demonstração impressionante de agressividade passiva mútua, todos pararam de limpar completamente para tentar expulsar uns aos outros. Viviam em meio à sujeira genuína — vasos sanitários transbordando, larvas nas bancadas, ratos nas camas — até que um dia decidiram coletivamente ir embora em vez de consertar a bagunça que haviam feito.

Quando o próximo grupo de participantes chegou e viu o lugar, chorou. Dois deles foram embora imediatamente. Foi muito divertido.

Não sei se os outros também estavam pensando nos Sete Desleixados, ou se simplesmente concordaram com a estrutura familiar da indústria, mas ninguém protestou contra os departamentos propostos por Andrew. Enquanto Andrew falava, Tom ficou quieto ao lado dele, interrompendo uma ou duas vezes quando Andrew se perdia na tarefa de cada um, e eu suspeitei que Tom provavelmente fosse o responsável pela ideia da divisão do trabalho. Fiquei pensando se, caso tivesse sido Tom quem propôs a ideia, com seu jeito estoico e sério, teríamos questionado; Andrew apresentou a ideia com tanto entusiasmo e confiança que parecia que estávamos todos colaborando em um projeto divertido, em vez de recebermos ordens para realizar trabalho braçal.

Os departamentos eram os seguintes: Organização e Conservação de Alimentos: Vanessa e Sarah; Preparo de Alimentos: Candice e Carlos; Limpeza (Cozinha e Sala de Estar): Becca e eu; Limpeza (Banheiro e Quarto: Mia e Seb; Gestores de Tarefas Comunitárias e Distribuição de Recompensas: Tom e Andrew; Manutenção do Jardim e da Piscina: Ryan e Marcus; Segurança e Bem-Estar: Susie e Evan; Reparos e Construção: Jacintha e Sam.

Os papéis de Andrew e Tom os colocaram em posição de liderança, uma decisão que ninguém questionou. Na época, fazia sentido para mim: Andrew apresentou argumentos convincentes e Tom tinha a seriedade necessária para parecer que sabia o que estava fazendo. Achei que Candice pareceu um pouco incomodada, e a verdade é que, se eu tivesse que votar em alguém para liderar as operações no complexo, teria sido ela. Mas ela não se ofereceu para o cargo, então fiquei quieto.

Com as responsabilidades assim divididas, nossa casa se tornou infinitamente mais habitável. Eu realmente não tinha percebido o quão deteriorada a casa estava ficando até começarmos a viver de forma estruturada. Isso significava que não tínhamos tanto tempo livre, mas Tom e Andrew organizaram um cronograma para que sempre, sem falta, concluíssemos no mínimo cinco Tarefas Comunitárias, com o objetivo de concluir sete se o tempo permitisse. Eles abraçaram seus novos papéis com um zelo dedicado que encorajou o resto de nós a levar nossas próprias responsabilidades a sério. Se eu estivesse na cozinha e alguém estivesse lá, eu sempre tentava ter uma esponja à mão para parecer ocupada.

Andrew era infinitamente entusiasmado e gostava de dar discursos motivacionais antes das tarefas. "Pensem em tudo o que podemos realizar", ele gostava de dizer, gesticulando ao redor. Mesmo quando não estava organizando uma tarefa, ele estava sempre "ligado", caminhando pelo terreno, checando se todos estavam bem. "Está tudo bem com vocês?", eu o ouvia perguntar com frequência, sua voz animada ecoando pelo local. "Se divertindo? Sim? Ótimo." Era fácil gostar dele. Havia nele um jeito infantil; junto com seu desejo sincero de ajudar os outros, vinha seu amor por jogos, piadas e diversão em geral. Havia uma parte do seu charme que às vezes beirava o ridículo, mas na maioria das vezes optávamos por ignorá-la para manter a paz. Certa noite, durante o jantar, ele disse que as batatas ficavam muito mais expressivas com manteiga. Não tenho certeza do que exatamente ele quis dizer, mas as pessoas sentadas ao lado dele assentiram, e eu também. A palavra não era a certa, mas não havia motivo para corrigi-lo quando todos sabíamos o que ele queria dizer. Batatas eram melhores com manteiga.

Tom, por outro lado, era mais prático e não gostava de conversa fiada. Na verdade, Tom não gostava da maioria dos tipos de conversa. Mas ele era mais confiável do que Andrew: se você pedisse ajuda ou conselho a Andrew, ele frequentemente falava muito sobre o que poderia ser feito e depois se distraía no meio do caminho para resolver o problema. Andrew deixava você motivado, mas sem ter avançado mais em relação ao que você queria alcançar. Tom geralmente tentava resolver o problema na hora e, se não conseguisse, delegava a tarefa a outra pessoa. Ele era bom nisso: as pessoas geralmente gostavam quando Tom ia até elas e pedia ajuda. Ele frequentemente recorria a Jacintha, que tinha um raciocínio rápido e era capaz de fazer qualquer coisa. Sam tinha habilidades semelhantes às de Jacintha, mas Tom raramente o procurava para pedir ajuda.

Tom só me delegava tarefas ocasionalmente. Eu não me importava. Não queria mais trabalho para fazer.

No primeiro dia após a reunião, tomamos um café da manhã com bananas e café e concluímos nossa primeira tarefa de forma rápida e tranquila: em troca de uma estante, tínhamos que trocar de roupa com alguém do sexo oposto. Como o Ryan era bem maior do que eu, troquei com o Seb, que, com cara de poucos amigos, ficou com minha calça legging e camiseta e me deu o short e a camiseta dele. As estantes tinham um tamanho razoável, e o Andrew e o Tom decidiram colocá-las no corredor, perto da entrada. Algumas pessoas colocaram seus sapatos na prateleira de baixo, e outras colocaram protetor solar, chapéus e aloe vera nas outras prateleiras. Isso deu à nossa entrada um ar aconchegante, mesmo que a ausência da porta tenha prejudicado um pouco o efeito geral.

Em seguida, fomos instruídos a elogiar cada morador do condomínio em troca de uma rede para limpar a piscina. Fomos colocados em uma linha de montagem, os meninos parados e as meninas se movendo para a direita a cada vez. Eu me movia, dando e recebendo elogios sem pensar muito, ansiosa para chegar a vez de Ryan.

“Você tem um cabelo lindo”, disse Ryan quando cheguei até ele.

Eu já tinha o elogio pronto para ele. "Você tem o melhor corpo de todos aqui", eu disse.

Ele sorriu amplamente, parecendo mais satisfeito do que eu jamais o vira. "Eu malho", disse ele modestamente, como se fosse algo que eu não soubesse, como se eu não o visse levantando pesos por horas a fio e fazendo flexões antes de ir para a cama.

Jacintha me cutucou, e eu passei para a próxima pessoa. Eu não estava ansiosa para elogiar o Sam. Eu o tinha visto naquela manhã, a caminho do café da manhã, e lhe dei um daqueles meus sorrisos ensaiados de atendimento ao cliente, mas ele nem olhou para mim. Eu não gostei de como as coisas terminaram.

Quando recebi o colar do meu sorteio depois da nossa conversa, a princípio me senti culpada. Mas quando verifiquei a marca, vi que era Dorian, uma marca de luxo que todos conheciam e admiravam. Os prêmios já estavam se tornando valiosos e valiam o risco. "Muito obrigada, Dorian, por este lindo colar", disse para a câmera. "É perfeito. Posso usá-lo com qualquer roupa." Senti que minha voz soou um pouco formal, então mostrei o colar para as meninas no camarim, fazendo questão de mencionar o nome da marca. Mia o admirou, tocando o metal frio. "Ouro de verdade", disse ela. Candice me olhou no espelho. "Boa menina", disse ela.

Decidi que faria um elogio sincero ao Sam e que assim poderíamos resolver a situação. Mas quando cheguei até ele, ele falou antes que eu pudesse terminar.

“Você tem uma pele bonita”, disse ele, com uma voz tão plana e vazia que anulou completamente o significado das palavras. E que tipo de elogio era esse, afinal? Imediatamente, minha boa vontade me abandonou. Fiquei parada ali por tanto tempo que Jacintha teve que me cutucar de novo.

"Não consegue pensar em nada?", disse Sam, impassível. O elogio que eu havia preparado para ele era que eu gostava que ele resolvesse as coisas sem que ninguém precisasse pedir. Andrew gostava de anunciar em voz alta que ia começar a trabalhar sempre que recebia uma tarefa, e Jacintha às vezes reclamava que sempre ficava com as tarefas mais banais. Sam geralmente resolvia o problema antes que alguém percebesse. Mas eu me senti irracionalmente diminuída pelo fato de ele ter me feito um elogio tão superficial. Eu esperava isso de Ryan, porque sabia que ele gostava de mim principalmente pela minha beleza, e isso, para mim, estava tudo bem: minha beleza era o que eu mais valorizava também, e a única coisa em mim que eu esperava que provocasse alguma reação. Mas, por algum motivo, vindo de Sam, soou como um insulto.

"Você é alto", eu disse, e continuei andando.

Fizemos mais uma tarefa (tínhamos que revelar nossa bebida alcoólica favorita em uníssono em troca de água sanitária) e depois fizemos uma pausa para o almoço. Embora tivéssemos terminado as três Tarefas Comunitárias mais rápido do que nunca graças a Tom e Andrew, ficamos desapontados por nenhuma das recompensas envolver comida. O pão restante foi dividido em dezesseis pedaços e regado com mel. Não era ruim, mas também não era suficiente para nos satisfazer. Terminamos rapidamente, mas estávamos relutantes em retornar às tarefas. Sentamos sonolentos à sombra até que Andrew e Tom nos chamaram para o jardim da frente.

“Muito bem, pessoal”, disse Andrew. “Mais duas tarefas e depois podemos fazer uma pausa.”

“Duas tarefas e terminamos, certo?” perguntou Sarah.

“É isso que eu gostaria, com certeza”, disse Andrew. “Mas precisamos conseguir comida.”

Para a nossa próxima tarefa, recebemos um rolo de fita adesiva em troca de revelarmos os nomes dos nossos avós. Para a nossa quinta tarefa, recebemos um travesseiro extra para cada um de nós, em troca de subirmos no telhado da casa. Essa tarefa demorou um pouco, e Andrew e Tom nos deixaram olhar para as nossas telinhas enquanto eles organizavam a parte de subirmos até lá.

Minha tarefa pessoal era dançar na frente de pelo menos uma outra pessoa em troca de um par de sapatos. Refleti sobre a tarefa e o que eles queriam que eu fizesse: o que os telespectadores ou produtores queriam ver. Talvez quisessem algo sexual, uma dança para Ryan, talvez, ou algo para chamar a atenção dos outros rapazes, algo para me marcar como uma presença provocativa no complexo. Ou era igualmente possível que estivessem tentando me apresentar como uma figura cômica, e que os telespectadores rissem de mim, dançando por um par de sapatos como um bobo da corte na corte de um rei. Pela primeira vez desde que cheguei lá, considerei a possibilidade de não cumprir a tarefa.

Finalmente, ficou combinado que os meninos subiriam nas cadeiras da sala de jantar e, de lá, nos içariam. Já haveria uma pessoa no telhado, que nos puxaria uma de cada vez, se necessário. Tom assumiria essa função; ele era de longe o morador mais forte, mas não era particularmente alto. Carlos, o mais alto, ajudou Tom a subir no telhado, juntando os dedos

como um degrau. Ele grunhiu quando Tom pisou em suas mãos, e parecia que seria demais para ele — mas Sam interveio e ajudou a empurrar Tom para cima. Carlos então levantou Becca do chão — ela era tão pequena que até eu conseguiria carregá-la — e Em vez de estender os dedos em forma de espiral, ele simplesmente a ergueu em direção a Tom, que se inclinou do telhado e a pegou no colo como se fosse uma boneca de pano. Se alguém mais percebeu o quão desconfortável Becca estava nos braços de Tom, ninguém comentou.

Fomos todos, um de cada vez, primeiro as meninas, depois os meninos, até que só restou o Evan. No início, fiquei em dúvida se tinha sido uma boa ideia, mas o Evan era ágil e desengonçado, e saltou da cadeira para os braços de Carlos e Tom.

Assim que chegamos lá em cima, nos acomodamos o melhor que pudemos e contemplamos a vista. Era linda, à sua maneira. Além do complexo, estendiam-se vastas planícies desérticas, mas muito, muito além, havia uma profusão de vegetação, árvores e arbustos. Achei que havia alguma planta vermelha crescendo ali e comentei, mas Carlos, que estava sentado ao meu lado, olhou para mim confuso e disse: "São queimadas".

“Ah”, eu disse.

“É o calor”, disse ele. “Eles podem estar queimando há horas, ou até mesmo dias. Mas não vão chegar até nós.”

Ficamos lá em cima mais tempo do que devíamos, nossas vozes se sobrepondo, conversando sobre nada em particular. Agora era mais fácil falar sem revelar informações pessoais. Isso limitava a conversa, mas se você simplesmente esvaziasse a mente e dissesse o que viesse à cabeça, era agradável à sua maneira.

Em certo momento, Vanessa e Sarah desceram e empilharam as cadeiras da sala de jantar, formando uma escada improvisada. Trouxeram o chocolate que estávamos guardando e o dividiram entre nós com expressões benevolentes, como freiras dando bênçãos. Eu já havia comido aquela mesma marca de chocolate milhares de vezes, mas o sabor estava melhor do que eu jamais me lembrava.

O sol estava se pondo, e também estava como eu nunca tinha visto antes: um céu fantástico, de um roxo empoeirado, com toques de laranja vibrante, tudo se comprimindo contra aquela planície infinita. Havia montanhas ao sudeste, banhadas por um intenso brilho índigo.

Candice e Carlos desceram correndo e trouxeram nosso jantar também: uma seleção de batatas, preparadas de todas as maneiras possíveis. Havia sal e manteiga, e algumas pessoas colocaram mel por cima, embora eu não tenha experimentado. Sentados juntos no telhado estavam os Foi o melhor momento que tivemos desde que chegamos ao complexo, acho que porque estávamos em um lugar familiar, mas diferente: já tínhamos explorado tudo dentro do perímetro, e havia uma novidade em estar no telhado que era, de uma forma pequena e essencial, inebriante.

Foi mais fácil descer do telhado, mas os meninos fizeram questão de nos deixar lá, um por um. Estava escuro e ainda estávamos de ótimo humor. Ryan estava com o braço em volta dos meus ombros e, do meu outro lado, Evan tagarelava no meu ouvido. Os outros caminharam em direção à casa, mas eu fui até a piscina, que agora estava azul prateada, iluminada por luzes que eu nem tinha percebido que existiam. A luz ondulava e refratava com o leve movimento da água.

“Jacintha”, chamei baixinho. Ela estava por perto, conversando com Marcus. Era óbvio que ele gostava dela pelo jeito que sorria. Carlos conversava com Evan, mas olhava

frequentemente para Marcus e Jacintha. Fiquei feliz que Marcus e Carlos estivessem brigando por ela: isso ridicularizava o fato de ela estar em sexto lugar no ranking de beleza. Jacintha tinha me dito que ia esquecer o ranking, mas eu pensava nisso o tempo todo.

Ela se aproximou e eu disse: "Dance comigo". Ela riu, mostrando os dentes brancos, e me abraçou. Me movi sem qualquer insegurança, sem pensar. Eu era um bom dançarino, e sabia disso. Girei-a no ar e nós duas rimos, dançando sem inibição. Depois de um minuto ou dois, paramos de rir e ficamos sérias, nossa dança ficando mais selvagem, nossos membros se agitando no ar. Ela segurou minhas mãos e eu segurei as dela, e giramos uma à outra, e eu sabia que se uma de nós soltasse de repente, a outra cairia na piscina; mas eu sabia, com uma certeza que era como bálsamo para uma queimadura, que nenhuma de nós faria isso.

Quando diminuímos a velocidade, nos encostamos um no outro, ofegantes. Eu me sentia tonta e zonza, com a mente deliciosamente vazia: havia esquecido onde estávamos, o que acontecia ao nosso redor e além de nós; havia esquecido, até mesmo, que tudo aquilo era para uma tarefa. Senti um movimento atrás de mim e ouvi uma voz gritar: "Não olhe!"

É claro que me virei, assim como Jacintha, e vi Susie a poucos metros de distância, agachada, com a saia levantada. "Não olhe para mim", ela lamentou.

Estava frio, como sempre fazia à noite no deserto, e havia vapor subindo de baixo dela. Susie estava defecando no concreto. Eu sabia que devia ser para uma Tarefa Pessoal, mas isso não tornava a situação mais fácil de ver.

Antes de irmos para a cama, conferimos a tela pela última vez. Estava escrito:

Tarefa: Expulsar uma pessoa do complexo.

Recompensa: Massa

Todas nós concordamos, sem exceção, que não iríamos concluir a tarefa. Estávamos envoltas em uma atmosfera acolhedora e amigável, e quando fomos para o quarto, nenhuma de nós dormiu. Em vez disso, ficamos acordadas por horas, sentadas nas camas umas das outras, rindo alto de cada piada, trocando olhares sedutores e sorrisos amigáveis. Algumas meninas fizeram guerra de travesseiros, e alguns meninos brincaram de luta. Jacintha e eu os observávamos com carinho, enquanto Candice trançava meu cabelo do jeito que eu gostava. Eu ainda não tinha certeza se Candice me escolheu entre as outras meninas por eu ser uma concorrente, ou porque ela realmente gostava de mim. Naquela noite, eu me senti disposta a ser generosa e gentil com todas, e quando Candice disse a Jacintha e a mim que estava feliz por ter encontrado amigas como nós, eu acreditei nela.

Senti também uma certa satisfação por termos resistido à tentação dos produtores de banir alguém. Inúmeras vezes vi participantes do programa descartarem amigos e namorados em troca de uma recompensa, algo que facilitasse suas vidas. Naquele momento, deitada contra Jacintha, com Candice acariciando meus cabelos com delicadeza, e observando os rapazes, belos e fortes, posando para as igualmente belas moças, senti-me confiante de que jamais seríamos tão brutais e insensatas a ponto de descartar umas às outras por ganho material. Além disso, a tela grande reiniciaria pela manhã. Haveria mais oportunidades para comer amanhã.

—

QUANDO ACORDEI no dia seguinte, Sarah e Vanessa me receberam na cozinha com semblantes sérios e me entregaram uma banana e uma xícara de café. "Obrigada", eu disse. "Nunca vi vocês acordadas tão cedo antes."

“Precisávamos garantir que ninguém roubasse a comida”, disse Sarah. “Estamos aqui há horas.”

Olhei para a caixa de bananas. Talvez restassem umas duas dúzias. O pão tinha acabado. Os legumes também.

“Você não limpou a cozinha ontem à noite”, disse Sarah. “Levamos nosso trabalho a sério. Você precisa fazer o mesmo.”

"Desculpe", eu disse, imediatamente constrangido. "Eu queria. Farei isso agora."

"Chame a Becca também", disse Sarah. "Não deixe que ela se esquive do trabalho, Lily. Aqui não há espaço para preguiça."

Sarah, aparentemente, havia encontrado uma personalidade nos últimos dias. Eu a preferia como a garota de quem ninguém se lembrava muito bem.

"Está bem", eu disse. "Desculpe. Vou buscá-la agora."

“Tome seu café primeiro”, disse Vanessa.

Becca ainda dormia, assim como Sam. Eles não estavam se tocando, mas estavam deitados um de frente para o outro na cama, com a cabeça no mesmo travesseiro. Essa pequena intimidade entre eles me dava nojo. Eu não queria acordá-los, mas sabia que não podia deixar ninguém ver que não tínhamos feito nosso trabalho. Todos tinham trabalhado tão bem ontem. Eu me sentia envergonhado por ter negligenciado nossas obrigações.

"Becca", sussurrei, tocando seu ombro. Ela abriu os olhos.

"Lírio?"

“Precisamos limpar a cozinha”, eu disse. “Esquecemos de fazer isso ontem à noite.”

Ela se espreguiçou como um gatinho, e eu fiquei tentado a deixá-la dormir e fazer eu mesmo, mas ela disse: "Tudo bem", e tirou as pernas da cama.

"Becca?" perguntou Sam, ainda de olhos fechados.

“Volta a dormir”, ela sussurrou. Pegou um moletom aos pés da cama e o vestiu. Ela era uma das poucas garotas no complexo que se mostrava abertamente insegura com o próprio corpo. Claro, todas nós detestávamos nossa aparência de alguma forma, mas a maioria de nós era melhor em disfarçar.

Limpamos em silêncio, como sempre fazíamos. Achei reconfortante; Becca, ao que parecia, não gostava da conversa fiada à qual todos tínhamos adquirido afeição. Achei que havia algo revigorante em seu silêncio. Assim que terminamos, Vanessa e Sarah apareceram novamente e trouxeram um café e uma banana para Becca. Conversamos um pouco, sentadas nos balcões ou encostadas na geladeira. Foi a vez em que vi Vanessa e Sarah mais abertas e falantes. Ter um propósito claramente lhes fazia bem.

Andrew saiu da cama com os cabelos despenteados de sono. "Quem me dera tivéssemos um relógio", disse ele. "Facilitaria muito as coisas. Nunca consigo acordar cedo sem despertador."

"Posso te acordar quando eu me levantar, se você quiser", eu disse.

"Você se importaria, Lily? Seria muito mais civilizado se eu pudesse começar o dia bem cedinho."

Claro. Sem problema.

“Obrigado.” Ele se virou para Sarah e Vanessa. “Como estão os suprimentos?”

“Não está bom”, disse Vanessa. “Temos café da manhã suficiente para todos e talvez um almoço bem leve, mas não vai sobrar nada para o jantar.” Sarah lhe entregou um café e uma banana, e ele hesitou, depois disse: “Fiquem com isso. Guardem a banana para depois e deem meu café para a Candice. Ela já vai acordar. Obrigado, pessoal. É bom acordar com o cheiro de café.” Ele sorriu para nós e seus cachos caíram sobre a testa, dando-lhe um ar de inocência. “Me sinto em casa, né?”

—

POUCO TEMPO depois, nos reunimos na sala de estar. Foi Tom quem falou, e não Andrew, com o rosto tenso e sério. Independentemente do que se pudesse dizer sobre Tom, quando ele entrava em uma sala, todos olhavam para ele. "Hoje teremos que ser implacáveis", disse ele. Ficamos em silêncio. "Precisamos realizar quantas tarefas forem necessárias para conseguir comida."

Parecia que Tom ia falar mais alguma coisa, mas Andrew o interrompeu, ansioso para dizer algo. "Nós conseguimos, pessoal", disse ele. "Vamos nos esforçar e colheremos os frutos. E olha, se tivermos que trabalhar até tarde da noite, que seja. Precisamos comer."

A primeira tarefa era que cada garoto levantasse sua colega de cama acima da cabeça. Não foi um bom começo de manhã. Evan não conseguiu, já que agora dividia a cama com Vanessa, que era curvilínea e voluptuosa. Vanessa corou enquanto ele se esforçava para levantá-la, mas era claramente culpa de Evan: "Eu não imaginava que houvesse alguma garota ali que ele conseguisse levantar, nem mesmo a Becca." Ele conseguiu depois de meia dúzia de tentativas, com os braços tremendo e Vanessa gritando para ele não a deixar cair. Quando ela voltou ao chão, Susie deu um sorriso malicioso para ela. "Um belo café da manhã?", perguntou.

Vanessa se virou para ela friamente. "Não era você ontem à noite, defecando no quintal como um animal?"

Nenhuma das meninas participou da conversa com medo de que uma briga começasse. Estávamos todas tensas; eu estava com tanta fome que me sentia capaz de explodir com qualquer uma.

A mensagem exibida na tela grande era:

Tarefa: Coreografar uma dança para a música “Uptown Girl” de Billy Joel. Todos devem cantar e dançar em uníssono.

Recompensa: Cortador de grama

Era a maior recompensa que me haviam oferecido, talvez com exceção do congelador. Eu não ligava muito — naquele momento, tudo em que eu conseguia pensar era em comida. Ao meu lado, porém, Ryan murmurou: "Isso vai tornar a manutenção do jardim muito mais eficiente."

Com urgência, Tom perguntou: "Alguém sabe a letra de 'Uptown Girl'?"

Levou muito tempo. Becca, Evan e eu sabíamos partes da letra, então ficamos sentados por provavelmente uma hora para acertar todas as palavras. Candice e Susie cuidavam da coreografia enquanto Tom andava de um lado para o outro impacientemente. Tínhamos um verso decorado, mas, sem papel para anotar, às vezes esquecíamos as palavras que

tínhamos acabado de lembrar. Finalmente, quando tínhamos algumas linhas na ponta da língua, Andrew as gritava e um grupo de pessoas as repetia várias vezes.

Candice e Susie mantiveram a coreografia simples, mas mesmo assim levamos horas. Fomos consideravelmente atrasados por alguns moradores, principalmente Marcus, Seb e Jacintha. Jacintha era particularmente desajeitada, e eu percebia que ela estava ficando frustrada consigo mesma, balançando a cabeça em sinal de irritação quando errava os movimentos. Tentei apoiá-la, mas ela estava surpreendentemente mal.

No meio da música, Sarah parou e disse: "Não há uma mudança de tom nesta canção?"

Tom parecia que ia quebrar o pescoço de alguém.

“Essa é só a capa do Westlife”, eu disse.

"Tem certeza, Lily?", perguntou Tom.

"Positivo."

Finalmente, terminamos. Qualquer euforia que sentíamos no início da tarefa havia desaparecido. Todo o prazer que tínhamos sentido com a música e a dança também. A tarefa evaporou depois da décima tentativa frustrada. Quando finalmente conseguimos realizar a rotina em uníssono, estávamos cansados e irritados. Os meninos correram para a área de entrega para ver o cortador de grama, enquanto as meninas foram para a piscina. Jacintha e eu sentamos debaixo de uma árvore, longe dos outros.

"Eu sou a dançarina mais patética", disse Jacintha. "Droga. Eu estraguei tudo."

"Acabou", eu disse.

“Mas as pessoas vão se lembrar do quanto eu atrasei o processo na próxima vez que votarmos para banir alguém.”

Era verdade que as pessoas provavelmente estavam procurando motivos para banir alguém agora que a comida estava tão escassa. Mas eu sabia que ninguém baniria Jacintha: pelo menos, não ainda. "Isso não é verdade. Você é do departamento de Reparos e Construção. Esse é, tipo, o mais importante, tirando o departamento do Tom e do Andrew. Eu só lavo a louça", eu disse, dando de ombros.

"Reparos e Construção", repetiu ela, com um gesto irritado do queixo. "Eu nem sequer fiz uma porta decente para nós ainda."

Fomos interrompidos por gritos de alegria vindos da lateral da casa. Todos nos viramos para olhar. Ryan apareceu na esquina, pilotando o cortador de grama. Apesar de mim, fiquei impressionado. Era enorme, estranhamente elegante e de um vermelho brilhante. Andrew estava na carroceria, em pé, com os braços abertos, gritando de felicidade. Rimos com carinho deles, como mães observando seus filhos no parquinho.

Candice disse: “Meninas, o mérito é todo nosso. Fizemos um show incrível.” Susie, parada na beira da piscina, riu alegremente e pulou na água, gritando: “Bomba!” A água espirrou em nós, as outras meninas, e reclamamos, mas aí os meninos também pularam de bomba na piscina. Depois de alguma insistência da parte deles, nós nos juntamos a eles. Era mais fácil simplesmente ceder. Marcus, que tinha sido quase tão ruim quanto Jacintha na coreografia, a pegou nos braços, girando-a. Ela resistiu no começo, mas depois relaxou, rindo e jogando os braços em volta dos ombros dele. Os dois balançavam na água, ele a mergulhando de forma que a parte de trás da cabeça dela tocasse a superfície, mas sem nunca submergir completamente.

—

DEPOIS DE MAIS DOIS DESAFIOS (nomear quinze capitais — uma lata de tinta branca; revelar em quem votamos na última eleição — bonés de beisebol para todos), estávamos exaustos e famintos. Tínhamos comido quase toda a comida. Ainda restavam uma ou duas bananas, mas já estávamos todos fartos delas.

“Eu sei que todo mundo está cansado disso, mas pensem bem”, disse Candice. “As bananas foram a primeira recompensa alimentar que recebemos. E devemos ter recebido umas duzentas. A próxima recompensa alimentar que recebermos vai durar bastante tempo.”

Andrew se culpava por não ter nos feito cumprir a tarefa da noite passada em troca de macarrão. Ele suspirou bastante e resmungou para si mesmo, andando de um lado para o outro na sala de estar, depois sentou-se em frente à tela por um tempo. Finalmente, deu um tapa nas pernas e se levantou, gritando: "Vamos de novo, pessoal! Estou confiante para a próxima tarefa. Estamos mesmo com a casca de algo aqui!"

Ninguém estava particularmente animado para fazer a próxima tarefa. Era por outra recompensa idiota: uma tesoura de poda. Só a Jacintha topou. "Posso usar para aparar a cerca viva", disse ela. Lancei-lhe um olhar, mas, pensando nela, disse: "Vamos fazer rapidinho e acabar logo com isso". Felizmente, era uma tarefa que não exigia esforço físico: bastava revelarmos nossas fobias. Levamos dois minutos para concluir, mas quando voltamos para a tela, ela ainda não tinha mudado de cor.

"Será que esquecemos de alguém?", perguntou Mia. Ficamos pensando nisso por um tempo. Nos perguntamos se não tínhamos falado alto o suficiente. Lemos as instruções novamente: *Todos devem revelar sua fobia.*

Tom franziu a testa, confuso. "Vamos fazer de novo", disse ele. "Todos falem claramente."

Minha fobia era ser enterrado vivo. A de Ryan era cobras, e a de Jacintha era medo de buracos pequenos. Depois que todos nós falamos novamente, a tela ainda não tinha ficado verde.

“É óbvio, não é?” disse Candice. “Alguém está mentindo.”

Houve um silêncio, durante o qual todos nos entreolhamos. Eu comecei. Sentir-me nervoso. Será que a minha fobia era mesmo ser enterrado vivo? Será que eu tinha um medo maior? Depois de alguns instantes, decidi que tinha dito a verdade.

“Mais uma vez”, disse Andrew. “Pessoal, não precisam ficar constrangidos. Somos uma família aqui.”

Todos repetiram seu medo pela terceira vez, enquanto ouviam atentamente para identificar o mentiroso. Era Marcus: seu medo não eram aranhas, como ele havia dito, mas o vazio frio e escuro do espaço sideral. Ele olhava fixamente para frente enquanto falava, e ninguém disse nada, mas eu vi Jacintha sorrir suavemente para si mesma, como se estivesse encantada com sua confissão. A tela grande acendeu em verde e a nova tarefa apareceu:

Tarefa: Cuspa na boca do seu parceiro(a) de cama.

Recompensa: Espreguiçadeiras

Ouviu-se um coro de gemidos de desgosto e exclamações de discordância.

“Eles sabem que estamos desesperados”, disse Carlos.

"A gente devia esperar até de manhã", disse Seb. "Que nojo, cara."

Achei que Tom parecia inclinado a concordar, mas Andrew estava claramente dividido. Esperar até de manhã significava mais uma noite sem comida. "Eles não vão nos deixar morrer", disse ele com certeza. "Mas... suponho que nos ofereceram comida ontem à noite e não aceitamos. Não, eles não vão nos deixar morrer, obviamente, mas certamente poderíamos ficar muito desconfortáveis." Observamos ele, e ele suspirou e disse: "Vamos fazer uma pausa, de qualquer forma."

Candice disse: “Todo mundo, não se esqueça de beber um copo d'água. Ainda tem umas bananas.” Quando terminamos de beber água, as bananas já tinham acabado. Ryan conseguiu uma para mim. Senti um pouco de ânsia de vômito com o cheiro, mas comi mesmo assim. Nós dois ficamos sentados na grama, com uma brisa suave acariciando o verde. Suspirei. Ryan passou a mão pela grama, que tinha uns cinco centímetros de comprimento, já não estava mais amarelada. Agora era um verde mais suave. Ryan estava regando, e isso, somado ao trabalho dos aspersores, tinha melhorado a grama em poucos dias. “Vou cortar amanhã”, disse ele, satisfeito. “A gente fica sempre sentado na grama. Seria bom ter espreguiçadeiras.”

Olhei para ele. "Você não está falando sério. Você cuspiria na minha boca? Você me deixaria cuspir na sua boca?"

“Se fosse você, com certeza.”

"Você é repugnante", eu disse, mas a declaração dele me agradou.

“Venha cá”, disse ele, sorrindo para mim.

“Não”, eu disse.

“Vem cá”, ele disse novamente. Dei um passo à frente. Ele me beijou suavemente, profundamente, acariciando meu queixo com uma mão e minhas costelas com a outra. Sua língua deslizou entre meus lábios e a minha fez o mesmo. Foi um beijo bom, mas percebi que não conseguia relaxar completamente. Ficava pensando em como eu estava, imaginando de que ângulo a câmera estava capturando nosso momento romântico.

“Agora”, disse ele. “Foi tão ruim assim?”

“Não é a mesma coisa. Você não… sabe. Cuspiu.”

“É a mesma coisa, querida.” Ele sorriu para mim, com os olhos brilhando. “Aposto que você também é conservadora na cama.” Ele acariciou meu pescoço, agora com um pouco mais de firmeza, ao longo da minha garganta.

Recuei um pouco. "Você não gostaria de saber?", perguntei. Talvez eu o conhecesse há pouco tempo, mas já tínhamos compartilhado a cama e outras centenas de intimidades. Era comum as pessoas fazerem sexo no complexo. As câmeras não podiam mostrar o ato em si legalmente, embora dessem uma boa ideia do que acontecia. Quando assistia ao programa, sempre dizia para mim mesma que jamais faria sexo para o mundo inteiro ver. Mas agora, vivendo aquilo, a sensação era diferente. Eu já não tinha certeza do que faria ou não faria.

"Vou pegar outro copo d'água", eu disse. "Já volto."

Ele se deitou na grama, relaxou e me observou partir.

Na cozinha, vi Sam e não lhe disse nada. Não podia negar que estava ciente de sua presença, mas estava determinada a não demonstrar. Jacintha entrou com sua tesoura de poda. Estava satisfeita com ela e a virava de um lado para o outro, fazendo-a brilhar sob a luz. Sam se serviu de um copo d'água e se encostou no balcão. Eu também me servi de um copo d'água e fiquei ao lado dele. Queria que ele fosse embora; eu não seria a primeira a

sair da cozinha. Ele não teve a gentileza de sair da frente. Bebi minha água na pia, deixando que ele ouvisse meus goles. Soltei um suspiro alto ao terminar, só para irritá-lo.

"Sam", disse Jacintha, "se eu cortar arame farpado suficiente, posso fazer uma armadilha."

Sam pensou por um instante. "Quem é o responsável pela manutenção da piscina?" Não gostei de como isso soou, como se a única função deles fosse limpar a piscina. Ryan estava comprometido com os trabalhos no jardim, agora que tinha o cortador de grama.

“Ryan e Marcus.”

Ele assentiu com a cabeça. "Jacintha, pegue o arame farpado." Ele se virou para mim. "Diga ao Ryan que precisamos da rede de limpeza de piscina dele. Encontre-me no lago em alguns minutos."

“Ele é da manutenção de piscinas e áreas externas”, eu disse.

—

NAQUELA NOITE, JANTAMOS pato.

Depois que Sam pegou o primeiro, os outros patos pareceram pressentir seu destino e começaram a fugir, mas Jacintha e Ryan os alcançaram e os prenderam na enorme rede da piscina. Eles grasnaram e resistiram com uma força surpreendente, mas Sam pegou o arame farpado e o enrolou na rede. Os patos não pararam de se debater, mas já não batiam as asas com o mesmo entusiasmo.

Tirar os patos da rede um por um foi difícil, e eu ajudei o Sam segurando suas asas enquanto ele segurava seus bicos e pescoços. Assim que ele tinha uma boa pegada, dava um puxão forte e o pato morria. Observei, fascinado, cada pato passar de se contorcer e bater as asas a ficar mole em suas mãos em questão de segundos. Éramos metódicos — eu tentando ao máximo contê-los e o Sam quebrando seus pescoços, um de cada vez — e quando cada ave estava morta, eu a colocava cuidadosamente em um saco de lixo, como se ela pudesse voltar à vida e voar de volta.

Jacintha e Ryan lutaram o tempo todo: quanto mais patos morriam, mais violentos os outros ficavam, rasgando as asas contra o arame farpado. Uma ou duas vezes um pato voou para fora, e Ryan teve que agarrá-lo, e inevitavelmente era mordido, bicado ou atingido no rosto, pois, embora as aves não fossem particularmente inteligentes, sabiam como causar alvoroço. Cada vez, Sam o tomava calmamente de suas mãos e quebrava seu pescoço antes que tivesse tempo de escapar novamente. Havia algo em Sam naqueles momentos. Por alguns instantes, não que eu admirasse o fato de ele matar criaturas inocentes, mas eu estava fascinada pela maneira fácil e fria com que o fazia, antes de me entregar as carcaças com tanta delicadeza. Eu me peguei o examinando atentamente, observando o jeito como ele torcia os lábios enquanto movia o pulso rapidamente. Eu não conseguia desviar o olhar. Ryan era como se não existisse para mim.

Lembrei-me de que, alguns dias ou semanas antes, eu havia me impedido de considerar a possível participação dos garotos nas guerras. Pensei nisso novamente enquanto observava a maneira rápida, limpa e fria com que Sam matou os patos. Mas isso não me repeliu; tornou-o mais real. Por um instante, deixei de pensar em Sam apenas como um participante de um programa de televisão, no qual ele estava suspenso em algum lugar

entre a realidade e um experimento social, e pensei nele plenamente, verdadeiramente, como um homem diante de mim, impressionante, atraente, inteligente — alguém de quem percebi que gostava muito.

Ninguém tinha qualquer objeção em comer os patos: apenas opiniões sobre a melhor maneira de os desossar e cozinhar. Até Mia ficou calada. Alguns dos rapazes tinham ideias e expressaram-nas em voz alta, mas Candice levantou a mão e disse: "Eu e o Carlos somos os responsáveis pela preparação dos alimentos. Nós tratamos disso." Ela prendeu o cabelo num rabo de cavalo comprido e elegante e pediu a Jacintha que fosse buscar a tesoura de poda.

—

ESTAVA SURPREENDENTEMENTE saboroso. Comemos com uma satisfação intensa: não estávamos à mercê de ninguém — podíamos nos virar sozinhos. Sentamos na área de jantar ao ar livre e arrumamos as cadeiras em círculo. Conversamos pouco, comendo o mais rápido possível enquanto olhávamos ao redor, como se de repente enxergássemos todas as possibilidades do local. O que mais poderíamos comer? Jacintha comentou que outrora houvera um pomar, mas que os antigos moradores o haviam devastado. Levaria algum tempo para restaurá-lo, mas era possível.

Lambemos os dedos e colocamos as mãos na barriga: não estávamos exatamente cheios, mas transbordávamos de prazer. A maioria de nós tinha ajudado de alguma forma. Candice e Carlos depenaram, evisceraram, lavaram e cozinharam os patos, e Vanessa e Sarah juntaram a gordura para guardar num frasco, que agora era a única coisa na nossa geladeira. Eles congelaram. Também havia um pouco da carne de pato, e embora tivéssemos comido cada pedaço com prazer naquela noite, entendemos o propósito. Susie, que eu imaginava ser sensível a essas coisas, me surpreendeu ao pegar as penas de pato e limpá-las com meticulosa precisão. Depois que comemos, ela percorreu a roda e presenteou cada um com uma única pena imaculada, sorrindo timidamente, como se pudéssemos recusá-la.

SEIS

A SATISFAÇÃO DO NOSSO JANTAR

A noite anterior evaporou-se na manhã em que acordamos, famintos mais uma vez. Fui acordar Andrew, como ele havia pedido, mas quando me inclinei sobre ele e disse seu nome, ele acordou sobressaltado e olhou para mim horrorizado. Olhou para mim com os olhos arregalados, como se eu fosse uma estranha. "Você me pediu para te acordar", eu disse.

Ele esfregou o rosto. "Claro. Obrigado, Lily. Você é mais confiável do que qualquer despertador." Ele olhou ao redor do quarto. "Você já viu a TV?" Assenti. "Sem comida?"

“Não”, eu disse.

Ele assentiu com um ar cansado. Eu podia vê-lo pensando. "Talvez devêssemos acordar os outros", disse ele. Olhou para Candice, que continuava dormindo, com os cabelos espalhados ao redor do corpo e a boca entreaberta. Ela era linda dormindo, o rosto viçoso e os lábios como pétalas de rosa. Enquanto Andrew a observava, vi sua expressão suavizar. "Talvez só mais alguns minutos", disse ele baixinho.

Para o café da manhã, Vanessa e Sarah me ofereceram apenas um café, e mesmo assim era só meia xícara. Eu estava com muita vontade de algo mais substancioso e imaginei bagels com manteiga e panquecas com bacon. Sarah e Vanessa não tiraram os olhos de mim o tempo todo em que estive na cozinha, como se eu fosse tentar atacá-las para pegar o pato que sobrou no congelador.

—

TAREFA: CADA MENINO e menina deve comer um punhado de grama.

Recompensa: Um apito

“Eles estão zombando de nós”, disse Tom.

"É cruel", disse Mia. "É simplesmente cruel."

Mas não tínhamos escolha: era a primeira tarefa do dia.

"Eu sei que é difícil", disse Andrew, "mas tenho certeza de que a próxima tarefa será a comida. Mais alguns segundos e esta tarefa estará concluída."

Sentamo-nos na relva e cada um pegou um punhado. "Verifiquem se há insetos", disse Ryan, e Susie soltou um suspiro entre lágrimas. Evan tinha saído da cama de Sarah e voltado para a cama de Susie naquela noite, e sentou-se ao lado dela, murmurando palavras de encorajamento.

Bem, nós fizemos isso, e o que mais há para dizer? Era grama. Era nojento.

Voltamos para a tela.

Tarefa: Todos os meninos e meninas devem participar de uma corrida de três pernas.

Recompensa: Unhas

Nesse momento, Mia explodiu. "Cansei dessa merda", disse ela. "Que absurdo! Estamos *morrendo de fome.* Um apito? Prego? Isso não é brincadeira. É a nossa vida!"

Ela se afastou, e alguns dos outros foram atrás dela. Eu estava cansado demais para ir atrás. Deitei no sofá e senti o veludo pressionando minhas pernas. Andrew ainda estava olhando fixamente para a tela. "Não entendo", disse ele. "Pensei que a essa altura eles já teriam nos oferecido comida. Talvez não tenhamos feito um bom trabalho? Talvez tenhamos feito algo para desagradá-los." Tom saiu para ver se havia algo para comermos nos arredores do complexo. Andrew continuou andando de um lado para o outro em frente à tela grande.

—

A ÁREA DE ENTREGA e a lixeira ficavam lado a lado; ambas funcionavam por meio de dutos de ventilação que presumivelmente davam acesso à base da equipe de produção. A quantidade de lixo que acumulávamos em um dia era literalmente impressionante, principalmente por causa das embalagens dos nossos produtos. Como eu e a Becca éramos responsáveis pela manutenção da cozinha, levávamos as lixeiras para fora e, geralmente, tínhamos que ir até a lixeira cinco ou seis vezes por dia.

Eu estava saindo com um saco de lixo, meus braços doendo quase assim que saí de casa, quando ouvi as vozes dos meninos. Hesitei antes de virar a esquina. Consegui distinguir o sotaque arrastado de Seb e a voz calma de Tom. barítono.

Seb estava dizendo: "É engraçado como elas andam por aí com roupas reveladoras o dia todo, e aí, quando vão para a cama, agem como se fossem frígidas."

Tom não disse nada, e Seb continuou: "O jeito que eles agem. Eles querem que você perceba."

“Você tem que ser um cavalheiro”, disse Tom. Ele falou de um jeito cansado, como se estivesse falando com uma criança. Ficou claro para mim que Tom não gostava de Seb. Seb, por algum motivo, parecia não entender isso.

“Claro, cara, claro. Só estou dizendo que as garotas são lindas, só isso.” Ele ficou em silêncio por um momento e depois disse: “A Susie anda passando muito tempo com você. O que você acha?”

Tom hesitou antes de responder. "Se ela estivesse na natureza, seria morta em menos de uma hora."

"Ela é uma idiota", disse Seb, animado. "São pessoas como ela que dão má fama a todos nós. As pessoas olham para ela e pensam que somos todos estúpidos. Ela e Lily. Elas só estão aqui porque são bonitas."

Tom disse: "Lily se parece com muitas outras garotas, só que melhor. O cabelo, os dentes, a pele. Algumas garotas não conseguem fazer isso muito bem, mas Lily consegue. É preciso se esforçar muito para ter essa aparência, e eu respeito isso. Respeito mesmo."

“Fiquei surpresa que o Ryan tenha escolhido ela. Achei que ele fosse escolher a Candice. Mas a Lily... ela é mais fácil de lidar. Dá para perceber só de olhar para ela.” Olhei para mim mesma. Eu estava usando um vestido de verão floral, parecido com o que muitas das outras garotas usavam todos os dias. Mesmo assim, ao ouvir as palavras dele, senti uma

onda de vergonha me invadir. Fiquei pensando se o Ryan teria pensado a mesma coisa quando me escolheu.

Seb continuou: "A Candice deveria aprender a parar de falar. Tem algo nela... ela é meio arrogante. Ela acha que é melhor que todo mundo."

“Escuta. Você não pode falar assim das meninas. Pode pensar o que quiser, mas fale baixo. Ninguém gosta de ouvir esse tipo de coisa, mesmo que elas mesmas já tenham tido esse pensamento.” Eu o ouvi se mexer, como se estivesse se levantando. “Vou ver se tem alguma planta comestível. Você é responsável pela limpeza do banheiro e do quarto com a Mia, certo? Por que não a encontra e vê se ela precisa de ajuda? Acho que a vi no banheiro mais bonito.” Eu não estava Fiquei surpresa com os comentários de Seb, mas chocada com a defesa que Tom fez de mim. Era verdade que eu me parecia muito com as outras garotas daqui: havia seis loiras, e muitos garotos frequentemente me confundiam com a Susie. Observei Tom se afastar, em direção aos fundos da casa, e Seb ficou por um tempo, arrastando os pés antes de ir embora, murmurando sobre os ralos do banheiro e sobre Mia. Embora Mia e Seb, preconceituosos e maldosos, fossem praticamente a mesma pessoa, nenhum dos dois gostava do outro.

—

JACINTHA E EU estávamos deitadas na grama, conversando sobre amenidades, tentando não pensar em comida. Era sempre fácil estar com Jacintha. Quando estava com os meninos, eu me preocupava constantemente com a minha aparência, avaliando o jeito como eles nos olhavam, calculando suas intenções, seus níveis variáveis de desejo e interesse. Com as outras meninas, eu prestava atenção em tudo o que dizia, tomando cuidado para não falar demais nem de menos; com tão poucas opções de entretenimento à nossa disposição, várias delas se ocupavam em repetir o que tinham ouvido naquele dia, e a versão recontada nem sempre correspondia à original. Com Jacintha, eu falava como queria, me sentia completamente à vontade e tinha o conforto de saber que ela se sentia da mesma forma. Conversamos sobre o calor e como gostaríamos que fizesse mais frio, depois sobre qual dos meninos achávamos que seria o pior para criar filhos, e então voltamos a falar do calor. Me espreguicei na grama, com os olhos fechados para me proteger do brilho do sol. Insetos zumbiam ao meu redor, um deles traçando um rastro lento pelo meu braço; Estava preguiçoso demais para tirar a poeira.

“Vai ser tão bom”, eu disse sonolenta, “quando estivermos entre os cinco finalistas e pudermos conversar sobre o que quisermos”. Havia várias mudanças na vida no complexo quando se chegava aos cinco finalistas. As instruções na tela grande eram para competições, e não para Tarefas Comunitárias: os prêmios eram essenciais para viver confortavelmente, mas quem perdesse era banido. A outra grande diferença era que, entre os cinco finalistas, todas as regras eram suspensas: você podia falar sobre sua vida pessoal, sobre suas Tarefas Individuais, e não havia penalidade por prejudicar outros moradores. Os produtores só intervinham se a vida de alguém estivesse em perigo. Nas duas primeiras temporadas, não houve nenhuma violência, e os moradores viveram de forma bastante pacífica. pacificamente, com apenas pequenas desavenças. Na terceira temporada, porém, uma das garotas atacou outra, quase arrancando um olho dela. Os produtores

imediatamente adicionaram a regra de que qualquer tipo de violência era proibida — mas a audiência havia disparado após aquele episódio em particular, e então, na temporada seguinte, eles ajustaram as regras para permitir conflitos controlados entre as cinco finalistas. Foi uma ótima oportunidade para resolver antigas rivalidades e outras coisas do tipo.

“Hum. E as recompensas.”

Abri os olhos e olhei para Jacintha. Uma onda de entusiasmo me invadiu, não apenas pela perspectiva das recompensas, que eram consideravelmente mais valiosas no final do programa, mas também por Jacintha admitir que também estava ansiosa por elas. Parecia até vulgar admitir o quanto aquilo me empolgava: a promessa de bens materiais, a sensação de euforia ao obter algo novo, algo melhor do que se tinha antes.

“Fico pensando nas recompensas pessoais”, eu disse. “Aquelas que você ganha no final, principalmente se vencer.”

Os olhos de Jacintha também estavam abertos agora. "Parece bom mesmo", disse ela, com leveza. "Mas acho que estou aqui principalmente para me divertir."

Mudei de assunto, não querendo parecer tão superficial. Apoiei-me no cotovelo e olhei para ela. "Parece que o Carlos gosta de você", eu disse. "Ele está sempre por perto."

"Ele é lindo", disse ela. "Só que não fala. Não consigo arrancar nada dele. De qualquer forma, continuo sem saber o que fazer."

Um grito ecoou de dentro da casa. Jacintha e eu nos levantamos, esquecendo o cansaço do meio-dia. Vinha de um dos quartos que raramente usávamos, pois era um cômodo sem mobília ou qualquer função. Na verdade, aquele quartinho triste e cinza, sem sequer um tapete no chão, me deprimia, e eu fazia questão de nunca mais entrar nele.

Naquele dia, porém, o local estava repleto de vozes alteradas, e eu meio que corri, meio que caminhei para chegar lá.

“…seu pequeno *bastardo ganancioso ”*, dizia Candice. “Seu *porco nojento. ”*

Seb estava sentado no canto da sala cinzenta, com um pote de geleia de morango na mão. O pote era enorme, daqueles que a gente comprava para se preparar para o apocalipse. Minha mãe tinha uma sala inteira cheia de potes do mesmo tamanho. com latas de comida seca. Quanto mais tempo meu pai ficava fora, mais cheias elas ficavam.

Seb também tinha outras coisas. Um pacote de amêndoas e uma caixa de donuts.

“Eu mereci”, disse ele. “É para *mim. ”*

"Desgraçado", disse Candice. " *Desgraçado.* "

O pote estava meio cheio, e havia geleia no rosto dele e na mão direita. Não havia colher nem garfo, e imaginei que ele estivesse comendo com os dedos.

"Você está se empanturrando", disse Candice, "enquanto o resto de nós está passando fome."

“Jantamos ontem à noite”, disse ele arrastando as palavras. “Na verdade, não estamos passando fome.”

"E o que você teve a ver com isso?", ela retrucou. "Você tirou os órgãos dos patos, Seb? As entranhas, os fígados e os corações? Você sujou as mãos de sangue?"

A essa altura, a maioria de nós já estava lá, assistindo. Andrew estava por perto, e eu pensei que ele pudesse estar com medo, assim como eu, de que Seb se levantasse e atacasse Candice.

"Estou farto disto", disse Seb. "Conseguimos o que queremos nas telinhas. Estamos fazendo tarefas idiotas há dias e não ganhamos um pedaço de comida. Como sabemos que eles vão nos dar comida de novo? Não temos nenhuma garantia. Mas eu reparei, sim, *reparei,* que se você fala de algo que quer, às vezes te oferecem como recompensa na telinha. Mas a tela grande? Aquilo é só para as pessoas rirem da gente. Não vê? Estão todos rindo da gente!"

Já não achava que Seb fosse se interessar por Candice, mas me perguntava, com genuína apreensão, se ela o atacaria, com ou sem regras. Mas quando ela falou, estava calma.

"Vamos realizar a Tarefa Comunitária agora", disse ela. "E faremos quantas tarefas forem necessárias até que todos possamos comer novamente."

"Não vou fazer isso", disse Seb.

"Você é", disse ela. "Você vai ser. Quem tem a corda?"

Evan saiu correndo do quarto. Esperamos em silêncio até que ele voltasse. Seb continuou a levar geleia à boca com os dedos, usando uma colher. Eu nunca tinha sentido tanto nojo de outra pessoa em toda a minha vida.

Evan voltou com a corda. Ele a colocou na mão de Candice, e Seb a encarou, embora estivesse sentado no chão. Seb era patético, mas Ele era forte e alto: não tinha medo dela. Candice não fez nenhum movimento em sua direção.

"Tom?", disse ela.

Tom deu um passo à frente e tirou a corda da mão dela. Os olhos de Seb oscilaram entre Candice e Tom, como o pêndulo de um relógio.

—

RYAN E EU ganhamos a corrida de três pernas. Ele dava passos largos com o braço em volta da minha cintura, me levantando um pouco quando eu não conseguia acompanhá-lo. Teríamos sido mais rápidos se tivéssemos comido mais. Como estávamos, eu estava sem fôlego quando cruzamos nossa linha de chegada improvisada, e minha perna estava com cãibra. Jacintha e Carlos estavam a poucos centímetros de nós, e talvez tivéssemos trocado algumas brincadeiras amistosas em outras circunstâncias, mas nenhum de nós estava com vontade. Quando cruzamos a linha de chegada, Ryan me deixou me apoiar nele, mas eu só fiquei em seus braços por alguns instantes, até sentir que conseguia ficar em pé sozinha, e então me afastei. Eu não podia negar que estava cada vez mais insegura sobre o que sentia por Ryan. Ele era lindo, mas não havia muito mais que me atraísse nele. Uma parte do meu cérebro simplesmente não conseguia entender que eu não desejaria um rapaz tão esteticamente perfeito, mas me vi acompanhando a jornada de Sam e Becca até o final, o braço dela em volta da cintura dele, pequena e esguia em comparação. Eu admirava as veias que se destacavam em seus braços, a curva atraente de seus ombros.

Vimos cada casal cruzar a linha de chegada e, finalmente, Tom e Seb, que terminaram em último lugar por uma grande margem. Seb teve dificuldades no início, e suas pernas estavam amarradas com muito mais corda do que o necessário para o resto de nós, e bem mais apertadas também. A três quartos do caminho para a linha de chegada, Seb caiu no chão, gritando. Tom não hesitou: continuou andando, lentamente, movendo a perna

esquerda, à qual a de Seb ainda estava amarrada, e arrastando o outro garoto atrás de si, embora Seb gritasse e chorasse. Sua perna estava dobrada em um ângulo estranho, e eu vi seus braços rasparem no concreto, deixando um rastro de sangue vermelho como geleia de morango.

Assim que Tom cruzou a linha de chegada, Seb caiu mancando no chão. Atrás dele, o resto de nós voltou para dentro de casa. Candice e Andrew chegaram primeiro à sala de estar, e antes que eu os alcançasse, ouvi a risada de Candice, como o toque de um sino. Eu conseguia ouvi-la enquanto me movia da cozinha para o corredor: ela ainda estava rindo quando cheguei à sala. Andrew e Candice estavam abraçados, Andrew sorrindo em seus cabelos, seus lábios pressionados contra sua testa. Achei que pareciam um casal apaixonado. " *Tarefa",* dizia a tela grande.

Expulsar um residente do condomínio

Recompensa: Carne

—

ASSIM QUE SEB SE afastou mancando pelas planícies desérticas, fomos até os fundos para pegar nossa recompensa. Havia uma caixa de carne — cordeiro, boi, vitela e carneiro. O suficiente para nos sustentar por semanas, talvez meses, dependendo de quantas pessoas decidíssemos manter no complexo.

Por ora, estávamos a salvo, mas sabíamos o que era passar fome. O medo ainda persistia, embora no almoço tenhamos comido costeletas de cordeiro até o suco escorrer pelo rosto e nossas barrigas se apertarem contra o cós da calça. Tínhamos comida agora, sim, mas sabíamos que precisávamos de mais.

Andrew usava o novo apito no pescoço, e entendemos que, quando ele o usasse, deveríamos nos encontrar na sala de estar. Em outro dia, talvez tivéssemos revirado os olhos para sua palhaçada, mas estávamos tão felizes que não reclamamos. Cumprimos nossas tarefas pelo resto do dia com zelo e dedicação, e quando nos pediram para banir outra pessoa em troca de pão, votamos rápida e tranquilamente. Antes do pôr do sol, Sarah também estava na planície desértica. Ela chorou ao ler seu nome nas pedras. "Mas a comida", disse ela. "Eu sou a Organização e Conservação de Alimentos!"

"Eu consigo", disse Vanessa para ela, também chorando. "Eu consigo."

Deu tudo certo expulsar um menino e uma menina: assim, ninguém precisou dormir sozinho. Naquela noite, cada um comeu um pedaço enorme de carne, de qualquer tipo ou corte que quiséssemos, e nos empanturramos de pão até as mandíbulas doerem. Mia fez questão de nos assegurar que seu vegetarianismo era apenas uma fase. Vanessa correu para a cozinha assim que terminou. Comemos e guardamos um pouco de pão no armário, congelando o resto junto com a carne. Ela usou um cadeado que tínhamos ganhado outro dia para trancar o freezer. Tinha sido um dia difícil, mas tínhamos nos esforçado; sabíamos que não passaríamos fome por um bom tempo e fizemos um banquete como reis.

SETE

EU NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM,

Relaxamos um pouco, passando mais tempo na piscina, jantando tranquilamente e tirando longos cochilos. Tom era o único que continuava tenso. Ao nascer do sol, ele saía para se sentar perto da entrada principal. Certa manhã, saí sorrateiramente pela porta dos fundos, dei a volta na casa e apareci silenciosamente diante dele. Ele deu um solavanco enorme na cadeira, quase caindo no chão. Nunca o tinha visto tão perturbado. Observei, impassível, enquanto ele se endireitava na cadeira.

“Bom dia”, eu disse.

“Bom dia. Fico feliz em te ver, aliás — tenho um favor a te pedir.”

Apesar de mim mesma, fiquei satisfeita. Era bom me sentir necessária. "O que posso fazer?"

"Gostaria de saber se você poderia falar com Sam."

“Sobre o quê?”

“Precisamos voltar a executar as tarefas. Ficamos complacentes desde que recebemos a entrega de comida. O Sam é o responsável pelos reparos e pela construção. As pessoas confiam nele. Se ele dissesse aos outros que precisamos voltar aos trilhos, eles levariam a sério.”

“Por que você não diz isso para ele?”

"Ele talvez desse mais atenção se viesse de você." Refleti sobre suas palavras. Não tinha certeza se ele estava me provocando, insinuando que sabia que eu gostava do Sam, ou se era simplesmente porque o Tom se sentia intimidado pelo Sam e queria que outra pessoa falasse com ele.

“Por que você não pede para o Andrew dizer isso?”

Ele recolheu um pedaço de lixo do chão. Senti um leve rubor de vergonha. A limpeza era minha responsabilidade, não dele.

“Sabe, eu e o Andrew não mandamos em nada. Todos nós temos voz ativa em como as coisas funcionam. Senão, não daria certo.” Observei-o colocar o pedaço de plástico na lixeira de reciclagem perto da entrada e depois sentar-se novamente, com os braços apoiados nos joelhos. O sol batia em seus olhos, mas ele olhou diretamente para mim. “Você se importaria de mencionar isso para o Sam, então?”

Sam e eu não éramos exatamente próximos, embora tivéssemos melhorado um pouco depois de termos matado os patos juntos. Becca era a amante de Sam: teria sido mais sensato perguntar a ela. Eu me perguntava se Tom sabia que ela o detestava.

"Vou dizer isso a ele", eu disse.

Acordei Andrew, como já era nosso costume. Ele se virou para Candice e lhe deu um beijo leve nos lábios. Ela sorriu e abriu os olhos. Becca e Sam ainda dormiam. Ryan também: ele geralmente acordava perto do meio-dia. Às vezes, tínhamos que adiar alguma tarefa até que ele acordasse, mas ninguém nunca o repreendia por isso; ninguém realmente

criticava Ryan — mesmo as garotas mais maldosas só diziam que ele era indiscutivelmente lindo. Ele dormia como uma pedra e podia tirar um cochilo a qualquer hora do dia. Fiquei pensando se ele tinha um emprego estressante e se esse período no complexo era uma rara folga, ou se ele era naturalmente tranquilo.

Minha telinha dizia:

Tarefa: Vestir as roupas de outra garota sem pedir permissão.

Recompensa: Caneca

Refleti por um instante. Uma caneca era um prêmio bastante comum a essa altura do programa. Mas, consolei-me, remexendo nas roupas das outras garotas, provavelmente seria uma caneca muito bonita.

Mia era a que tinha o tamanho mais próximo do meu, mas não me atrevi a contrariá-la, embora ela tivesse sido bastante gentil comigo ultimamente. Em vez disso, peguei um vestido do guarda-roupa de Jacintha, um lindo vestido azul midi, e dei uma voltinha em frente a todos os espelhos, rindo um pouco. Depois, calcei as sandálias dela, um pouco grandes demais, mas não tão ruins. Eu estava bonita. Eu vinha acumulando cada vez mais recompensas das Tarefas Pessoais e estava começando a me parecer com a aparência que teria em um dia normal em casa.

Mais tarde, vi Jacintha consertando um vazamento na pia do banheiro e a observei fazer uma expressão de surpresa. Mordi a bochecha, mas não disse nada. Ela franziu a testa para mim, mas então percebi algo mudar em sua expressão quando ela entendeu. que devia ser para uma tarefa pessoal. Ela não pareceu muito entusiasmada, mas me deixou passar sem dizer nada.

A caneca era inesperadamente linda: de boca larga, lilás, com nuvens prateadas pintadas ao redor. Guardei-a no armário, pensando com alegria em como as outras canecas pareciam sem graça ao lado da minha.

Todos deviam estar realizando várias Tarefas Pessoais naquele dia, pois estavam agindo de forma estranha. Encontrei Marcus na cozinha, com a mão dentro do congelador. Quando me viu, deu um sorriso forçado, mas não se mexeu. Vanessa sentou-se ao meu lado na beira da piscina e, do nada, me cumprimentou em cinco idiomas diferentes.

Agora também havia tempo para ficarmos com nossos colegas de quarto, e procurei Ryan no início da tarde, quando normalmente estaríamos fazendo as Tarefas em Grupo. Encontrei-o fazendo flexões na barra fixa que os rapazes tinham instalado sobre a porta do vestiário. Ele estava sem camisa. "Está ótimo", eu disse.

"Obrigado", disse ele, tocando o chão novamente. Pegou duas caixas enormes de proteína em pó da marca Strong Stuff e as usou para fazer rosca bíceps. Continuou assim por um longo tempo, com o rosto impassível de concentração, as caixas subindo e descendo, e eu me perguntei se ele estava tentando conseguir um patrocínio da marca.

Quando terminou, ele me puxou para o banheiro, que ainda estava sem porta, e me beijou contra a pia. Suspirei em sua boca e ele me apertou com mais força. Então, ele me levantou e me carregou para o chuveiro. Eu ri baixinho e ele beijou meu pescoço com avidez. Ele acariciou meu seio e eu estremeci. Quando ele levantou meu vestido, dei um passo para trás e disse: "Espere".

“O que foi? Você não quer?”

“Não. Quer dizer, eu gosto, mas…”

Ele parecia confuso, então me inclinei e o beijei. Ele retribuiu o beijo, profundamente. Eu via seu peito nu todos os dias na piscina, mas de perto era extraordinário. Acariciei seu abdômen e senti seus músculos se contraírem. Ele apertou minha coxa e me beijou repetidamente, sua mão subindo cada vez mais, até que eu o empurrei mais uma vez.

"Pensei que você tivesse dito que queria?"

“Sim, eu só…” A verdade é que eu teria feito isso se estivéssemos do lado de fora. Mas eu estava preocupada que ele quisesse dormir comigo por interesse pessoal. Tarefa. Acontecia muito raramente e, geralmente, o público ficava indignado, mas ainda assim acontecia. Há alguns anos, um garoto detestável chamado Brian ganhou uma mesa de bilhar por convencer uma garota que não era sua parceira sexual a fazer sexo com ele. Eles adormeceram depois, mas ele se levantou no meio da noite para montar a mesa de bilhar.

Ryan encostou a testa na minha. "Eu quero você", disse ele. Ele me queria, eu sabia disso. Eu já sabia há algum tempo. Eu também o queria, e embora eu continuasse pensando que os telespectadores deviam querer que eu ficasse com ele, ainda havia uma parte de mim que não tinha certeza. "Não tem porta", eu disse. "Qualquer um pode entrar."

Ele suspirou, beijou meu pescoço de leve e me soltou. "Você tem razão", disse ele. "Desculpe por ter pulado em cima de você daquele jeito. Você estava me deixando louco."

"Eu tenho?"

Ele gemeu. "Você está falando sério? Te ver de biquíni, dia após dia, dormir ao seu lado todas as noites. Meu Deus." Ele esfregou o rosto. "É o suficiente para enlouquecer qualquer garoto."

Saímos do banheiro, descemos as escadas e fomos em direção à cozinha. Vi Sam subir as escadas.

"Você poderia me fazer um café gelado?", perguntei a Ryan. "Quero trocar de roupa e vestir meu vestido de noite."

“Claro”, disse ele. Subi as escadas devagar, para não parecer que estava perseguindo Sam. Ele estava no banheiro, que era ótimo, colocando ganchos na parede para nossas toalhas de banho. Alguns de nós tínhamos reclamado de certos moradores que jogavam suas toalhas no chão, amassadas e úmidas. As toalhas tinham monogramas, então era fácil ver quem eram os culpados, embora isso não impedisse ninguém de fazer o mesmo. Observei Sam da porta sem fechadura, ouvindo o som cadenciado do martelo batendo no prego. Havia algo reconfortante nisso. Eu gostaria de tê-lo observado por mais tempo, mas ele olhou para cima depois de alguns instantes. Senti-me flagrada, como se tivesse presenciado algo íntimo.

“Ei”, eu disse.

"Ei." Ele colocou o martelo na borda da banheira e olhou para mim.

Eu achava que tínhamos resolvido nossas diferenças quando matamos os patos juntos. Só então me dei conta de que não era necessariamente que estivéssemos em melhores termos — apenas que tinha ficado claro para mim o quanto eu me sentia atraída por ele. Vê-lo consertar o banheiro não estava ajudando em nada.

“Construtor”, eu disse.

"O que?"

“Você era construtor antes?”

Ele sorriu para mim, seus olhos castanhos calorosos, e eu senti que as coisas estavam bem entre nós novamente.

“Você nunca tentou adivinhar qual era o meu trabalho”, eu disse.

Ele deu de ombros. "Não adianta ficar se prendendo a títulos e coisas do tipo. De qualquer forma, aqui somos todos iguais."

Fiquei pensando se ele tinha razão. Se Tom queria que Sam nos incentivasse a trabalhar, isso não estaria criando algum tipo de hierarquia?

“O Tom precisa da sua ajuda para que todos voltem ao trabalho”, eu disse.

Ele pareceu surpreso. "Ele pediu para você me perguntar?"

Assenti com a cabeça. Ele pegou uma das toalhas do chão e a pendurou em um gancho. Entreguei-lhe outra toalha, minha mão roçando brevemente na dele.

“O que você acha?”, perguntei.

“Não tenho certeza”, disse ele. “As pessoas estão chateadas com todos os banimentos. Um adiamento talvez fosse saudável. Acho que essas coisas cobram seu preço.”

“Ainda precisamos de algumas coisas”, eu disse, apontando para o espaço atrás de mim. Eu queria um xampu melhor, panos de prato, um abajur para o quarto, mais comida e mais roupas.

"Certo", suspirou ele.

Eu não sabia quem Sam tinha sido antes de vir para cá, onde morava, que emprego tinha ou que tipo de família era, mas sabia que ele era um cara impressionante. Acho que as mesmas coisas que me atraíram em Sam eram as mesmas que intimidavam Tom: ele era forte, inteligente e capaz. Mesmo sem conseguir imaginar Sam fora do complexo, eu sabia que não era o tipo de pessoa com quem ele se relacionaria fora do programa. Mas me perguntava se eu seria o tipo de pessoa com quem ele se relacionaria. Considere a possibilidade de estar aqui, mesmo que por um breve período. Eu também sabia que lá embaixo estava Ryan, que me desejava, e sabia que combinávamos — éramos exatamente o tipo de casal que eu teria formado se estivesse assistindo. Mesmo assim, eu tinha quase certeza de que o interesse de Ryan se resumia ao desejo físico que ele sentia por mim. Eu não podia culpá-lo; eu sentia o mesmo por ele.

"Você faria sexo no complexo?", perguntei.

Ele olhou para cima. "O quê?"

"Sei que alguns outros casais fazem isso. Não tenho certeza se seria uma boa ideia fazer sexo com as câmeras ligadas, mas, por outro lado, não fazemos tudo o resto com as câmeras nos observando?"

"Não sei", disse ele. "Não tinha pensado nisso." Pegou outra toalha. "Você está pensando nisso, presumo?"

"Não tenho certeza", eu disse. "Estou ponderando os prós e os contras." Eu esperava uma reação dele. Precisava saber se ele pensava em mim, se me desejava de alguma forma. Eu tinha certeza do desejo de Ryan por mim e isso me dava segurança, e até mesmo poder, às vezes. Desejar Sam, mas não saber se ele me desejava — era tão inebriante quanto irritante.

O olhar de Sam repousou sobre mim por um instante, depois desviou o olhar. "Eu não acho que você precise sacrificar nada em prol dos telespectadores, ou para garantir seu lugar. Se sacrificarmos mais do que recebermos, estaremos anulando o propósito de estarmos aqui." Ele fez uma pausa, organizando seus pensamentos. "Escute. Eu queria conversar com você. Gostaria de ter a oportunidade de me desculpar pela forma como falei com você há um tempo."

“Tudo bem”, eu disse.

“Não me senti bem com isso. Não quis dizer o que disse sobre nossas conversas serem meramente transacionais. Ou talvez quisesse, mas tudo bem. Somos obrigados a ser transacionais aqui; essa é a natureza do nosso modo de vida. Não te culpo por querer manter suas opções em aberto.”

O som de vozes alteradas subiu pelas escadas. Ficamos em silêncio e escutamos. Eram Andrew e Tom, discutindo na sala de estar. Eu sabia que era questão de tempo até que brigassem: ambos tinham personalidades fortes, mas eram opostos em quase tudo o resto.

Sam e eu descemos para ver o que estava acontecendo. Descendo as escadas, percebi que Sam estava atrás de mim. Deixei minha mão deslizar suavemente para baixo. o comprimento do corrimão, minhas unhas recém-pintadas, meus dedos longos e finos.

Tom e Andrew estavam em frente ao telão, discutindo. Tom queria fazer uma tarefa, e Andrew dizia que podia esperar. Eles não nos viram parados na porta.

Andrew assentia lentamente, com as mãos na cintura, a imagem de um supervisor compreensivo. "Olha, Tom. Eu entendo seu ponto de vista. Mas não há necessidade de apressar todo mundo. Vamos resolver isso quando tivermos tempo."

“Ainda não temos uma *porta.* ”

“Não vamos conseguir abrir uma porta com essa tarefa.” Ele apontou para a tela, que exibia a seguinte mensagem:

Tarefa: Todos os meninos e meninas devem revelar suas profissões.

Recompensa: Mesa

Depois de ler as instruções, olhei para Sam. Ele me olhou brevemente, antes de ambos desviarmos o olhar. "Vamos colocar em votação", disse Sam. Os meninos olharam para cima, surpresos.

“Muito bem”, disse Andrew após uma pausa. “Voto para deixarmos a tarefa para mais tarde, depois do pôr do sol.” Ele ergueu a mão e olhou para Sam e para mim, expectante.

“Eu quis dizer que todos deveriam votar”, disse Sam.

Andrew baixou a mão. "Certo", disse ele. E soprou o apito. Tom olhou para ele com irritação. Não ficou claro se Tom estava irritado por Andrew usar o apito ou se o incomodava o fato de ele não ter um.

Oito pessoas concordaram em realizar a tarefa e seis votaram contra. Eu votei contra. Estava curiosa para saber o trabalho de todos, mas tinha ouvido Vanessa sugerir que eu era uma influenciadora, e gostei da ideia de que essa fosse a minha reputação.

Quando comparei as profissões reais de todos com meus palpites iniciais, acertei apenas uma: Andrew era gerente de escritório em uma empresa de TI. Algumas das profissões me surpreenderam. Candice, que eu achava que poderia ser modelo ou atriz de carreira secundária, trabalhava em recursos humanos em uma seguradora. Ryan era salva-vidas, o que explicava seu bronzeado forte e físico atlético. Sam era arquiteto. Ele me olhou nos olhos quando disse isso, e confirmou que eu havia tomado a decisão errada, que deveria ter me esforçado mais com Sam em vez de me contentar com Ryan. Mas eu fiquei pensando, Desviei o olhar, confusa, pensando se só sentia essa confiança na minha preferência por Sam agora que sabia que ele tinha um emprego melhor que o de Ryan. Gostava de acreditar que essas coisas não influenciavam meu julgamento, mas não tinha certeza. Seguindo essa lógica, me perguntei se Sam gostava menos de mim agora que sabia

o que eu fazia. Olhei para Ryan, que estava brincando com Marcus e Carlos. Ao que tudo indicava, éramos mais compatíveis: pura beleza e nenhuma inteligência.

A profissão de algumas pessoas não me surpreendeu. Jacintha era estudante, cursando mestrado em engenharia. Eu sabia que ela era inteligente e sentia um certo orgulho dela.

Eu estava relutante em revelar meu próprio trabalho, o menos interessante e o menos impressionante. Quando chegou a minha vez de falar, eu disse, de forma casual: "Trabalho no varejo. Vendo maquiagem em uma loja de departamentos."

“Eu sabia”, disse Mia.

Mia era assistente social; algo inesperado, já que ela não parecia gostar muito de pessoas. Tom trabalhava no setor financeiro, o que não surpreendeu ninguém. Susie era garçonete e Evan era, para surpresa de todos, jogador de golfe profissional. Carlos era personal trainer e Marcus trabalhava na área de comunicação. Becca era estudante, embora dissesse que estava "cursando História na universidade".

Vanessa revelou que trabalhava como embaixadora de uma marca popular de bebidas alcoólicas. Susie disse: "Tipo, você é uma daquelas garotas que fica pedindo doses caras no bar?"

“Não”, disse Vanessa, sem olhar para ela. “Sou *embaixadora da marca.* ”

Essa foi a informação mais reveladora que tínhamos descoberto um sobre o outro e, no fim das contas, eu preferia não saber. Me parecia estranho que Evan, que passava metade do dia no trampolim e a outra metade inventando novos coquetéis, fosse um atleta profissional. Eu imaginava que Ryan fosse talvez jogador de futebol ou boxeador. Era difícil acreditar que ele fosse salva-vidas: ele nem gostava muito de entrar na piscina. Eu tinha uma ideia de todos no complexo e, no fim das contas, teria preferido voltar às minhas ideias preconcebidas sobre todos.

Votamos novamente sobre se faríamos ou não outra tarefa naquela noite. Concordamos que já era o suficiente para o dia e voltamos a fazer nossas Tarefas Pessoais. Recebi roupas novas, que eram extremamente necessárias.

Naquela noite, na cama, Ryan se aproximou de mim e me beijou por um tempo. Demorou bastante. Deixei suas mãos vagarem e tentei ficar em silêncio enquanto continuávamos. Eu estava tímida, embora provavelmente não houvesse muita necessidade disso. Eu vinha ouvindo ruídos no escuro por várias noites e os atribuía a pessoas se mexendo nas camas ou se levantando para ir ao banheiro. Mas naquela noite, havia os ruídos distintos de sussurros ofegantes e gemidos, e os sons me horrorizaram. Me afastei bruscamente de Ryan quando ouvi Jacintha e Carlos gemendo na cama em frente à nossa.

“Não”, eu disse. “Desculpe. Não.”

Ele se virou e logo depois fomos dormir. Eu não conseguia parar de pensar quais tinham sido as Tarefas Pessoais de cada um e quantas delas eram de natureza sexual.

No dia seguinte, observei os outros com olhar crítico: seus cabelos pareciam mais brilhantes, suas roupas mais bonitas, seus bronzeados mais intensos. Mas talvez fosse apenas impressão minha.

—

OS PRÓXIMOS dias transcorreram de forma semelhante. Realizávamos uma ou duas tarefas por dia. Conseguimos algumas coisas úteis: um saco enorme de amendoim, uma almofada de puf, aloe vera, pasta de dente, frutas. Mas, principalmente, nos concentramos em nossas Tarefas Pessoais, que estavam ficando cada vez melhores. Foi um período feliz. Percorríamos o complexo, indo do sol para a sombra, mostrando uns aos outros nossas recompensas, com cuidado para não revelar o que tínhamos feito para consegui-las. Se alguém recebesse comida ou bebida como recompensa, sempre compartilhávamos. Evan havia ganhado uma cama inflável e passava provavelmente cinco horas por dia flutuando nela, com uma bebida fluorescente na mão. Quando não a estava usando, ele a dava para Susie, e quando ela não a estava usando, o resto de nós se revezava.

Tom ainda tentava nos convencer a fazer as tarefas, mas Andrew insistia que precisávamos relaxar. "Estamos aqui para nos divertir", ele nos lembrava mais de uma vez. "Não precisamos ficar despreocupados o tempo todo."

Agora estávamos livres para passar um tempo com nossos pares. Melhor ainda, havia tempo para discutir os pares em detalhes com as outras meninas. Todas se reuniram para conversar no pátio com xícaras de café gelado, exceto Vanessa, que havia deixado claro que "não era uma garota que se enturmava com outras garotas", e em vez disso Ela passava o tempo na academia com Tom e Ryan. Vanessa e Tom estavam juntos, e pelo que eu pude perceber, a única coisa que tinham em comum era a dedicação ao treino de musculação de alta intensidade. Eu me perguntava se eles iam para a cama e conversavam sobre suplementos de proteína.

Achei que Candice parecia a mais tranquila em seu relacionamento: ela dividia a cama exclusivamente com Andrew desde o primeiro dia, e eles eram inegavelmente próximos, conversando e se tocando com frequência. Mas Candice se manteve evasiva e disse apenas: "Estou feliz, e é só isso que você vai conseguir de mim."

Susie estava com Evan de novo. Ela não tinha certeza sobre ele, mesmo tendo lutado para tê-lo de volta de Vanessa. A verdade é que nenhum de nós achava que eles combinavam. Evan claramente gostava dela, mas Susie não demonstrava muito interesse. "Não suporto vê-lo com mais ninguém", disse ela. "Quando o vi na cama da Vanessa, eu poderia tê-lo matado. Obviamente, Vanessa é linda, mas não tem graça nenhuma. Ela quase não conversa com ninguém. *Eu sou* divertida. Mas", disse ela, tristemente, "eu não gosto muito dele. Achei que Tom pudesse ser divertido, mas ele geralmente se afasta se eu tento conversar com ele. Acho que não sou descolada o suficiente, ou algo assim."

"Susie", disse Candice com firmeza. "Não é assim que se usa essa palavra."

Na ausência de Vanessa nos contar sobre seu relacionamento com Tom, especulamos sobre o relacionamento de Vanessa com Tom.

"O Tom está começando a me dar nos nervos", disse Mia. "Ele não para de falar daquela maldita porta."

"É por causa do que aconteceu no deserto", disse Candice. Nós a observamos.

"O que aconteceu no deserto?", perguntei.

Candice ficou em silêncio por alguns instantes. Eu a conhecia bem o suficiente para saber que ela não estava fazendo essa pausa para criar suspense: ela estava avaliando se valia a pena revelar alguma informação importante. Em nome da irmandade, ela disse: "Ele foi atacado por um cachorro selvagem."

"Achei que os meninos tinham brigado", eu disse.

“Sim, fizeram”, disse ela. “Mas foi um evento à parte.”

"O que aconteceu com o cachorro?", perguntou Becca.

“O que você acha? Ele o matou. Mas antes, o bicho deu uma boa mordida nele. É por isso que ele insiste tanto para que coloquemos uma porta. Ele tem medo de um "Um animal entrando." Tentei imaginar matar um cachorro, mesmo que selvagem. Não consegui visualizar. Candice acenou para Jacintha. "Como estão as coisas no seu relacionamento, aliás?"

Ela suspirou. "Voltei com o Carlos, mas acho que preferiria estar com o Marcus."

Todos nós tentamos evitar o contato visual entre nós. Mia estava dividindo a cama com Marcus. Pensei que Mia pudesse estar envergonhada: ela havia tirado Evan da cama de Susie e agora Marcus da de Jacintha. Mas Mia estava com o rosto voltado para o sol, os olhos fechados, imperturbável.

Pensei em Sam. Não conseguia imaginar como o convenceria a deixar Becca. Se Sam mudasse de cama, seria por vontade própria.

"Falarei com ele mais tarde, mas não quero criar uma situação constrangedora", disse Jacintha delicadamente, tentando não ofender Mia.

Mia, no entanto, não se importou em ofender ninguém e disse: "Obviamente, é uma escolha dele, mas as coisas estão indo bem entre Marcus e eu. Na verdade, nos divertimos *muito* juntos ontem à noite."

Candice revirou os olhos. "Que legal, Mia. Chique."

Jacintha perguntou: "E você, Becca?"

“O Sam é um cara legal”, disse ela. Observamos com interesse enquanto ela corava. “Mas, hum... eu não sei.”

"O quê?", disse Jacintha, em tom encorajador.

"Não tenho certeza se ele gosta de mim, só isso."

Jacintha permaneceu em silêncio, mas Candice franziu a testa e disse: "Ele parece estar te protegendo, não é?"

"Os meninos geralmente são protetores comigo porque sou pequena e quieta, eu acho."

E que lindo, pensei comigo mesma, mas não senti necessidade de compartilhar esse pensamento em voz alta.

“Mesmo assim, é um bom sinal”, disse Candice.

"O fato é que às vezes eu o vejo olhando para outras garotas."

"Nunca o vi olhar para mim!", exclamou Susie.

"Nem eu", disse Mia.

“Bem… não meninas, então. Apenas… uma menina.”

Puxei um fio solto do meu short, tentando não olhar para Becca.

“As coisas estão tão incertas por aqui”, disse Candice quando o silêncio se tornou desconfortável. “É difícil distinguir o que é real do que é falso. Na verdade, fica mais difícil a cada dia.”

"E você, Lily? Como estão as coisas com o Ryan?", perguntou Susie.

"Bom", eu disse, olhando para cima. "Muito bom."

—

NAQUELA NOITE, fui acordada por um estrondo violento. Quando abri os olhos, Andrew já estava fora da cama, correndo em direção à porta. Estava escuro demais para enxergar direito, mas eu o reconheci pela altura.

"O que está acontecendo?" perguntei. "É um incêndio?" Apalpei ao meu lado procurando por Ryan, mas o lado dele da cama estava vazio. O pânico me dominou e, de repente, eu estava de pé, esbarrando em uma cama ao lado e me movendo com os braços estendidos. Cheguei à porta de memória e ia sair, quando senti um braço me envolver pela cintura, me impedindo. "Me solta, Ryan", eu disse.

“Sou eu”, disse Sam, e baixou a mão. “Fique aqui até sabermos o que está acontecendo. Não é um incêndio. Para isso existem alarmes.”

"Mas—" eu disse, mas ele apenas apertou meu braço e passou por mim.

“Fique aqui”, disse ele. E foi embora.

Apalpei de volta para minha cama. "Ryan?", eu disse. "Ryan?" Eu conseguia ouvir outras vozes e ver formas se movendo ao meu redor. As pessoas estavam em pânico. Minha mente insistia em pensar em *um intruso,* mas é claro que isso era impossível, a quilômetros de distância da civilização.

“Ryan?” Chamei novamente.

“Aqui está”, disse ele, e senti sua mão envolver meu pulso.

“Onde você estava?”

“O banheiro”, disse ele. “O que está acontecendo?”

“Não sei. Ouvi algum barulho vindo da frente da casa.” Antes que Ryan pudesse responder, Andrew e Sam voltaram. Deixaram a porta aberta e uma fresta de luz entrou pelo corredor. “Está tudo bem”, disse Sam. “Ninguém se machucou.”

“Mas o que aconteceu?”, perguntei.

“Algum tipo de animal entrou”, disse Andrew. “Já foi embora.”

"O quê?" disse Ryan. "Você está de sacanagem?"

“Bem, nós não temos uma porta”, disse Carlos secamente do outro canto da sala. “Não é a coisa mais surpreendente do mundo.”

“O Tom tinha razão”, disse Vanessa, com voz firme e convicta. “Ele disse que isso ia acontecer!”

“Escuta”, disse Andrew, tentando acalmá-lo, “já é tarde. Não vamos conseguir resolver nada esta noite. Devemos dormir um pouco e amanhã tentaremos algo que se assemelhe a uma porta.”

"Vou colocar alguma coisa para bloquear a entrada por enquanto", disse Sam. Andrew assentiu e Sam saiu.

O resto de nós voltou para a cama, mas eu não conseguia dormir: ficava olhando para as camas, tentando distinguir as silhuetas das pessoas. Sam tinha ido embora, sim, mas Tom também. Saí de fininho e desci em direção à cozinha. Conseguia ouvir as vozes de Sam e Tom lá dentro e hesitei, escutando. A lâmpada grande da cozinha estava acesa, aquela que raramente usávamos por causa do seu brilho fluorescente desagradável, e o zumbido dela preenchia o cômodo.

"Tive muita sorte de não ter levado outra mordida", disse Tom.

“Afinal, o que era?”

“Acho que era uma raposa. Sabe como elas são: não gostam de atacar, só ficam fuçando em busca de comida e fazendo bagunça. Cheguei bem na hora em que ela estava saindo. Se eu tivesse ficado de vigia, teria conseguido pegá-la”, disse ele. “Vou ficar acordado mais um pouco e garantir que ela não volte.”

“Se você quiser, posso mover o armário para a frente da entrada. Por enquanto, serve.”

"Eu consigo fazer isso", disse Tom.

"Seria mais fácil com duas pessoas ajudando", disse Sam.

"Eu consigo", disse Tom novamente. Ele fez uma pausa. "Quem está aí?", perguntou.

Entrei. "Só eu", disse. A cozinha estava realmente uma bagunça: havia cacos de vidro no chão, talheres espalhados, toalhas de papel rasgadas, algumas cadeiras tombadas — uma quebrada, sem um pé. Seja lá o que fosse, também tinha mexido no saco de amendoim, claramente, pois estava tudo no chão. Havia um líquido claro brilhando nos azulejos, e o cheiro me dizia que era urina. Mesmo assim, eu não acreditava totalmente na cena diante de mim. Não ouvi gritos, nem barulhos de animais, nem qualquer som de luta. E Tom, que estava tão preocupado com a possibilidade de isso acontecer, Parecia perfeitamente serena. Entrei mais um pouco e Sam disse: "Cuidado com os pés, tem vidro por toda parte. Segure-se—" e então me levantou do chão e me colocou sentada no balcão. Ele se afastou e eu olhei para Tom.

“Graças a Deus você estava acordado”, eu disse a ele.

"Precisamos voltar às tarefas", disse Tom com um tom pesado. "É a única maneira de manter todos em segurança."

“Sim”, eu disse, olhando em seu olho. “Imagine se tivesse sido algo mais perigoso. Tipo um cachorro selvagem.”

“Você deveria voltar para a cama, Lily”, disse Tom. “Você já dorme tão pouco.”

"Eu te acompanho até o quarto", disse Sam.

No corredor do andar de cima, Sam me guiou não em direção ao quarto, mas sim ao banheiro. Ele acendeu a luz acima do espelho. "Você está bem?", perguntou.

“Estou bem”, eu disse. “Por quê?”

“Não tente provocar o Tom”, disse ele. “Ele tem um temperamento inacreditável.”

"O que aconteceu no deserto?", perguntei a ele. Sam me contaria. Eu sabia que ele contaria, se eu perguntasse.

“Tom…” ele disse, e então parou. “Tom foi atacado por um cachorro. O cachorro o mordeu e o derrubou no chão. Ele estava sozinho e gritou por socorro, mas não havia ninguém por perto. Quando nos encontrou, ele estava quase histérico. Não conseguia dormir; estava com muito medo de que houvesse algo mais lá fora que pudesse atacá-lo. Estava assustado e arrumava brigas. Ele se acalmou assim que chegamos aqui, mas ainda assim não é alguém com quem se deva mexer. Deixe-o em paz, Lily, e não procure encrenca.”

“Eu consigo cuidar de mim mesmo.”

“Eu sei que você consegue. Eu só me preocupo com você, é só isso.”

Ficamos em silêncio por um minuto, e eu não pude deixar de admirá-lo sob a luz suave, a barba por fazer em suas bochechas, o arco do cupido perfeito. Eu já estava temendo o momento em que sairíamos do banheiro e voltaríamos para nossas camas separadas.

“As coisas vão ficar difíceis quando restarem apenas os dez finalistas”, disse ele. “É "Uma boa ideia é manter a cabeça baixa até lá." Não houve mudanças nas regras entre os

dez finalistas, mas as recompensas melhoraram consideravelmente e a competição aumentou. Agora éramos quatorze.

Não era isso que eu esperava que ele dissesse. "Eu sei disso", respondi. "Por que você está me dizendo isso agora?"

“As pessoas vão tentar usar táticas sujas para permanecer. Acho que isso provavelmente já começou.”

"Você acha que eu não sei lutar sujo?"

“Eu não quero que você faça isso. Você não precisa, Lily. É melhor sair daqui com dignidade do que ficar até o fim e pagar mico. Pelo menos, é o que eu tenho dito a mim mesma.”

Ouvi um movimento vindo do quarto. Nós dois olhamos para a porta, mas ninguém apareceu. "Volte para a cama", ele sussurrou. "Já vou atrás de você."

Caminhei pelo longo corredor com passos leves. Não vi ninguém pelo caminho e, quando voltei para o quarto, estava escuro demais para ver se alguém estava faltando.

—

MOTIVADOS PELA invasão de animais da noite anterior, retomamos nossa rotina de cinco tarefas por dia. Passamos o primeiro dia realizando tarefas relativamente fáceis; elas foram concluídas mais rapidamente agora que tínhamos apenas quatorze. Entre outras coisas, conseguimos um enorme barril de grãos de café, e pensei que, com aquilo, nos viraríamos por um bom tempo.

Dois dias após a invasão animal, a primeira tarefa do dia era:

Tarefa: Banir temporariamente um dos moradores do complexo até o pôr do sol.

Recompensa: Madeira

Essa tarefa nos abalou mais do que qualquer outra. Ninguém queria ser banido, mas pelo menos, se você partisse, partiria para ser trazido de volta para casa, com alguém esperando por você. Era muito diferente ser expulso — vagando pelo deserto, exposto — e quanto tempo faltava para o pôr do sol, afinal?

Jacintha argumentou que deveríamos enviar alguém meia hora antes do pôr do sol, já que a tarefa não especificava por quanto tempo a pessoa deveria ficar fora. Mia discordou.

“Se fizermos um trabalho ruim, receberemos uma recompensa inferior. Se enviarmos Se mandarmos alguém por meia hora, conseguiremos um pedaço de madeira, mas se mandarmos alguém o dia todo, imagine o quanto poderíamos conseguir. Poderíamos construir uma porta para a entrada, para o banheiro e muito mais.”

Ninguém queria ir, mas Mia tinha razão. Sabíamos que teríamos que nos comprometer. Discutimos o assunto por um tempo, as vozes se sobrepondo, quase gritando umas com as outras. Andrew apitou e ficamos em silêncio.

“Não é uma decisão fácil”, disse Andrew. “Mas é por isso que eu e o Tom somos responsáveis pela Gestão de Tarefas e Distribuição de Recompensas. Tomamos as decisões difíceis por todos nós.”

Olhei em volta. Ninguém deu qualquer sinal de protesto ou discordância. Era verdade que ninguém queria ser o responsável pela decisão.

“Vamos enviar alguém agora mesmo”, disse Tom.

Andrew assentiu com a cabeça. “Seria cruel demais colocar em votação. Quando a pessoa voltar, não seria certo se ela olhasse para todos com desprezo. Precisamos viver em harmonia. Vamos tirar a sorte. Quem tirar a palha mais curta vai para o deserto.”

Eu nunca tinha estado no deserto: acordei em casa, na minha cama. Suspeitava que me tinham drogado, transportado e abandonado enquanto estava inconsciente; tinha assinado um termo de responsabilidade que autorizava uma série de coisas que poderiam acontecer antes, durante e depois da minha estadia no complexo. Mesmo assim, eu temia o deserto, tal como todos os outros, e enquanto escolhíamos os nossos palitos, as minhas mãos tremiam. Achei que o Tom parecia pálido.

Era Susie. Ela olhou confusa para o canudo em sua mão, um pequeno toco. "Desculpe, Susie", disse Evan, e ela o encarou.

“Mas”, disse ela, confusa, “eu não vou. Vocês não vão me mandar embora.”

“Vanessa”, disse Andrew, “você poderia buscar um pouco de comida e quanta água couber em uma sacola?”

"Nada de carne", disse Tom. "Só pão. A carne vai atrair atenção indesejada."

"Espere", disse Susie, e seus joelhos começaram a bater um no outro. "Espere. Eu não... você não vai mesmo me mandar para lá!"

Andrew e Tom já tinham começado a acompanhá-la até o perímetro sul. Eu caminhei atrás deles, assim como Jacintha. Evan vinha alguns metros atrás.

“Há abrigo a leste”, disse Andrew. “Chegue lá o mais rápido possível. Você precisará procurar um local com sombra e sair da área aberta.”

Susie começou a chorar. "Para onde é o leste?" Andrew apontou, e Vanessa correu até ela com uma sacola. Susie colocou-a nas costas e olhou para Jacintha e para mim como se fôssemos intervir.

Tom colocou as mãos nos ombros dela e olhou para ela com uma ternura que transformou completamente sua expressão. "O deserto é cruel, mas é belo. Você estará de volta em algumas horas e se sentirá uma nova mulher. Você renascerá."

Susie soluçava de verdade agora. Jacintha se aproximou e a abraçou, e eu fiz o mesmo. "Vamos fazer uma festa para você quando voltar", disse Jacintha. "Ficaremos tão felizes em te ver, Susie. Imagine como será bom quando você voltar."

“Por favor, não me obriguem a ir.”

Ficamos em silêncio. Quando ficou claro que ninguém mudaria de ideia, ela se virou e passou por baixo do arame farpado. Cambaleou para longe, a mochila nas costas envolvendo seu pequeno corpo. O sol brilhava forte lá em cima, e nós protegemos os olhos e a observamos partir.

"Procure um abrigo, Susie", gritou Andrew. "Voltaremos ao pôr do sol."

—

JACINTHA E SAM estavam discutindo como poderiam fazer portas; não seria necessariamente simples. Precisariam de batentes e dobradiças. Provavelmente conseguiríamos nos virar sem maçaneta, mas não faria sentido ter uma placa de madeira bloqueando a entrada.

Não havia tarefas em grupo para fazer, já que tínhamos que esperar a Susie voltar, então ficamos entre nós. Eu não queria fazer uma tarefa pessoal: parecia errado, com a Susie sozinha lá fora. Em vez disso, passei um tempo com o Ryan. Eu estava um pouco preocupada com a nossa relação. Embora ele ainda parecesse interessado em mim, eu sabia que teria que fazer mais para mantê-lo até o final. Eu não tinha ido além de alguns beijos e carícias, mas estava ansiosa que ele se afastasse da minha cama se eu não oferecesse algo mais. Ficamos relaxando à beira da piscina, e eu acariciei o peito dele, tentando iniciar algo, mas ele apenas sorriu para mim e fechou os olhos. Eventualmente, ele adormeceu, e eu tentei pensar no que poderia fazer.

Fui ao vestiário feminino e examinei minhas roupas. Embora tivesse recebido muitas roupas e joias ultimamente, nada parecia suficiente. Estava cansada das minhas roupas: todos já tinham me visto usá-las pelo menos uma vez. Eu costumava trocar de roupa várias vezes ao dia, dependendo do calor, e às vezes só para ter algo para fazer. Então me perguntei quanto tempo estávamos ali — semanas, certamente. Tinha certeza de que, se dedicasse um tempo, conseguiria descobrir facilmente — mas era um esforço que eu não queria fazer naquele momento, então deixei o pensamento se dissipar.

Voltei a cogitar a ideia de transar com Ryan para garantir meu lugar. Detestava a ideia de um editor assistindo de um escritório remoto, armando fotos de pernas nuas saindo de debaixo das cobertas. Detestava a ideia dos telespectadores me observando. Detestava a ideia de Sam me ver ou me ouvir. Eu sabia que Mia tinha dormido com Marcus e suspeitava que Jacintha tivesse dormido com Carlos, mas não tinha certeza de quem mais tinha dormido com seu parceiro. Temia que todos tivessem dormido, menos eu, e que as pessoas em casa estivessem rindo de mim — da vadia fria.

Quando Candice entrou no camarim, me encontrou sentada no chão, roendo as unhas e me encarando no espelho. Ela se sentou ao meu lado.

“O que foi? Aconteceu alguma coisa?”

“Não”, eu disse. “Só estou preocupada comigo e com o Ryan.”

“Oh, querida”, disse ela. “Você não tem nada com que se preocupar. Você devia ver como ele olha para você.” Ela acariciou meu cabelo e eu me encostei nela.

"Eu sei", eu disse. "Era o que eu pensava. Mas eu só tentei, sabe, ter um momento com ele à beira da piscina, e ele estava completamente desinteressado."

“Tenho certeza que não. Ele é um homem de fibra. Eles sempre se interessam.”

Ele adormeceu.

“Você só vai ter que se esforçar um pouco mais.” Ela me olhou, pensativa, e então foi até o guarda-roupa. Estava lotado: claramente ela não havia negligenciado suas Tarefas Pessoais. Tirou um vestido vermelho e o pressionou contra meu corpo. “Pronto”, disse ela. “Isso deve resolver. Vista-o e eu arrumo seu cabelo.”

Eu vesti o vestido, satisfeita por ter servido. Olhei-me no espelho, virando-me para me ver de diferentes ângulos. Ela tinha razão: estava perfeito. Sentei-me e fechei os olhos enquanto Candice penteava meu cabelo. Ela me disse quais cores queria usar e qual era seu estilo preferido de contorno. Eu geralmente era exigente com a minha maquiagem, mas apenas assenti e a deixei fazer o que quisesse. Candice sabia o que estava fazendo. Ela aplicou alguns produtos na minha pele e passou um iluminador prateado nas minhas pálpebras. "Olhe para cima", disse ela, e eu olhei. "Incline a cabeça assim." Ela colocou a mão no meu queixo para me firmar. Seu rosto estava muito perto do meu. Eu podia ver o

anel cinza em seus olhos azuis e o blush que ela havia aplicado nas maçãs do rosto. Ela se inclinou ainda mais para perto, embora estivesse me olhando de forma diferente agora. O ar entre nós ficou repentinamente carregado, senti sua respiração na minha bochecha e nos observamos por um momento. Esperei que ela se inclinasse e me beijasse. Percebi que ela estava considerando a possibilidade. Eu também estava. Ela me olhou com calma, mas com um olhar avaliador. Quando se recostou, eu soube exatamente o que ela estava pensando, como se fossem meus próprios pensamentos. Você sobrevivia a um exílio ao amanhecer se compartilhasse a cama com alguém do sexo oposto. Não havia segurança alguma em um relacionamento homoafetivo. Ela terminou minha maquiagem e deixamos o momento para lá.

—

A CAMINHO de encontrar Ryan, parei na sala de estar, onde eu sabia que Sam estaria. Mesmo no corredor, eu conseguia ouvir o tom grave da sua voz, o leve ronco da sua risada. Não havia espelho no corredor, mas eu conseguia imaginar como meu cabelo se movia sobre meus ombros, como meu colar de ouro brilhava contra o meu bronzeado; eu podia sentir as pontas dos meus cílios roçando minhas sobrancelhas. Eu queria ver Sam. Eu queria que ele me visse.

Ele estava conversando com a Becca. Parei na porta, tentando pensar em alguma desculpa para entrar na sala. Não precisava ter me incomodado: eles estavam completamente absortos na conversa e nem olharam para mim quando entrei. Estavam sentados nas cadeiras dobráveis, Becca balançando a cabeça, mais animada do que eu jamais a vira. Pareciam estar falando sobre política. Claro, não nos era permitido falar sobre nossas vidas pessoais. E antes de chegarmos, nos disseram que era melhor não falar sobre a vida fora do complexo; seria muito fácil deixar escapar algum detalhe pessoal, o que, por sua vez, levaria a punições. Eles estavam falando de forma indireta, evitando mencionar qualquer coisa muito óbvia, da mesma forma que Candice e eu evitamos dizer diretamente o que queríamos receber como Recompensa Pessoal.

"Acho que se as pessoas comuns parassem de trabalhar juntas para facilitar a vida de quem está no topo e começassem a trabalhar juntas para promover mudanças que as beneficiassem, vocês estariam rindo de mim", disse ela.

“Não sou”, disse ele. “Não sou mesmo. Só que você me lembra muito de mim mesmo quando eu era mais jovem. Eu também tinha ideias naquela época.”

Becca olhou para ele sentado à sua frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Não acho que houvesse qualquer atração ali, mas ela o olhou com uma franqueza que, no entanto, transmitia intimidade. "Acho que você ainda tem ideias", disse ela. "Só que agora você deixa que os outros falem por você."

“Nunca conheci ninguém que tenha abdicado do poder de livre e espontânea vontade. As coisas teriam que ter ficado muito, muito difíceis.”

Você acha que não valeria a pena?

“Não é isso. Acho que não consigo pensar em um sistema que substitua o que temos. Apontar que algo está quebrado não conta como solução.”

"Nunca vou entender por que você deixou Tom e Andrew assumirem o comando", disse ela com desdém.

Eu poderia muito bem ter sido invisível. Foi incrível como o valor que eu dava à minha aparência evaporou tão rápido. Eu parecia ridícula parada ali, toda arrumada e sem ter para onde ir. Tentei me esquivar, mas Becca olhou para cima e me viu. Sam também olhou para mim, e desviou o olhar rapidamente. Cruzei os braços, segurando os cotovelos com as mãos.

“Ei, Lily”, disse ela. “O que você acha?”

“De quê?”

“Sistemas de governo.”

“O quê, tipo, aqui?”

“Não”, disse ela lentamente, olhando para mim como se eu fosse estúpido. “Na vida real.”

Becca nunca tinha falado comigo de forma tão depreciativa. Fiquei pensando... Se a conversa animada de Becca com Sam a fez sentir-se intelectualmente superior, da mesma forma que ser arrumada por Candice me deu a força para entrar em uma sala e esperar ser admirada. Becca era a única entre nós que queria pensar no mundo lá fora. Eu me perguntava por que ela estava ali se não conseguia se comprometer totalmente com a vida no complexo. Sam também estava me olhando agora. Mantive os braços firmes, resistindo à vontade de deixá-los balançar para trás. "Não sei. Nunca pensei nisso."

“Você não pensa na sociedade em que vivemos?”

“Becca”, disse Sam.

“Não podemos falar sobre o mundo exterior”, eu disse, em voz baixa. Eu não estava enganando-os: eles sabiam que eu não tinha nada a dizer. Era difícil lembrar o quão poderosa eu me sentira apenas alguns minutos antes, parada em frente ao espelho. Nunca me senti tão tola.

Houve um breve silêncio durante o qual Sam tomou um gole de sua cerveja. Quando ele a colocou de lado, Becca estendeu a mão para pegá-la, e Sam afastou a garrafa do alcance dela. Era preciso ter pelo menos dezoito anos para participar do programa, mas acho que ninguém acreditava que ela fosse realmente tão velha.

“Você está linda”, disse Becca para mim. Seu tom era conciliador, como se, ao elogiar minha aparência, minha ignorância fosse anulada.

“Obrigada.” Toquei o colar no meu pescoço e deixei minha mão cair. “Eu só estava passando por aqui. Falo com vocês mais tarde.”

Quando me afastei, ouvi Becca dizer algo em voz baixa, e Sam respondeu: "Isso não é justo. Você não a conhece."

Entrei no corredor, onde Tom havia retomado seu posto habitual de sentinela perto da porta. Ele se virou e olhou para mim.

Você está procurando por Ryan?

“Sim. Acho que ele ainda está lá fora.”

Ele se levantou para me deixar passar, mas eu não me mexi. Eu estava pensando na invasão de raposas da noite anterior. Todos no complexo achavam que eu era cabeça oca, mas eu não era totalmente burra. Eu percebia as coisas. Havia algo estranho na história dele, mas eu sabia que Tom não era o tipo de pessoa que gostava de ser criticada ou constrangida, principalmente por uma garota.

"Será um alívio quando conseguirmos a madeira", eu disse. "Podemos construir uma porta e você não precisará mais ficar de guarda."

Ele assentiu com a cabeça. "Acho que todos se sentirão melhor sabendo que temos alguma proteção."

“De que cor era a raposa?”, perguntei.

"O que?"

“Da noite passada. Que cor era?”

Ele me olhou fixamente, com aquele olhar vago dele. "Vermelho, é claro."

Até eu — eu que não tinha nada a contribuir para o tipo de conversa intelectual que Sam e Becca tinham — sabia que não havia raposas vermelhas no deserto. Pensei na urina no chão que Becca e eu tínhamos limpado naquela manhã. Ele teria dado boas risadas. Nós duas, limpando o xixi dele.

“É bom que todos estejam de volta aos trilhos”, disse ele. “Com as tarefas. Estamos trabalhando juntos novamente. Estamos progredindo.”

"Certo", eu disse. Pensei em Susie, lá fora, no calor do deserto, sem sombra nem companhia. Minha mente se afastou da imagem dela lá sozinha, sem querer pensar nisso.

Passei por Tom, e quando ele saiu do meu caminho, disse: "Você está linda, Lily."

"Obrigada", eu disse. Com esforço, evitei olhar para trás para ver se ele tinha me visto ir embora.

Encontrei Ryan no jardim. Ele ainda estava dormindo, então me deitei ao lado dele e olhei para trás. Tom não estava mais na entrada.

Depois de um tempo, fui arrancada do meu devaneio por uma mão na minha coxa. "Meu Deus, você é deslumbrante", disse Ryan.

"Sério?", eu disse.

"Vem cá", disse ele, e me levantou para que eu me deitasse sobre ele. Eu me aconcheguei em seus braços, e uma parte de mim se sentiu reconfortada. Ele me queria; sim, ele me queria. Nos beijamos, e eu me entreguei completamente. Suas mãos me acariciaram, mas depois de alguns minutos ele gemeu e se afastou.

“Vamos entrar”, eu disse.

Ele mordeu meu lóbulo da orelha. "Eu quero", disse ele. "Mas não vamos fazer isso."

"Por que não?"

“Porque você não quer. Não, não diga nada. Eu te conheço, Lily. Dividi a cama com você por semanas. Sei que a ideia de fazer sexo em um quarto cheio de outras pessoas te incomoda, e eu entendo. Não vou te colocar nessa situação.”

Tem certeza? Não quero decepcioná-lo(a).

Ele riu. "Você está longe disso. Quero mais do que isso de você. Quero que fiquemos juntos, agora e quando sairmos daqui. Você sabe disso, não sabe?"

"Sim", eu disse, embora não tivesse pensado em nada sobre a vida depois do complexo. "Sim, acho que sim."

"Quero ser seu namorado quando sairmos daqui."

"Você não pode ser meu namorado agora?", eu disse, em tom de brincadeira, embora estivesse falando sério. Eu era boba demais para o Sam, e eu e o Ryan não combinávamos? Não éramos o tipo de casal que sempre ficava junto no programa?

“Não faz sentido”, disse ele. “Não seria a mesma coisa. Isso não é real, essa vida em um complexo.” Meu semblante deve ter se fechado, porque ele disse: “O que eu sinto por você é real, Lily. Nada disso é fingimento.”

"Eu sei", eu disse. "Sinto o mesmo." Ele me beijou de novo, e então nós dois nos deitamos na grama, e o céu acima de nós estava de um azul perfeito, sem nuvens. Do outro lado, Evan bebia um drinque atrás do outro, até que de repente se inclinou para a frente e vomitou uma mistura fluorescente no deck. Ficamos observando enquanto ele limpava tudo, soluçando o tempo todo. Ninguém se mexeu para ajudar.

—

ESPERAMOS POR Susie no perímetro sul ao pôr do sol, mas ela não apareceu. Começamos a ficar inquietos. Evan andava de um lado para o outro, com uma expressão sombria no rosto. Jacintha também estava chateada. "Não deveríamos tê-la deixado lá fora. Não valia a pena. Por que concordamos com isso?"

“Precisamos da madeira”, disse Tom. “Sei que foi uma decisão difícil. Mas assim todos ficaremos mais seguros.”

"E se a tivermos matado? E se ela tiver morrido lá fora?", perguntou Jacintha, visivelmente angustiada. Ela olhou para cada um de nós e, quando nossos olhares se encontraram, baixei o meu para o chão. Eu não sabia o que dizer.

Andrew passou o braço em volta dos ombros de Jacintha. Tentando Para consolá-la, ele disse: "Aqui ninguém morre". Era verdade, claro, mas as pessoas se machucavam o tempo todo, em todas as estações.

Quando Susie finalmente voltou para nós, já estava escuro e a temperatura havia caído.

Ela se abaixou sob o arame farpado, e nós ficamos perto, mas não a tocamos.

"Você está bem?", perguntou Evan. "Você está ótima?"

"Acho que sim", disse ela com a voz embargada. "Bem... sim, acho que sim."

Recuamos e a observamos na penumbra. Ela estava queimada da cabeça aos pés, que estavam cobertos por sandálias de tiras; tinha bolhas e sangue nos calcanhares.

“O que aconteceu?”, perguntei.

“Nada demais, na verdade. Andei bastante antes de encontrar abrigo. Era só um par de árvores, nada demais. Mas tinha um… ninho de cobras. Uma delas chegou perto e ficou me encarando por um tempão. Pensei que se eu largasse a sacola com a comida e a água, ela me deixaria em paz. Foi uma burrice, na verdade. Larguei a sacola, mas assim que me virei, ela começou a me seguir. Comecei a correr e pensei: 'Bem, acho que vou morrer'. Mas depois de um tempo ela parou de me perseguir. Acho que ela provavelmente queria que eu me afastasse do ninho ou algo assim. Pensei que devia haver outra fonte de sombra, mas não havia, e eu continuei andando, andando, me perdi e achei que não ia conseguir voltar. Não dá para ver direito daqui, mas o complexo meio que se camufla com a paisagem, e eu pensei… bem. Enfim, estou de volta.”

Eu esperava lágrimas, ou até mesmo um ataque de histeria. Mas ela olhou para nós com os olhos secos, e deu um leve sorriso.

“Oh, Susie”, disse Evan, com a voz embargada. “Sinto muito. Sinto muito, Susie.” Ele não se moveu para abraçá-la; nenhum de nós o fez. Ela parecia estranha. Não parecia ela mesma.

“Não havia nada lá fora, por quilômetros e quilômetros. Eu ficava me perguntando como vocês nos encontraram, mas vocês tinham uns aos outros, suponho. Eu esqueci — sou tão burro — esqueci qual era o lado leste, e continuei andando, e achei que ia desmaiar. Estava tão quente — você pensa que está quente no acampamento, mas não está. Lá fora, na areia, sem sombra e sem água, o O calor simplesmente te domina, é tudo em que você consegue pensar. Foi pior do que eu imaginava.

"Desculpe, Susie", disse Evan, e soluçou.

"Como você pôde fazer isso comigo?", disse Susie para todos nós. "Por que você faria isso?"

Trouxemos a Susie para dentro e a colocamos na cama depois de lhe darmos comida e bebida. Passamos bastante loção de aloe vera nela e a checamos regularmente. Ela não nos respondeu com nenhum som, mas chamou enquanto dormia a noite toda.

Quando saímos para ver a recompensa, havia madeira suficiente para construir mil portas: o suficiente para construir outra casa, se quiséssemos.

Parte II

OITO

ELE SABIA QUE SUSIE IRIA

Ela seria a próxima a ser banida. Não era a mesma desde sua época no deserto: tornara-se retraída e zumbia como uma mosca varejeira pela casa, recusando-se a sair, exceto para as Tarefas Comunitárias. Aguardávamos o próximo banimento, observando-a ficar cada vez mais agitada, assustando-se com ruídos altos e frequentemente deitando-se encolhida no chão, como estava quando a encontramos pela primeira vez perto da piscina. Tentamos, por um tempo, ajudá-la, e por um tempo ela nos permitiu. Ela me pediu para maquiá-la, enquanto Candice arrumava seu cabelo. Com o passar do tempo, porém, ela deixou claro que queria ficar sozinha e se tornava quase violenta se alguém se aproximasse. Ela vestia uma roupa inteiramente presenteada de uma marca popular de fast-fashion e a usava todos os dias, até que suas roupas começaram a cheirar mal, ficaram manchadas e amassadas a ponto de ficarem irreconhecíveis.

Não se preocupe, dissemos um ao outro com um olhar. *Ela não ficará aqui por muito tempo.*

Talvez uma semana depois de ela ter estado no deserto, o telão ofereceu um vaso ornamental em troca de um banimento. Nem sequer votamos: apenas encontramos Susie e a acompanhamos até o perímetro. Ela parecia saber o que estava acontecendo antes mesmo de chegarmos até ela, e correu pela casa, escondendo-se em diferentes lugares e soluçando alto. Evan acabou convencendo-a a sair, mas ela se tornou a única moradora que teve que ser removida à força.

Evan e Ryan a conduziram delicadamente até o perímetro, mas quanto mais perto ela chegava da divisa, mais agitada ficava, debatendo-se e gritando.

Evan a interrompeu. Ele estava quase tão chateado quanto ela. "Você não quer ficar, quer, Susie? Você não tem sido feliz aqui ultimamente."

"Eu não quero ficar!", ela gritou. "Eu quero ir para casa!"

Mesmo assim, ela não deu mais um passo à frente, e Evan acariciou seus braços e perguntou o que ela queria.

“Eu quero—” ela disse, e hesitou, tomada pelas lágrimas. “Eu quero as minhas coisas!”

Entrei para pegar as coisas dela. Eram muitas: um monte de roupas, claro, mas também um imã de geladeira com a foto de um cachorro, spray de cabelo, meias fofinhas, uma planta artificial, perfume, primer, tônico, uma paleta de sombras, pincéis de maquiagem, um ursinho de pelúcia pequeno e um pôster de um cantor famoso. Na falta de outra coisa, coloquei as coisas dela em um saco de lixo.

Flanqueada por Evan e Ryan, ela não teve escolha a não ser passar pela abertura na cerca. Assim que ultrapassou o perímetro, congelou no lugar. Abraçou o corpo e balançou a cabeça. Tremia por inteiro, num movimento que poderia ser confundido com raiva, mas que eu sabia ser medo. Nunca descobri sua idade, embora achasse que devia ter dezoito ou

dezenove anos. Enquanto caminhava de um lado para o outro à nossa frente, não parecia mais velha do que uma garota.

Ela tentou escalar a cerca de volta, mas Tom deu um passo à frente, com uma expressão de impaciência no rosto.

"Espere", disse Jacintha, apontando para um ponto ao longe. Era um carro, aproximando-se em velocidade alarmante pelas planícies desérticas, levantando poeira e areia. A visão nos deixou todos atônitos, até mesmo Susie, que ficou olhando fixamente, agarrando a sacola de lixo com seus pertences contra o peito. O carro estacionou a uns cem metros de nós, e um homem e uma mulher saíram e se aproximaram de Susie. Estavam vestidos de forma simples, com shorts e camisetas, óculos de sol e chapéus. A visão deles, por mais comuns que fossem, pareceu terrivelmente estranha e desconcertante. A mulher colocou a mão no braço de Susie, e ela os seguiu de volta para o carro, sem dizer uma palavra.

Claro, com números ímpares, isso significava que um menino teria que ir embora na manhã seguinte. Era o exílio mais fácil de todos: quando o resto de nós foi dormir, Evan estava esperando na porta com a mochila já pronta.

Na verdade, nos esquecemos de pegar o vaso na área de entrega. Quando Carlos foi buscá-lo no dia seguinte, ele estava rachado e quebrado, com pedaços faltando e uma rachadura atravessando o que restava.

O banimento de Susie foi o mais difícil, mas significava que tínhamos Desenvolvi uma espécie de imunidade à dureza necessária para viver no complexo. E assim, alguns dias depois, em troca de um tapete persa, banimos duas pessoas, Mia e Marcus. A votação foi difícil: as pessoas estavam divididas e demorou um pouco até chegarmos a um resultado. Pela primeira vez, recebi um único voto para me banir. Doeu, mas eu sabia que tinha sido o Tom; eu também tinha votado nele.

Doía perder Marcus. Ninguém detestava ele, só que gostávamos mais dos outros meninos. Não foi tão difícil dizer adeus à Mia, que se tornara difícil e rebelde nos seus últimos dias, discutindo com os meninos e ignorando as meninas. Acho que todos queriam que ela fosse embora, embora tivéssemos medo de sugerir isso. Ficamos sentados em silêncio tenso na sala de estar, em frente à televisão, sem nos olharmos. Então Candice disse "Mia", friamente e sem explicação, e pronto; nem nos demos ao trabalho de votar. Ela nos xingou feio ao sair, gesticulando com os dedos enquanto nos dizia o que pensava de nós. Depois, percorreu cada cômodo da casa e arrumou o que lhe chamou a atenção; algumas coisas que tínhamos ganhado nas Tarefas Comunitárias e outras que já estavam lá quando chegamos. Ninguém se ofereceu para acompanhá-la até o limite da propriedade, mesmo ela estando carregada de sacolas cheias de prêmios, curvada como uma velhinha. Permanecemos encolhidos lá dentro, como se tivéssemos medo de que ela pudesse voltar.

Jacintha não saiu do quarto durante um dia inteiro depois que Marcus foi embora. Carlos ficou rondando a porta, esperando que ela saísse.

—

RESTAVAM apenas dez participantes: eu e Ryan, Jacintha e Carlos, Sam e Becca, Tom e Vanessa, e Andrew e Candice. O desafio era basicamente permanecer em seu par até chegar

aos cinco finalistas; esse era frequentemente o período em que os casais começavam a discutir e se cansar um do outro. Como espectadora, era divertido tentar identificar quais casais estavam fingindo e quais eram genuínos. Como participante, não achei mais fácil discernir quais relacionamentos eram verdadeiros. Os outros sorriam ao ver Ryan com os braços em volta de mim, deitados na sombra, e eu frequentemente me maravilhava com o quão bem devíamos ficar juntos. Acho que eu teria sido feliz o suficiente com Ryan se não passasse horas esperando uma chance de encontrar Sam.

Jacintha e Sam tinham conseguido fazer uma porta para o banheiro e ainda estavam trabalhando na porta da entrada, esperando as peças certas chegarem. Mas, como tínhamos uma quantidade considerável de madeira, Tom decidiu construir um galpão. O problema era que Tom trabalhava no mercado financeiro e nunca tinha construído nada além de uma casinha de passarinho. Sam e Ryan tiveram pena dele e o ajudaram. O galpão, quando ficou pronto, era inegavelmente rústico, mas enorme: cerca de três vezes maior que o planejado originalmente. Dentro dele, guardamos o excesso de madeira, além de vários itens que havíamos ganhado nas Tarefas Comunitárias. Os meninos ficaram encantados consigo mesmos e passaram um bom tempo terminando a construção e mais tempo ainda se parabenizando por ela. Eles se reuniam lá com frequência, e isso me irritava.

Quando os meninos estavam no galpão, as meninas geralmente se reuniam no pátio, bebiam café gelado e reclamavam dos meninos. Vanessa ainda nunca se juntava a nós, e às vezes reclamávamos dela também.

"Estou feliz que sejamos só nós duas", disse Candice. "Significa que nós quatro estamos mais próximas."

Jacintha estava retraída desde que Marcus partiu, e muitas vezes nossos cafés gelados no pátio eram os únicos momentos em que eu realmente conseguia conversar com ela. Ela raramente ficava em casa e, em vez disso, se escondia em diferentes partes do terreno. Eu frequentemente via Carlos rondando por aí, procurando por ela. Um dia, a encontrei perto da quadra de tênis, encarando o verde sintético. Sentei-me ao lado dela e, depois de alguns minutos de silêncio, apoiei a cabeça em seu ombro. Ela não se mexeu, e depois de um tempo levantei a cabeça para olhá-la. "Sinto muito que Marcus tenha tido que ir embora."

“Ele não precisava sair. Ele foi eliminado nas urnas.”

Seu tom de voz era ríspido, e eu a observei atentamente. Ela não parecia bem: na verdade, estava pior do que quando chegamos. Não usava maquiagem e vestia uma roupa básica composta por shorts e uma camiseta de algodão. Pensei que ela devia estar negligenciando suas Recompensas Pessoais.

“E quanto a Carlos?”

"Eu não gosto do Carlos. Todo mundo fica me perguntando: 'E o Carlos?'. Parece que todo mundo se esquece que eu gostava do Marcus. Eu gostava muito, muito mesmo do Marcus."

"Acho que é simplesmente porque o Carlos parece gostar muito de você."

"É porque ele é negro e eu sou negra. Eu queria que ele simplesmente me deixasse em paz."

Tentei pensar em algo para dizer. Tínhamos conversado tão pouco ultimamente. "Sinto muito por não ter estado aqui para você", eu disse.

Ela suspirou e pressionou o joelho contra o meu. "Desculpe por ter me escondido. Vou tentar me esforçar mais." Levantamo-nos e caminhamos ao redor do complexo, contando

uma à outra o que tínhamos feito nos últimos dias. Eu falei bastante, primeiro sobre Ryan e depois sobre as recompensas que havia recebido. Fiquei esperando que ela se manifestasse, mas ela permaneceu em silêncio, e quando terminamos nossa volta pelo complexo, ela entrou e eu fui para a piscina.

Tentei não levar a reticência dela para o lado pessoal; eu entendia que ela sentia falta do Marcus. Tentei imaginar como me sentiria se o Ryan fosse embora sem mim. O problema é que eu também fiquei em pânico só de pensar na partida do Sam. Era ainda mais difícil porque eu gostava da Becca; ela me parecia uma das pessoas menos ardilosas daqui, e tinha uma inteligência discreta que eu apreciava. Era fácil fantasiar sobre estar com o Sam, mas não tão fácil considerar como isso deixaria a Becca vulnerável. Eu gostava da Becca, mas não tinha certeza se muitas outras pessoas gostavam: se o Sam a deixasse, ela certamente seria banida na manhã seguinte.

Alguns dias depois, enquanto as outras meninas tomavam café no pátio e os meninos conversavam no galpão sobre qualquer coisa que meninos conversam em um galpão, limpei a cozinha antes de checar minha telinha para ver se havia alguma Tarefa Pessoal. Como o sistema original do departamento previa dezesseis pessoas, tínhamos dividido algumas funções, mas a minha continuava a mesma. Eu não me importava de fazer; me dava estabilidade. Outra pessoa ficou encarregada de limpar o quarto e o banheiro, mas havia algumas áreas da casa que eu também havia assumido para limpar.

Se eu não me obrigasse a fazer minhas tarefas antes de olhar para a tela, seria muito tentador não fazer nada além de Tarefas Pessoais, e Andrew havia deixado claro que, embora fossem necessárias, depender demais delas era egoísmo.

A tarefa era simples, como costumavam ser.

Tarefa: Usar o chuveiro externo

Recompensa: Pijama

Essa perspectiva me agradou imensamente. Nos últimos dias, eu havia ganhado algumas peças de roupa muito bonitas. Cada vez que eu recebia uma nova peça de roupa, era uma ótima aquisição. Ao receber o produto na minha caixa de correio, fiquei impressionada com o quanto ele combinava exatamente com o meu gosto. Senti-me compreendida: senti que os produtores me conheciam, antecipavam meus desejos à medida que surgiam. Eu já tinha dois pijamas, mas mesmo assim gostaria de ter outro.

Peguei minha toalha e saí para tomar banho. Na frente da casa, vi Carlos e Jacintha no jardim. Jacintha estava sentada de pernas cruzadas, fazendo coroas de margaridas, e Carlos estava deitado de lado, observando-a enquanto trabalhava. Não havia mais ninguém por perto, e o terreno parecia estranhamente silencioso; o som das minhas sandálias batendo no concreto soava como tiros.

Antes de virar a esquina para os fundos da casa, ouvi o som de água corrente. Não me incomodou a possibilidade de ver alguém tomando banho. Eu já havia me acostumado a ver os outros em vários estágios de nudez e nem sequer tinha mais receio de usar o banheiro quando havia alguém lá. Tínhamos nos tornado próximos, todos nós, mesmo sem nos conhecermos de verdade.

Não parei quando ouvi o chuveiro ligado, mas devia ter parado quando ouvi os gemidos. Um segundo antes de virar a esquina, eu já sabia o que ia ver, e mesmo assim fiquei chocado: Ryan e Vanessa, abraçados, as costas nuas dela pressionadas contra a parede, o rosto inclinado para o céu. A boca entreaberta, recolhendo gotas de água.

Não sei se me viram — fiquei parada ali por mais tempo do que devia antes de sair correndo, minhas chinelas escorregadias, batendo desajeitadamente no chão. Fui para a parte mais ao norte do terreno, um pedaço de terra sem graça com árvores e grama. Eu sabia que ninguém viria até aqui e que não seria fácil me encontrar, mesmo que me procurassem. Tentei me esconder perto de uns arbustos, para não ser notada pelas câmeras, e embora soubesse que era inútil, me consolei um pouco fingindo que tinha algum controle sobre a situação. *Menina estúpida,* pensei, com a cabeça entre os joelhos. *Menina estúpida, estúpida.*

Fiquei ali até o sol se mover um palmo no céu. Queria ficar até escurecer, mas ouvi o assobio de Andrew e obedientemente fui para a sala de estar junto com os outros.

"Onde você estava?", perguntou Jacintha. Balancei a cabeça negativamente. Ryan estava ao meu lado, olhando de soslaio para mim. Será que ele sabia que eu o tinha visto?

"Então, pessoal", disse Andrew. "Essa é meio maluca, mas acho que vai ser engraçado. Somos todos amigos aqui, certo?" Algumas pessoas riram baixinho, e outras permaneceram rígidas. Olhei por cima do ombro de Sam e li as instruções.

Tarefa: Todos os moradores devem se beijar.

Recompensa: Churrasco

"Não", respondi imediatamente. "Não quero fazer isso."

"É só uma brincadeira, Lily", disse Tom.

"É uma estupidez", eu disse. "Não quero fazer isso."

"Um churrasco", disse Andrew. "Pense nisso!"

"Se ela não quiser fazer isso", disse Sam, "vamos deixar para lá. As pessoas não devem se sentir desconfortáveis com as tarefas. Temos tudo o que precisamos agora."

Ryan disse: "Vai ser engraçado. Vamos dar boas risadas."

Ele não tinha me visto, naquela época.

Sam estava me olhando, tentando ser discreto.

"Tudo bem", eu disse. "Vamos fazer isso."

Andrew e Tom discutiram sobre onde realizar a tarefa — acho que ambos queriam fazê-la no quarto para maior intimidade, mas não admitiram. Candice interrompeu. "Vamos levar os pufes para o gramado, perto da piscina." Era a melhor ideia. O sol estava se pondo, quase desaparecendo pelo resto do dia. Nos pufes, na grama, seríamos como adolescentes novamente. Pelo menos, essa era a intenção.

Lá fora, acomodei-me na minha almofada de puf, tentando parecer relaxada. Jacintha estava à minha direita e Ryan à minha esquerda. Ele pegou minha mão e eu deixei. "Quem quer ir primeiro?", perguntou Tom. Houve silêncio. Todos nos entreolhamos e, tenho certeza de que para um observador externo poderia parecer timidez, mas não éramos mais tímidos uns com os outros. Nos olhávamos como um jogador observa seus adversários em campo.

"Vou sim", disse Andrew. "É tudo uma brincadeira, afinal." Ele riu, e os meninos riram também, mas as meninas estavam olhando para Candice. Ela estava sorrindo.

Ele foi até ela primeiro. Beijou-a profundamente, e ela pressionou a mão contra a cabeça dele, mantendo-o ali, e depois o afastou gentilmente após alguns instantes. Em seguida, ele foi até cada uma das garotas e lhe deu um beijo casto e amigável. Quando se sentou, os rapazes o aplaudiram. Candice Ela ergueu uma sobrancelha. Era a personificação

da elegância, vestindo um longo vestido com o cabelo preso atrás da cabeça. "O que você está fazendo? Você ainda não terminou."

Ele sorriu. "Quer outro beijo, Candy?"

“Os rapazes”, disse ela. “'Todos os residentes devem se beijar', dizia. Não 'todo rapaz deve beijar toda moça'.”

Jacintha e Vanessa começaram a rir, e eu ri um pouco também, embora não estivesse com vontade. Os meninos olhavam para todos os lados, menos um para o outro, e Andrew franziu a testa, encarando o chão por alguns instantes. Então, ele se levantou de um pulo e disse: "Sem problema. Rapazes: façam biquinho, se quiserem."

Ele foi primeiro até Tom. Deu tapinhas nas bochechas dele, como se quisesse impedir que o rosto de Tom se movesse, e lhe deu um beijo estalado, com os lábios fazendo um barulho exagerado de estalo. "Tudo bem, tudo bem", disse Tom, tentando desesperadamente disfarçar o desconforto. Estávamos todos rindo agora, e Andrew passeava pela roda, um showman entretendo a plateia, fazendo piadas e declarando seu amor eterno por Sam antes de se beijarem. Como Andrew fez piada da situação, foi fácil para ele e para os garotos que ele beijou; mas todos os outros garotos estavam visivelmente nervosos, e quando se beijaram, foi um beijo desajeitado e sem jeito. De certa forma, isso me fez sentir pena deles.

A próxima foi a Candice. Todos os olhares no círculo estavam fixos nela. Ela foi primeiro até o Andrew, sentou no colo dele e o beijou de forma tão sensual que todos pediram para ir a um quarto. Depois, ela foi dando a volta no círculo, menino, menina, menina, menino, menino, distribuindo beijos que não eram exagerados, mas também não eram recatados. Quando chegou a minha vez, ela disse: "Olá, lindo", e me beijou, um beijo longo e intenso. Fiquei um pouco surpreso, mas não muito; era algo que ela faria. Foi um beijo fantástico, e quando ela se afastou, acariciou meu braço sedutoramente e mandou um beijo por cima do ombro para mim. Os outros ficaram eufóricos com o espetáculo, gritando e comemorando. Não era uma competição, mas a Candice, de alguma forma, conseguiu ganhar.

Ninguém mais era tão notável quanto Andrew ou Candice, e enquanto os dois estavam sentados juntos, de mãos dadas, pensei que certamente seriam eles que ganhariam: seriam eles que ficariam aqui, no final.

Alguns dos outros beijos se destacaram. Eu temia o de Tom, embora tentasse não demonstrar. Ele pairou na minha frente por alguns segundos, e eu encontrei seu olhar, mas com dificuldade. Ele se inclinou e pressionou seus lábios contra os meus. minha. Senti a língua dele invadir minha boca. Empurrei-o para longe. Os outros aplaudiram.

Em seguida, observei Ryan dar a volta no círculo, agindo como um cavalheiro, até mesmo com Vanessa. Quando chegou perto dela, Vanessa olhou para o chão e depois esboçou um sorriso para ele; fiquei pensando se eu teria percebido, apenas pelo olhar dela, que ele estava dormindo com ela pelas minhas costas. Olhei para Tom e me perguntei se ele também sabia. Ele a olhava com possessividade, mas ele sempre fazia isso.

Quando Ryan chegou perto de mim, ele acariciou meu queixo com o polegar, do jeito que sabia que eu gostava. Inclinou meu rosto para trás para que eu pudesse olhar em seus olhos. Olhei para ele com toda a frieza e todo o desgosto que consegui reunir. Percebi o exato momento em que ele soube que eu sabia. Mesmo assim, ele inclinou a cabeça em direção à minha, lentamente, como se eu pudesse me afastar, e eu o beijei como sempre o

beijava. Quando se afastou, examinou meu rosto, agora incerto. Sorri para meus pés da mesma maneira discreta que Vanessa havia feito.

Jacintha foi a próxima, depois Sam. Tudo dependia de Sam, pensei. Ele beijou Becca docemente, mas rapidamente. Beijou os rapazes com a mesma seriedade distante com que beijava as garotas. Quando chegou a minha vez, vi-o hesitar um pouco ao se ajoelhar diante de mim, e então seus lábios estavam nos meus. Ele me beijou um pouco mais do que os outros, mas não o suficiente para chamar a atenção. Mas eu queria chamar a atenção, então passei a língua lenta e deliberadamente pelo seu lábio inferior, e então mordi de leve. Senti seus olhos se abrirem. Ele se afastou, mas não se moveu por um instante — apenas um instante, mas pareceu uma eternidade — e quando se virou e foi para a próxima pessoa, senti uma vontade enorme de agarrá-lo, de chorar a seus pés e de puxar seus cabelos. Senti-me louca; senti-me pronta para fazer papel de boba, o que, suponho, era a intenção desses desafios.

Esperei até que restassem apenas alguns de nós. Queria que Ryan tivesse que esperar, e permitia que meus olhos se voltassem para Sam a cada poucos minutos. Na maioria das vezes, quando olhava para ele, ele já estava olhando para mim. Quando me levantei da minha almofada, a noite já havia caído, e só conseguíamos nos ver através das luzes da piscina, um brilho azul ondulante ao nosso redor.

Primeiro fui até Vanessa e a beijei, apenas nossos lábios se tocando. Ela Tinha gosto de melancia. Fiquei surpreso, quando a beijei, ao descobrir que seus lábios eram naturalmente carnudos: eu pensava que fosse preenchimento. Ela era simplesmente linda por natureza, Vanessa.

Em seguida, fui até Ryan e me ajoelhei entre suas pernas. Inclinei-me lentamente, como ele havia feito, e ele sussurrou "Lily", mas eu não queria ouvir nada. Beijei-o por alguns segundos, deixando-o sentir o vazio daquele beijo, depois me levantei e fui até Jacintha. Passei de pessoa em pessoa, distribuindo beijos leves. Hesitei diante de Tom. Ele me olhou impassivelmente, observando minha hesitação. Eu não queria beijá-lo, mas a pior coisa que eu poderia fazer seria demonstrar que não confiava em Tom.

Deixei Sam por último. Flutuei até ele como uma borboleta pousando na flor mais brilhante. Reconheci seus traços na escuridão. Seu rosto, a pequena parte que eu conseguia ver, estava sério enquanto me olhava, mas também inquisitivo. Coloquei minha mão em sua bochecha e o beijei, suave, mas deliberadamente, e senti seus lábios encontrarem os meus, esperando, creio eu, apenas um instante de contato; mas coloquei minha outra mão em volta de seu pescoço e o beijei mais profundamente, e suas mãos envolveram meu rosto, e então ele inclinou minha cabeça para me beijar ainda mais profundamente. Houve alguns aplausos, mas eles também se calaram quando não nos soltamos e nossos lábios se encontraram repetidas vezes. O silêncio nos envolveu, denso como a noite. Finalmente, me afastei e vi seus olhos permanecerem fixos nos meus enquanto eu me elevava sobre ele.

Nos separamos logo depois, e quando vi Ryan se aproximando, me afastei rápida e silenciosamente, a escuridão profunda me engolindo. Fui até o pomar, onde a grama estava alta e as folhas balançavam na rara brisa de verão. Consegui ver a casa ao longe, um lindo brilho em tons de branco e amarelo. Esperei ali por um tempo, tremendo. Disse a mim mesma que estava me escondendo de Ryan, mas sabia que estava esperando por Sam, porque ele costumava verificar os vegetais antes de irmos dormir. Fiquei tremendo, minha

cabeça se virando a cada som, mas ele nunca apareceu. Entrei antes que a situação ficasse constrangedora.

—

NAQUELA NOITE, senti a cama afundar ao meu lado mais tarde do que o habitual. Ryan estava no galpão havia um bom tempo, adiando nossa conversa. Estava escuro, mas eu sabia que era ele.

"Lily", disse ele. Mantive as costas viradas para ele. Ele colocou a mão no meu ombro e eu me debati com tanta violência que ele a tirou e não me tocou mais. Depois de um minuto, senti-o virar-se. Não consegui dormir nada naquela noite. Fiquei na cama até ter certeza de que o sol havia nascido e, quando saí de casa com meu café, pude ver incêndios florestais queimando à distância, furiosos e contorcendo-se, a quilômetros de distância, mas se aproximando, centímetro por centímetro.

NOVE

RYAN ME ENCONTROU NO

No dia seguinte, no pomar devastado, sentada ao lado das árvores nuas, com os joelhos abraçados ao peito. Eu havia passado a manhã inteira andando por ali, querendo evitá-lo e desejando que ele me encontrasse.

Ele tinha uma expressão sombria que me irritou profundamente.

“Lily, me desculpe”, disse ele. Ele não parecia inclinado a dar uma explicação, e eu não ia pedir uma. Era óbvio o suficiente, de qualquer forma: se ele não a recebesse de mim, procuraria em outro lugar. Como tudo aqui, era um jogo, uma competição, não importava o quão relaxadas e “genuínas” as coisas parecessem. O que ainda não estava claro era se Ryan era quem tinha falhado na jogada, ou se eu era quem estava perdida agora. De muitas maneiras, não se tratava do fato de ele não ter sido fiel a mim — tratava-se de como isso me fazia parecer e como afetaria o resto do meu tempo aqui.

“Quantas vezes?”, perguntei.

“Essa foi a primeira vez”, disse ele, olhando para o chão. “A primeira vez com Vanessa.”

Encarei-o fixamente. "Quem mais?"

“Mia”, disse ele.

Eu queria arrancar a cara dele até minhas unhas quebrarem e meus dedos sangrarem. Mia não tinha falado comigo durante a última semana em que esteve aqui. Achei que a tivesse ofendido de alguma forma.

"Quero te matar", eu disse. "Mas provavelmente o Tom fará isso por mim."

"Lily", disse ele, olhando para mim com tristeza. "Tom também transa com várias mulheres."

“O quê? Com quem?”

“Sarah”, disse ele. “E Mia também.”

Virei-me e comecei a arrancar folhas secas, só para esconder o rosto e dar algo para as mãos fazerem.

"Eu ainda te amo", disse ele. Eu não me virei. Rasguei folhas e pensei no som das pessoas se movendo na noite. Me perguntei se ele alguma vez havia feito sexo com ela no quarto e depois voltado para mim ao amanhecer.

“Você não vai dizer nada? Eu disse que te amo, Lily.”

Houve um longo silêncio, e quando ele falou novamente, sua voz era fria. "E o que foi aquilo entre você e Sam ontem à noite, durante a tarefa?"

Então me virei para ele. "Você está falando sério, porra?"

“Ele está te rondando desde o primeiro dia. Bem, ele não te reivindicou. Fui eu.”

“ Me *reivindique* ?”

“Na primeira noite, quando entrei no quarto, ele estava parado aos pés da sua cama. Você sabia disso? Tenho certeza que sim. Bem, eu sabia o que ele estava aprontando. Então, pedi para o Andrew fingir que tinha algo importante para perguntar a ele. Quando ele virou

as costas, eu me deitei na sua cama. E me apaixonei por você tão rápido, Lil. Muito antes de eu dizer isso. Você não sabe disso?"

"Você não vai mais dividir a minha cama", eu disse. "Se você chegar perto de mim esta noite, eu te mato."

Fui até o pátio, onde as meninas estavam tomando café, e ele foi até o galpão, onde os meninos já estavam esperando. As meninas usavam óculos escuros, mas percebi que Jacintha notou algo estranho quando me aproximei delas. Ela abriu os braços, e eu fui até ela, e ela acariciou meu cabelo enquanto eu chorava. Contei a elas o que ele tinha feito, omitindo qualquer menção a Sam por respeito a Becca.

Candice estava preocupada. "Pensei que vocês dois fossem tão fortes", disse ela. Ela franziu a testa, e eu soube que, enquanto falava da minha situação, estava pensando na dela.

"Tom também", eu disse. "Vanessa, Sarah e Mia."

"Droga", disse Jacintha. "Sarah era a melhor amiga de Vanessa aqui."

"Ele mencionou mais alguém?", perguntou Becca.

"Acho que três meninas já são suficientes, não é?", perguntou Jacintha.

"Não", disse Becca. "Quer dizer, Ryan mencionou que mais alguém estava traindo?"

"Não", eu disse.

"Se Ryan estava tendo casos com outras pessoas", disse Becca, "qualquer um poderia estar, na verdade."

Os olhos percorreram o círculo, piscando.

Jacintha se virou para mim e disse: "Oh, querida. Sinto muito que isso tenha acontecido com você."

Becca disse: "Deveríamos bani-lo. Quando o próximo desafio surgir." Olhamos para ela. Seu rosto estava sério, impassível.

Candice disse: "Concordo."

Eu odiava o Ryan: queria que ele fosse apagado da face da Terra. Mas a ideia de ele ser banido era um golpe para o qual eu não tinha certeza se estava preparada. Ele tinha sido a minha pessoa por semanas: era a minha rede de segurança e o meu conforto.

"Não sei", eu disse. "Isso não é mesquinho?"

Jacintha olhou para mim com um traço de pena. "Onde está Ryan agora?"

"No galpão", eu disse.

"No galpão", disse ela. "Com os outros meninos."

"Então?"

"Então, o que você acha que eles estão falando?", perguntou Candice, impaciente. "Sinto muito, Lily, mas eles não vão ficar te elogiando lá dentro. Foi você quem terminou com ele."

"Ele me traiu!"

"Lil, eu *sei.* Mas não é isso que eles vão dizer. Você disse a ele que não dividiria a cama com ele? Isso o coloca em risco. Eles vão se livrar de um de nós antes de se livrarem de um deles."

Eu não conseguia acompanhar. Uma parte de mim estava presa ao outro dia — foi ontem? Anteontem? — quando ele me pediu em namoro e eu fiquei deitada com ele ao sol. Mas eles tinham razão: as coisas aconteciam rápido por aqui. Estávamos ficando cada vez menos sentimentais a cada hora que passava. Estávamos procurando motivos para nos livrarmos das pessoas.

"Porra", eu disse, e Jacintha acariciou meu cabelo. Eu me encostei nela. Era bom estar perto dela de novo.

“O próximo desafio”, disse Becca. “Vou dizer para o Sam votar para eliminá-lo. Ele não vai se importar; ele o odeia. E nós quatro votaremos nele também.”

“São cinco votos”, eu disse. “Precisamos de pelo menos mais um.”

“Vou falar com o Carlos”, disse Jacintha. “Ele fará o que eu mandar.”

“Seis votos”, disse Candice. “Não posso dizer isso para o Andrew: vai alertar os outros. Mas seis votos bastam. Que se dane o Ryan; ele não merece estar aqui.”

Olhamos para trás para nos certificarmos de que eles não podiam ouvir.

“Mas”, disse Candice, “se votarmos para eliminar o Ryan, a Lily ficará vulnerável naquela noite. Não podemos deixar você ser expulsa, Lil, por algo que ele fez.”

“Ela vai ter que encontrar outra pessoa para dividir a cama”, disse Becca, e eu a encarei com firmeza. Ela era tão jovem, Becca. Eu ainda não tinha descoberto a idade dela.

"Quem?" perguntou Jacintha.

“Tom, claro”, disse Becca.

A ideia de dividir a cama com Tom me enchia de pavor. Eu sabia que não conseguiria dormir um minuto sequer, com seu corpo enorme a centímetros de distância. As meninas me olhavam com expectativa, e eu sabia que elas tinham razão. Se alguém tivesse que ir, que fosse a Vanessa.

“Precisamos tentar concluir a votação assim que a tarefa aparecer na tela”, disse Jacintha. “Não podemos deixar os meninos conversarem entre si.”

“Quanto antes você falar com o Tom, melhor, Lily. Quer que eu encontre uma roupa para você?”, disse Candice.

"Não vou *seduzi* -lo", eu disse. "Jesus."

“Está tudo bem”, disse Jacintha. “Existem outras maneiras.”

"Eu não gosto do Tom", eu disse. Não disse o que realmente queria dizer, que era que uma parte de mim tinha medo dele. Não disse isso, mas acho que as meninas de alguma forma entenderam.

“Não se preocupe”, disse Candice, acariciando minha mão. “Ele é o próximo.”

—

OS PRODUTORES DEVIAM saber do que se tratava, porque depois de uma tarefa simples em troca de saquinhos de chá, apareceu na tela:

Tarefa: Expulsar uma pessoa do complexo.

Recompensa: Raquetes de tênis

Tínhamos recebido uma rede para a quadra de tênis em uma Tarefa Comunitária e bolas que um dos meninos havia ganhado em uma Tarefa Individual. As raquetes significariam que poderíamos jogar partidas de verdade.

“Deveríamos acabar com isso agora”, disse Candice.

Andrew suspirou. "Não sei. Os exílios são sempre difíceis, mas agora que só restam dez, é pior."

"Eu adoro tênis pra caralho", disse Jacintha, e Andrew se animou.

"É mesmo?", disse ele, sorrindo. "Eu também. Topa me aceitar como seu parceiro? Sou muito bom nisso."

"Claro", disse ela. "Vamos pegar as raquetes e jogar."

Ele olhou para a posição do sol, baixo no céu. Geralmente não fazíamos mais tarefas à noite, mas a oferta era tentadora demais para deixarmos passar. Ele apontou para a sombra de uma árvore próxima. "Quando a sombra daquela árvore alcançar o balde vermelho, aí eu vou apitar."

Quando ele saiu, Jacintha disse: “Não vai demorar muito, Lily: pode ser uma hora, mas também pode ser meia hora. Preciso ir falar com o Carlos e garantir que o voto dele esteja seguro. Vá encontrar o Tom. Rápido. As pessoas vão estar se preparando para não dormir sozinhas esta noite. Chegue até ele antes que outra pessoa o faça.”

"Vou encontrar a Vanessa e garantir que ela esteja ocupada", disse Candice. "Becca, vá até o Sam e diga para ele manter segredo sobre a votação."

Não vi Tom em lugar nenhum, mas também não podia ser notada procurando por ele às pressas. Caminhei casualmente ao redor da casa, depois fui até a academia e finalmente o encontrei no quarto cinza. Ele havia instalado prateleiras. Era incrível como o quarto tinha ficado muito melhor. Havia uma cadeira e uma escrivaninha, dando ao ambiente a atmosfera de um escritório em casa. Ele havia colocado algumas coisas nas prateleiras e, ao observar com mais atenção, vi que eram todos itens pessoais dele — uma maquete de navio, um cacto em vaso, uma gravura de um filme de gângster, um soldadinho de brinquedo. Quando o encontrei, ele estava sentado em silêncio na cadeira giratória, olhando para os objetos.

"Pretende se mudar para cá?", perguntei. Ele ergueu os olhos e sorriu.

Posso te ajudar em alguma coisa?

Percebi que tinha sido estúpido: se eu revelasse ao Tom que sabia que iriam votar para me eliminar e que, na verdade, planejava votar no Ryan, ele contaria para os outros. Eu não precisava falar com o Tom; precisava falar com o Sam.

“Vamos lá”, disse ele. “Se você pedir com jeitinho, posso pensar em te salvar.”

Saí sem dizer mais nada e vi a expressão de surpresa em seu rosto. Antes que eu lhe virasse as costas, fui de um cômodo para o outro. Sam. Onde estava Sam? Eu não podia confiar em Becca para convencê-lo a me manter por perto: de certa forma, seria contra os interesses dela. Vi Jacintha na sala de estar com Carlos, e ela acenou para mim quando passei. Carlos estava bem, então. A sensação de inchaço no meu peito diminuiu um pouco, mas a adrenalina pulsava nas minhas veias, me impulsionando a me mover mais rápido. Sam. Encontre Sam.

Eu o encontrei nos fundos da casa. Ele estava consertando uma parte da cerca que estava quebrada. A manutenção externa era tecnicamente responsabilidade do Ryan, mas quando algo dava errado, as pessoas geralmente pediam para o Sam ou a Jacintha consertarem. Quando cheguei perto dele, eu estava ofegante. Ele se virou e me viu.

“O que foi?”, perguntou ele. “Você está bem?”

"A Becca te encontrou? Ela te contou?"

“Diga-me o quê? O que aconteceu?”

Em silêncio, eu a amaldiçoei. "Eles vão me expulsar", eu disse. "Os rapazes vão se livrar de mim. Eu não quero ir. Por favor, Sam. Eu não quero voltar." Sem aviso, desabei em lágrimas. Ele me puxou para seus braços imediatamente, minha cabeça aconchegada em

seu queixo, e eu o deixei sussurrar palavras reconfortantes em meu ouvido. Eu poderia ter ficado onde estava, mas o sol estava se movendo e as sombras se alongavam. Me afastei e olhei para o seu rosto.

“Está tudo bem, Lily”, disse ele, e enxugando as lágrimas do meu rosto. “Claro. Vou votar no Ryan; é claro que vou.” Ele pressionou os lábios contra minha testa. “Você não faz ideia de como ficarei feliz em vê-lo ir embora.”

Havia mais coisas que eu queria lhe dizer, e mais coisas, eu acho, que ele queria me dizer, mas o apito soou estridente e eu dei um pulo.

"Está tudo bem", disse ele. "Eu prometo." Senti alívio, mas também uma sensação de vitória, de triunfo: ele me queria lá. Isso significava alguma coisa; tinha que significar alguma coisa.

Fomos juntos ao círculo norte, e Ryan olhou para nós e balançou a cabeça, como se eu tivesse feito algo repugnante.

"Muito bem", disse Tom. "Todos nós sabemos como isso funciona. Vamos fazer isso de forma rápida e indolor."

“Não queremos nos despedir de ninguém. Mas precisamos ser práticos”, disse Andrew. “Precisamos considerar o valor que podemos agregar a este lugar — e às nossas vidas aqui — realizando tarefas.”

Fomos até a planície árida e empoeirada para votar. Observei todos gravando a inicial em suas pedras, e meus olhos pararam em Becca, cuja cabeça estava baixa, concentrada em sua pedra. Fui tola por beijar Sam como fiz ontem; não pensei em Becca, que observava tudo. Que burrice!

Colocamos nossas pedras na pilha. Agachada, com uma pedra marcada com a letra R na mão, rezei para que houvesse pessoas suficientes ali que gostassem de mim o bastante para me manter por perto.

Andrew e Tom se abaixaram e leram as iniciais nas pedras. Depois de contar, Andrew olhou para cima.

“Ryan”, disse ele.

Ao meu lado, Candice apertou minha mão — não um aperto de apoio, nem um carinho suave: ela apertou minha mão em sinal de vitória.

Eu odiava o Ryan pelo que ele tinha me feito, mas quando vi a expressão no rosto dele, não fiquei tão satisfeita quanto pensei que ficaria. Vi o Tom examinando as pedras novamente, conferindo tudo. Os meninos se entreolharam. Eu sabia que o Ryan devia ter pedido para todos votarem em mim, e provavelmente na Vanessa também. Fiquei pensando se ele tinha se lembrado de perguntar para as outras meninas. Eu sabia o que elas estavam pensando: qual dos meninos tinha se voltado contra o Ryan e por quê? Fomos todos até as pedras: seis Rs e quatro Ls. Vi a Becca olhar as pedras e depois se afastar do grupo, de costas para nós.

Ryan encarava a pilha, imóvel.

“É melhor você ir antes que escureça, Ryan”, disse Candice. Ela passou por ele e entrou na casa.

Normalmente, dávamos espaço para a pessoa juntar suas coisas em particular, mas quando chegamos à casa, Ryan disse: "Lily, posso falar com você?"

Entrei no quarto com ele, mas ele ficou parado me olhando, e eu comecei a juntar as coisas dele. O vestiário dos meninos ficava à esquerda do quarto, e eu só tinha entrado lá

uma vez, antes da chegada deles. Estava nojento agora, com roupas espalhadas pelo chão, creme de barbear e pasta de dente na pia. Abri o guarda-roupa do Ryan e comecei a enfiar tudo numa mala, a mesma que ele tinha trazido, a mesma com que tinha viajado pelo deserto. Ele apareceu ao meu lado.

“Por favor”, disse ele. “Vamos conversar.”

“Você ainda gostaria de conversar se eu tivesse perdido a votação? Você me veria partir para o deserto sem dizer uma palavra.”

“Isso não é verdade”, disse ele. “Não é. Não é verdade.”

Olhei para ele. Ele era incrivelmente, inegavelmente lindo. Eu conseguia entender por que me senti atraída por ele no início — eu gostava de coisas bonitas —, mas uma parte de mim se envergonhava da superficialidade que demonstrei ao apostar nele sem pensar muito.

"Agasalhe-se", eu disse. "O deserto é frio à noite."

Só os rapazes foram se despedir dele. Jacintha, Becca, Candice e eu fomos para o nosso camarim e acendemos uma vela para afastar a energia negativa. "Justiça", disse Candice, por cima da chama bruxuleante.

Eu não sabia onde Vanessa estava, apenas que ela não estava com os rapazes, nem conosco.

Quando os meninos voltaram, Candice apagou a vela. "Você falou com o Tom?"

“Não exatamente”, eu disse.

“Você precisa encontrá-lo agora”, disse Jacintha. Ela olhou para fora. Nós iríamos dormir em breve.

Eu não queria falar com ele dentro de casa — não tinha certeza de como nossa conversa se desenrolaria, mas sabia que não queria plateia. Não sei explicar como, mas tinha certeza de que, se esperasse sozinha perto da piscina, Tom apareceria. E eu estava certa: fiquei ali apenas o tempo de um breve canto de pássaro quando vi um movimento à minha esquerda. Ele tinha, inacreditavelmente, um cigarro, que fumava com evidente prazer.

"Onde você conseguiu isso?", perguntei.

“Desafio pessoal.”

“O que você teve que fazer para conseguir isso?”

Ele me lançou um olhar. Eu sabia que era bobagem até mesmo perguntar. Tentei pensar em algo mais para dizer, para deixá-lo mais à vontade, para que confiasse um pouco mais em mim, mas não consegui pensar em nada. Lutei por alguns instantes contra a minha própria inutilidade.

“Você fez uma coisa muito inteligente”, disse ele. “O Ryan caiu direitinho nessa.”

“Você também teria feito isso.”

Ele assentiu com a cabeça e deu uma tragada no cigarro. "Não imaginava que você fosse tão fria assim. Ele foi seu homem desde o primeiro dia."

"Você não sabe por que eu fiz isso?", eu disse.

“Isso é problema seu.”

“Fiz isso porque ele me traiu. Com a Vanessa.”

Ele olhou para mim, o rosto azulado sob as luzes da piscina. "Isso não é verdade."

"Isso é."

"Mentiroso."

“Desculpe, Tom. Eu os vi. Ontem mesmo.”

Ele estava quieto, pensando, juntando as peças do quebra-cabeça. Não senti pena dele; ele tinha feito o mesmo, e pior.

“Foi no chuveiro, nos fundos. Ele a pressionou contra os tijolos e estava mordendo o pescoço dela.”

"Fique quieto."

“Ela estava com as pernas enroladas nas costas dele. Ela tem pernas tão lindas e compridas. Provavelmente as mais compridas de todas aqui, eu diria. Eu ficava pensando que as costas dela deviam estar doendo, do jeito que ela se mexia contra a parede.” Havia um prazer terrível e vingativo em me ver capaz de perturbar Tom, mas eu ainda precisava conter o medo de ir longe demais.

"Fique quieto", eu disse.

Você reparou em arranhões nas costas dela? Ou talvez um hematoma no pescoço?

Ele deu um passo em minha direção e eu olhei para a casa. Com certeza haveria alguém por perto para me ouvir gritar. Mas ele apenas jogou o cigarro no chão e olhou para mim. Estávamos praticamente nariz com nariz. Ele não era alto; tínhamos quase a mesma altura.

"Tom", eu disse. "Não quero ser eu a partir esta noite. Tenho sido fiel."

Ele ficou me encarando por mais um tempo. A piscina lambia suavemente ao nosso lado. Pensei em Becca, naquele dia, semanas atrás, talvez meses atrás, quando ele a segurou debaixo d'água.

Você vai me ajudar?

Ele continuou me olhando em silêncio e então disse: "Diga 'por favor'".

“Não”, eu disse. “Não vou implorar. Só estou pedindo que você me ajude, só desta vez.”

Ele assentiu com a cabeça, um breve movimento de balanço. "Acho que você tem a impressão de que eu não gosto de você. Mas eu fui um dos seis que votaram para eliminar o Ryan. Eu mantive você no cargo."

"O que?"

“O Ryan era um problema”, disse ele. “Não tinha ambição nenhuma. Acho que em um ou dois dias as pessoas vão ter esquecido que ele esteve aqui.” Ele pegou o cigarro e entrou. Eu o vi parar do lado de fora da porta para jogar a bituca no lixo.

—

AS MENINAS ESPERARAM no nosso camarim até Vanessa ir para a cama, antes de Jacintha dizer: "E então?"

"Ele vai fazer isso", eu disse.

“Não se preocupe se estiver sozinho no começo”, disse Candice. “O banimento só é decidido ao amanhecer. Muita coisa pode acontecer aqui durante a noite. A escuridão vai ajudar.”

Entrei no quarto, guiada pela luz fraca que filtrava pela porta entreaberta. Quando os outros entraram e fecharam a porta, a luz se apagou, e foi com grande apreensão e uma terrível solidão que me dirigi à minha cama, agora vazia. Deitei-me e senti meu coração batendo forte contra o colchão, tão alto que pensei que os outros deviam ter conseguido ouvi-lo.

Olhei em volta e vi o contorno tênue dos outros quatro casais em suas camas. Ninguém se despediu de mim, mas ninguém nunca se despedia, pois nada era certo até o fim da noite. E era mais fácil, também, na noite, fingir que não sabia o que estava acontecendo. Você dormia e esquecia.

Eu queria poder enxergar direito. Sentei-me e olhei para a cama de Tom até meus olhos se acostumarem à escuridão. Vanessa estava lá, deitada de lado. Tom também se sentou: eu conseguia distinguir bem sua figura robusta. Ele levantou a mão, com a palma virada para mim. *Espere,* acho que ele quis dizer. Ou será que estava acenando, num gesto irônico de despedida? Olhei para as outras camas. Pensei no que Candice tinha dito. *Muita coisa pode acontecer numa noite aqui.*

Olhei para a cama dela e, embora não conseguisse ver nada além de um amontoado de roupas de cama, ouvi sussurros e ruídos fracos, típicos de um homem e uma mulher na noite. Pensei que Jacintha e Carlos estivessem conversando, ou talvez estivessem dormindo. Não conseguia ver nada da cama de Sam e Becca.

O incentivo das meninas parecia algo distante agora. Eu me sentia completamente sozinha, mais do que nunca na vida. Se Tom estivesse falando a verdade, alguém em quem eu confiava tinha votado contra mim. Eu conhecia Carlos menos do que qualquer outro, mas achava que ele tinha votado em Ryan, já que ele ficou de lado quando os rapazes se despediram. Eu tinha certeza de que Jacintha também. Candice, eu achava que podia confiar. Sam com certeza tinha votado para eliminar Ryan.

Claro que seria a Becca. Se eu não estivesse aqui, ela não precisaria se preocupar com o Sam se envolvendo com outras pessoas. Não posso dizer que a culpei. Eu teria feito o mesmo, se tivesse pensado nisso.

Tentei imaginar como seria voltar para casa. As conversas intermináveis sobre as guerras, as máscaras que usávamos nas cidades grandes, o céu cinzento e sombrio e as noites em frente à televisão. Eu não conseguia suportar a ideia de acordar todas as manhãs e odiar tudo: o cereal marrom sem graça que supostamente fazia bem para a saúde intestinal, o café que não tinha tido tempo de esfriar, a caminhada até o trabalho, aquela ladeira idiota que eu detestava — a sensação nas coxas pouco antes de chegar ao topo, e saber que faria a mesma caminhada no dia seguinte, repetidas vezes. E ficar parado, dia após dia, esperando por algo para fazer e depois me ressentir por receber trabalho. A conversa fiada, o mofo na parede da copa, o buraco no teto acima do banheiro dos funcionários, os insetos que se acumulavam ali, e o brilho comercial dos balcões de exposição. Voltar para casa e temer fazer tudo de novo no dia seguinte, e ainda assim nunca ter dinheiro suficiente. E qual era o sentido de tudo isso, afinal, se eu nunca ia poder comprar coisas boas, ou ter nada que valesse a pena possuir — quando provavelmente todos estaríamos mortos em vinte anos, talvez trinta se tivéssemos sorte? Que diferença fazia acordar no mesmo horário todas as manhãs, vestir as mesmas roupas e tentar comer mais proteína e menos açúcar, quando um terremoto, um tsunami ou uma bomba poderiam acabar com tudo a qualquer minuto? Ou talvez todos nós continuássemos a ferver, lenta mas seguramente, na bagunça que fingíamos ser um lugar aceitável para se viver.

Não sei como consegui dormir, mas consegui. Eu sabia, por ter assistido ao programa, que quando uma pessoa era banida ao amanhecer, ela era acordada por uma vibração no colchão; se não se levantasse imediatamente, o colchão esquentava a ponto de queimar. Quando o colchão se moveu, soltei um grito abafado, pensando que o sol tinha nascido e

que eu estava sendo banida, mas uma mão pressionou minha boca e percebi que estava a salvo. Mesmo assim, permaneci tensa até que a mão fosse retirada.

“Shhh”, ele disse. “Está tudo bem. Sou eu.” Virei-me para o outro lado. Sam estava deitado ao meu lado.

Ele estava ao meu lado. Eu ficaria bem. Mesmo assim, meus membros tremiam, meus dedos se agarravam aos lençóis. "Lily?", ele sussurrou.

"Pensei que ia ser banida", disse eu, com a voz quase inaudível. "Pensei que ia embora com certeza."

Ele hesitou e então estendeu a mão, tocando a minha. Sua mão era quente e calejada. Fiquei surpresa com a sensação agradável; apenas a mão dele na minha. "Eu não suportaria estar aqui se você não estivesse aqui. Não teria sentido nada se você não estivesse aqui."

Eu o abracei e ele me apertou forte. O alívio por estar ali era igual à alegria de ter Sam ao meu lado. Repeti seu nome várias vezes, baixinho, como um suspiro. Finalmente, parei de tremer. Me senti sólida e segura, encostada nele, sua mão quente e pesada na minha lombar. Ouvi um pequeno suspiro de felicidade em sua cabeça — pude senti-lo contra meu pescoço. Acho que soube exatamente como ele se sentia só por aquele pequeno som. Não tive medo de fechar os olhos: eu sabia que ele ficaria onde estava, que estaria lá pela manhã.

Recuei um pouco para olhá-lo. Não consegui distinguir muita coisa, mas ainda assim: era o Sam. Consegui ver o leve movimento do seu peito subindo e descendo. Coloquei a mão sobre ele. Então me inclinei para a frente e o beijei. Ele estava quente e tinha um gosto doce. Movi minha perna para ficar completamente pressionada contra ele. Soltei um gemido baixo e sua língua roçou o céu da minha boca. Deslizei minha mão do seu peito para a sua cueca.

“Não precisamos”, disse ele.

Fiquei tocada ao ouvi-lo dizer isso. Eu havia me prometido, antes, que não faria sexo no programa, mas percebi, com o corpo dele pressionado contra o meu, que queria fazer tudo diferente com Sam: eu queria... Tudo para parecer real. Com Ryan, eu vivia pensando demais sobre nós dois juntos, ponderando meus próprios desejos contra meu desejo de segurança; mas com Sam, me deixei guiar puramente pelo instinto. Tirei minha camiseta e a deixei cair no chão atrás de mim. "Eu quero", eu disse. A mão dele se estendeu e acariciou a parte mais macia do meu braço. Eu o beijei novamente, mas ele não fez mais nenhum movimento. Recuei, preocupada que ele tivesse vindo até mim apenas por pena. "Você prefere não?"

Ele me abraçou forte e sussurrou meu nome contra meus lábios. Olhei para o teto e ele mordeu meu pescoço. Eu não conseguia acreditar em como era bom: não conseguia acreditar que aquilo tinha estado disponível para mim, que Sam tinha estado disponível para mim, e que eu só estava vivenciando aquilo agora. Eu não sabia que horas eram, se os outros estavam dormindo ou ainda acordados. Eu só conseguia pensar em Sam, sua mão me acariciando, a urgência de seus lábios. Ele pressionou a testa contra a minha e eu o agarrei com força pelos ombros, como se pudesse puxá-lo ainda mais para perto. Ele fez um som que eu nunca tinha ouvido antes e, ao ouvi-lo, senti que ele me pertencia de alguma forma pequena e essencial.

Acordei novamente quando ainda estava escuro. Sam também estava acordado: eu podia ver o branco dos seus olhos, o brilho suave das suas pupilas enquanto ele me olhava.

Olhei para ele de volta e, sentindo como se estivesse num sonho, estendi a mão e afastei a mecha de cabelo que caía sobre a sua testa. Ele me observou enquanto eu a empurrava para trás. Deixei minha mão ali e tracei a linha da sua sobrancelha. Senti uma felicidade perfeita, inatingível. Eu não precisava falar, nem me comunicar com ele de nenhuma outra forma para saber que ele sentia o mesmo.

Sam adormeceu logo depois, mas eu fiquei cochilando por um tempo, até que um movimento do outro lado do quarto me despertou completamente. Havia um tênue raio de luz do amanhecer entrando pela claraboia, e olhei para ver Tom descendo da cama. Ele caminhou até a cama de Becca, onde ela estava deitada ao lado de Vanessa. Tom havia deixado sua cama vazia: imaginei que ele pensasse que eu iria até ele. Ele tocou o braço de Vanessa, e ela abriu os olhos e o encarou. Ele apontou com a cabeça para a porta, e ela saiu da cama lentamente. Ela caminhou em direção ao vestiário feminino; ele a seguiu, com a mão em suas costas. Esperei um pouco. Depois de alguns segundos, saí da cama discretamente e caminhei em silêncio até a porta do quarto, de onde pude ouvi-los conversando.

"Você já arrumou suas coisas?", perguntou Tom.

"Sim", disse Vanessa, com a voz fraca.

“Pode ficar com as coisas que eu te dei, mesmo que eu as tenha conquistado.”

Houve uma breve pausa em silêncio.

Você não vai agradecer?

“Você está me expulsando à força. Desculpe se não me sinto particularmente grato.”

"Sabe", disse ele, "se não houvesse regras, eu lhe daria umas boas maneiras. Você é uma vadia, Vanessa, e agora todo mundo sabe disso."

Ouvi-o dar um passo para trás em direção ao quarto. Recuei também. "Você não vai me acompanhar até a divisa?", perguntou ela, com a voz aguda. Pensei em como seria assustador entrar no deserto apenas com a luz tênue do amanhecer.

"Não", disse Tom. "Estou cansado. Vou para a cama."

Avancei mais para as sombras e o deixei passar. Ele voltou para a cama e parou brevemente junto ao criado-mudo. Havia um ursinho de pelúcia ali, que Vanessa ganhara algumas semanas atrás: um urso polar de aparência alegre. Sem ousar me mexer, observei Tom pegá-lo e examiná-lo, sua pelagem branca brilhando na escuridão do quarto. Num movimento rápido, arrancou-lhe a cabeça e a deixou cair no chão. Depois, deitou-se na cama onde Becca estava sozinha, encolhida de lado como um ponto de interrogação. Eu sabia que ela estava acordada: podia ver seu punho, pequeno e com os nós dos dedos brancos, agarrado aos cobertores.

DEZ

COM A PARTIDA DE VANESSA, HAVIA

Oito de nós ficamos no complexo. Isso facilitou muito a realização das Tarefas Comunitárias e, por um tempo, chegamos a coletar cinco, seis, sete recompensas por dia. Mesmo que fosse uma recompensa simples, agora recebíamos uma grande quantidade ou uma versão de altíssima qualidade. O complexo estava realmente prosperando. Tínhamos comida suficiente para meses — e era comida boa: carnes marinadas, uma variedade de vegetais, frutas, salgadinhos e produtos secos. Tínhamos tanta comida, aliás, que usamos um dos cômodos vazios ao lado da cozinha como despensa. Visitávamos a despensa com frequência, não apenas quando estávamos com fome, mas também para admirar tudo o que tínhamos acumulado. Qualquer um ficaria impressionado. Agora tínhamos uma coleção impressionante de bebidas alcoólicas, que guardávamos na cozinha: cerveja, vinho, champanhe e gim. E não havia mais apenas tarefas para passar o tempo: tínhamos uma quadra de tênis em funcionamento, um escorregador de plástico azul que levava à piscina, traves de gol para futebol, uma cesta de basquete, uma pista de dança, uma máquina de karaokê, colchonetes e pufes para ioga e produtos de beleza suficientes para um salão de beleza. Cabia a cada grupo de participantes decidir o que queriam deixar para trás e o que queriam levar de volta. Olhando para o complexo, pensei que gostaria que ele permanecesse exatamente como estava. Mas também tive a sensação de que, se — ou melhor, quando — eu tivesse que ir embora, relutaria em deixar para trás tudo o que havia conquistado.

Sam e Jacintha estavam comprometidos com suas funções na manutenção da casa e agora também ajudavam Carlos com a manutenção do jardim e da piscina. Tínhamos portas funcionando no banheiro e na entrada da casa, e usamos parte da madeira que sobrou para reforçar a cerca que delimitava o perímetro. Ainda havia bastante madeira sobrando, a maior parte armazenada em... O galpão. O galpão, embora eu não gostasse dele — era muito o domínio dos meninos —, agora era nossa Caverna das Maravilhas, à medida que mais e mais recompensas iam se acumulando; os quartos de hóspedes no andar de baixo estavam lotados de coisas e ainda não havia espaço. Guardávamos muitas de nossas recompensas, portanto, no galpão, e a qualquer hora do dia geralmente havia alguém lá, examinando as coisas que tínhamos recebido. Era uma coleção variada: ferramentas, lâmpadas, uma bateria, metros de tecido, um globo de neve, um avião de brinquedo, uma cabeça de urso de pelúcia que todos nós odiávamos, mas não queríamos jogar fora. Eu não era imune ao seu fascínio — na verdade, eu mesmo ia lá três ou quatro vezes por dia, para admirar o brilho do cortador de grama, ou das cadeiras de madeira maciça do deck, ou dos equipamentos esportivos, ou das caixas de luzinhas de Natal para as quais não conseguíamos encontrar o lugar certo. Havia uma fonte de chocolate que guardávamos para ocasiões especiais e taças de vinho chiques que guardávamos pelo mesmo motivo. Claro, na verdade nunca houve

ocasiões especiais, pois todos os dias eram iguais ao anterior — mas havia dias em que precisávamos de um incentivo, e a sensação era a mesma.

Depois da primeira noite que passamos juntos, fiquei tímida com o Sam. Temia que ele tivesse vindo para a minha cama por obrigação e que achasse que eu me atirara em cima dele para impedi-lo de me trair. Passei a maior parte da manhã perambulando pela parte mais ao norte do terreno, me amaldiçoando por ter complicado algo tão simples, mas sem coragem de encará-lo. Quando meus pés ficaram cheios de bolhas e vermelhos, voltei para casa e comi uma tigela de cereal na área de jantar externa. Passaram-se alguns minutos e ele veio se sentar ao meu lado, me oferecendo uma xícara de café. Agradeci e não disse mais nada: absurdamente, senti vontade de chorar.

Ele também não disse nada, e o silêncio se prolongou. Consegui ver alguns dos outros à distância, Andrew brincando de guerra de água com Carlos enquanto Jacintha observava.

“Lily”, disse Sam. Olhei para ele. O sol lhe brilhava nos olhos e sua expressão era grave. “Preciso lhe perguntar uma coisa.”

"Certo", eu disse. Ao longe, Andrew empurrou Carlos para o chão e sentou-se sobre o peito dele. Jacintha havia se afastado. Eu os observei como quem observa cachorros em um parque.

"Você se arrepende da noite passada?", ele perguntou.

“Não”, eu disse. “Você quer?”

“Claro que não. Mas, Lily, eu sou mais velho que você. Você estava numa posição vulnerável. Não quero que você pense que era isso que eu pretendia que acontecesse.”

"Eu queria", eu disse. Desviei o olhar, em direção à piscina. "Eu queria desde aquela noite com os patos." Quando olhei para ele novamente, vi que ele estava me encarando atentamente.

“Acho que o jeito que vivemos hoje”, disse ele lentamente, tomando cuidado para não quebrar as regras e mencionar que fazíamos parte do programa, “explora a ideia do desejo. Amplifica-o a ponto de ser absurdo. Você tem que encontrar alguém para dividir a cama, ou está fora. Você tem que fazer alguém querer dividir a cama com você, ou está fora. E aí te impõem essas tarefas e recompensas, e você continua vivendo nesse estado de incerteza, oscilando entre querer e ter. Acho que isso deve afetar todas as decisões que tomamos aqui, não acha?”

Eu não entendi o que ele queria dizer e tentei disfarçar minha incerteza.

“O que eu quero dizer é que eu gostei de você antes de tudo isso. Gostei de você imediatamente. Você era quieta, mas eu percebia que estava absorvendo tudo. Achei que você já tinha entendido todo mundo desde o primeiro dia. Mas eu sei como as coisas chegam a esse ponto. Não quero que você sinta que precisa fazer nada comigo para manter seu emprego aqui. Eu garantiria que você estivesse segura, não importa a circunstância.” Pensei brevemente em Becca, dividindo a cama com Tom. Ele tinha sido frio comigo o dia todo, passando por mim quando eu disse bom dia e nos observando, a mim e a Sam, tomar café com um olhar de desdém. Não era ciúme, eu sabia; Tom não me queria — apenas estava chateado por ter oferecido ajuda e ter sido rejeitado.

“Você acha que eu transei com você para me proteger?”

“Não, não, eu não acho isso. Estou dizendo que, para mim, é real. Só isso.”

Uma leve brisa levantou meus cabelos e roçou meu pescoço. Do outro lado do terreno, além dos limites, a areia do deserto se movia com a brisa. "É real para mim também", eu

disse. Ele olhou para mim e sorriu, timidamente a princípio, e depois mais abertamente, rugas se formando ao redor dos olhos. Ele pegou minha mão e a beijou.

Ele me levou até a horta e me mostrou os vegetais que estavam começando a brotar e estariam prontos para consumo nas próximas semanas. Jacintha e Sam haviam plantado uma grande quantidade de culturas em uma vasta extensão de terra; eles tinham certeza de que nem tudo vingaria, disse Sam, então estavam compensando em excesso. Mesmo com um sistema de irrigação, o clima era implacável demais para que muita coisa crescesse, mas eles verificavam constantemente. Ele parecia quase tímido enquanto me contava sobre isso.

“Quando estiverem prontos, eu te darei a primeira escolha.”

"Obrigado", eu disse, estranhamente comovido. "O que posso comer primeiro?"

“A alface, talvez, se um dia vier a ser alguma coisa.” Ele me encarou, ao mesmo tempo tímido e concentrado. “Tenho um desejo muito forte de te alimentar com a comida que plantei. Não é estranho? Nunca tinha pensado nisso antes.”

Sentei-me ao lado dele na terra, tomando cuidado com a plantação. "Eu devia ter escolhido você no primeiro dia."

Ele tinha um cheiro terroso, mas não sujo. Ele colocou a mão no meu joelho e eu senti a mesma emoção que senti no primeiro dia, quando caminhamos lado a lado e o braço dele roçou no meu.

“Está tudo bem”, disse ele. “Naquela época, tudo era incerto.”

Ficamos em silêncio por um tempo. Eu conseguia ouvir o canto fraco de pássaros distantes. Havia uma pequena quantidade de cinzas perto do perímetro, trazidas pelo vento devido aos incêndios florestais.

“Eu costumava te ver andando pelo terreno”, disse ele. “Eu estava no pomar, ou fazendo alguma coisa em casa, e quando eu te via, mesmo que por um segundo, eu ficava sem fôlego.”

Senti uma vaga sensação de vergonha, sabendo que Sam estivera disponível para mim. "Eu sempre me envolvo com os Ryans. Eles me fazem sentir segura, mas mesmo assim acabo me machucando."

"Você acha", disse ele, parando em seguida e sorrindo de um jeito meio irônico, "que teria vindo até mim se eu não tivesse vindo até você? Se Becca tivesse ido embora, você teria vindo para a minha cama?"

A pergunta me entristeceu, porque eu sabia que era justificada, e que Sam também sabia. Não era que eu não gostasse de Sam — mas, em vez de resolver uma situação que me deixava infeliz, eu tendia a ficar por perto esperando que alguém a resolvesse para mim.

"Não sei", eu disse.

Sam me puxou para perto e acariciou meu cabelo. Para meu infinito alívio, eu tinha recebido água oxigenada e tintura em uma Tarefa Pessoal, e meu cabelo estava loiro, brilhante e vibrante novamente. Tive que insultar a mãe de Carlos para conseguir isso; ele pareceu magoado e perplexo, mas eu teria insultado a mãe dele mil vezes, e a mãe de todos no complexo, se isso significasse ter meu cabelo de volta como era antes.

“A competição só vai aumentar quanto mais tempo ficarmos aqui”, disse ele. “Principalmente nas finais, se chegarmos até lá.”

"Nós vamos chegar à final entre os cinco", eu disse. "Nós seremos os dois últimos, eu e você."

Ele deu um leve sorriso, mas balançou a cabeça. "Não me importo em chegar ao fim."

Olhei para ele em choque. "Então, por que você está aqui se não quer ganhar?"

“Lily”, disse ele, quase com tristeza. “Fiquei por sua causa.”

“Sam”, eu disse. Era estranho — mesmo enquanto me alegrava com a constatação de que ele agora poderia ser meu, eu queria mais: queria ter certeza de que ele não se cansaria e encontraria outra pessoa. Pensei, num breve momento de inquietação, no trampolim que eu tanto desejava quando criança — aquele desejo enlouquecedor e avassalador de possuir algo que eu não tinha — e em como me cansei dele tão rápido, em como logo depois já estava procurando algo novo para cobiçar.

“Escuta”, disse ele seriamente. “Eu não vou ser outro Ryan. Não vou te tratar mal e tentarei me livrar de você se me convier. As coisas vão ficar mais brutais aqui, Lily, mas eu prefiro ir embora a ter que te machucar de alguma forma.”

“Nenhum de nós vai embora. Olhe para este lugar — olhe para o que fizemos. Por que iríamos embora?”

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, e eu deixei meu olhar vagar ao longo da divisa, da cerca e dos arbustos esparsos e secos que circundavam o terreno, e de volta ao galpão, nossa Caverna das Maravilhas. Até mesmo Becca, a menos materialista de todos nós, não resistiu ao seu encanto, embora preferisse chamá-lo de "o depósito".

“Talvez a gente consiga”, disse ele finalmente. “A gente podia ficar aqui e construir uma vida só para nós dois, pelo menos por um tempo.” O período mais longo que alguém tinha ficado era de seis semanas depois que todos os outros já tinham ido embora. A gente podia fazer isso; isso e muito mais.

“Claro que poderíamos. Era para isso que tudo isso estava nos preparando.” Pensei em todas as recompensas que teríamos conquistado quando os outros partissem: o quão bem abastecido estaria o complexo, o quão fácil seria passar nossos dias aqui.

Nesse instante, o sistema de irrigação ligou e fomos banhados por uma leve chuva artificial. Fiquei pensando se era algo programado ou se os produtores o tinham ligado para criar um momento romântico para nós. Em segundos, meu cabelo estava úmido. Sam sorriu para mim e eu retribuí o sorriso. Ele afastou uma mecha de cabelo molhado da minha orelha e acariciou meu queixo.

O apito soou, rompendo o silêncio.

"Por que você não está no comando?", perguntei. "Você faria um trabalho melhor do que Tom e Andrew."

“Fico feliz em ajudar no que puder, mas não quero ser eu quem dita as regras”, disse ele. “Não acho que necessariamente precisamos de alguém no comando agora; acho que ambos gostam de se sentir necessários, principalmente o Andrew. Não tenho certeza nem do que eles fazem, Andrew e Tom.” O apito soou novamente, alto e estridente como o grito de um pássaro. Entramos.

—

EU HAVIA GOSTADO da vida no complexo desde o início, e se alguém me perguntasse, eu diria que o que mais me dava prazer eram os relacionamentos que eu havia construído. Não seria uma mentira, mas também não seria totalmente verdade. Até então, o que eu

realmente mais gostava de fazer era completar as Tarefas Pessoais. Seb tinha razão: se você falasse sobre algo que queria, muitas vezes recebia aquilo como recompensa. Isso significava que passávamos muito tempo sentados conversando sobre coisas materiais. Sam não gostava muito desse tipo de conversa, mas eu podia ficar horas conversando com Candice à sombra de uma árvore. Seria ganancioso ficar sentado dizendo "Eu quero, eu quero, eu quero", então tentávamos inserir nossos desejos em nossas conversas.

"Está tão quentinho", eu dizia. Era certamente a frase que mais repetíamos, mas isso não nos impedia de repeti-la inúmeras vezes, dia após dia.

"Está fervendo", dizia Candice.

“Deveríamos entrar, ir para o quarto, onde tem ar condicionado…”

“Hum. Que pena ter que entrar. Está um dia tão lindo.”

"Seria mais fácil ficar de fora se tivéssemos um ventilador, eu acho. Um ventiladorzinho de mão."

Você tem razão. Um ventilador a bateria.

“Isso seria incrível. Poderíamos levá-lo conosco para qualquer lugar.”

“Não muito grande nem pesado. Apenas uma coisinha que você possa segurar na mão.”

“E não aqueles pretos que parecem um controle remoto de televisão. Os brancos são mais bonitos, não acha?”

“Muito mais bonito. Adoro a cor branca. Aliás, estava pensando hoje de manhã em como um vestido de linho branco é a peça mais elegante que uma mulher pode usar. Não acha?”

E assim por diante.

Eu adorei essa parte. Era tão simples, na verdade. Quando pensei em todas as horas de trabalho que teria que fazer em casa para ganhar o suficiente para um vestido de linho branco de alta qualidade, me deu vontade de rir. Dois dias de trabalho, isso me custaria. No complexo, eu só precisava tomar um gole de leite vencido, e ele chegava na minha caixa de correio em minutos.

Tudo isso para dizer que, por mais que eu adorasse as Tarefas Pessoais e as recompensas, elas não eram mais a melhor parte da vida no complexo. Agora, esse era o Sam. Quando eu assistia ao programa, às vezes achava que eles eram mentirosos, os casais desfilando de mãos dadas, falando de como estavam apaixonados. Mas agora eu entendia como era. Quando eu acordava de manhã e via o rosto dele no travesseiro ao lado do meu, pensava que morreria se fôssemos separados. Eu sabia que ele sentia o mesmo: se estivéssemos ocupados em partes diferentes do complexo, ele sempre me encontrava depois de uma ou duas horas. Eu dizia a mim mesma que era a primeira onda do amor: que tínhamos passado semanas querendo ficar juntos. Eu não me permitia pensar que era da natureza do programa nos isolar para que as conexões que criássemos não se desenvolvessem. Eram coisas que me consumiam por completo. Caso contrário, teria sido uma experiência miserável e solitária.

O medo da solidão afetava a todos, até mesmo Tom. Eu estava cochilando na minha cama numa tarde, para escapar do calor mais forte, quando o ouvi se movimentando no vestiário masculino. De onde eu estava deitada, conseguia ver seu reflexo no espelho, penteando o cabelo. Ele estava com uma ótima aparência. Seu cabelo havia crescido até um comprimento moderno, e suas roupas tinham melhorado nas últimas semanas. Ele usava um anel de sinete de ouro no dedo mindinho, que girava enquanto observava seu reflexo.

Eu me perguntava se ele se sentava com Andrew e manifestava suas recompensas como Candice e eu, ou se a telinha simplesmente antecipava seus desejos.

Observei-o com curiosidade. Nunca o tinha visto cuidar tanto da aparência. Parecia quase nervoso. Borrifou uma quantidade generosa de colônia no ar ao seu redor, saiu do camarim e entrou no quarto. Fechei os olhos e fingi dormir. Ouvi-o descer as escadas e entrar na sala de estar.

"Ah, oi", ouvi-o dizer. Saí na ponta dos pés e sentei-me no topo da escada.

“Ei”, disse Becca.

“O que você está fazendo?”

“Crochê. Estou fazendo uma faixa de cabelo.”

Revirei os olhos. Claro que a Becca faria a própria tiara, em vez de tentar pegar uma nas suas Tarefas Pessoais. Quase não nos falávamos desde que o Sam se mudou para a minha cama. Não limpávamos mais juntas: eu limpava de manhã e à tarde, e ela fazia o turno da noite. Tentei não sentir falta da presença calma e tranquilizadora dela; ela tinha tentado se livrar de mim — mas era difícil pensar na Becca como alguém ardilosa ou vingativa. O Sam a visitava com frequência e, embora ela se desse bem com ele, eles ainda conversavam todos os dias. Apesar de mim mesma, às vezes eu me preocupava quando via o Sam e a Becca conversando. Eu tinha confiado no Ryan cegamente, até o último minuto.

"Legal", disse ele. "Colorido."

Houve um breve silêncio, e eu me perguntei por que Tom estava se incomodando. Todos sabiam que Becca o detestava.

“Comprei lençóis novos esta manhã”, disse ele. “Algodão egípcio. Oitocentos fios.”

“Está bem”, disse ela.

“Já as coloquei na nossa cama. São de um tom laranja claro — não sei bem o que você acha de laranja…”

Houve outro silêncio, e pensei que gostaria de ter sido um espectador em casa, vendo a conversa deles de todos os ângulos. Eu teria dado tudo para ver o rosto de Becca.

“De qualquer forma, deveria ser mais confortável.”

“Lençóis bonitos não me farão sentir confortável nessa cama.”

“As coisas não precisam ficar tão… tensas entre nós. Eu quero cuidar de você.”

“E por que você acha que eu quero que você cuide de mim?”

“Eu só… só quero dizer que…” ele disse e parou. Foi incrível ouvir Tom tão desconcertado. Se eu fosse espectador, teria voltado a cena para ouvi-lo gaguejar de novo. Teria assistido repetidas vezes. “Eu quero dizer que eu quero…”

“E já que estamos falando nisso”, ela interrompeu, com a voz calma, mas incisiva, “gostaria que você parasse de me trazer o café da manhã. Eu posso preparar o meu próprio café da manhã.”

“Becca”, disse ele, com uma voz estranhamente severa, como se a estivesse repreendendo por mau comportamento. “Você sabe que eu só quero—”

“Não me interessa o que você quer. Agora, por favor, pode se retirar? Quero trabalhar em paz.”

Pensei que ele fosse sair, mas ele voltou para o corredor e começou a subir as escadas. Não tive tempo de me mexer: ele me viu sentada no último degrau. Consegui sentir o cheiro do seu perfume daqui. Sorri para ele. Ele se virou e saiu, e eu não o vi mais pelo resto do dia.

—

AS MENINAS NÃO se encontravam mais no pátio para tomar café gelado, e eu não via Jacintha com a mesma frequência de antes. Passava grande parte do meu dia com Sam agora, tentando compensar o tempo perdido, e embora soubesse que ela não gostava de Carlos, às vezes os via envolvidos em conversas sérias e urgentes. Eles paravam de falar se alguém se aproximasse, até mesmo eu. Fazia um tempo que eu não falava com ela, e me perguntava, com uma profunda tristeza, se ela não queria mais ser minha amiga.

Eu a encontrei perto dos balanços numa tarde, sentei-me ao lado dela, impulsionando-me do chão e balançando levemente.

“Ei, você aí”, eu disse.

“Ei”, disse ela secamente.

Você está bem?

"Multar."

Balancei-me um pouco, não muito alto, apenas o suficiente para que as pontas dos meus pés roçassem o chão. Estava quente demais para ficar lá fora, mas eu já havia me acostumado com as temperaturas extremas. Minha pele era de porcelana quando cheguei, mas agora eu estava com um leve bronzeado por todo o corpo. Às vezes, eu me olhava no espelho e não me reconhecia imediatamente. Meu cabelo tinha crescido muito, a ponto de agora chegar até a minha cintura. Estava frisado e danificado pelo calor nas primeiras semanas, mas depois que comprei produtos e sprays, estava exuberante e volumoso; minha pele estava radiante, e as tiras clareadoras de dentes que Vanessa havia deixado para trás deixaram meu sorriso mais branco do que eu imaginava ser possível. Agora eu tinha um guarda-roupa enorme — peças que eu jamais poderia ter usado em casa: tops de crochê, shorts jeans curtinhos, vestidos fabulosos que usávamos à noite, calças de linho, lenços que usávamos como blusas. Era um prazer me vestir todos os dias. Usei o antigo espaço do guarda-roupa de Vanessa para guardar meus sapatos.

Quando olhei para Jacintha, vi que ela estava me encarando. "O quê?"

“Eu perguntei: onde você esteve?”

“Ah, só na academia com o Sam.”

“Quase não te vejo mais.”

“Isso não é verdade. Nós realizamos duas tarefas juntos esta manhã.”

“Você sabe que isso não conta, né?”

"Aconteceu alguma coisa?"

“Não. Eu só preciso de alguém com quem conversar, só isso.”

Firmei os pés no chão para manter o balanço imóvel. "O que está acontecendo?"

“É o Carlos”, disse ela. “Eu simplesmente não gosto dele desse jeito.” Sua voz embargou e, de repente, lágrimas brotaram em seu rosto. “Sinto falta do Marcus. Queria que ele não tivesse ido embora.”

Fui até ela e a abracei. Acariciei suas costas e disse palavras reconfortantes. Quando ela se afastou, enxugou o rosto e olhou para a casa. "Carlos me pediu em namoro ontem à noite."

“O que você disse?”

“Eu disse que não sabia. Ele foi gentil, mas não posso iludi-lo. Não sei mais o que estou fazendo aqui.”

Uma parte de mim queria dizer para ela esquecer o Marcus e ficar com o Carlos até chegarmos aos cinco finalistas, mas eu não tinha certeza se teria escutado se ela tivesse me dito para ficar com o Ryan. Segurei a mão dela. Ela olhou para o norte, para a rala faixa de vegetação. “Quanto tempo você acha que já estamos aqui? Perdi a noção do tempo. Não sei por que não nos dão um relógio, ou uma caneta e papel. É cruel. Você não acha cruel?”

“Não precisamos dessas coisas. Assim como não precisamos de telefones ou televisões. Vivemos melhor sem elas. E além disso, temos tantas outras coisas boas.”

“Não sei se tenho coisas boas”, disse ela. “Tenho *coisas,* claro. Sabe, eles ficam me mandando perucas? Longas e lisas. Uma delas era rosa.” Ela tocou no cabelo, que geralmente usava natural. “Usei uma preta por um tempo. Fico dando indiretas para conseguir algumas coisas — uma touca, um condicionador que funcione para o meu cabelo, um corretivo mais escuro. Mas aí comecei a ganhar essas roupas de presente — coisas que eu nunca usaria. Quando visto essas roupas, não me reconheço.” Ela me olhou fixamente. “Pareço uma versão negra de você.”

“Sinto muito, Jacintha. Sinto muito que tenham feito isso.”

“Não havia sequer um morador negro aqui durante os primeiros três anos. Não sei se isso pode ser considerado um progresso.”

Eu não sabia o que dizer. Senti uma onda de culpa por não ter passado mais tempo com Jacintha ultimamente. Ela foi minha primeira e mais verdadeira amiga lá. Apertei a mão dela. "Você sabe que eu estaria perdida sem você aqui, né?"

"Não sei", disse ela, cansada. "Não sei se ainda entendo o sentido disso tudo — construir relacionamentos só para ver as pessoas irem embora e, pior, ficar secretamente feliz quando elas se vão porque isso significa mais para mim mesma."

“Não é assim que eu vejo. Acho que aprendemos a valorizar uns aos outros, só isso.”

Ela não disse nada. Apontei para as flores que estavam começando a desabrochar. "Olha", eu disse. "Você fez isso. Você e o Sam. Vocês deixaram este lugar tão bonito. Esta é a nossa casa agora."

Ela me olhou por um longo tempo, seus olhos percorrendo meu rosto. "Esta não é a nossa casa, Lily."

—

MAIS TARDE, VERIFIQUEI minha pequena tela.

Tarefa: Quebrar ou destruir a recompensa pessoal de outro residente.

Recompensa: Roupão

Verifiquei se não havia mais ninguém na ala sul da casa e entrei no quarto cinza. O cômodo era agora praticamente um santuário para os pertences de Tom, e observei com interesse as coisas que ele havia conquistado nas últimas semanas: um pincel de barbear, daqueles antigos que parecem pincéis de maquiagem; um sabonete facial; protetor solar; um cinto; botas; perfume; uma garrafa de uísque e uma carteira de couro com suas iniciais bordadas na lateral. Verifiquei a carteira. Estava vazia, é claro. Havia também itens no quarto que pertenciam a todos nós. Tínhamos conquistado uma moldura dourada que

ninguém usava no momento e a guardamos no galpão até conseguirmos uma gravura para colocar nela. Mas ela não estava no galpão: estava lá, na mesa de Tom, ainda vazia. Olhando ao redor, vi algumas outras coisas que havíamos conquistado nas Tarefas Comunitárias, colocadas em suas prateleiras como se fossem dele.

Achei a coleção dele um tanto ridícula, mas era a parte dele que fazia mais sentido para mim. Eu também gostava de ter coisas bonitas.

Na prateleira de cima, havia algo comprido e branco. Peguei e deixei cair imediatamente, com repulsa. Era um osso.

"Da besta que tentou me matar", disse Tom da porta. Dei um pulo e me amaldiçoei por ter reagido. "Eu a mantive comigo. Não foi fácil de conseguir, posso te garantir."

"A fera? Você quer dizer o cachorro?"

"Não se parece com nenhum cachorro que você já viu." Ele entrou. "O que você acha do meu quarto?"

"Este não é o seu quarto. Todos nós moramos aqui."

"Claro, claro. Você sabe o que eu quero dizer."

Ele abriu um armário e tirou um toca-discos. Tinha um disco de vinil. O disco já estava gravado. Ele levantou a agulha e a colocou de volta no toca-discos, com cuidado e reverência. A música irrompeu. Era linda, um choque de pratos e um turbilhão frenético de instrumentos de sopro e cordas, uma nota passando por cima da outra.

"Você conhece música clássica?" Sem esperar por minha resposta, ele disse: "Sou um grande fã. Foi uma verdadeira alegria quando ganhei o toca-discos. Eu já tinha os vinis há semanas, mas é claro que não adianta nada sem o aparelho. Algumas pessoas acham que música clássica é relaxante, mas eu a acho incrivelmente revigorante. Gosto de morar aqui no complexo, mas devo dizer que ficou muito mais fácil quando comecei a ouvir este disco. Tive que dormir com a Mia para consegui-lo. Gostaria de ter outro disco, aliás. Deus sabe o que terei que fazer para conseguir outro tão bom quanto este." Seus olhos se ergueram para os meus.

"Boa noite", disse a voz. "É proibido revelar detalhes da Tarefa Pessoal. A punição será aplicada antes do amanhecer."

Vi Tom olhar em volta, com os olhos arregalados, como se o castigo fosse chegar a qualquer momento. Ou talvez estivesse olhando para seus pertences, para ter certeza de que ainda estavam seguros. Ele saiu, quase correndo, e quando não ouvi mais seus passos, tirei a agulha do toca-discos e a levantei, para que a música parasse. Ficou um silêncio sepulcral sem ela. Continuei puxando até que a agulha quebrou e saiu na minha mão.

—

TODOS ESTAVAM INQUIETOS, andando de um lado para o outro em frente à tela grande, como se ela pudesse dar alguma indicação sobre qual seria o castigo para Tom. "Mas não seremos todos nós, não é?", perguntou Becca, sentada no sofá. "Só o Tom será punido?"

Não era a primeira vez que eu me perguntava se Becca já tinha assistido ao programa. "Se apenas uma pessoa quebra as regras, só ela é punida. Se duas ou mais pessoas estão envolvidas na quebra das regras, todos os moradores são afetados."

Os outros foram se dispersando, e então ficamos só eu e Becca, sozinhas. "O que será que vai ser?", disse ela, com a testa franzida em pensamento. Ela estava sentada com as mãos cuidadosamente cruzadas no colo, parecendo meio estudiosa, como se estivesse resolvendo um problema de matemática ou escrevendo o início de uma redação.

"Becca", eu disse, interrompendo seus pensamentos. Ela olhou para mim. "Tom já tentou alguma coisa com você?"

"Não", disse ela. "Mas ele me avisou que, se eu tentar traí-lo, vou me arrepender."

Essa foi a primeira vez que conversamos a sós desde que Sam trocou de cama para ficar comigo. Eu sentia que, como a rejeitada, Becca era obrigada a me odiar, enquanto eu era obrigada a ser discretamente magnânima. "Sinto muito por tê-la colocado nessa situação", eu disse. Ela me lançou um olhar vazio, e me dei conta de que Becca já não gostava de mim muito antes de eu ter tirado Sam dela.

Andrew voltou para a sala, com os olhos fixos na tela. "Sabe", disse ele, "já que está todo mundo aqui mesmo, podemos aproveitar e fazer uma Tarefa Comunitária. Não é nada demais, mas podemos nos livrar dela logo." Ele apitou e os outros foram chegando aos poucos.

Tarefa: Cada residente deve revelar os detalhes de seu primeiro beijo.

Recompensa: Iogurte

"Nem precisamos de iogurte", disse Jacintha.

"É sempre melhor ter do que não ter", disse Andrew. Quase sempre fazíamos alguma coisa se houvesse comida envolvida, pois todos nos lembrávamos dos tempos de fome. Mesmo assim, ninguém parecia muito animado. Andrew olhou pela janela, para onde o sol estava baixo no céu. "Quer saber?", disse Andrew. "Acho que já devem ser quase cinco horas. Que tal irmos até as almofadas de chão, sentarmos ao sol e tomarmos uma cerveja? E já que estamos nisso, vou contar para vocês sobre a pobre Kiley, a garota que teve o azar de ser meu primeiro beijo."

Trouxemos os pufes e, surpreendentemente, foi perfeito: as cervejas, o sol, Andrew fazendo todos rirem. Ele dissipou a tensão com tanta facilidade, com tanta maestria, que todos estavam relaxados e à vontade em poucos minutos. Todos, exceto Tom, que não parava de se mexer e olhar furtivamente ao redor, como se esperasse o castigo.

Enquanto conversávamos sobre nossos primeiros beijos, eu pensava em como amava aquele lugar e em como me orgulhava da vida que tínhamos construído juntos. Nem sequer entramos para pegar nossa recompensa ou conferir o telão até escurecer. Era tão bom assim.

Quando voltamos para dentro, a tela exibia a seguinte mensagem:

Tarefa: Banir um casal do condomínio.

Recompensa: Banheira de hidromassagem

Tentei manter o rosto impassível para esconder minha empolgação. Tom e Becca. Isso resolveria todos os meus problemas. Com os dois fora de cena, eu poderia viver em paz aqui. Não precisaria mais ficar olhando por cima do ombro por causa do Tom, e o Sam não precisaria mais ficar de olho na Becca o tempo todo.

Andrew disse: "Não sei não, pessoal. Já é tarde; podemos simplesmente ir dormir e teremos uma nova tarefa pela manhã. Tivemos uma noite agradável. Por que estragar tudo? Certo?"

Candice assentiu pensativamente e disse: "Quer dizer, quanto mais gente tiver, mais tempo todos nós poderemos ficar aqui."

"Mas seria ótimo ter uma banheira de hidromassagem!", eu disse, e ri. Os outros me olharam, pensativos.

"Lily", disse Sam baixinho. Ignorei seu olhar e continuei.

“Quando estiver calor durante o dia, podemos nos refrescar na piscina, e à noite, quando estiver frio, podemos relaxar na banheira de hidromassagem…” Minha voz foi diminuindo. Candice e Andrew trocaram um breve olhar.

“Muito bem”, disse Candice. “Vamos para o nosso local de votação.”

“Não precisamos votar”, disse Jacintha. “Carlos e eu vamos embora.”

Ficamos olhando para ela, mudos de choque. "Não", eu disse.

“Está tudo bem”, disse ela. “Ele e eu já conversamos sobre isso. Estávamos procurando um momento para ir. Faz sentido.”

“Nós nos divertimos muito”, disse Carlos, “mas agora é hora de ir embora”.

“Calma aí”, disse Andrew, parecendo alarmado. “Vamos conversar sobre isso.”

“Jacintha”, eu disse. “Você não pode ir. Do que você está falando?” Eu estava chorando. Não eram apenas algumas lágrimas escorrendo pelo meu rosto, mas um choro convulsivo — meu rosto se contraindo involuntariamente, sons de engasgo saindo da minha garganta. Em pânico, eu disse: “Não precisamos fazer essa tarefa! Não precisamos de uma banheira de hidromassagem!” Ela me abraçou forte. Ficamos assim por alguns instantes, e eu chorei em seu ombro.

“Por favor”, eu disse. “Começamos juntas. Não vá.” Embora Jacintha e eu tivéssemos estado juntas apenas por alguns minutos antes de encontrarmos as outras garotas, eu sempre senti que tínhamos sido mais próximas porque tínhamos acordado juntas.

"Vou sentir sua falta", disse ela, com os olhos marejados, mas sem chorar. "Vou te encontrar depois, lá fora, tá bom? Prometo."

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, os outros se despediram, e Sam me abraçou enquanto eu continuava a chorar.

Carlos disse: "Se não houver problema, não queremos ser acompanhados até o perímetro. Nós mesmos sairemos."

Foi de longe a despedida mais difícil do complexo — não só para mim, mas para todos. Sam e Jacintha também eram amigos, e ele a abraçou forte enquanto ela lhe contava como afastar as pragas das rosas e quando trocar a terra do manjericão. Andrew e Carlos eram próximos, e embora Andrew tentasse ser profissional, achei que seus olhos estavam marejados quando Jacintha e Carlos se afastaram. Vi Becca observando o desconforto de Andrew com interesse.

Fui para a sala de estar e sentei no sofá. Sam sentou-se ao meu lado e segurou minha mão. Quando a tela ficou verde, solucei novamente. Logo ouvimos um barulho de arranhão e grunhidos vindos de fora e soubemos que Tom e Andrew estavam movendo a banheira de hidromassagem para a frente da casa. Fiquei no sofá com Sam enquanto ele massageava minhas costas. Contei a ele sobre Jacintha antes de ele chegar, como ela havia fixado o lençol na moldura da porta e como ela me ajudou a remover a maquiagem na primeira noite. Falei sobre ela por um longo tempo, e ele ouviu em silêncio. Quando terminei, ele disse: "Nós também poderíamos ir embora, se você quisesse?"

Balancei a cabeça e chorei ainda mais. "De que adiantaria?"

Depois de um longo tempo, ouvi o som de água borbulhando e vozes masculinas. Sam se levantou e abriu a persiana. Andrew e Tom estavam sentados na banheira de hidromassagem, com os braços em volta da borda, parecendo satisfeitos consigo mesmos.

“Esses dois acham que são pessoalmente responsáveis por todas as recompensas”, observou Sam. Andrew viu Sam na janela e acenou. Sam abriu a janela e perguntou: “Estão se divertindo?”

“Junte-se a nós”, gritou Andrew. Ele me viu atrás de Sam e disse: “Vamos lá, Lil, você também!”

Balancei a cabeça negativamente, e Andrew pareceu um pouco envergonhado. Ele se levantou e disse: "Acho que já está na hora de dormir. Foi um dia longo." Quando saiu, estava todo corado. Pegou sua toalha com monograma. e voltou para dentro de casa. Tom permaneceu onde estava. A banheira de hidromassagem tinha luzes roxas, e ele estava banhado por seu brilho.

Sam fechou a persiana. "Vamos para a cama", eu disse. Ele assentiu e me deu um beijo leve, mas eu o puxei para um beijo mais longo e profundo. Ele me beijou novamente e perguntou se eu queria um copo d'água antes.

"Eu pego", eu disse. "Já subo."

Entrei na cozinha, onde Becca estava sentada à mesa, tomando chá de ervas. Como dividia a cama com Tom, geralmente tentava ficar acordada o máximo possível. Não disse nada enquanto enchia meu copo d'água. Provavelmente ela sabia que eu estava tentando expulsá-la de casa, junto com Tom, mas eu já não me importava.

Além do som da água da torneira, estava tudo muito silencioso, até que os gritos de Tom romperam o silêncio. Abri as cortinas com força e o vi lutando para sair da banheira de hidromassagem. Quando Andrew saiu, parecia um pouco corado. Tom estava vermelho como um camarão. A água borbulhava furiosamente e, quanto mais ele se mexia, mais se respingava e gritava novamente. Finalmente, ele se jogou para fora da banheira e caiu no convés, um gemido rouco escapando de sua boca, as mãos vermelhas e tremendo. Havia vapor saindo dele. Andrew correu pela casa. Quando chegou perto de Tom, colocou a mão embaixo dele e a retirou imediatamente, estremecendo com o calor da pele de Tom. Saí também e desliguei a banheira. Procurei por qualquer vestígio de que alguém tivesse estado lá, ou algum mecanismo remoto. Pela primeira vez, senti medo dos produtores. O que mais eles poderiam fazer?

Os outros saíram. Candice pegou o kit de primeiros socorros e Sam ajudou Andrew a levar Tom para a cama. Encontrei o aloe vera e deixei ao lado da cama de Tom, mas depois fui até o guarda-roupa e guardei algumas roupas que estavam em cima do balcão. Não me senti inclinada a fazer muitos cuidados com ele. Becca permaneceu na cozinha, tomando seu chá.

ONZE

TOM FICOU NA CAMA POR

Passamos o dia seguinte inteiro, e boa parte do dia seguinte também. Isso significava que não podíamos fazer nenhuma Tarefa Comunitária. Não que alguém particularmente quisesse. Com exceção de Becca e Tom, ficamos só com nossos pares, e eu quase não vi ninguém além de Sam durante a maior parte do tempo. Levamos nossos pufes para o lago e passamos longas horas lá, indo para a sombra quando o material de náilon ficava quente demais. Conversamos muito sobre como seria se fôssemos só nós dois no final. Sam estava tímido com a ideia, mas eu vinha pensando nisso constantemente. Pelo jeito que ele falava, deduzi que ele presumia que ficaríamos uma ou duas semanas depois que todos os outros fossem embora, como uma forma de aproveitar o tempo juntos. Não lhe disse, embora tenha dado a entender, que queria ficar o máximo de tempo possível. Antes mesmo de vir para cá, eu já fantasiava em chegar até o final. Quando assistia ao programa e via as pessoas construindo o complexo ou mudando as coisas, eu planejava o que faria no lugar delas. Claro que era diferente quando você estava lá. Embora eu já estivesse acostumado com o calor, me sentia cansado com frequência, mesmo sem ter feito nada o dia todo. Ainda assim, não tinha a menor vontade de ir embora.

Enquanto Sam cuidava do jardim ou fazia consertos em casa, eu tinha bastante tempo para tarefas pessoais e consultava minha telinha com frequência. Comprei algumas plantas artificiais e as coloquei no quarto, embora Andrew tenha feito uma leve careta. Comprei esmalte, daquele tipo que eu vendia na loja, mas que nunca conseguiria comprar para mim, e passei várias camadas. Encontrei Candice e pintei as unhas dela também, lá no pátio. Quando terminei, ela estendeu as unhas e as admirou. Ela sorriu para mim e disse: "Eu sempre soube que seríamos boas amigas. Mas estou triste que Jacintha tenha ido embora. Eu..." Gostava muito dela."

Assenti com a cabeça, sem confiar na minha voz, e ela me olhou com compaixão. "Eu sei que tem sido difícil", disse ela. "Mas as coisas vão melhorar em breve. Só restam seis de nós. Mais uma se for, e as regras serão suspensas."

Assenti com a cabeça novamente. Era emocionante, mesmo que a ideia de falar sobre nossas vidas fora do complexo fosse desconcertante.

"Escuta", disse Candice, baixando a voz. Ela pegou minha mão na sua e a segurou com firmeza. Seus dedos eram longos e finos, o esmalte nas unhas borrando ao pressionarem minha pele. "Andrew e eu estávamos conversando. Vamos ficar aqui até o fim, mas nenhum de nós quer ganhar e viver aqui sozinho. Acho isso meio triste. Vamos ficar o máximo que pudermos e ganhar o máximo de recompensas valiosas possível, e então, quando estivermos satisfeitos, iremos embora. Mas nós dois concordamos: não seria justo expulsar todo mundo. Temos coisas suficientes aqui para durar meses e meses, provavelmente. Não precisaríamos fazer nenhuma tarefa; não precisaríamos banir ninguém. Poderíamos

simplesmente viver aqui em paz e ter uma vida simples. Queremos que você e Sam fiquem. Só nós quatro. O que você acha?"

Até aquele momento, uma amizade genuína com Candice parecia inatingível, mas agora era como um presente que eu podia segurar em minhas mãos e admirar, como um dos nossos tesouros no galpão. Eu também sabia que trabalharíamos bem juntos como um grupo. Candice e Andrew eram o oposto de Sam e eu, no melhor sentido: enquanto eu era passivo, Candice era autoritário, e embora Andrew tivesse uma ótima visão para o complexo, geralmente era Sam quem conseguia concretizar suas ideias; Andrew não conseguia pregar um prego na parede, mas Sam construiu o galpão, quase inteiramente sozinho. "Isso parece incrível", eu disse sinceramente. "Não precisaríamos nos preocupar com nada se fôssemos apenas nós quatro."

"Exatamente. E nos damos muito bem também. Poderíamos ser como uma pequena família. Seria mais divertido assim. E se alguém quiser ir embora e voltar à vida antiga, nada nos impede. Mas não vamos expulsar ninguém. Viveremos livres, sem telas."

"Parece perfeito", eu disse.

Olhamos para os jardins, que estavam floridos e magníficos, para o galpão, alto e imponente, e para a piscina, reluzente e cintilante. *Minha,* pensei.

—

NAQUELA NOITE, QUANDO o sol já havia se posto no horizonte e um frio começava a se instalar, ouvi a voz de Tom me chamando. Eu estava deitada no sofá com Sam, e ele disse: "Eu vou com você".

"Não se preocupe", eu disse. "Ele já me pediu aloe vera dez vezes hoje. Já volto."

Tom me chamou pelo nome novamente, e fiquei surpresa ao perceber que sua voz vinha do quarto cinza. Ele estava se recuperando no quarto até então. Hesitei por um instante. Eu havia me esquecido do toca-discos. Mas ele deve ter percebido meu passo hesitante, pois saiu e me viu. "Entre", disse ele.

Sua pele estava rosada agora, embora suas mãos ainda estivessem ásperas e irritadas. Ele apontava para seu toca-discos. "Você sabe o que aconteceu aqui?"

"Não. Você se cansou de ouvir aquela mesma música ruim repetidamente?"

Não vi o golpe chegar. Antes mesmo de sentir a ardência do tapa, senti o calor da mão dele. Cambaleei, agarrando minha bochecha.

Nos encaramos por um instante. O tapa me surpreendeu, mas acho que o surpreendeu também. Ele deu um passo em minha direção, e eu não esperei para ver se ele se aproximava com um gesto apaziguador ou ameaçador. Cuspi nele, e ele olhou para a gota de saliva que havia caído na gola da sua camisa. Ele me bateu de novo, dessa vez me derrubando. Senti um dente se mexer na minha gengiva. Engasguei.

"Você é um idiota, Tom. É contra as regras bater em outro residente." Comecei a rir então, alto e nada parecido com a minha risada de sempre, mas me senti bem, então ri ainda mais alto. A expressão dele permaneceu impassível, embora eu soubesse que aquilo o incomodava. "O que será que vão fazer com você desta vez?"

Ele se agachou na minha frente, estendeu a mão e tocou uma mecha do meu cabelo que havia se soltado do meu rabo de cavalo. Enrolou-a no dedo, delicadamente, quase com

ternura, e então a agarrou com o punho e a arrancou. da minha cabeça. Gritei: de dor e ao ver a mecha do meu cabelo na mão dele.

Estranhamente, aquilo pareceu incomodá-lo quase tanto quanto a mim. Ele encarou o fio de cabelo e o deixou cair no chão. Levantou as mãos. "Eu não devia ter feito isso", disse. Embora seu semblante fosse conciliador, meu corpo se contorceu de terror e soltei um grito de angústia, recuando. Ele deu um passo em minha direção, franzindo a testa. De repente, Sam estava lá e Tom foi arremessado contra a parede. Tentei dizer " *pare, não faça isso",* mas em vez disso, emiti um som estranho e ininteligível. Sam socou Tom no rosto, uma, duas, três vezes.

"Parem!", eu disse. Onde estavam os outros? Eles não nos ouviram? Eles não se importaram?

Tom gemeu. Sua cabeça havia batido na parede e ele parecia estranho, com os olhos revirando. Ele ergueu as mãos para tentar golpear Sam, mas elas pareciam patéticas, cozidas como estavam. Sam finalmente pareceu recobrar o juízo, deu um passo para trás e deixou Tom cambalear para longe. Ele veio até mim, segurando meus braços com as mãos, os olhos arregalados. Tocou delicadamente o ponto dolorido na minha cabeça, onde meu cabelo costumava estar, e eu soltei um suspiro de dor. Quando ele retirou a mão, vi uma pequena mancha de sangue na ponta dos seus dedos: não muito, apenas um rastro. Eu não estava realmente ferida, lembrei a mim mesma. Apenas um tufo do meu cabelo estava no chão ao meu lado.

“Você está bem? Lily, você está bem?”

A voz disse: “Boa noite. Brigas entre moradores são proibidas. Punição será aplicada no complexo antes do amanhecer.”

Apertei a camisa de Sam com força, minhas mãos tremendo. Tom gemeu no canto. Andrew apareceu, pálido sob o bronzeado.

“O que você fez?”, gritou ele. Ele parecia diferente de si mesmo; parecia selvagem. Ele não estava olhando para os meninos: estava olhando para mim. “O que você fez?”

—

NÓS SEIS aguardávamos no quarto o castigo que nos aguardava. Estávamos todos pensando em possibilidades, mas sem verbalizá-las. Lembrei-me de alguns anos atrás, quando um grupo teve que ficar nu. durante uma semana inteira. Os castigos existiam, claro, para nos manter na linha, mas geralmente também tinham um fator de entretenimento para os telespectadores.

Tom sentou-se na beira da cama e sobressaltava-se a cada ruído. Seu rosto, que já estava rosado e sensível, agora estava ensanguentado e inchado. Candice sentou-se na minha cama e aplicou antisséptico no meu rosto inchado. Quando terminou, usou seus melhores produtos em mim: hidratante, creme para os olhos e séruns. Eu não me olhei no espelho; não suportava pensar em como eu estava.

Candice olhou para Sam e balançou a cabeça. "Você não devia ter batido nele. Eu sei por que você fez isso, mas mesmo assim. Estamos todos numa situação complicada agora. Deus sabe o que vai acontecer."

“Não fique com raiva dele”, eu disse. Eu me preocupava, mesmo com o medo da punição, que ela não quisesse mais dividir o terreno conosco.

“Não estou zangada com ele.” Ela se virou para Tom. “A culpa é dele, claro.”

“Andrew”, disse Tom. “Diga à sua namorada para ficar quieta.”

"Cuidado, Tom", disse Andrew. Ele se levantou da cama e deu um passo em sua direção, mas não foi além disso.

“Para que eu seja clara”, disse Candice a Tom. “Seus dias aqui estão contados. Amanhã, depois de amanhã, e depois de depois de amanhã, haverá um banimento. E quando você for embora, Lily e eu vamos transformar sua ridícula caverna masculina em um estúdio de ioga.”

“Você não duraria um dia sem mim, querida. Você não sabe que sou o motivo de termos a maioria das coisas neste complexo?” Era raro ver Tom tão abertamente cruel, ou tão perturbado. Ele estava assustado; muito, muito assustado.

Candice riu, e Andrew franziu a testa. "São Tarefas Comunitárias, Tom", disse ele. "Todos trabalharam nelas. Você e eu ajudamos a organizar o processo, só isso."

“Me diga a verdade”, disse Tom. “Se não tivéssemos vindo, quanto tempo vocês acham que teriam aguentado aqui? Bem, Candy, o que você acha?”

“Duas punições em três dias”, disse ela. “Porque você é muito macaco para seguir instruções básicas.”

“Não me chame de macaco.”

“Olha para a Lily. Isso te dá prazer — ver o sangue no rosto dela, seu *doente* ?”

Ele olhou para mim. "Eu não devia ter te batido, Lily. Eu sei disso. Mas deixa eu perguntar uma coisa para vocês. O que vocês acham que a Lily traz para o complexo? Por que ela ainda está aqui? Eu já a vi maquiando algumas das meninas, claro. Isso vai nos ajudar a sobreviver o resto do ano aqui? Qualquer idiota conseguiria fazer isso, de qualquer forma. Todos nós sabemos que o motivo de ela ainda estar aqui é porque havia uma lista de garotos que queriam transar com ela. Bom, agora só sobrou o Sam, e quanto tempo isso vai durar?"

Candice alcançou Tom antes que Sam pudesse. Ela lhe deu um tapa tão forte que sua cabeça foi jogada para trás. "Não ouse falar dela desse jeito", disse ela.

Tom se levantou e deu um passo à frente. Andrew o empurrou com violência, e Tom reagiu pior ao empurrão do que ao tapa de Candice.

“Todos precisam se acalmar”, disse Andrew. “Já estamos com problemas suficientes.”

Becca falou, sentada de pernas cruzadas na cama mais distante de todos. Acho que era a cama da Sarah, antigamente. Ela ficou sentada em silêncio durante toda a discussão. "Por que nós, os outros, deveríamos ser punidos se só o Sam e o Tom brigaram? Eu digo que os dois devem dormir do lado de fora e serem banidos ao amanhecer."

Andrew perdeu a paciência pela segunda vez na mesma noite. "Pelo amor de Deus , pessoal!", gritou, socando a parede atrás da cama. O som não foi particularmente alto, mas mesmo assim ecoou pelo quarto. "Não podemos simplesmente nos esforçar para nos dar bem? Se fizermos as coisas direito, podemos ficar aqui por muito tempo. Mas não se ficarmos nos matando! O que aconteceu com todos nós? Não podemos simplesmente viver em paz?" Sua voz se elevou até ecoar pelo quarto, seu rosto vermelho, as veias do pescoço saltando. "Precisamos melhorar!"

Candice falou calmamente. "Amanhã faremos quantas tarefas forem necessárias até que haja um banimento. Somos muitos aqui para vivermos confortavelmente."

Quando Tom falou novamente, estava calmo. "Concordo", disse ele.

Candice simplesmente se afastou dele e foi para a cama.

Fiquei deitada, rígida, por um longo tempo. Sempre que estava perto de dormir, imaginava meu... Um dente mole caía da gengiva e descia pela minha garganta, me fazendo acordar sobressaltada. Toda vez que eu acordava, os braços de Sam me apertavam e ele murmurava algo reconfortante no meu ouvido.

Não sei se acordei com o som de alguém se mexendo, com gritos distantes ou se alguma parte primitiva de mim reagiu à ameaça de perigo. Meus pés se moviam antes mesmo de eu perceber que estava acordada. Sam tinha sumido; Tom também. Eu sabia o que estava acontecendo antes mesmo de sair: eu podia ver e sentir o cheiro. Enquanto corria pela cozinha, vi um mar de vermelho e laranja pela janela, e senti o calor assim que pisei na porta.

Acho que a intenção deles era apenas incendiar o galpão, mas a grama estava tão seca e pegou fogo rapidamente, se alastrando mais rápido do que eu imaginava ser possível. Observei a cena se desenrolar diante de mim com um horror tão profundo que mal me reconhecia. A grama estava em chamas, os jardins e as plantações, até mesmo a cerca viva que cercava nossa propriedade.

Tom estava parado perto do galpão, tentando, eu acho, encontrar um jeito de chegar até ele. Andrew saiu correndo de casa, um raio branco, gritando: "Saiam daqui! Saiam daqui do galpão!"

Os dois se puxavam, Tom quase inconsciente. Enquanto gritavam, Candice correu da parte de trás da casa com o extintor de incêndio. Eu sabia que havia outro, mas Evan e Susie eram os responsáveis pela Segurança e Bem-Estar, e o haviam mudado de lugar algumas vezes. Fiquei paralisada, dominada, enquanto as chamas consumiam o pomar e avançavam em direção à área onde Jacintha e eu costumávamos deitar à sombra à tarde. Vi os controles do sistema de irrigação e corri em direção a eles; o calor era terrível, cortante, sufocante. Então senti mãos em meus braços, me segurando com força, e Sam estava lá, seus olhos castanhos refletindo as chamas vermelhas. "Não é seguro", ele dizia, alto e insistentemente. "Você precisa voltar." Consegui me soltar de alguma forma e, finalmente, alcancei a torneira que ligava os aspersores. Eu não tinha percebido o quão rápido o metal havia esquentado, e assim que toquei na torneira, gritei, levando a mão de volta ao peito. Mas, a essa altura, Sam já havia entendido o que eu estava fazendo. Ele me empurrou para o lado, com as mãos nos punhos da camisa. Com um movimento rápido, ele abriu a torneira e os aspersores ligaram, nos encharcando. No calor preguiçoso de Durante a tarde, os aspersores pareceram perfeitos, um luxo, mas agora, com o fogo crepitando e rugindo cada vez mais perto, eles forneciam uma garoa quase irrelevante. "Tem uma mangueira perto da área de entrega. Voltem para a casa", gritou Sam, e então sumiu, correndo de volta pelo caminho que tínhamos vindo.

Voltei para o galpão, onde o maior incêndio ainda ardia. "Tem sacos de areia!", gritou Candice. "Lá atrás, acabaram de entregar!" Foi a única vez que recebemos algo que não tínhamos conquistado. Eles sabiam que tinham errado: o fogo tinha se alastrado além do que os produtores haviam planejado. Ou talvez essa fosse a intenção deles, mas mesmo assim temiam que morrêssemos.

Corri, com Becca ao meu lado. Os sacos de areia eram mais pesados do que pareciam, e tivemos que arrastá-los juntas.

Jamais me esquecerei da expressão no rosto de Tom enquanto ele estava parado diante do galpão, envolto em grandes chamas vermelhas e desmoronando diante de seus olhos. Mais de uma vez, me perguntei se ele tentaria enfrentar o fogo e salvar o que pudesse. Ele não tentou, é claro, mas também não nos ajudou por um bom tempo, apenas ficou ali parado, com um olhar que parecia encarar a morte de frente.

Na suave luz da manhã, o sol brilhava sobre um complexo devastado e em ruínas. A casa estava intacta e o labirinto, o ponto mais a oeste, permanecia completamente ileso, mas quase tudo o mais do lado de fora havia sido destruído. Cinzas cobriam tudo, mil vezes pior do que as trazidas pelos incêndios florestais: o lugar estava preto e cinza, totalmente desprovido de cor. Além da casa, já não era possível distinguir qual terra era nossa e qual pertencia ao deserto.

Parte III

DOZE

FOU POR MUITO TEMPO, O A única pessoa com quem conversei foi Sam. Todos se mantiveram isolados, e a vontade de trabalhar juntos — ou mesmo de morar juntos — havia se dissipado no incêndio. Cada um de nós seis estava com raiva do que tinha acontecido, por motivos diferentes. Depois que o fogo foi apagado, palavras amargas e cruéis foram trocadas. Becca deixou claro que culpava Sam e Tom. Candice ficou parada, coberta de cinzas, com o cabelo chamuscado e o rosto manchado, e disse coisas tão terríveis que até Tom se afastou. Embora não tenham dito isso abertamente, acho que Candice e Andrew também culpavam Sam e Tom. Tom, além dos ferimentos do primeiro castigo, estava queimado novamente; seu rosto estava cheio de bolhas, suas mãos marcadas e deformadas. Sam estava muito perturbado para falar com alguém. Mesmo comigo, ele estava quieto e retraído.

Eu tinha plena consciência de que a culpa era minha. Eu não desculpava, e não desculparia, a violência de Tom, mas ele me bateu porque eu havia quebrado seu bem mais precioso. Sam não teria batido em Tom se não fosse eu que estivesse caída no chão. Durante aquela briga, em meio à troca de palavras duras, eu esperava que Tom apontasse que tudo havia começado comigo, mas ele nunca o fez. Sam se sentia culpado por sua parte, mas, acima de tudo, acho que ele estava chateado por ver o jardim destruído: as ervas de Jacintha, os vegetais e até as flores plantadas pelos antigos moradores; era como se nunca tivessem existido. Mas a tristeza de Sam pela perda do jardim e da vegetação não se comparava à devastação de Tom com a destruição do galpão e tudo o que havia dentro dele. Além das acusações mútuas, acho que o verdadeiro motivo de não nos falarmos era a vergonha que todos sentíamos pelo que havia acontecido e pelo que havia se tornado o conjunto habitacional. Houve dias em que eu sentia como se conhecesse os outros moradores tão bem quanto... É possível conhecer uma pessoa, mas havia algumas em que eu pensava que a única certeza que tinha sobre as outras era que todas queríamos que o complexo fosse o mais agradável possível e que permanecesse ali. Era fácil deixar a raiva crescer e culpar alguém, mas o fato é que o complexo estava sob nossos cuidados e agora estava em ruínas.

—

SAM E EU nos escondemos perto da quadra de tênis, que ficava nos fundos e, portanto, não havia sido queimada, embora agora estivesse num cinza insípido, coberta de cinzas. Andrew e Candice ficavam principalmente no quarto. Sempre que alguém entrava, paravam de falar. Eu nunca sabia onde Becca estava. Tom ficava quase sempre no quarto cinza, saindo de vez em quando para procurar Becca. Às vezes, ele a chamava pelo nome, mas ela

nunca respondia. Eu nunca tive certeza se Tom realmente gostava dela ou se se sentia na obrigação de cuidar dela porque eles eram um casal.

É difícil dizer por quanto tempo continuamos assim; eu realmente não saberia dizer. A tela grande mostrava uma tarefa diferente a cada dia, mas nunca as fazíamos, e ela nunca ficava verde. Acho que nenhum de nós sequer fazia as Tarefas Pessoais. Eu sei que não fazia.

Eu parei de limpar, e todos os outros também desistiram de suas tarefas. A louça na pia ficou suja, depois mofada, e o resto da casa seguiu o mesmo caminho. Era como se, ao deixar a cozinha se deteriorar, tivéssemos abandonado a fachada de civilidade: os ralos do chuveiro entupiram de cabelo, a tampa do vaso sanitário quebrou e não voltou a quebrar, e o chão ficou pegajoso e manchado. Eu deixava todas as minhas roupas no chão e não me importava muito com o resto das coisas espalhadas. Havia algo meio excitante nisso, na verdade: você passa grande parte da vida seguindo todas essas regras e ideias — manter tudo organizado, manter-se ocupado, ter uma boa aparência. Quando paramos de seguir esses princípios básicos, percebi o quão insignificantes eles eram. Nos dávamos muito bem como éramos.

Éramos um grupo sem vida, mas eu não sentia nenhuma pressão para entreter, nem para ser entretido. Eu sabia, por assistir ao programa, que muitas vezes havia semanas, principalmente antes de chegar aos cinco finalistas, em que as coisas ficavam lentas, monótonas e tediosas. Havia momentos em que você Assistia, esperando que o drama começasse, desesperado para que algo acontecesse. Mas o fato de nada acontecer não impedia que eu assistisse na noite seguinte. Em algum momento, parei de esperar que algo acontecesse. O tédio quase se tornou o objetivo: a monotonia era até reconfortante, como observar o gado pastando em uma planície. E então, quando algo dramático acontecia, era uma surpresa que dava um choque de adrenalina, um lembrete perturbador de que ninguém jamais sabia realmente o que aquelas pessoas poderiam fazer. Passei a ansiar por aquilo repetidamente, aquele fator de choque, a onda de conflito, a possibilidade de violência. Ao longo dos meus anos como espectador, uma parte de mim sabia que, em algum momento, o drama aconteceria novamente — sua origem, orgânica ou fabricada —, mas o fato de eu estar vivenciando aquilo em vez de apenas assistindo não tornava mais fácil sair daquele torpor. A realidade havia se tornado algo escorregadio: eu não tinha certeza de qual parte da minha vida eu participava ativamente e qual era resultado das maquinações ao meu redor. Mas, para mim, pelo menos, isso não parecia diferente de como era do lado de fora.

Pela primeira vez na minha vida adulta, parei de arrumar o cabelo e me maquiar, e geralmente usava shorts e um top esportivo por baixo de um roupão de seda. Não fazia sentido ter vergonha perto do Sam. Eu me vi no dia seguinte ao incêndio — coberta de cinzas, o rosto inchado e machucado, os olhos vermelhos e uma pequena, mas visível, falha no cabelo, onde o Tom tinha arrancado um pedaço. Eu estava tão horrível que desisti sem pensar duas vezes. Meu cabelo, meu rosto, minha pele manchada — estava tudo tão ruim que não valia a pena considerar consertar.

Aquelas semanas no complexo permanecem nebulosas para mim, e não me lembro do que Sam e eu conversamos, ou mesmo se conversamos muito. Acho que jogamos alguns jogos, inventando regras bobas conforme íamos jogando. Lembro-me de jogar tênis com frutas em vez de bola: quem estourasse a fruta primeiro perdia. Era infantil, mas era

divertido. Sam estava entrando na brincadeira por minha causa, eu sabia. Eu suspeitava que ele teria feito qualquer coisa que eu pedisse naquela época, em parte porque queria me ver feliz e em parte, acho, por culpa por seu papel em nosso castigo.

Um dia, enquanto eu fazia picolés na cozinha, olhei pela janela e vi Sam parado nos restos do jardim, alto e De ombros largos, quase exatamente como no primeiro dia. Ele tentava construir uma nova cerca para o perímetro usando alguns pedaços de madeira que sobraram, mas a madeira estilhaçou quando ele tentou martelá-la na terra. Frustrado, atirou-a em direção ao deserto e sentou-se no chão por um longo tempo, olhando para a areia. Depois de um tempo, pegou o pedaço de madeira e o deixou fincado na lama, uma marcação rudimentar de onde ficava a linha divisória.

Foi então que me dei conta de que ele também iria embora, e em breve.

Eu temia que, se abordasse o assunto, só evidenciaria o problema: Sam estava pronto para sair do complexo, enquanto eu não conseguia. A verdade incômoda era que, quando Sam partisse, ele voltaria para uma vida onde seria útil às pessoas ao seu redor. Ele era inteligente e tinha um emprego importante e significativo; se importava com o meio ambiente e a sustentabilidade — enquanto eu lutava para lembrar o que podia ser reciclado. Eu estava presa em um emprego tedioso que não me interessava e não conseguia juntar dinheiro para fazer nada de útil, como viajar ou voltar a estudar. A culpa era minha: sempre que tinha algum dinheiro, gastava imediatamente, principalmente com as marcas de fast-fashion que Sam detestava. O que ele não percebia era que nunca haveria uma oportunidade melhor para mim do que aquela. Eu não me imaginava comprando uma casa. Pelo menos não até minha mãe morrer, e mesmo assim eu não tinha certeza; ela não gostava muito de mim.

Certo dia, sentada à sombra de uma parede, observei Candice sair do quarto com algo apertado nas mãos. Ela foi até a lixeira — agora transbordando e fétida — e hesitou diante dela, talvez relutante em se deparar tão visceralmente com nossa própria sujeira. Então, ela soltou o que estava em suas mãos, deixando cair na terra queimada. Não havia brisa para movê-lo, e a princípio pensei que ela tivesse deixado cair um rato; mas, ao olhar mais de perto, vi que era um pedaço do seu próprio cabelo. Observei sua figura se afastando e vi que ela o havia cortado com cuidado suficiente, embora não fosse um corte particularmente lisonjeiro para ela. Eu sabia o quanto Candice amava seu cabelo e fiquei intrigada com o que tinha visto, até perceber que era estranho o suficiente para sugerir uma Tarefa Pessoal. Candice, percebi, ainda não estava pronta para desistir.

Que bom para ela, pensei, e cochilei pelo resto da tarde.

—

TALVEZ TIVÉSSEMOS CONTINUADO assim por mais tempo se não fosse por Becca, que nos encontrou, a mim e a Sam, dividindo um limão na quadra de tênis. Levei um susto quando ela apareceu, como se tivesse visto um fantasma. Na verdade, eu quase tinha me esquecido de que ela ainda morava lá.

"Está tudo bem?", perguntou Sam.

“Quero realizar a Tarefa Comunitária.”

Olhei para ela com os olhos semicerrados. "Por quê?"

“Por que não? Precisamos voltar a abastecer a casa com itens essenciais. Estamos ficando sem papel higiênico. Não temos xampu, só sabonete.”

Eu queria que Becca fosse embora. De forma infantil, virei as costas. Sam suspirou.

"Há tanta coisa de que precisamos", disse ele com pesar, "que parece inútil sequer tentar recomeçar."

Becca não disse nada, mas também não foi.

“Qual é a recompensa?”, perguntei.

“Café”, disse ela.

Pegamos Andrew e Candice, e Becca pegou Tom. Levamos todos para a sala de estar, onde a tela se destacava. Era um dos cômodos mais limpos da casa, já que quase não íamos mais lá. Ninguém queria ver a tela. Sentei-me no meu lugar de sempre no sofá em formato de L, e Sam sentou-se ao meu lado, com o braço em volta dos meus ombros. Andrew e Candice sentaram-se na outra ponta, um reflexo de nós dois. Andrew permaneceu sentado na beirada do sofá, como se estivesse ansioso para escapar. Lembrei-me da sugestão de Candice de que nós quatro morássemos juntos. Ela olhou para mim e sorriu, como se estivesse pensando a mesma coisa.

Ela não se importava de realizar a tarefa, mas Andrew balançou a cabeça negativamente.

"Por que não?", disse Becca.

“Eu não quero.”

A relutância de Andrew fez com que a minha própria voltasse. Não era típico dele, mas interpretei como prova de que tínhamos entrado numa nova fase da nossa estadia ali, em que já não precisávamos de ser produtivos nem de trabalhar em conjunto para alcançar algum objetivo. Esperei que alguém dissesse: " *Então, vamos deixar isso para lá".* Estava cansada: queria ficar um pouco na cama, talvez pedir à Candice para pentear o meu cabelo.

"Faça isso por mim", disse ela, sorrindo.

“Vamos pular essa”, disse ele. “Não me sinto bem. Estou me sentindo mal. Deixem-me em paz.”

Tom, que estava parado num canto, disse: "Eu digo que devemos fazer isso."

Fiquei triste ao ver a diferença em Candice — seu cabelo mais curto e desgrenhado, seus olhos cansados —, mas fiquei verdadeiramente chocada ao ver Tom. As queimaduras que ele sofrera com os dois castigos, além da surra de Sam, deixaram seu rosto marcado e inchado. Seu cabelo crescera e ele tinha uma barba cheia e desgrenhada. Eu dificilmente o teria reconhecido, não fosse seu enorme porte físico. Suspeitei que essa era a parte dele que Tom não estava disposto a sacrificar. Becca, em contraste, parecia uma foca bebê sentada no chão, elegante e limpa.

"Eu não quero", repetiu Andrew. "Não podemos simplesmente viver em paz por mais alguns dias? Podemos fazer isso amanhã, se você insistir tanto nisso."

“Precisamos manter a casa abastecida. Podemos ficar sem suprimentos sem nem perceber”, disse Becca.

“A Becca está falando muita coisa sensata”, disse Tom. “Talvez você devesse abrir mão do seu papel de Gerenciamento de Tarefas e Distribuição de Recompensas e deixar a Becca fazer isso comigo.” Ele estava tentando fazer uma piada, mas ninguém riu.

Sam ficou em silêncio. Olhei para ele e depois para a tela, relendo as instruções.

“Vamos fazer isso”, eu disse. “Vamos colocar em votação.”

Todos levantaram a mão, exceto Andrew. Percebi que Sam foi o último a levantar a mão. Fiquei nervosa, cerrei os dentes e apertei a barra do meu roupão.

Becca leu as instruções, como se não tivéssemos estado todos olhando para aquilo nos últimos minutos:

Tarefa: Revele seus parceiros sexuais desde que entrou no complexo.

Recompensa: Café

“Eu vou primeiro”, continuou ela, com a voz baixa e melodiosa. “Não dormi com ninguém desde que cheguei ao complexo.”

Enquanto ela falava, Tom olhou pela janela, com o pescoço corado.

“Sam”, eu disse.

"Lily", disse Sam, e beijou meu pescoço.

“Andrew”, disse Candice.

“Candice”, disse Andrew.

Tom disse: "Mia, Vanessa e Sarah."

Candice olhou para ele com puro desgosto. Ele não olhou para ela, embora certamente tenha sentido seu olhar fulminante.

A tela permaneceu como estava.

"Alguém está mentindo", eu disse. Olhei para Becca, com os joelhos junto ao queixo enquanto ela encarava a tela.

“É óbvio que é o Tom”, disse Candice.

"E por que você pensa isso?", respondeu Tom, com voz calma.

"Você provavelmente não dormiu com ninguém", disse Candice. "Você é tão inocente quanto a Becca."

Becca. Ela estava sentada no chão, passando os dedos pelas fibras do tapete. Não pude deixar de me lembrar da manhã em que a acordei para ajudar na cozinha e de como Sam disse o nome dela, meio adormecido. Eles tinham dividido a cama por muito mais tempo do que nós. Olhei para Sam: não consegui evitar. Ele já estava me olhando. Não sei se era porque as coisas funcionavam de forma tão diferente no complexo, isolados como estávamos, presos a um pequeno grupo de pessoas, mas exatamente no mesmo instante em que me perguntei se Sam estava dormindo com outra pessoa, também me perguntei se eu não havia me apaixonado por ele. Não tinha certeza se o sentimento vinha crescendo em mim aos poucos ou se me atingiu em meio ao pânico de que ele pudesse me deixar. Ele me encarou fixamente. Nenhum de nós desviou o olhar até ouvirmos a voz de Tom, suave e sinuosa, rompendo o silêncio.

“Você não sabe quem está mentindo, Candice?”

Candice parecia confusa. A expressão em seu rosto era estranha.

Todos nos viramos para olhar para Andrew. Ele estava olhando para o teto.

“Eloise”, disse ele, “e Carlos”.

A tela ficou verde.

Andrew levantou-se do sofá e saiu. Ouvi a porta da frente fechar atrás dele.

“Mas isso não é verdade”, disse Candice. “Estamos juntos desde o início.”

"Desculpe, Candice", disse Sam. Ela olhou para ele, irritada.

“Vou resolver isso”, disse ela, levantando-se do sofá. Ela seguiu Andrew; pela distância de suas vozes, eu percebi que Ela o alcançou perto da piscina. Depois da tranquilidade das

semanas anteriores, ouvir trechos da conversa deles, com as vozes exaltadas e alteradas, parecia errado a ponto de ser obsceno.

"Você sabia?", perguntei a Sam.

“Eu não tinha certeza, mas suspeitava.”

Pensei por um instante. "Você sabia que ele era bissexual?"

“Ah, claro”, disse Sam.

Becca sorriu para mim do chão. Não era um sorriso particularmente simpático. "Você achou que todo mundo aqui era hétero, Lily? Que estávamos todos vivendo a vida perfeita, heterossexual?"

"Calma, Becca", disse Sam. Lancei-lhe um olhar de desprezo, mas não disse nada. Como ainda não estávamos entre os cinco últimos, eu não podia revelar informações pessoais sem ser punida, então não podia dizer que também era queer. Em retrospectiva, eu gostava da Candice quase tanto quanto gostava do Ryan.

Tom também olhava para Becca, franzindo ligeiramente a testa, talvez por estar surpreso com o comentário dela, ou por estar considerando a possibilidade de que ela também não fosse heterossexual.

Sam se levantou, me puxou junto com ele e me levou para o chuveiro. Tiramos nossas roupas e ficamos debaixo do jato de água. Era uma sensação boa. Fechei os olhos e imaginei que estávamos em um aguaceiro do lado de fora da minha casa. Eu conseguia ver a porta vermelha, conseguia imaginar a cortina se mexendo na janela e minha mãe espiando. Quando estivéssemos prontos, poderíamos abrir a porta e entrar. Sam me perguntou no que eu estava pensando, e eu menti, dizendo que estava pensando em como amanhã me esforçaria para arrumar um pouco a bagunça no jardim da frente.

—

CANDICE ME ACORDOU no meio da noite. Dei um pulo com o toque no meu cotovelo e Sam se mexeu ao meu lado. Ela levou um dedo aos lábios. Assenti com a cabeça, tirei delicadamente o braço de Sam de cima de mim e a segui para fora do quarto. Ela me levou até o camarim, onde um dos espelhos com luz estava aceso. O resto do quarto estava escuro. Ela se sentou no banco e eu me sentei ao lado dela.

“Candice”, eu disse. “Sinto muito.”

Ela começou a chorar. Eu a abracei forte, envolvendo-a em meus braços. Acariciando seus cabelos e murmurando palavras gentis, ela se afastou depois de alguns minutos e enxugou as lágrimas dos olhos. Apesar das lágrimas, apesar do corte de cabelo questionável, ela ainda era a garota mais linda que eu já tinha visto. "Sinto muito por não ter tido a chance de te conhecer melhor, Lily", disse ela.

“Eu te conheço, Candice”, eu disse. “Eu te conheço bem.”

“Ah, não, você não fez isso”, disse ela, e riu, ainda um pouco emocionada. “Passei muito tempo com o Andrew. Passei um tempão me certificando de que ele me escolhesse, e depois mais tempo ainda me certificando de que ele me mantivesse por perto. Bom, agora é tudo uma piada, não é? Tenho certeza de que é isso que todo mundo está pensando agora. Candice, a piada!”

“Você é o melhor de nós”, eu disse. “Você é o melhor de nós, e ele sabe disso. Todo mundo sabe disso.”

“Como eu me deixei chegar a esse ponto de decadência? Quando as tarefas foram distribuídas, eu não me importei de ficar responsável pelos jantares. Naquela época, a comida era escassa e eu me achava a pessoa certa para o trabalho; sou habilidosa e... bem, agora posso dizer isso. Todo mundo sabe que existe poder em estar no comando de um recurso escasso.”

Não disse nada, e ela pegou um frasco de esmalte que eu havia deixado na bancada. Era um vermelho-sereia, berrante e metálico. Ela examinou a cor e o colocou de volta na bancada.

“Mas aí me olhei no espelho, como se tivesse acordado de um sonho. O que eu estava fazendo, cozinhando enquanto Andrew decidia o que faríamos e como faríamos? E o que ele sabia de alguma coisa? Sabe que na cama ele conversava comigo por horas, debaixo das cobertas, pedindo conselhos? Não havia nada que ele pudesse fazer sem conversar, sem pedir conselhos ou reafirmação. Para falar a verdade, eu gostava disso. Me fazia sentir como se eu estivesse no controle. Mas, na verdade, ele saía sorrateiramente assim que eu adormecia e ia para a cama de outra pessoa.”

"Eu sei como você se sente", eu disse. "Com o Ryan, eu pensei que ia matá-lo quando descobrisse."

Ela pegou minha mão e a apertou com força. "Eu sei que você fez isso, Lily. Eu sei que fez. A melhor coisa que fizemos foi banir aquele desgraçado. A pior parte de tudo é que eu sei que, se eu quisesse, poderia banir o Andrew — eu poderia pedir para ele ir embora, e ele partiria sem dizer uma palavra. Mas eu não posso — eu não vou fazer isso com ele. Não é absurdo? Não é ridículo? Eu o amo há meses — desde o começo!"

“Candice”, eu disse, e apertei a mão dela. “Ele também te ama.”

Ela olhou para mim por um instante e me deu um beijo suave e rápido nos lábios. "Volte para a cama, Lily", disse ela. "Já está muito tarde."

Eu me levantei, mas não queria deixá-la. "Não se esqueça de voltar antes do amanhecer", eu disse.

"Eu vou me lembrar", disse ela.

Não me surpreendi ao descobrir, pela manhã, que Candice tinha pegado suas coisas e ido embora, embora tenha doído como uma facada no estômago. Eu sabia que ela iria embora, porque sabia que Candice preferia não participar de nada a ser a pessoa de quem todos ririam. Cheguei a me perguntar — por um segundo, só um segundo — se valia a pena ficar no complexo sem ela. Senti falta dela, não apenas porque gostava e a admirava, mas porque, quando ela foi embora, destruiu uma ilusão que eu alimentava desde a época em que assistia ao programa: a de que o programa era, de fato, sobre amor — ou, pelo menos, sobre encontrar alguém com quem se pudesse viver. Eu me consolava com a ideia de que Andrew e Candice eram "o casal verdadeiro". Em algum momento, me deixei esquecer o mais óbvio: que era um jogo.

Agora só restavam cinco: eu, Sam, Tom, Becca e Andrew. Chegar aos cinco finalistas era uma grande conquista. Era praticamente garantia de fama. A competição ficava acirrada entre os dez finalistas, mas frequentemente se tornava brutal entre os cinco, quando todas as regras eram suspensas. Algumas regras eram um incômodo, como a proibição de discutir as Tarefas Pessoais, mas outras nos protegiam, como a regra de não brigar. Mais de uma

vez, brigas físicas começaram quase que instantaneamente assim que o sexto participante era eliminado. Os produtores só intervinham se achassem que alguém estava em perigo grave. Eu me perguntava se Becca sabia que Andrew tinha um histórico de relacionamentos casuais e se era por isso que ela nos incentivou a fazer a tarefa.

Na ausência de Candice, o complexo se tornou um lugar diferente para nós. Embora já estivéssemos desanimados após o incêndio, ficamos ainda piores depois que ela partiu. Andrew se tornou inútil, escondendo-se no quarto, deitado na cama, sem falar com ninguém. Quando ele se isolou, percebi o quanto dependíamos dele; mesmo que não fosse particularmente útil, ele sempre foi uma presença encorajadora e entusiasmada. Quando saía do quarto, era principalmente para falar de Candice; o quanto a amava e o quanto ainda a amava.

TREZE

AGORA QUE NÃO ÉRAMOS

Sem a obrigação de dormir ao lado de alguém, nos espalhamos ainda mais pelo complexo. Eu via Becca muito raramente, talvez uma vez a cada dois dias. Tom ficava quase sempre no quarto cinza. Embora eu os visse pouco, a presença deles era como vespas zumbindo no canto da minha visão: eu não conseguia relaxar até que fossem embora. Uma ou duas vezes reclamei com Sam que desejava que eles simplesmente fossem embora, e ele pareceu confuso. "Você não acha que eles estão pensando o mesmo sobre nós?", disse ele.

Certo dia, pouco depois da partida de Candice, Sam e eu caminhávamos pela parte sul da propriedade. A barreira entre o deserto e nossas terras ainda estava intacta ali, e eu gostava de pensar que isso conferia um ar de civilidade ao local.

"No que você está pensando?", perguntou Sam.

Eu estava pensando na minha mãe, o que me fez lembrar de uma garota chamada Trish, de uma temporada antiga do programa. Todo mundo adorava a Trish: ela era uma dançarina fantástica e às vezes convencia os outros moradores a fazerem apresentações à noite para mantê-los entretidos. Ela também era engraçada e gostava de pregar peças nos meninos. Depois de uns três meses no complexo, ela se tornou cada vez mais retraída, até chegar ao ponto de passar os dias chorando, sem sair do quarto e sem falar com ninguém. Normalmente, em casos assim, o telão sugeria expulsões, na esperança de se livrar do morador "problemático". Mas nenhum dos moradores queria votar para expulsá-la, e quem assistia em casa também não queria que ela fosse embora. Mesmo estando um caco, ela já tinha sido a estrela inegável do programa: existem pessoas tão irresistíveis que você se sente como se estivesse assistindo. Entregue a eles um pouquinho da sua personalidade. Lembro-me de como eu tentava imitar a risada fácil dela, aquele som estrondoso e alegre.

Para tentar remediar a situação, Trish recebeu uma recompensa inédita em sua telinha: uma ligação telefônica com quem ela quisesse. Ela ligou para a irmã e conversou com ela por horas. Chorou novamente quando teve que devolver o telefone, mas depois se mostrou muito mais calma; participou das atividades e interagiu com os outros. Tentou ser divertida e envolvente novamente, mas era visível o esforço, e não era uma cena agradável. Uma semana depois, ela foi embora.

Eu me perguntava o que seria preciso para que me oferecessem uma ligação para minha mãe. Nem chegamos a nos falar, mas eu me pegava pensando nisso constantemente, em como eu daria tudo para conversar com ela, mesmo que por apenas alguns minutos. Mas Trish teve a oportunidade de se reinventar, porque antes ela era vibrante e interessante. Não havia nenhuma glória antiga para eu recuperar. Eu era agora como sempre fui.

"Estava pensando na minha mãe", eu disse.

Sam me interrompeu abruptamente. Levou a mão ao rosto, surpreso. "Eu esqueci. Agora podemos falar sobre nossas vidas pessoais."

Eu sorri para ele. A mudança nas regras não me interessava particularmente. Eu conhecia Sam bem o suficiente. "Há algo que eu deva saber?"

Caminhamos em silêncio por alguns instantes. "Prefiro te contar lá fora", disse ele, me surpreendendo.

"Ah", eu disse. Mantivemos o ritmo lento. Vi-o olhar para mim de relance. "Então é grave."

“Não, nada de ruim. Só acho que vai ser mais fácil sermos sinceros quando estivermos fora.”

“O que você quer dizer com 'real'? Como assim você não está sendo real comigo agora?”

“Não, quer dizer... eu não sei.”

“Você deveria saber, Sam.”

“Estou sendo sincera com você, Lily. Mas, até certo ponto.”

“Até certo *ponto* ?”

“Você sabe o que eu quero dizer. Não é possível ser completamente autêntico aqui dentro.”

Foi quase exatamente o que Ryan me disse. Não fiquei menos confuso quando Sam disse o mesmo. Claro, a situação era peculiar, mas... Não sentimos aqui tão profundamente quanto lá fora? A situação foi construída, uma produção — mas não éramos *reais* ?

“Então você estava fingindo o que sente por mim?”

“Não, Lily, não. Mas isso... a forma como nos comunicamos, a forma como nos conhecemos... isso não foi real. Eu não sabia qual era o seu sobrenome durante um mês. E agora que podemos conversar sem sermos punidas, não sei se quero. Quero conversar em particular, quando não estivermos em evidência.”

Eu já nem pensava mais nos espectadores. Obviamente, eu sabia, de alguma forma distante, que eles estavam lá, assistindo. Quando você é bonita, realmente bonita, você se move pelo seu dia com uma autoconsciência requintada. Agora que eu não me esforçava mais e usava meu roupão todos os dias, essa sensação se tornou insensível. Parecia absurdo, de certa forma, que as pessoas pudessem estar me observando.

“Vai ser mais fácil conversar quando os outros tiverem ido embora”, eu disse.

Caminhamos em silêncio por um breve instante. Eu quase podia senti-lo absorto em seus pensamentos. Sam era do tipo que ruminava as conversas, que considerava as coisas sob diferentes perspectivas. Era uma das qualidades que eu mais admirava nele, e também uma das que me faziam sentir inadequada. Eu vivia com o medo constante de que ele descobrisse o quão superficial eu era, o pouco tempo que eu dedicava a refletir sobre as nuances do mundo.

“Lily”, disse ele de repente. “Tenho adiado isso. Não sei porquê. De verdade, não sei. Mas acho que devemos ir. Hoje. Vamos arrumar as malas e ir.”

Tentei não reagir. "Não seja ridículo, Sam — por que iríamos embora agora?"

“Porque é tudo uma grande farsa! Como você consegue continuar vivendo assim? Fingindo que está tudo bem?”

“Não era isso que estávamos fazendo antes, do lado de fora?”

“Mas por fora era real! Importava o que fazíamos — não éramos apenas… entretenimento! Não faz sentido”, disse ele. “Não faz sentido estarmos aqui.”

Eu não queria dizer em voz alta: os prêmios. "Quase ganhamos", eu disse.

“Ganhou o quê? O que você quer aqui?”

“Olha, eu sei que você acha que estou sendo superficial, mas quanto melhor formos aqui, mais fácil será lá fora. Teremos mais prêmios, mais oportunidades, mais fama…” Fiz uma pausa, tentando decidir o quanto eu queria admitir. “Mas, além disso, por que você iria querer voltar para aquilo, para o que tínhamos antes?”

Percebi que minhas palavras não o haviam compreendido completamente. Ele não entendeu. Ficou em silêncio novamente, por um longo tempo. Estávamos caminhando muito devagar agora.

"Pergunte-me qualquer coisa", eu disse. "Isso vai facilitar as coisas."

Pensei que ele não fosse dizer nada e que ficaríamos em silêncio a noite toda. Mas ele disse: "Você tem irmãos ou irmãs?"

“Não”, eu disse. “Sou filha única. E você?”

“Eu tinha dois irmãos. Ambos já morreram.”

Ele ainda não estava olhando para mim. No céu, pássaros circulavam ociosamente.

“Sinto muito, Sam. O que aconteceu?”

“Eles morreram na guerra”, disse ele. “Meu pai era veterano e, quando a guerra começou, ele nos incentivou a nos alistar. Meus irmãos morreram com dois meses de diferença, em um ano. Meu pai ainda queria que eu me alistasse, mesmo depois de termos enterrado os dois. Eu não quis. Brigávamos por causa disso — nunca concordávamos em política — e, eventualmente, me mudei para outra cidade e cortamos relações. Consegui um emprego que eu achava que queria, conheci novas pessoas e explorei um lugar novo, mas me sentia terrivelmente sozinho. Eu odiava minha vida, mas não sabia como consertá-la. Parecia que estava fora do meu controle.”

Olhei para ele. Não era assim que eu me sentia também?

“Eu não queria voltar para casa, mas odiava o lugar onde estava. Meus pensamentos oscilavam constantemente entre os dois lugares, até que eu me sentia como se não estivesse em lugar nenhum.”

“O que você decidiu fazer?”

“Eu vim para cá”, disse ele.

“Ah”, eu disse.

"E você?"

"Quanto a mim?"

“Por que você decidiu fazer isso?”

“Por quê? Porque todo mundo quer fazer isso, e eu tive a oportunidade.”

"E?"

Eu sabia que aquela era a minha oportunidade de fazer Sam entender, de tentar convencê-lo a ficar. Lutei para encontrar as palavras, lutei contra a enormidade da situação.

“Eu queria estar aqui porque… não há mais nada para mim. Já tentei essa vida — emprego sem sentido, sem dinheiro, me sentindo cansada *o tempo todo* — e não vou *conseguir* nada com isso. Não vai me trazer felicidade. Eu tenho um colar de ouro aqui — olha só. Ouro de verdade! Só por conversar com você! Você sabe quanto tempo eu teria que trabalhar para ganhar algo assim? E quem quer trabalhar, afinal? Se você chegar até o fim aqui, pode ter o que quiser e não precisa lidar com toda essa besteira… Eu não tenho nenhum talento de verdade. Sou bonita, mas não a mais bonita. Não sou inteligente. Nunca terei uma oportunidade melhor do que esta.”

Examinei seu rosto para ver se ele havia entendido. Meu coração batia tão forte que chegava a doer. Ele estava de costas, de frente para o deserto.

Você ganhou alguma recompensa por conversar comigo?

“Há muito tempo atrás.”

“Quando? Qual conversa?”

Senti uma espécie de peso me envolver. Todas as minhas inadequações vieram à tona, todas as minhas falhas que eu havia tentado esconder estavam sendo reveladas. "Quase no começo. Quando tentei adivinhar seu trabalho e discutimos."

Ele assentiu com a cabeça. Quando se virou, seu semblante estava sério.

“O que estamos fazendo aqui, afinal?”

“Você quer dizer... nós?”

“Não, não ‘nós’ como em nosso relacionamento. Quero dizer, por que ainda estamos aqui? Por que ainda vivemos aqui?”

“Estamos esperando os outros irem embora.”

"Você acha mesmo que o Tom vai embora?" Eu sabia que o Tom não desistiria facilmente, mas esse era um problema que eu poderia resolver depois.

“Se fôssemos embora, as coisas seriam diferentes entre nós. Eu nunca mais te veria.” Eu não gostava de chamar a atenção dele para a nossa vida lá fora, onde ele certamente perceberia que não fazia sentido estarmos juntos. Aqui, estávamos limitados pelas circunstâncias em que os produtores nos colocaram. Lá, eu era limitada pela minha própria falta de habilidade, minha falta de motivação e um sentimento geral de apatia.

“Sim, Lily. Claro que sim.” Ele fez uma pausa, parecendo confuso. “Não é para isso que temos trabalhado?”

Não disse nada.

Ele olhou em volta, com o rosto contraído em tristeza. "Você realmente quer viver aqui, neste... deserto?"

“Não é pior do que o que existe lá fora! É para isso que você quer voltar? Viver constantemente à margem do desastre, apenas esperando, esperando e esperando que ele finalmente nos alcance, fazendo trabalhos estúpidos e tediosos para passar os dias até lá? Aqui estamos seguros — estamos afastados de tudo isso.”

“Ainda está lá, Lily. Ainda está acontecendo. Você acha que, porque não podemos ver, não está acontecendo?”

“Não fale comigo como se eu fosse estúpido.”

“Não há futuro real para nós aqui — é apenas um jogo perverso. Meu Deus — olha só para este lugar! Eu não deveria ter me deixado ficar tão complacente — eu só ficava pensando que não podia te deixar aqui, com o Tom, e com tudo. Mas agora… Lily, acho que não consigo passar mais uma noite aqui!”

Ele estava parado em um pedaço de areia, onde parte do deserto havia invadido. Parecia uma estátua, forte, alto e imóvel. Eu sabia que esse momento estava chegando, mas mesmo assim me aterrorizou. "O que causou isso?", perguntei. "Estávamos tendo um dia agradável, até alguns minutos atrás."

"Acabei de perceber que posso te fazer perguntas pessoais e falar sobre mim, mas não sei mais sobre o que conversar! Me acostumei tanto com essas conversas banais, dizendo os pensamentos estúpidos que me vêm à cabeça naquele exato momento, mas sem

conseguir falar sobre onde estive e as pessoas que conheci — sem conseguir te contar sobre a *minha vida* — e sem saber nada sobre você também!"

“Então vá”, eu disse. “Se você realmente quiser.”

“Não vou embora sem você.”

“Bem, eu vou ficar. E você quer ir. Então vá.”

"Lírio."

“Estou falando sério. Não vou te atrapalhar.”

O que posso dizer para te fazer mudar de ideia? O que posso fazer para te levar comigo?

Eu não disse nada. Ele pegou uma pedra. Em vez de atirá-la em algum lugar do vasto espaço intocado ao nosso redor, ele a atirou contra a casa. Ela atravessou a janela da sala de estar, estilhaçando o vidro. Eu esperava Esperava-se que alguém saísse e fizesse alarde — Tom certamente estava em casa, Andrew também — mas não havia sinal de movimento.

"Droga", disse Sam, esfregando o rosto.

Dei alguns passos para a frente, tomando cuidado com os cacos de vidro. "Você não deveria ter feito isso. O lugar já está bastante danificado. Isso é mais uma coisa que teremos que consertar."

Senti o olhar dele sobre mim. Virei-me. "Sabe", disse ele, "tudo isso, todas essas *recompensas* ... são só... coisas. A casa, as Recompensas Pessoais... tê-las não faz diferença."

Uma brisa suave lambia a parte de trás das minhas pernas. Agora que eu sabia que ele me deixaria e que aquele seria o fim, queria me agarrar a um mínimo de dignidade. Senti o retorno da consciência de que estávamos sendo observados, de que as pessoas estavam formando opiniões sobre nossas ações no exato momento em que as executávamos. Mesmo enquanto olhava para o rosto de Sam, para os pequenos detalhes que me eram tão caros — a ponte do nariz, a tênue linha vermelha que cruzava suas maçãs do rosto por causa do excesso de sol — eu pensava nas garotas que já haviam participado do programa, que se mostraram fortes e enigmáticas quando seus namorados as deixaram. As garotas que faziam escândalo, choravam e imploravam nunca conquistavam nenhuma simpatia; na verdade, qualquer impacto que tivessem causado antes se dissipava no instante em que se desmoronavam por causa de um garoto. Ninguém gostava de ver isso — as pessoas preferiam nós, ferozes e destemidas. Eu entendia: eu também não gostava de ser lembrada de quão rápido eu podia desmoronar. Mesmo assim, se estivéssemos sozinhos e ninguém estivesse olhando, acho que eu teria me ajoelhado a seus pés e dito que ele precisava ter paciência comigo, que precisava me dar tempo, que eu ficaria melhor, que eu só precisava de tempo.

"Sinto muito que você se sinta assim", eu disse friamente. "Acho que não somos tão parecidos assim. Nunca pensei que seríamos compatíveis, sabe? Foi por isso que escolhi o Ryan."

Ele olhou para as areias do deserto e depois voltou a olhar para a casa.

"Vou consertar a janela", disse ele. "Vou consertá-la e depois vou embora."

Não doeu, não de verdade. Eu sabia que ia doer depois, mas já esperava por isso mesmo antes de ficarmos juntos. Mesmo assim, virei o rosto para que ele não me visse, por precaução.

"Tudo bem", eu disse. "Vou dar um mergulho."

Troquei de roupa e vesti meu biquíni — ele estava em cima de uma cadeira, ainda úmido do meu banho. último mergulho — e flutuei de costas por um tempo, olhando para o céu até que minha visão embaçou, até que o azul se tornou um único ponto fixo acima de mim. Sentei-me nos degraus da piscina, ainda meio submerso, e observei Sam colocar uma lona sobre a janela.

Eu o amava; eu o amava, e era terrível, porque eu sabia que ele estava certo e que as coisas tinham saído do controle. Eu não suportava vê-lo partir, mas não conseguia imaginar ir embora. Eu não queria que ele visse o quão pequena e insignificante minha vida tinha sido antes. Se minha maior conquista tinha sido entrar no programa, então tudo além disso seria uma decepção.

Houve um momento, enquanto ele martelava cuidadosamente um prego em um pedaço de madeira, em que meu sangue gelou de terror ao pensar em viver ali sem ele. Mas eu quase tinha vencido. Não seria a vida que eu queria, com Sam compartilhando minha solidão, mas ainda era melhor do que a existência pálida e sem graça que eu tinha em casa. Tom disse que eu era inútil, e provavelmente os outros também pensavam assim, mas eu sabia que conseguiria. Eu poderia me tornar alguém ali. Eu poderia vencer. As pessoas se lembrariam do programa, deste ano, desta versão da casa, e diriam: "Não era aquela com a Lily?". Aquilo valia alguma coisa. Até Sam teria que pensar assim.

Sam terminou e entrou em casa. Saí da piscina e caminhei devagar, serpenteando até a porta da frente por entre as árvores carbonizadas e os montes de entulho. Mantive-me à margem, fora da vista de todos. Andrew e Sam estavam saindo da casa. Observei Andrew abraçar Sam com força, os ombros tremendo.

"Vou sentir sua falta, cara. Vou sentir muita falta mesmo", disse ele.

Sam não disse nada, mas retribuiu o abraço. Ao contrário de quase todos os outros no complexo, Sam nunca havia simpatizado com Andrew.

“Eu também devia ir”, disse Andrew, afastando-se e soltando-o. “Eu sei que devia ir e ficar com a Candice, mas... eu vou logo, muito logo, e a gente se vê depois, né, Sam? A gente se vê. A gente se encontra com frequência, tenho certeza. Sam, você pode procurar a Candice quando sair? Ou ligar para ela... eu tinha me esquecido por um minuto que dá para ligar para alguém pelo celular; não é engraçado? Se você pudesse pegar o número dela e dizer que eu penso nela a cada minuto, *a cada minuto,* e que já vou sair.”

Mesmo assim, Sam não disse nada, e Andrew continuou, balançando os braços ao lado do corpo num gesto estranhamente nervoso.

“Bem, então você está indo embora! Eu cuido da Lily, não se preocupe. Tem certeza de que vai mesmo? Precisa mesmo sair? Quando ouvi a janela quebrar, pensei: preciso me recompor e voltar a cuidar da casa. Sabe, eu realmente acho que podemos deixá-la como era antes do incêndio.”

“Já vou, Andrew. Talvez a gente se veja depois.”

“Claro, cara, claro. Bom, então, até logo. Não vou te acompanhar até a saída; vou dar uma olhada no telão e ver se conseguimos ganhar alguma coisa para nos ajudar a nos organizar. A gente se vê para tomar um drinque qualquer dia desses, tá?”

“Claro, Andrew.”

Andrew saiu, caminhando pelo terreno, inspecionando pedaços de metal carbonizados, talvez se perguntando qual recompensa cada um deles havia sido antes do incêndio. Observei Sam contornar a casa para olhar a janela que ele havia fechado com tábuas. Ele

ficou ali por um tempo, e pensei que provavelmente estivesse esperando meu retorno. Dei um passo à frente para me aproximar dele, mas então Becca apareceu, atravessando o trecho empoeirado de terra em sua direção, como se soubesse que ele a estava procurando. Contornei a esquina para poder ouvi-los, fora de vista. Ele disse a ela que ia embora, e ela ouviu e disse algumas coisas afirmativas. Eu não conseguia vê-la, mas ela parecia tranquila e despreocupada.

"Não consigo convencê-lo a ir?", perguntou ele.

"Já vou", disse ela.

“Becca”, ele suspirou. “Não sei por que você quer ficar. Mas não vale a pena.”

"Vou sentir sua falta", disse ela. "Você era a única pessoa aqui de quem eu gostava."

“Diga-me uma coisa. Por que você quer ganhar?”

"Não me importo com a vitória. Só preciso que o Tom perca."

Achei que ele estivesse passando as mãos pelo rosto. "Meu Deus", disse ele. "O que eu estava pensando, deixando você e Lily aqui com o Tom!"

“Nós sabemos nos cuidar. Não somos crianças. E de qualquer forma, nada vai nos acontecer. Eles sempre intervêm antes que as coisas piorem.”

“Isso não é nada reconfortante.”

“Eu sei o que estou fazendo”, disse ela. “Acho que estarei em casa até o final da semana.”

“Você sabe que dia é hoje?”

“Claro”, disse ela. “É terça-feira, 20 de setembro.”

Setembro. Todo o verão já havia passado. Eu jamais imaginei ficar tanto tempo. Mas todos entenderiam, ao verem o que estava acontecendo. Não faria sentido ir embora quando eu estava quase no fim.

"Como você sabe?"

“Minha primeira recompensa pessoal foi um caderno. Tenho usado o delineador labial da Susie como lápis.”

“Você é incrível, Becca.”

Ela era incrível. Minha primeira recompensa foi um pente. Eu não tinha nada que fosse útil. Nunca sequer considerei encontrar uma maneira de marcar o tempo — simplesmente aceitei que não o sabia.

“Obrigada”, disse ela. “Bem, adeus.”

“Adeus. Cuide-se.”

Becca virou a esquina, lançou-me um olhar desinteressado e seguiu para o interior do complexo, em direção ao labirinto. De repente, fui tomada por um terror tão grande ao pensar em nunca mais vê-lo que quis ficar onde estava e me esconder, nem que fosse só para evitar a despedida final. Mas ouvi-o chamar meu nome e fui ao seu encontro.

Ficamos parados timidamente um diante do outro, como se fôssemos estranhos. Sua pele havia escurecido nos últimos meses e, embora estivesse com uma barba por fazer, quase uma barba completa, seu cabelo ainda estava arrumado e bem cuidado. Senti uma onda de vergonha da minha aparência. Toquei a linha do meu cabelo, constrangido, me perguntando se minha calvície ainda estava visível.

“Não fique me observando quando estiver lá fora”, eu disse.

"Está bem", disse ele. "Se você quiser."

“Onde você mora?”, perguntei.

Ele mencionou o lugar, uma cidade a cerca de três horas de carro da minha.

"E você?"

Eu contei para ele, e ele disse: "Eu poderia te visitar. Se você topasse."

“Não sei”, eu disse. “Talvez.” Ele parecia tão incrivelmente, tão profundamente... Fiquei magoado por ter dito: "O que tínhamos aqui era perfeito, não acha? Não quero uma versão inferior disso lá fora."

Ele não respondeu. Depois de um instante, percebi que ele estava chorando.

Envolvi-o com meus braços e apoiei a cabeça na curva de seu ombro. Ele me apertou forte, e eu pude sentir seu cheiro, fumaça e cedro; senti os leves tremores que percorriam seu corpo. Ele se afastou primeiro e me olhou como se eu ainda fosse linda.

“Sam”, eu disse.

“Não se preocupe comigo”, disse ele. “Vou ficar bem.” Um minuto depois, ele estava calmo novamente e passou a mão no rosto. Ficamos em silêncio por um momento, e então eu disse: “Vou acompanhá-lo até o perímetro.”

Ele pegou minha mão, jogou a mochila sobre o ombro e caminhamos juntos em direção ao limite. A mochila parecia leve: ele não havia levado muitas de suas recompensas.

Uma parte de mim não acreditava que ele fosse mesmo; eu pensava que ele chegaria à fronteira, veria o deserto à sua frente e mudaria de ideia. Mas estávamos nos aproximando da borda e seus passos eram firmes.

“Leve isto com você”, eu disse, e enfiei a mão no bolso do meu roupão. Dei a ele a pena de pato que Susie havia dado a cada um de nós na noite em que caçamos nosso próprio jantar. Ele a pegou e sorriu levemente, guardando-a no bolso da camisa. Olhou para a vasta extensão de terra, a areia e a sujeira, cozidas e branqueadas sob o sol escaldante, e eu perguntei: “O que aconteceu no deserto?”

Ele levou um tempo para responder. “Fomos deixados em algum lugar, um de cada vez. Não sabíamos onde os outros estavam, nem onde nós estávamos. Encontrei o Carlos primeiro e depois o Gav. Lembra do Gav? Pois bem, ele era inútil. Ficava nos levando na direção errada — sempre na mesma direção errada. Encontramos os outros por puro acaso. O Tom já tinha sido mordido — foi atacado na primeira noite. Todos nós tínhamos encontrado pelo menos mais uma pessoa, exceto o Tom; ele teve que dormir sozinho. Ele estava desesperado quando nos encontrou. Ficava falando do cachorro, do ataque, de como o tinha matado. Quebrou o pescoço dele, disse, e depois quebrou as quatro patas para garantir. Eu talvez não acreditasse nele, mas ele guardou um osso. de sua carcaça. Ele não a largou de suas mãos durante todo o tempo em que estávamos vagando.

“No segundo dia, estávamos com pouca comida e começamos a nos preocupar que ela acabaria antes de encontrarmos o acampamento. Tínhamos andado sem rumo por horas, discutindo uns com os outros, e ninguém tomava nenhuma decisão. Decidimos então votar para escolher uma pessoa para liderar o grupo. Tom insistiu que deveria ser ele. Ele não parava de segurar aquele osso, como se significasse alguma coisa. Ele se envolveu em uma briga, e alguns dos outros garotos tiveram que intervir, inclusive eu.”

Estávamos quase lá. O sol queimava meu pescoço; eu não tinha protetor solar e certamente iria me queimar.

“Com quem ele brigou?”

“Andrew. Os dois achavam que deveriam estar no comando. Foi uma briga violenta. Eles se agrediam e se atacavam. Tom já estava em péssimo estado por causa do cachorro,

mas Andrew foi implacável. Então ouvimos a voz, dizendo que a violência era proibida. Ficamos todos atônitos com o som — ninguém conseguia dizer de onde vinha. Acho que tínhamos esquecido, com o calor e o cansaço, que estávamos sendo observados. Levamos um tempo para nos recompor e então votamos em quem nos guiaria até o complexo."

"Quem eles elegeram?"

"Eu", disse ele. Sorri, mas não fiquei surpresa. "Assim que chegamos ao complexo, foi como se a briga tivesse simplesmente desaparecido da mente deles, mas nenhum de nós a esqueceu. Lembro-me de ouvir algumas das meninas preocupadas com os meninos naquele primeiro dia. Havia uma a menos de nós e um a mais de vocês, lembram? E elas achavam que estavam em desvantagem por causa disso. Meu Deus, se vocês pudessem imaginar a nossa alegria em ver todos vocês, esperando ali calmamente, com a casa imponente ao fundo. Estávamos completamente à mercê de vocês, embora eu ache que nenhum de vocês tenha se dado conta disso."

"O outro homem, o homem que nunca chegou aqui. Qual era o nome dele?"

Ele precisou pensar um pouco, com a testa franzida e os olhos buscando algo à sua frente. "Alexandre", disse ele finalmente.

"O que aconteceu com ele?"

"No segundo dia, antes de Andrew e Tom brigarem, surgiu a sugestão de nos separarmos e tentarmos caminhos diferentes. Não foi uma ideia popular, mas Alexandre disse que iria explorar uma direção diferente de qualquer maneira. Acho que ele queria uma pausa das discussões, para ser sincero. Esperamos por ele por um bom tempo — meio dia — mas quando a noite caiu, estava frio demais para ficarmos ao ar livre e tivemos que ir embora. Alguns de nós queriam esperar. Colocamos em votação. A maioria disse que queria seguir em frente. Não o encontramos novamente", disse ele.

Fiquei pensando se ele tinha inveja de Alexandre, que nunca tinha conseguido chegar até aqui.

Estávamos agora na fronteira. Eu não sabia como dizer o que queria dizer, mas sabia o que queria que ele me dissesse. Eu havia lhe dito que não achava que daríamos certo do lado de fora, e embora fosse verdade, eu desejava desesperadamente que ele me dissesse que me esperaria. Não era isso que as pessoas diziam quando seus entes queridos iam para a guerra ou quando partiam para uma longa jornada — que os esperariam?

"Não quero te deixar assim", disse ele.

"Tudo bem", eu disse. "Quase nenhum casal consegue ir." Não queria parecer fria, embora talvez tenha sido essa a impressão que passei. A situação tinha saído do meu controle tão rápido, e era mais fácil fingir que eu sabia o que queria. Mas eu sabia que se ele tivesse me convidado mais uma vez, eu teria ido, sem reclamar. *Me convide,* pensei. *Me convide de novo.*

Uma brisa suave ondulava pelo deserto, movendo a areia. "Não fiquem muito tempo", disse ele.

Ele não me deu um beijo de despedida, apenas passou por uma brecha na cerca de arame farpado e sumiu. Pensei: eu mereci isso. Observei-o ficar cada vez menor, mas sentia o topo da minha cabeça queimando, meu cabelo ficando quente ao toque e meu pescoço já sensível. Fui me sentar na sombra e depois caminhei pelo terreno pelo resto da noite. Fiquei em um quarto nos fundos da casa que estávamos usando para guardar roupas de

cama. Cheirava a sabão em pó e mofo. Não vi ninguém por um tempo, e isso não me incomodou.

CATORZE

UM ALGUNS DIAS DEPOIS A ÁGUA

A água parou de funcionar. Foi a Becca quem me contou; ela estava me esperando na cozinha quando acordei. Foi um choque vê-la. Em um sussurro, ela me disse que não era só a água potável, mas também os chuveiros, tanto o interno quanto o externo. Era assustador pensar nisso, mas de alguma forma também emocionante. A última semana, ou semanas, provavelmente, tinha sido pura monotonia. Pelo menos o fato de a água ter sido cortada era algo em que me concentrar.

"Você já contou para os meninos?", perguntei. Eu sabia que não: eles ainda estavam dormindo. Sem perceber, eu havia recaído no meu velho hábito de fazer perguntas cujas respostas eu já sabia.

"Não." Ela hesitou e depois disse: "Eu tenho água guardada."

"Onde?"

“Se eu te mostrar”, disse ela, “você não poderá contar aos outros”.

“Ok. Tudo bem.”

“Preciso que você xingue. Isso só vai funcionar se os meninos não tiverem acesso à água.”

“Eu juro. Jesus.”

Ela começou a caminhar em direção ao labirinto, e eu a segui, inquieto. Embora as bordas do labirinto tivessem sido queimadas, a estrutura geral ainda permanecia. Eu não queria entrar — só havia entrado algumas vezes antes, e nunca fiquei muito tempo. O labirinto fora um lugar popular alguns anos atrás, mas, dois anos atrás, casais começaram a ir lá quando queriam fazer sexo sem serem notados pelos outros. No início, era apenas um casal, e era bastante romântico, os dois se escondendo, encontrando-se lá no meio da noite — até que outros casais começaram a fazer o mesmo. Era horrível; casais tentando encontrar a saída. teria que passar por outros moradores nus nos arbustos. Como espectadores, é claro que não podíamos ver tudo, mas vimos o suficiente. Os moradores das temporadas seguintes evitaram o lugar completamente, e nós instintivamente fizemos o mesmo. Supus que Becca não tinha visto aquela temporada e não conhecia a sórdida reputação do labirinto, ou conhecia, mas não se importava. Ela percorreu as curvas do labirinto rapidamente, com passos leves, e uma ou duas vezes pensei que a tinha perdido de vista. Finalmente, ela parou em uma cerca viva completamente comum, idêntica a todas as outras. Ela entrou *nela* e vi algo brilhando, embora eu não tivesse notado se não estivesse olhando fixamente. Ela reapareceu com um galão de água, seus bracinhos lutando com o peso. Sentei-me no chão e tomei um longo gole. Ela sentou-se ao meu lado e bebeu quando terminei.

"Quanto tempo isso vai durar?", perguntei. Parecia uma eternidade, mas eu sabia o quão rápido acabaria com o calor. Estava maravilhosamente fresco no labirinto, as enormes

sebes proporcionando a sombra tão necessária, e eu me encostei em uma delas enquanto tentava pensar no que aquilo significava.

“Não muito tempo. Três dias, talvez quatro.”

“Você viu o telão?”, perguntei. Ela assentiu. “E a recompensa é água?”

"Claro."

Nos cinco finalistas, a tela permanecia travada na mesma tarefa até que ela fosse concluída. Crucialmente, não eram mais tarefas, mas sim competições. Quem terminasse em último era eliminado. Como em qualquer tarefa, não precisávamos completá-la, mas não recebíamos recompensa a menos que todos participássemos. Eu nunca tinha visto nada tão extremo quanto o corte de água, mas imaginei que, depois de semanas de inatividade, eles precisavam provocar uma reação forte. Seis ou talvez sete anos atrás, após um período particularmente tedioso em que os cinco moradores viviam felizes, sem qualquer conflito, os produtores soltaram uma caixa de ratos na cozinha e ofereceram veneno para ratos como recompensa. Durante dias, foi como assistir a um filme de terror; tantas cenas deles gritando, chorando, literalmente tremendo de medo. Eles encontraram carcaças de ratos em todos os cantos da casa por semanas depois disso.

“Qual é a tarefa?”, perguntei.

“Uma corrida de cem metros.”

Agora eu conseguia entender o plano dela. Não havia dúvidas: os garotos venceriam em circunstâncias normais. Eu era rápida, mas não tão rápida quanto Andrew e Tom. Não precisava ser a mais rápida, no entanto. Só precisava não ser a mais lenta. Becca também sabia disso, é claro.

“Precisamos esperar até que eles se acalmem”, disse ela. “Sem água, eles ficarão fracos em um dia, dois no máximo. Você e eu ficaremos bem. Ou eles voltam para casa para beber água, ou participam do desafio. Se esperarmos até que estejam desidratados, podemos vencê-los.”

“Quão desidratado?”

“Isso depende deles.”

“Mas por que você me disse onde fica a água?”

"Você está me perguntando por que estou dividindo água durante uma seca?" Seu tom era nitidamente sarcástico, e eu a encarei sem expressão. Eu entendia que Becca não gostava particularmente de mim, mas tinha opções limitadas. Seria arriscado conseguir sozinha, e ela sabia que, para termos alguma chance de banir Tom, nós duas precisávamos derrotá-lo.

“Olha”, disse Becca. “Não me importo de dividir. Só não quero que o Tom coma nada. Se eu contar para o Andrew, ele vai contar para o Tom. Você não vai contar para o Tom.”

"Meninas?" Andrew chamou de algum lugar distante. Dei um pulo. "Lily? Becca?"

Ficamos sentados em silêncio e, eventualmente, ele foi embora. Ouvi-o caminhar em direção à quadra de tênis, e o som dos nossos nomes sendo chamado cada vez mais baixo.

Becca sussurrou: "Você ainda está com sede?"

"Não."

“Ótimo. Veja onde o sol está agora? Espere até que ele esteja diretamente acima da claraboia no quarto antes de tomar outra bebida.”

“Acho que não vou me lembrar como chegar aqui.”

“Você não precisa. Eu estarei aqui. Ouvirei seus passos e irei te buscar.”

“Você vai ficar aqui?”

“Não posso arriscar que os garotos me encontrem. Se estivermos todos juntos, eles nos obrigarão a fazer a tarefa. Preciso que você me traga comida, pelo menos duas vezes por dia. Quando estiver aqui, posso lhe dar água. Finja estar com tanta sede quanto os garotos e não deixe que eles a vejam chegar. Isso é o mais importante.”

"Certo", eu disse. Estava ansioso para ir; o labirinto era assustador, mesmo à luz do dia.

"Fique na sua hoje", disse ela. "Amanhã eles estarão desesperados."

Saí do labirinto e sentei-me num toco onde antes ficava o pomar. Quando o calor ficou insuportável, fui para a quadra de tênis. Por fim, precisei usar o banheiro e entrei em casa. Andrew estava sentado numa cadeira perto da porta da frente e pulou da cadeira assim que entrei.

“Ah, graças a Deus, Lily, finalmente você está aqui. Eu estava procurando por você em todos os lugares. Onde você estava?”

“Por perto.”

"O Sam teria me matado se algo tivesse acontecido com você. *Eu* teria me matado se algo tivesse acontecido com você. Olha, tenho más notícias. A água foi cortada. Você já sabia?"

“Não. Você acha que consegue consertar?”

"Não", disse ele, passando a mão pelos cabelos. "Eles desligaram. Acho que querem que a gente faça uma tarefa e se livre de alguém."

“Hum”, eu disse.

"É o seguinte. Eu sei que andei meio sumido ultimamente. É que... bem, tem sido difícil sem a Candice. Mas você entende isso, né? Sei como você deve estar se sentindo sem o Sam. Para ser sincero, acordei umas duas manhãs atrás e pensei: 'Qual é o sentido disso, né? O que eu estou fazendo?' Mas o barulho da água acabando me acordou. Quer dizer, meu Deus, olha só para este lugar. Isso era o paraíso não faz muito tempo. Deixamos tudo ir por água abaixo, e a culpa é minha, eu sei. Mas acho que podemos trazer de volta algo parecido com o que era antes. E eu sei que fazer as últimas cinco tarefas significa se livrar de alguém, mas fomos colocados numa posição em que não temos escolha. Eu não quero que ninguém vá embora, de verdade, não quero mesmo, mas não dá para ficar sem água."

Suas explicações soaram muito como um pedido de desculpas. Ele sabia que nós, garotas, também perderíamos.

"Claro", eu disse, e ele sorriu para mim, aliviado. "Vou ao banheiro", eu disse, e ele assentiu. Eu já estava quase no final do corredor quando ele me chamou. Me virei. Ele parecia estar se desculpando.

"O negócio é o seguinte... se a água não estiver funcionando, talvez seja melhor não usarmos o banheiro. Posso cavar um buraco lá fora, se você quiser?"

—

QUANDO O SOL ESTAVA acima da claraboia, voltei ao labirinto. Me perdi imediatamente e vaguei por um tempo, até que Becca apareceu e me guiou para o lugar certo. Fiquei me perguntando se ela tinha me deixado vagar de propósito.

“Alguém te viu?”

“Não, não.”

“Mas você falou com eles? Eles sabem que a água acabou?”

“Falei com Andrew. Ele sabe.”

“Ele pediu para realizar a tarefa?”

“Não, mas acho que ele estava insinuando isso. Você se importa se eu tomar uma bebida?”

“Claro. Está quente, não é?”

“Sim. Está quente.” Dei alguns goles cautelosos. Era a água dela, e eu só podia compartilhar por sua gentileza. “Tudo bem”, disse ela. “Pode beber mais um pouco. Precisamos nos manter firmes.”

Dei mais um gole e coloquei o copo de lado. Ainda havia bastante. Parecia que duraria dias, mas lembrei-me de que a água tinha sido retirada apenas algumas horas antes. Queria me lavar, mas não na frente dela. Em algum momento enquanto dormíamos, a piscina tinha sido esvaziada e, estranhamente, o lago também. Os peixes que ali viviam jaziam no fundo lamacento, como pepitas de ouro.

“Você acha que eu poderia levar um frasquinho comigo?”

“De jeito nenhum. Se eles virem, vão fazer perguntas. Podem até te seguir até aqui. Você trouxe comida para mim?”

"Ah, droga. Esqueci. Desculpe, Becca. Sinceramente, me passou pela cabeça."

Ela olhou para mim, claramente ponderando se eu havia decidido intencionalmente não trazer a comida numa tentativa de enfraquecê-la, ou se eu era realmente tão distraído. "Lembre-se da próxima vez, por favor."

"Certo. Bom, acho que te vejo mais tarde, então."

“Você não acha que deveria ficar no labirinto até escurecer?”

"Não quero ser uma chata", eu disse, "mas realmente não quero ficar neste labirinto. Então vou embora e te vejo depois."

Achei que conseguiria aguentar até o anoitecer sem beber novamente, mas foi... Difícil. Fui até a cozinha para ver se havia mais alguma bebida e encontrei Tom olhando dentro da geladeira. Tentei sair sem ser vista, mas ele disse: "Venha aqui um minuto."

Dei um passo para trás e o vi me examinar de cima a baixo. "Você sabe que a água está desligada?"

“Sim, eu sei.”

“Então, vamos realizar a Tarefa Comunitária, ou não?”

“Não sei. Talvez.”

“Talvez? Você não queira tomar banho? Ou beber algo?”

"Na verdade, eu estava pensando em simplesmente ir embora", eu disse.

"Bobagem", disse ele.

“Não é como se fôssemos durar muito tempo sem água. E obviamente, ou eu ou a Becca vamos perder a tarefa. Isso significa que ou eu serei banida, ou ficarei sozinha, sem nenhuma outra garota, só com vocês duas. Se eu for embora agora, não vai doer.”

Ele me observou atentamente. "Então, o que te impede? Eu te acompanho até a saída agora, se você quiser."

“Ainda estou pensando nisso”, eu disse.

Ele deu um passo em minha direção e eu recuei. Andrew apareceu na porta naquele instante, segurando a pá e a vassoura. Nunca tínhamos ganhado um aspirador de pó. Ele parecia desarrumado. "Eu estava limpando o quarto", disse ele. "Estava bem... nojento. Mas agora está melhor. Acho que deveríamos voltar a dormir todos juntos. Ficamos tão distantes. Nem sei onde a Becca está", disse ele.

"Você sabe onde ela está?", perguntou-me Tom.

“Não”, eu disse.

Tom olhou para os próprios pés. "Sabemos se ela está bem? Ela pode estar machucada." Achei que ele parecia genuinamente preocupado e, ao mesmo tempo, constrangido por estar preocupado.

“De qualquer forma, ela não está em casa e não deveria estar no sol”, disse Andrew. “Nem você, Lily. Seus ombros estão vermelhos. Você estava sentada ao ar livre?”

“Às vezes”, eu disse.

“É melhor você ficar dentro de casa. Sem água, o calor será muito mais perigoso.”

“O Andrew tem razão”, disse Tom. “É melhor ficarmos lá dentro.”

Becca e eu sabíamos o que estávamos fazendo, mas eles também sabiam. Eles não iam me deixar à solta e me perder como a Becca. Precisavam de todos nós para realizar a missão.

"Acho que vou apenas esticar as pernas", eu disse.

“Não vá longe”, disse Tom.

Caminhei até a piscina e sentei-me na borda, deixando meus pés balançarem na água vazia. Parecia enorme agora, sem água. Era feia também — mais uma ferida aberta na fachada do nosso complexo. Olhei para o oeste, na direção de onde Becca estava escondida com a água. Pensei que Andrew seria o primeiro a ceder. Se tudo corresse bem, ele partiria em um ou dois dias por puro desespero, deixando Tom, fraco e desidratado, para realizar a tarefa. E Becca não tinha dito que iria assim que Tom fosse embora? No final dessa tarefa, poderia ser só eu no complexo, e eu seria a vencedora. Meu coração acelerou de excitação, e me senti quase vingada por não ter ido com Sam. Se ele soubesse o quão perto eu estava de chegar ao fim — se ele soubesse que eu poderia vencer Andrew e Tom!

O problema era saber se eu podia ou não confiar em Becca. Não via outra opção: enquanto Becca tivesse a água, eu estaria à mercê dela.

Vi sombras tênues de movimento na janela da cozinha e soube que Tom e Andrew estavam ali, observando. Permaneci à vista deles, trancei meu cabelo e cantei baixinho para mim mesma.

—

QUANDO VOLTEI para casa naquela noite, a cozinha estava limpa, as bancadas brilhando, a comida guardada, o chão varrido e lavado. Estava tão bonita que me deu vontade de chorar. Era absurdo a diferença que uma cozinha limpa fazia. Parecia que eu tinha ganhado uma segunda chance na vida. Acontece que eu sou uma pessoa organizada. Gosto de tudo arrumado e organizado; só não via sentido nisso ultimamente. Motivada pela limpeza da cozinha, decidi dormir na minha cama naquela noite: trocar os lençóis, tirar todas as roupas que agora estavam jogadas no que antes era o lado do Sam.

Quando entrei no quarto, Andrew já estava lá. Estava sentado na beirada da cama, como se fosse se levantar. "Ei", disse Andrew. Ele parecia abatido, pálido e cansado.

"Você está se sentindo bem?", perguntei.

"Com certeza eu preciso de água. Minha cabeça está latejando, e só faz um dia. Você está se sentindo bem?"

"É, eu também estou com muita sede." Eu realmente estava com sede: não deveria ter ficado tanto tempo no sol. Minha boca estava seca, e minha garganta também. Engolir era uma sensação estranha.

Ele olhou melancolicamente para a parede em branco. "Eu sei que os humanos podem sobreviver sem água por três dias. Mas esse número muda se você estiver no deserto? Quer dizer, obviamente eles não vão nos deixar morrer."

“Quando a comida acabou”, eu disse, “eles nos deixaram em uma situação bem desconfortável antes de comermos”.

Ele assentiu com a cabeça. "Acho que amanhã estaremos numa situação complicada. Nossa, já estou me sentindo desconfortável." Ele me olhou por um instante. "Onde você foi mais cedo?"

“A quadra de tênis e, em seguida, a área de bocha.”

"Acho que devemos chamar o Tom e encontrar a Becca. Precisamos fazer isso hoje à noite."

"Certo", eu disse. Tentei parecer cansada, mas disposta. "Mostre o caminho."

Fomos ao quarto de Tom — o quarto cinza. Andrew bateu na porta. "Amigo?"

"O quê?", disse Tom de trás da porta.

“Vamos procurar a Becca”, disse Andrew. A porta se abriu e Tom apareceu. A luz estava fraca, mas ele parecia tão mal quanto Andrew. O quarto estava limpo — impecável, na verdade — tudo arrumado e organizado, mas havia um cheiro fraco que, depois de um instante, percebi ser o cheiro de um menino sujo.

“Ela não entrou para comer?”, perguntou ele. Andrew balançou a cabeça negativamente. “Tudo bem, vamos lá.”

Estava frio lá fora. Raramente saía de casa depois de escurecer, e mesmo assim, geralmente só com o Sam. Sentia falta dele. Sentia tanta falta que considerei voltar para casa ali mesmo. Eu deveria ter voltado: senti uma espécie de leveza na cabeça só de pensar nisso. Mas então uma espécie de cansaço me dominou, e pensei: *mais algumas semanas não farão muita diferença.* Eu tinha ficado para o verão, mas iria embora antes do inverno chegar.

Alguém — acho que era a Jacintha — tinha instalado luzes ao redor da casa, mas no escuro a iluminação não ia muito longe, e apenas algumas pessoas conseguiam enxergar. A poucos metros da casa, tudo estava completamente escuro. "Espere", eu disse. "Deixe-me ver se tenho uma lanterna no meu quarto. Acho que Sam pode ter comprado uma há algumas semanas."

Tom se virou para mim. Eu só conseguia ver metade do seu rosto, mas a irritação era evidente.

“Uma lanterna teria sido muito útil há algumas semanas, Lily. Você só está nos contando isso agora?”

“Só vou demorar um minuto. Não vá sem mim.”

Entrei na cozinha e me abaixei para que não me vissem pela janela. Eles estavam do lado de fora e eu sabia que conseguiriam me ouvir. Eu havia fechado a porta atrás de mim, mas, apesar dos esforços de Sam e Jacintha, ela não estava totalmente vedada e o barulho passou com facilidade. Rastejei o mais silenciosamente possível até o armário onde guardávamos os alimentos secos e os lanches. Ele rangeu quando o abri e parei, tentando ouvir os meninos, mas só consegui escutar o zumbido das cigarras na noite. Abri a porta do armário completamente, peguei um punhado de barras de chocolate e a fechei rapidamente, estremecendo novamente com o rangido. Coloquei as barras nos bolsos do meu roupão e voltei para perto dos meninos.

"Sem lanterna?", perguntou Andrew.

“Não”, eu disse. “Devo ter imaginado isso.”

"Você tem medo do escuro, Lily?", perguntou Tom.

Antes que eu pudesse responder, Andrew disse: "Lily, por que você não vem comigo e verifica o lado oeste da piscina? Tom, você pode verificar o lado leste."

“Vamos nos separar”, eu disse. “Assim, conseguiremos cobrir uma área maior.”

"Tem certeza?"

“Sim. Provavelmente a encontraremos rapidinho.”

“Certo. Avise se encontrar alguma coisa.”

Nos separamos e, em segundos, eles sumiram de vista. Ouvi-os chamarem o nome de Becca, Tom à minha esquerda e Andrew à minha direita. Eu queria muito ficar ali, onde a casa estava à vista e eu podia rastrear a localização dos meninos, mas Becca já estava sozinha há tempo suficiente. Chamei-a em voz alta e caminhei rápida e silenciosamente em direção ao que eu achava ser o labirinto.

Subestimei o quão escura era essa parte do terreno à noite. Com a casa atrás de mim, não havia nada para iluminar o caminho além da luz fraca de uma lua crescente e do brilho pálido e cansado de estrelas distantes. Eu parava constantemente para ouvir os meninos. Ouvi Tom ao longe, a oeste, mas Andrew estava talvez a apenas algumas dezenas de metros de distância. Fiquei pensando se Becca achava que eu a havia abandonado e estava caçando-a como os outros.

De alguma forma, me perdi. Virei-me e vi a iluminação da casa, branca e brilhante à distância, mas quando me virei novamente, só vi escuridão. Pensei que estivesse me aproximando do labirinto, mas agora me preocupava por tê-lo perdido completamente. Os meninos não chamavam mais por Becca, e eu não tinha mais noção de quão perto eles estavam. Queria gritar, só para que alguém soubesse onde eu estava. Fui tomada por um terror repentino ao perceber que havia me aventurado além do perímetro e entrado no deserto.

Ouvi um movimento e paralisei, minha mente evocando imagens de cobras e outras criaturas selvagens. Onde estava Tom? Ele também estava assustado?

"Lily", disse uma voz. Uma mão agarrou meu ombro e eu gritei, estendendo as mãos sem encontrar nada.

“Sou eu”, disse Andrew. “Calma, Lily, sou só eu. Aqui, pegue minha mão. Eu sabia que deveríamos ter ido juntos. Está tudo bem; não há nada de errado em ter medo do escuro.”

“Não tenho medo do escuro.”

“Eu costumava ser assim, quando era menino. Não tenho medo aqui, porque sei que você está aqui, que Tom está em algum lugar e que Becca também.”

“Onde estamos? Você pode me dizer?”

“Estenda a mão — ali, consegue sentir? São os balanços. À esquerda era onde ficava a horta. Um pouco mais ao sul está o labirinto.”

“Como você sabe? É tão difícil dizer”, eu disse, e com a dose certa de ingenuidade o conduzi em direção ao labirinto.

"Você acha que ela pode ter entrado no labirinto?", perguntou Andrew. "Já procuramos em todos os outros lugares."

“Não sei. Becca?” Chamei e esperei, deixando o silêncio ecoar. Em tom claro, disse: “Acho que não devemos entrar hoje à noite. Talvez De manhã, quando pudermos ver para onde estamos indo.” Coloquei minha mão livre, a que não estava segurando a de Andrew, no bolso. Ouviu-se um leve farfalhar das embalagens.

“Acho que você tem razão”, disse Andrew, resignado. “Deveríamos voltar. Mesmo que ela estivesse bem na nossa frente, não conseguiríamos vê-la.”

Deslizei o pé pelo chão para abafar o ruído enquanto pegava o chocolate no bolso. Ainda conseguia ouvir o farfalhar, bem baixinho. Será que ele estava lá? "Vou ligar para ela mais uma vez", eu disse, "só por precaução."

Será que ela estava no mesmo lugar, no fundo do labirinto, acumulando água, sem fazer nenhum barulho? Ou será que estava escondida perto da entrada, espiando a gente e rindo enquanto a gente tateava no escuro?

"Becca!" gritei, e ao mesmo tempo joguei fora a comida do meu bolso, deixando-a no chão. Mesmo com o som da minha voz abafado, ouviu-se o barulho da comida caindo no chão. Recuei, tentando disfarçar, mas senti Andrew ficar tenso.

"O que é que foi isso?"

"O que?"

“Aquele barulho.”

“Que barulho?”

"Pessoal?" Nós dois demos um pulo, minhas unhas cravando na mão de Andrew. "Sou só eu", disse Tom. "Encontraram algum vestígio dela?"

“Está muito escuro”, disse Andrew. “Voltaremos pela manhã.”

Tom se mexia inquieto, sua enorme silhueta, quase invisível, oscilando para frente e para trás sobre o chão arenoso. "Não quero deixá-la aqui fora", disse ele.

“Ela escolheu se esconder”, disse Andrew.

Tom ficou em silêncio por alguns instantes e depois disse: "Tudo bem. Tenho certeza de que ela entrará pela manhã."

Ele se moveu rapidamente, e agora eu tinha certeza do que suspeitava: Tom estava com medo do deserto.

Olhei para trás. Não conseguia ver o labirinto, mas sabia que estava lá. Andrew continuava segurando minha mão, e senti-a tremer um pouco. Ele andava muito mais devagar do que deveria. Consegui distinguir os ombros largos de Tom à nossa frente e o observei como se estivesse seguindo um touro no campo.

Quando chegamos à luz da casa, percebi que Andrew estava mais pálido do que antes. Havia suor em sua testa, embora estivesse muito frio lá fora. "Você está bem?", perguntei.

“Estou bem. Só uma dor de cabeça. A gente encontra ela de manhã, não se preocupe.” Ele parou na cozinha, e Tom se encostou no balcão, fingindo indiferença para esconder o cansaço. “A gente devia dormir todo no quarto”, disse Andrew.

Agora que eu sabia como me orientar no labirinto no escuro, pretendia sair mais tarde para pegar água. Seria uma noite terrível sem ela. Meus lábios estavam rachados e minha boca áspera. Eu sabia que, se insistisse em dormir separada deles, eles desconfiariam. Mas eles eram mais fracos do que eu e certamente adormeceriam primeiro.

“Acho que é uma boa ideia”, disse Tom. “Precisamos voltar a trabalhar juntos.”

De repente, Andrew virou a cabeça bruscamente e eu pensei que Becca tivesse aparecido, ou alguma criatura do deserto. Mas ele estava olhando para a geladeira. "Não tem nada lá dentro", eu disse. "Nós bebemos todo o suco e o leite."

Ele passou por mim, não em direção à geladeira, mas ao congelador. Tirou as forminhas que usávamos para fazer picolés. E então, retirou vários pedaços de gelo. Seus olhos brilhavam. "Lily", disse ele. "Pegue seu secador de cabelo."

Depois de alguns minutos encarando o secador de cabelo, observando as gotas lentas e constantes de água caírem na tigela embaixo, cada uma de nós tomou um pequeno gole, e foi maravilhoso, embora insuficiente. Se quiséssemos mais, teríamos que ficar acordadas por um bom tempo, e, como estávamos, quase cambaleávamos. Parecia ridículo não termos pensado nisso antes: apesar de termos passado tanto tempo ali, longe do resto da sociedade, ainda não éramos muito boas em nos virar sozinhas.

Andrew retirou todo o gelo que havia e colocou em duas tigelas. "Só temos que esperar. Quando acordarmos, haverá o suficiente para nos sustentar durante a manhã."

Cada um de nós pegou um pequeno e insatisfatório pedaço de gelo para nos ajudar a aguentar. Deixamos as tigelas tristemente e fomos para a cama. Tom fechou a porta para que nenhuma luz entrasse. Eu fiquei deitada, rígida, com uma sede insuportável que tentei ignorar. Embora fosse difícil, eu ainda sairia escondida mais tarde, quando os meninos estivessem... Dormindo profundamente. Estavam exaustos: não demoraria muito. Mas minhas próprias pálpebras começaram a pesar, e eu fiz uma oração fervorosa para que Becca tivesse encontrado o chocolate perto da entrada. O sono quase me venceu quando Andrew falou, com a voz clara e articulada. "Lily, você se importaria de me acordar quando acordar? Quero verificar o gelo o mais cedo possível."

"Claro", eu disse. "Te acordo logo cedo."

"Obrigado", disse Andrew, com uma voz calorosa, quase como se estivesse sorrindo um pouco. "Como nos velhos tempos, não é?"

Senti algo próximo à pena de Andrew. Ele devia ter uma vida confortável antes de vir para cá. Não lhe passou pela cabeça que eu pudesse estar tentando enganá-lo ou atrapalhá-lo de alguma forma. Acho que Andrew ainda acreditava que, se você seguisse as regras e trabalhasse duro, seria recompensado. Não sei no que eu acreditava naquele momento; eu só conseguia pensar a curto prazo. Encontrar Becca, pegar a água, torcer para que Tom tivesse ido embora. Eu lidaria com o que acontecesse depois, quando tivesse que lidar.

Foi uma noite longa. O ar condicionado zumbia sem parar, e eu ficava imaginando que ele estava sugando a umidade do quarto, até mesmo da minha boca. De tempos em tempos, ele desligava, nos deixando em um silêncio ensurdecedor. Eu ouvia cada movimento dos meninos, cada virada na cama, e embora estivéssemos deitados na escuridão, eu os via se movendo, como fantasmas na noite.

QUINZE

QUANDO ACORDEI, SENTI

De ressaca. Nos últimos meses, eu havia me acostumado a beber garrafas e mais garrafas de água todos os dias, além de café e outras bebidas. Ontem, tomei apenas alguns goles de água. Minha língua parecia enorme e desajeitada. Dormi mais do que o normal: conseguia ver o sol, claro e brilhante, pela claraboia. Calculei que deviam ser umas dez, talvez onze horas.

Tirei as pernas da cama, com os membros rígidos e os músculos doloridos. Eu não entendia completamente o que era desidratação, pois nunca tinha passado por isso antes. Pensei em Becca e calculei que, se me movesse rápido, conseguiria levar comida para ela, beber água e voltar antes que os meninos acordassem. Caminhei silenciosamente pelo quarto e estava na porta quando ouvi Tom perguntar: "Aonde você vai?"

Eu me virei. Ele estava deitado na cama com os olhos entreabertos. "Vou cavar um buraco lá atrás e cagar. Quer vir?"

“Acorde Andrew primeiro.”

“Faça você mesmo.”

“Ele te perguntou, não perguntou?”

Caminhei até Andrew. Chamei-o pelo nome, mas ele não se mexeu. Olhei para Tom nervosamente. Sacudi-o pelo ombro, e ele permaneceu imóvel. "Andrew", disse eu, mais alto desta vez. " *Andrew.* "

Ele gemeu e abriu os olhos. Ele murmurou algo, mas eu não consegui ouvir o que ele estava dizendo. "Ele está morrendo?", perguntei.

"Ele não está morrendo", disse Tom. "Basta pegar o gelo derretido."

Corri para a cozinha, meus pés deslizando nos azulejos frios. As duas tigelas estavam meio cheias. Não seria suficiente nem para passar a manhã. Talvez trouxesse algum alívio, mas não nos sustentaria. Eu as carreguei. Com cuidado, observando cada gota em cada tigela, me perguntei por que Tom não tinha vindo comigo para inspecioná-las, mas quando voltei, percebi que ele estava quase tão mal quanto Andrew. Ele estava sentado, mas as veias saltavam estranhamente em seu rosto, e sua pele parecia anormalmente fina. Fui primeiro até Andrew, que disse: "Precisamos dividir as tigelas entre nós". Sua voz estava rouca, mas ele parecia mais alerta agora.

"Beba", eu disse. "Eu bebo depois de você."

“Meia tigela para cada um”, disse ele, virando-se para Tom. “Assim, haverá um pouco para Becca quando a encontrarmos.”

Ele tomou um gole e soltou um gemido abafado quando o líquido tocou seus lábios. Depois de um instante, ofereceu-me a tigela. Balancei a cabeça negativamente, e ele tomou outro gole, oferecendo-a novamente. "Termine", eu disse. Percebi que ele estava indeciso, então me inclinei para perto e sussurrei: "Eu aceito um pouco do do Tom". Ele sorriu e terminou a tigela.

Levei a outra tigela para Tom. Ele estava com os pés no chão, mas não parecia forte o suficiente para se levantar da cama. Fiquei de pé sobre ele, levei a tigela aos lábios e bebi um pouco — só um pouquinho, embora meu corpo implorasse para que eu a esvaziasse completamente. Ele me observou e pegou a tigela de mim quando terminei meu pequeno gole. Ele a esvaziou rapidamente e me devolveu.

“Precisamos encontrar Becca”, disse ele.

"Nossa, eu adoraria tomar um banho", disse Andrew, e se levantou lentamente. "Que horas você acha que são?"

"Meio-dia", menti. Queria que eles ficassem atentos ao sol do meio-dia.

"Porra", disse Tom. "Não tem como a Becca estar morta, né?"

“Ninguém nunca morreu nesta merda”, disse Andrew. Ele estava certo. Nunca tinha acontecido. Mas algumas pessoas morriam depois do show — havia agora uma longa lista de pessoas que tiraram a própria vida depois de voltarem para casa —, mas isso era outra questão.

Eu sabia que precisava dar a impressão de que queria encontrá-la, e o único lugar onde não tínhamos procurado direito era o labirinto.

"Vou procurá-la", eu disse. "Vou verificar o labirinto."

"Eu vou", disse Tom. "Você descansa. De qualquer forma, ela era minha companheira de cama. Eu deveria encontrá-la."

“Eu vou com você”, eu disse.

“Não, fique aqui com o Andrew. Ainda tem algumas frutas — umas maçãs e umas peras. Veja que tipo de suco você consegue tirar delas. Precisamos de eletrólitos, além de água. Já volto.” Sem se virar, ele tirou a cueca e vestiu um short. Já não tínhamos mais privacidade, e isso não me incomodou tanto quanto poderia ter incomodado alguns meses atrás. Ele calçou os sapatos e saiu.

Andrew e eu fomos para a cozinha. Ele vasculhou o congelador em busca de mais gelo, mas só encontrou pedacinhos. Ele me ofereceu alguns, e nós os mastigamos meditativamente por alguns minutos. Peguei as frutas que restavam na despensa, e Andrew sentou-se na cadeira.

“Tenho certeza de que sei outra maneira de conseguir água”, disse ele. “Se tivéssemos nossos celulares, seria muito mais fácil. Acho que vi algo parecido em um filme, uma vez…” Eu tentei espremer o máximo de suco possível da fruta. Havia talvez uns dois centímetros de líquido, e o resto era só polpa e casca, que pressionei contra meus lábios, umedecendo-os com a umidade restante. Quando olhei para trás, para Andrew, ele estava cochilando na cadeira, como um velho. Deixei o copo de suco de fruta ao lado dele e saí o mais silenciosamente possível. Eu tinha dado apenas alguns passos para além da porta quando vi Tom voltando. Fiquei onde estava, protegendo meus olhos da queimadura do sol, e o observei caminhar em minha direção. Eu sabia que ele estava fraco: tinha percebido isso em seus movimentos esta manhã. Mesmo assim, ele parecia forte o suficiente enquanto caminhava pelo terreno. Se fôssemos fazer a tarefa agora, Andrew já teria ido embora e Tom ficaria.

"Nada?", eu disse.

“Não a vi lá dentro. De qualquer forma, não consigo imaginar que ela se aventuraria por lá. Está tomado pelo mato e é completamente intransitável.” Ele enxugou o suor da testa e a examinou com preocupação. “Precisamos ficar aqui dentro”, disse Tom. Ele parecia

um pouco trêmulo. “Quando estávamos no deserto, ficávamos na sombra durante o dia, quando o sol estava mais forte. Devemos ficar aqui dentro enquanto esperamos por Becca. Aposto que ela virá nos encontrar em algumas horas. Se estamos nos sentindo um pouco mal agora, ela estará se sentindo muito pior, lá fora, ao relento. Fiquemos no quarto, onde tem ar-condicionado, e até o final da tarde ela estará de volta. Faremos a tarefa e teremos água novamente. E vou te dizer outra coisa”, disse ele, “se ainda havia alguma dúvida sobre quem seria banido, ela certamente acabou agora.” Com a Becca fugindo e nos deixando nessa situação, quando ela voltar, é melhor que esteja com o rabo entre as pernas.

—

FICAMOS NO quarto até o sol desaparecer no horizonte. Eu me sentia terrivelmente fraca: o simples ato de levantar da cama era mais difícil do que eu gostaria de admitir. Mesmo assim, eu não parava de pensar na Becca. As barras de chocolate só teriam sido suficientes para ela por algumas horas, isso se ela as tivesse encontrado. Era muito tempo para deixá-la sem comer, mas eu estava com sede, com dor, a cabeça latejando, as articulações doendo e os olhos secos. Alguns alimentos ajudavam um pouco, como legumes, mas outros que pareciam inofensivos, como iogurte, deixaram minha boca mais seca do que antes, e me arrependi amargamente de tê-los experimentado.

Os meninos estavam ainda mais fracos. Andrew estava deitado na cama, olhando fixamente para o nada. De vez em quando, ele ficava muito quieto, e eu o chamava em pânico. Uma vez, por volta do final da tarde, ele cruzou o olhar comigo e, percebendo minha preocupação, sorriu, tentando me acalmar. "Eles não vão nos deixar morrer", disse ele.

Quando o sol estava se pondo, eu não aguentei mais. Disse que ia lá fora fazer minhas necessidades. Os meninos não deram nenhum sinal de que tinham ouvido, mas quando eu estava lá fora, ouvi um barulho atrás de mim e vi Tom parado na porta.

“Você deveria voltar para a cama”, eu disse. “Você está muito fraco.”

“Eu estou me sentindo fraco, você tem razão. Mas você não está. Eu percebo que você está desconfortável, mas não está doente como eu e o Andrew. Você está com a mesma aparência do Andrew ontem à noite. O que significa que você bebeu água em algum momento.”

“Você esteve comigo o dia todo”, eu disse. “Quando eu teria outra chance?”

“Hoje o dia todo”, disse ele. “Mas ontem não.” Ele permaneceu parado na porta, embora eu temesse o momento em que ele desse um passo para dentro. Havia uma pá perto de mim, encostada na parede.

"Eu tinha bebidas energéticas", eu disse. "Sobraram de uma Tarefa Pessoal. Já acabaram, mas me mantiveram firme por um tempo."

Ele me olhou por alguns instantes. "Mas você precisa de água agora. Eu percebo. Seu estômago está vazio, mesmo depois de você ter comido, não é? E você se sente tonta, como se fosse desmaiar."

Eu não respondi. Ele saiu pela porta. Quando se aproximou de mim, eu me encolhi, e ele percebeu. Mas ele apenas pegou a pá e me entregou. "Logo depois de onde ficavam os arcos de flores. Deve ser um bom lugar para ir. É reservado, mas perto o suficiente para que eu possa te ouvir gritar se você sentir que vai desmaiar. Vou ficar aqui e vigiar a Becca."

"Obrigado", eu disse. A pá era pesada, e meu instinto foi deixá-la cair. Meus músculos pareciam inúteis.

“Nem sempre nos demos bem, né, Lily? Eu me envolvi um pouco com coisas que não importavam muito. Perder o galpão foi difícil para mim. Eu o construí com minhas próprias mãos. E perder todas as nossas recompensas… foi um golpe duro. Mas o mais importante agora é que trabalhemos juntas. Se pensarmos só em nós mesmas, bem, não seremos melhores que animais. Encontraremos a Becca, cumpriremos a tarefa e teremos água. A Becca voltará para casa e nós três poderemos viver juntas em paz. Não precisamos viver uma em cima da outra. Eu poderia construir outro galpão. Mas não seria um galpão, poderia ser uma espécie de… casa de hóspedes. E você não precisaria se preocupar em me encontrar ou se sentir desconfortável ou algo assim. Parece bom?”

“Parece que você já tem tudo planejado.”

“Bem”, disse ele, olhando para mim. “Tenho certeza de que todos nós já estamos começando a fazer um plano.”

“O que você faria se ganhasse?”

Eu não esperava que ele respondesse, mas ele respondeu imediatamente, como se estivesse ansioso para me contar. "Eu colocaria metros e metros de arame farpado. E construiria uma cerca ao redor do terreno, muito melhor do que a outra. Eu me certificaria de que nada nem ninguém pudesse me incomodar. Eu ficaria aqui para sempre. Ninguém poderia me fazer ir embora. Nunca." Ele desviou o olhar e me lançou um olhar rápido. "E você? Quer ser famosa, é isso? Conseguir alguns contratos publicitários bacanas?"

"Não sei", eu disse. "Só quero descansar." Eu não queria dar a Tom a satisfação de dizer a ele que o plano dele não parecia tão diferente do meu.

Ele apontou com o queixo para a planície à nossa frente, num gesto de dispensa. "Vão fazer o que têm que fazer, e eu espero aqui."

Continuei até onde costumavam ficar os arcos de flores. Algumas semanas atrás, ervas daninhas, juncos e flores teriam roçado em mim enquanto eu caminhava. Mas agora estava vazio, e eu precisava concentrar toda a minha energia, cada gota que me restava, em atravessar a planície e manter o equilíbrio, certificando-me de que, ao caminhar, eu estivesse firme, sem demonstrar qualquer fraqueza.

—

QUANDO VOLTAMOS para dentro, fui direto para a cama. Eu tinha me tornado tão frágil. Só queria ficar ali deitada e deixar o problema se resolver sozinho. Eles não nos deixariam morrer, mas eu *podia* morrer.

Sem querer, acabei adormecendo. Acordei horrorizada, sem saber quanto tempo havia passado. Não tinha como saber se já era madrugada ou se haviam se passado apenas alguns minutos.

Quanto tempo Becca ficou sem comer? Andrew e Tom também estavam dormindo. Desta vez, não hesitei. Peguei meu suéter do chão, onde o havia jogado, e saí.

Meus pés estavam leves no chão, mas mesmo assim eles poderiam ter me ouvido. Parei mais de uma vez no caminho para a cozinha, à espera do som dos meninos acordando, mas a casa permaneceu em completo silêncio.

A porta do armário rangeu novamente, alto, enquanto eu enchia os bolsos com toda a comida que cabia. Eu me sentia péssima, mas de uma forma mais fraca do que antes. Peguei um isqueiro, a única fonte de luz que consegui encontrar. Sua luz era fraca e oscilava enquanto eu me movia pelo terreno, mas me ajudava a me concentrar. A adrenalina corria pelas minhas veias, me impulsionando a me mover rapidamente. O medo venceu o cansaço e consegui correr, embora fizesse uns ruídos estranhos de respiração ofegante, não como se estivesse sem fôlego, mas como se estivesse sendo estrangulada. A luz se apagou enquanto eu corria e estendi as mãos à minha frente, esperando o toque do labirinto de sebes. Finalmente, me choquei contra ele e tateei em busca da entrada. Por fim, a encontrei e disse baixinho: "Becca!". Acendi o isqueiro novamente e olhei para trás. Não havia nada lá, apenas escuridão. Bem além, havia a luz da casa, quente e convidativa à distância.

“Becca!” repeti. Ela reconheceria o som dos meus passos, havia dito. Encontrei a entrada e entrei no labirinto, segurando o isqueiro. Com medo de que uma das sebes pegasse fogo e houvesse outro incêndio, as paredes pareciam incrivelmente próximas. "Becca", repeti, agora verdadeiramente apavorada. Continuei olhando para os meus pés, imaginando que veria seu corpinho encolhido, imóvel e branco sob a luz do luar.

Uma mão me agarrou e eu dei um pulo, caindo para trás na cerca viva. O isqueiro caiu aos meus pés, apagado. "Fique quieto", disse a voz de Becca.

"Becca", eu disse, estendendo a mão, mas ela afastou minhas mãos com um tapa.

"Fique quieto", eu disse.

Ficamos em silêncio, escutando. Não havia nada, nenhum som. Peguei o isqueiro do chão. Eu só conseguia ver o branco dos olhos de Becca e o contorno vago de seus cabelos. Falando quase num sussurro, ela disse: "Siga-me". Ela colocou a mão na minha e me guiou. Como ela sabia para onde ir no escuro, eu não sei. Ela tinha passos de bailarina, leves e precisos, e eu tentei imitá-la.

Chegamos ao local, indistinguível de qualquer outro para mim, e ela nos acomodou, movendo os galhos de forma que ficássemos meio expostos e meio dentro da cerca viva. Os galhos e folhas arranhavam meu rosto. Me afastei um pouco mais e acendi o isqueiro. Consegui vê-la então: a luz parecia enorme naquele pequeno espaço. Ela não estava com uma boa aparência, mas definitivamente estava melhor do que Andrew ou Tom.

“Água”, eu disse.

Ela assentiu com a cabeça e então disse: "Você trouxe comida?"

“Sim”, eu disse. “Ainda tem água? Acabou?”

Ela ficou em silêncio por um instante, e eu tirei a comida do bolso e joguei no colo dela. Ela se virou e se afastou um pouco. "Está aqui", disse ela. "Vê?" Eu conseguia ver, vagamente, a garrafa de um galão. Ainda havia água: não muita, mas o suficiente. Ela me deu, e mesmo enquanto eu a bebia em grandes goles ruidosos, me maravilhei com o autocontrole que ela devia ter para deixar alguma coisa. Ela estava rasgando a comida, enfiando-a na boca, e nós éramos como dois ratos, pensei, escondidos nas sombras e devorando o que podíamos.

Ela puxou a garrafa delicadamente de mim. Talvez restasse um quinto. "Já chega", disse ela. "Eu sei que é difícil. Mas precisamos economizar."

“Até quando?”

“Amanhã eles vão realizar a tarefa ou decidir voltar para casa”, disse ela. “Um, ou ambos. Aposto que Andrew está esperando que os produtores intervenham?” Assenti. “Quase sinto pena dele.”

Eu estava ofegante. Meu rosto estava dormente. Minhas mãos estavam terrivelmente geladas.

"Você está bem?", perguntei. "Por que você não entrou em casa? Achei que você ia morrer congelado aqui fora."

"Estou bem", disse ela. "Foi uma noite longa, mas foi tudo bem."

“Becca, isso é ridículo”, eu disse. “Vamos entrar e fazer a tarefa. Está congelando aqui fora. Você não pode ficar aqui de novo. Eles vão perder agora, facilmente.”

“Amanhã”, disse ela. “Você pode beber mais água e depois ir dormir. De manhã, você estará em melhor forma, e eu também. Vou dormir dentro de casa esta noite, talvez no quarto dos fundos, e veremos se eles optam por participar do desafio ou simplesmente desistir.”

Eu fiquei à escuta, tentando ouvir passos, ou algum animal ou fera. Becca parecia bastante calma. Seu rosto estava muito pálido e havia uma mancha de chocolate ao redor da boca.

“Quantos anos você tem, Becca?”

“Dezessete”, disse ela, e depois: “Não. Dezoito. Completei dezoito anos há algumas semanas. Menti para entrar no programa. Bem, todo mundo mente um pouquinho para entrar no programa, não é? Acho que não faz muita diferença, essa diferença de algumas semanas.”

“Suponho que sim.”

“O tempo parece diferente aqui, não é? Não sei se voltarei ao antigo modo de vida, com cada minuto e hora contados, e você? Sei o suficiente para me virar, apenas pela posição do sol no céu e pelas fases da lua.”

Foi a vez que mais ouvi Becca falar, embora tivéssemos passado semanas juntas limpando a cozinha.

"Você não mentiu para entrar no programa?", ela me perguntou.

"Na verdade, não", eu disse. "Provavelmente, eu me fazia parecer mais interessante, mas acho que todo mundo faz isso. Acho que menti sobre ter mais hobbies e coisas do tipo. Em casa, eu costumava ficar na cama o dia todo nos meus dias de folga. Eu omiti isso."

“Eu menti quase que exclusivamente”, disse ela. “Eu nem gosto de meninos.”

"Por que você está aqui?", perguntei. "Por que você veio participar do programa?"

Ela ficou em silêncio por alguns instantes; ouvia-se apenas o nosso som. respiração e o sussurro suave das folhas se movendo sob nossos pés. “Eu costumava zombar das pessoas que participavam do programa. Meus amigos e eu ríamos de como todos eram fúteis. Das coisas que as pessoas fazem por algo bonito. Acho que entrei como uma piada. Pensei que poderia voltar para casa e fazer uma reportagem investigativa, talvez começar uma carreira no jornalismo ou algo assim. Suponho que era tão vaidoso pensar que eu poderia ganhar atenção sendo escalada e depois criticando o programa quanto seria vir aqui em busca de fama genuína. Mas eu não percebi o quão imersivo seria. Nunca me importei particularmente com os prêmios. Mas Tom... eu não conseguia entender como todos estavam bem com ele ainda estando no complexo, como deixávamos que ele nos desse ordens, vindo quando ele e Andrew chamavam, como cachorros. Eu queria humilhá-lo, mas

ficou mais difícil quando começamos a dormir juntos. Ele estava sempre tão perto, e eu sabia o quão rápido ele podia se tornar violento. Eu acordava à noite e o encontrava me encarando. Às vezes ele acariciava meu rosto. Quando ele era punido... quando ele era Ele se queimou na banheira de hidromassagem, e depois quando o galpão pegou fogo — pensei que isso me faria feliz; pensei que seria o suficiente. Mas não quero ir para casa antes dele. Não quero ir para casa; não enquanto ele ainda estiver aqui, recebendo recompensas. Quero que ele seja banido da maneira mais humilhante possível."

Ficamos em silêncio por um breve momento. "Você não vai me perguntar por que eu vim ao programa?"

"Não", disse ela. "Não preciso que você explique. Você é o tipo de garota para quem o programa foi feito."

Antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, fui pressionada contra o chão, uma mão em minha garganta. O mundo ficou branco. Pensei que ia morrer: gritei e senti alívio ao ouvir minha voz. Não estava morta naquele momento, mas estava sufocando. Meu cérebro me dizia que eu poderia dominar Becca, mesmo que ela tivesse bebido mais água: ela era pequena, mas meu corpo estava em pânico, se debatendo. Agarrei a mão que lutava para encontrar a posição certa em minha garganta e senti pelos nos dedos, um anel de sinete no dedo mindinho.

Tom pairava sobre mim, uma mão no meu pescoço, a outra segurando Becca, que estava com o rosto na terra.

"Eu sabia", disse ele. "Eu sabia, eu sabia."

Becca conseguiu virar a cabeça. Ela não estava olhando para ele; estava olhando para mim. Ela murmurava algo, mas estava escuro demais para ver o quê. Vi a mão de Tom se mover para trás, e então o som de um *estalo seco,* e a cabeça de Becca bateu com força no chão. O aperto dele em mim afrouxou, e eu me arrastrei para frente em direção à água escondida no mato. Ouvi Becca fazer algum barulho atrás de mim, e pensei que ela devia ter reagido de alguma forma, e então eu entendi: eu tinha a água, e estava me levantando, agarrando-a contra o peito. Tom estava em cima de mim em um segundo, me prendendo ao chão novamente, com os joelhos no meu peito, o ar escapando dos meus pulmões. Eu conseguia respirar, mas achei que minhas costelas iriam quebrar se eu inspirasse mais uma vez.

Ele abriu a garrafa, com as mãos trêmulas, e inclinou a cabeça para o céu, a boca obscenamente aberta, e despejou o conteúdo da garrafa sobre o rosto. A água escorreu pelo seu rosto, entrou na sua boca, nos seus olhos, e ele soltou um gemido agudo quando as gotas atingiram sua língua, que se contorcia como uma serpente em sua boca. Parte da água caiu sobre mim, e mesmo que eu estivesse lutando para respirar sob o peso enorme de Tom, meu corpo ainda clamava para tentar apreender um pouco do líquido que caía. Eu estava com sede, muita sede, e a garrafa estava vazia agora; Tom, soltando suspiros descontrolados, tinha bebido tudo. Eu o empurrei para o lado com um movimento brusco, e ele não resistiu.

Agarrei Becca, puxando-a para cima com a pouca força que me restava, e corri pela trilha, tropeçando para a esquerda e para a direita. Becca era a única que conhecia o labirinto, mas corria descontroladamente ao meu lado, nos levando por caminhos diferentes e olhando para trás a cada poucos segundos. Eu não sabia se ela estava nos

guiando para fora do labirinto, se nos conduzia para dentro, ou se corria em pânico cego, com o único objetivo de fugir de Tom.

Olhei por cima do ombro; a lua tinha surgido por trás de uma nuvem, e um raio distante iluminava fracamente o caminho atrás de nós. Tom não estava em lugar nenhum à vista, mas havia um rastro escuro e irregular atrás de nós. Parei e olhei para Becca. Havia um fluxo constante de sangue escorrendo do nariz dela e caindo no chão. Eu conseguia ouvir as gotas atingindo a terra. Tirei meu suéter e joguei nela. "Você precisa estancar o sangue", eu disse. "Ele vai nos encontrar."

Ela segurou o suéter contra o rosto. Seus olhos se moviam descontroladamente ao redor. Ali Havia algo na expressão do rosto dela — aquele medo puro — e eu me perguntei o que teria acontecido entre eles nas semanas em que compartilharam a cama.

"Eles não podem nos deixar morrer", eu disse, mas minha voz tremia. Becca olhou para mim por um instante, depois para o labirinto além de nós.

“Se você virar cinco vezes à esquerda, três à direita, uma à esquerda e mais duas à direita, chegará à entrada”, disse ela.

"Não vou encontrar sozinho", eu disse.

“Precisamos nos separar. Ele precisa de nós duas para realizar a tarefa. Vou por outro caminho. Vá, rápido!” Ela me empurrou para o caminho da esquerda e depois correu para a direita. Eu queria chamá-la pelo nome, mas não podia arriscar ser pega. Ouvi passos, mas não consegui identificar de quem eram. Corri para a esquerda e a lua se moveu novamente atrás da sombra.

Esquerda, esquerda, esquerda, esquerda — mas onde deveria haver a quinta curva à esquerda, havia apenas outra à direita. Parei, com o coração batendo forte no peito. Enquanto estava parada, tentando decidir o que fazer, ouvi um som atrás de mim. Congelei, meus membros travando. Se isso fosse na natureza, pensei, eu estaria morta.

Andrew apareceu na esquina e eu, aliviada, me encostei numa sebe atrás de mim.

“Lily, graças a Deus”, disse ele. Pegou meu braço e me ajudou a levantar. “Você está bem?”

"Estou bem", eu disse, mas minha voz estava rouca. "Eu só... Andrew, você está bem?"

"Preciso muito de água", disse ele. "Estou me sentindo muito mal."

"Está tudo bem", eu disse. "Apoie-se em mim. Vamos te levar para dentro. Vai ficar tudo bem."

Ele se apoiou em mim e eu fui pressionada ainda mais contra a sebe. Tentei me afastar um pouco, mas ele segurou meu ombro. "Você também não se sente mal?"

"Sim", eu disse, com a voz quase inaudível. "Estou me sentindo muito mal."

O rosto dele estava perto do meu. "Por que você saiu sozinha, Lily? É perigoso aqui fora."

"Andrew!" soou a voz de Tom, ao mesmo tempo próxima e distante.

Sussurrando com urgência, eu disse: "Não podemos deixar que ele saiba que estamos aqui."

Ele apertou meu ombro. "Está tudo bem", disse ele. Então gritou: "Estou aqui! Estou aqui com a Lily!"

Tentei me soltar dele, mas ele me segurou firme. Seus dedos cravaram na minha pele. Empurrei seu peito e ele disse: "Pare, Lily, pare. Precisamos de água, entendeu? Pare."

Tom apareceu na esquina carregando Becca. Ela estava mole em seus braços. Tentei me mexer de novo, mas Andrew me segurou com força, meus braços presos atrás das costas.

"Ela está bem", disse Tom. "Ela está bem, ela só precisa descansar." Ele a colocou no chão com muita delicadeza.

Ela se sentou, tremendo, com os braços apertados ao redor do corpo. Havia sangue seco em seu rosto e arranhões no braço. Ela agarrou a perna e gemeu.

"O que você fez?", perguntei a Tom, com a voz trêmula, embora desejasse ter forças. "Você... seu psicopata, o que você fez?"

“Eu não fiz nada”, disse ele. “Ela fugiu de mim e tropeçou.”

“E por que você acha que ela estava correndo? Andrew, *me solta.* Você está me machucando”, eu disse. Ele obedeceu, e eu me ajoelhei ao lado dela. “O que aconteceu?”, perguntei.

"Ele me agarrou e eu fugi. Caí e torci o tornozelo. Devo ter desmaiado."

"Mas você não a machucou, Tom?", perguntou Andrew.

Virei-me para ele. “Olha para ela! É claro que ele a machucou. E teria me machucado também, se tivesse me pegado. Ele nos imobilizou e tirou a água — a última gota, cada gota!”

“Bem”, disse Andrew, com uma voz estranha, olhando para mim. “Vocês dois esconderam a água. Saíram escondidos daqui e nos deixaram doentes e desidratados.”

“Não teríamos deixado nada acontecer com você”, eu disse.

Ele suspirou. Parecia exausto. "Precisamos fazer isso. Agora. Não é o ideal, mas todos precisamos de água, e rápido. Não podemos adiar." Ele disse: "Desculpe, Becca, acho que não tenho força suficiente para te levantar."

"Espere", disse Becca, mas Tom se abaixou e a pegou no colo novamente. "Não!", ela gritou. "Me põe no chão! Me põe *no chão* !" Tom a colocou no chão bruscamente, e ela se apoiou em mim, com as pernas tremendo.

“Puta merda *!* ”, exclamou Tom. Ele agarrou os cabelos num misto estranho de raiva e exasperação. Virou-se para Becca, cuspindo saliva. “Qual é o seu problema? Você não percebe que foi você quem nos meteu nessa enrascada? Tudo o que eu fiz foi cuidar de você!”

Atrás de mim, Andrew caiu de repente no chão. Fiquei chocado ao ver aquilo: havia algo de horrível na forma como ele caiu, no fato de ser o Andrew. Curiosamente, ninguém se moveu para ajudá-lo.

“Estou bem”, disse ele. “Estou bem. Só... vamos terminar logo com isso.” Ele se levantou, cambaleando, e se encostou na cerca viva. “Não tem mais água mesmo?” Sua voz estava arrastada.

"Desculpe, cara", disse Tom. "Vamos resolver isso assim que a tela ficar verde."

Becca soluçava baixinho.

“Becca”, disse Tom. “Precisamos que você nos guie para fora do labirinto. Você consegue fazer isso?”

O sangue de Becca encharcava minha camisa, e eu sentia que poderia desmaiar a qualquer segundo; ainda assim, o tom condescendente de Tom naquele momento me pareceu, de alguma forma, uma das piores partes daquela noite.

Ela se apoiou em mim, mancando, e nos guiou pelo labirinto. Os meninos a seguiam de perto, com Andrew pisando nos meus calcanhares de vez em quando, pedindo desculpas a cada vez.

DEZESSEIS

E FOMOS PARA O EMPOEIRADO

Um pedaço de terra onde fazíamos todas as nossas tarefas, na época em que ainda nos importávamos em cuidar do complexo. Tom demarcou o que ele achava que eram cem metros, colocando uma pedra como linha de chegada. Fiquei satisfeita ao vê-lo cambalear um pouco em certo ponto, embora me irritasse que, mesmo naquele estado, ele tivesse que ser o responsável. Por um breve momento, senti que Becca e eu tínhamos o poder — mas agora estávamos de volta à nossa antiga rotina, porque Tom nos encontrou, e Tom era mais forte do que nós.

Estávamos todos ofegantes antes mesmo de começarmos. Ficamos parados na linha de partida que Tom havia desenhado na areia, encarando a pedra a cem metros de distância. Parecia impossível. Nenhum de nós estava em condições de correr. Becca, que uma hora antes era a mais forte, agora agarrava a perna, com sangue escorrendo pelo rosto.

“Não precisamos fazer um trabalho incrível”, disse Tom. “Só precisamos fazer. Vai acabar em poucos minutos.”

Andrew assentiu com a cabeça, embora ela não tenha ficado parada depois disso, parecendo flutuar um pouco, movendo-se para cima e para os lados. Pensei que devia estar sendo uma tortura para ele não ser ele a dar uma palavra de incentivo.

"Você está bem, Becca?", perguntou Tom.

“Vamos fazer isso”, disse ela.

Tom olhou para nós. "Sabemos por experiências anteriores que, se alguém trapacear, o resultado não conta. Nós realmente não queremos ter que fazer isso de novo. Todos entendem?"

Os outros dois assentiram com a cabeça, e Andrew balançou a cabeça bruscamente mais uma vez. "Lily? Você entendeu?", perguntou Tom.

"Vai se foder", eu disse.

“Na contagem de três.”

Nos posicionamos da melhor maneira possível. Estávamos perto do perímetro e, ao longe, achei que conseguia ver movimento. Não conseguia distinguir se era um animal em busca de comida ou membros da tripulação verificando se não tínhamos morrido.

"Um dois três!"

Por alguns segundos, todos nós mantivemos o ritmo uns dos outros. Enquanto eu avançava, mantive o rosto ligeiramente virado para poder ver a posição dos outros. Andrew tropeçou quase imediatamente, como um zumbi, arrastando os pés, caindo, levantando-se, caindo de novo. Becca estava à frente dele, mas por uma pequena margem: ela tentara correr, mas depois de alguns passos teve que diminuir o ritmo para uma caminhada irregular e entrecortada. Tom estava correndo na frente, e eu também, nós dois lado a lado. Eu não era frágil. Eu não era forte, mas eu era rápida. Eu estava fazendo um barulho estranho, como o som que um bebê faz quando está prestes a chorar, mas eu não

conseguia parar. Tom também estava grunhindo, os dentes à mostra de dor, mas suas pernas ainda se moviam, rapidamente, muito rapidamente, e as minhas também. Becca gritou de dor, e eu vi a cabeça de Tom se contrair e depois se virar para olhar por cima do ombro. Ele não parou, mas estava distraído, e por uma fração de segundo diminuiu o ritmo. Continuei avançando, a pedra à minha frente, quase lá, e o ouvi grunhir novamente, estendendo os braços como se quisesse me deter, mas eu já estava à sua frente. Eu não ia para casa, eu não voltaria para casa…

Cheguei à pedra e caí no chão ofegante, cada respiração um esforço. Um segundo depois de mim, Tom bateu com a mão na pedra e vomitou imediatamente nos sapatos. Minha visão estava turva e minha cabeça pesada, mas olhei para cima e vi Andrew e Becca, apoiados um no outro enquanto cambaleavam pelo chão empoeirado, o rosto de Becca contorcido de dor, Andrew com a boca aberta e os olhos girando. Estavam a uns seis metros de distância, depois a três, e então, sem aviso, Andrew se afastou de Becca, que gritou e caiu. "Desculpe, Becca", disse ele, e correu os últimos metros para colocar a mão na pedra.

Becca não tentou apressar o trecho final. Ela se levantou e caminhou em nossa direção, mancando visivelmente, embora se movesse com uma certa dignidade que era impossível não admirar. Andrew desviou o olhar quando Becca deu o último passo e se sentou na pedra.

O sistema de irrigação foi acionado e a água jorrou para o ar em grandes torrentes triunfantes, prateadas sob o luar. Ficamos sentados, observando sem vida. Em poucos dias, a terra se tornou seca e dura, e quando a água atingia o solo, caía com um baque audível, como um tambor.

Nos ajudamos a entrar, meu braço em volta de Becca, o de Tom em volta de Andrew. A casa era perto; parecia que nunca conseguiríamos entrar, mas então estávamos sob as luzes da cozinha, e parecia um mundo diferente. Cheirávamos a suor, vômito e sangue, e eu engasguei assim que fechamos a porta atrás de nós. Éramos repugnantes. Éramos vis. Andrew cambaleou em direção à pia, mas Tom disse: “Lily ganhou a corrida. Deixe ela beber primeiro.” Não parei para considerar as ideias distorcidas de Tom sobre o que era justo e honroso — corri para a pia, sem nenhum pensamento na cabeça além de água, água, água. Bebi direto da torneira, e o cômodo se encheu com o som dos meus suspiros e engasgos e da água espirrando. Havia torneiras por toda a casa, mas acho que os outros estavam muito cansados ou machucados para chegar até elas. Me afastei para o lado, e Tom fez sua vez, depois Andrew, depois Becca, e então peguei garrafas das gavetas, enchi-as e dei para os outros.

"Devo ir", disse Becca. Ela estava sentada em uma cadeira e parecia terrível — pálida, ensanguentada e coberta de poeira.

Andrew estava sentado no chão. Eu me sentia mal, mas definitivamente melhor depois de beber a água. Andrew não parecia nada melhor. Ele não conseguia olhar para Becca. Tom disse: "Você não pode sair para o deserto coberta de sangue."

“Eles precisam que a pessoa banida vá embora antes do amanhecer”, disse Andrew. “Tome um banho e descanse por algumas horas, e então poderemos levá-lo para fora.”

“Vou sozinha”, disse ela. “Não preciso da sua ajuda.” Ela hesitou. “Mas preciso tomar banho. Vou usar o de baixo.”

Levantei-me, com as articulações doloridas, e ajudei-a a ir ao banheiro. Estava pronto para entrar com ela, mas ela balançou a cabeça e fechou a porta com força na minha cara.

—

TOMAMOS BANHO E levamos duas garrafas de água cada um para a cama. Eu teria dormido na sala, mas a verdade é que fiquei preocupado. que Andrew poderia morrer. Eu nunca tinha visto ninguém tão doente. Sua pele estava acinzentada e seus lábios rachados a ponto de sangrar. Apesar de tudo, não consegui evitar ficar por perto e verificar como ele estava. Dormi inquieta, acordando e olhando ao redor como se estivesse sonhando. Becca ainda estava lá, e Andrew ainda estava vivo, mas sua respiração estava pesada, e cada inspiração parecia durar uma eternidade. Tom roncava: ele havia adormecido primeiro. Vomitou muito depois de beber a segunda garrafa d'água e depois ficou lá fora, bebendo lentamente a terceira.

Quando finalmente conseguia dormir, tinha sonhos estranhos, com criaturas fantasmagóricas, brancas e horripilantes, pingando saliva e estendendo suas mãos translúcidas, e Tom, pairando sobre mim, com a mão em minha garganta, perguntando se eu estava bem.

Acordei de repente. Foi apenas um ruído leve que me despertou, mas me sentei na cama num pulo, como se um alarme tivesse tocado. Era a Becca: ela estava parada aos pés da minha cama.

“Becca”, sussurrei. Ela olhou para mim e levou um dedo aos lábios. Pegou o cinto de seda do meu roupão e atravessou o quarto. Parou sobre Tom, que dormia, passou o cinto em volta do pescoço dele e puxou. Ele acordou instantaneamente, com os braços estendidos, mas Becca estava fora de seu alcance, e ele estava confuso, puxando a seda em sua garganta, os dedos se debatendo, mas sem encontrar apoio. Seus olhos estavam arregalados e ele emitia sons terríveis, as mãos agora se agitando para trás, tentando agarrar Becca. Seu cotovelo a atingiu nas costelas, mas ela continuou puxando. Absurdamente, olhei para Andrew, como se ele pudesse resolver a situação. Ele estava deitado de lado, sobre os cobertores, a boca se movendo, mas ainda dormindo.

Acima dos sons estrangulados de Tom, ouvi algo que não ouvia há meses: o som de um carro freando bruscamente lá fora. O som me arrepiou — um choque inexplicável, uma sirene alertando que alguém estava realmente morrendo e um lembrete de que, embora as regras tivessem sido abolidas, ainda vivíamos à mercê dos outros. A parte racional de mim sabia que, se eles estavam ali, era para ajudar — mas, ao som do carro, senti puro terror. Uma porta de carro bateu e passos rápidos ecoaram no pátio.

"Becca, pare!" gritei. "Eles estão aqui! Eles estão aqui!"

Me joguei da cama para correr em direção a eles. Mas assim que coloquei os pés no chão, o cordão de seda em volta do pescoço de Tom se rompeu, e o quarto... O ambiente estava repleto do som de seus suspiros descontrolados. Becca caiu no chão. Os passos do lado de fora pararam e não se aproximaram mais.

Tom não perdeu tempo. Virou-se para Becca e a puxou para cima com força, envolvendo seus braços, minúsculos em seu aperto. "Sua vadia estúpida... desgraçada... isso depois de você nos deixar para morrer sem água! Depois de eu ter te protegido por *meses ! Vadia ingrata... vagabunda* rancorosa e patética ! O que eu fiz além de te proteger?"

Ela gritou, e eu pensei que os ossos dos seus braços certamente iriam quebrar. Ele manteve uma mão no braço dela e levou a outra até sua garganta. Tentei soltar suas mãos, minhas unhas cravando em sua carne, mas ele apenas soltou o braço dela brevemente para me empurrar. Sua força era, mesmo agora, chocante, e eu cambaleei para trás, caindo no chão. Ouvi mais passos, gritos e a porta da cozinha se abrindo. "Tom", eu disse. " *Tom.* " Becca estava agarrando a mão dele, ficando roxa. "Eles estão aqui. Tom. Escute! Eles estão lá embaixo!"

"Quem?"

" *Eles!* "

Ele parecia perturbado.

“Ela tentou me matar”, disse ele.

“Olha o que você está fazendo! Solta ela!”

Ele baixou as mãos, e Becca imediatamente começou a tossir e engasgar, dando um passo para trás, com as mãos agarrando a garganta. "Você está banida", disse ele a Becca. "Agora. Neste instante. Para o deserto."

Ela respirou fundo, ofegante. "Deixe-me pegar minhas coisas", disse ela com a voz rouca.

“Agora”, disse ele.

“Eu vou com você”, eu disse.

“Não”, disse ele, rapidamente e sem deixar margem para discussão.

"Pelo menos me deixe pegar um casaco para ela", eu disse. "Pelo amor de Deus, Tom, está congelando lá fora."

Ele hesitou, depois pegou um de seus próprios suéteres e o puxou sobre a cabeça de Becca, tomando cuidado com o nariz machucado dela. O braço dela ficou preso no buraco errado, e ele a ajudou, ajeitando o cabelo dela com uma delicadeza surpreendente. Ela tremia e respirava com dificuldade. Tom olhou para Andrew, que ainda dormia profundamente; ele parecia mais pálido do que algumas horas atrás. E a cabeça dele se mexia no travesseiro. "Fique com ele", disse Tom para mim. "Talvez você precise acordá-lo e dar-lhe mais água."

Ele passou o braço pelos ombros de Becca e a acompanhou para fora do quarto. Não houve tempo para uma despedida, embora eu não tivesse certeza se ela gostaria de uma.

Agora eu era a única garota que restava. Apesar de todos os nossos planos, era deprimente ver Becca e eu derrotadas por algo como a força bruta. Eu me perguntava se estávamos sempre fadadas ao fracasso, porque eles eram fortes e nós, fracas. Será que sempre seria assim? Se eu ficasse ali, estaria sempre sob a ameaça da força deles, o fim de todas as discussões, a solução para qualquer problema? Mesmo desidratado e fraco, Tom me derrubou como se eu não fosse nada. Andrew também não hesitou em se tornar um bruto quando precisou. Mas eu não fiz o mesmo, ajudando Becca a esconder a água? Se eu tivesse a força deles, não a usaria?

Andrew começou a falar dormindo, parecendo aflito. Apertei seu ombro e disse seu nome, como já havia feito centenas de vezes nos meses em que moramos aqui. Não foi fácil acordá-lo, e precisei sacudi-lo delicadamente até que abrisse os olhos.

“Lily”, disse ele. Sua voz estava fraca. “Você está bem?”

“Estou bem, Andrew. E você, como está se sentindo?”

Seus olhos se moviam, e ele murmurou algo que eu não consegui entender. Toquei sua testa: ele estava com febre alta. "Incline-se um pouco para a frente", eu disse. Ele não se inclinou, então segurei a nuca dele, levantando sua cabeça delicadamente, e com a mão livre peguei a garrafa de água em seu criado-mudo. "Abra a boca", eu disse. "Mais um pouco de água e você se sentirá muito melhor."

Dei-lhe água devagar. Engolir parecia doloroso para ele, e ele fechou a boca depois de um minuto ou dois. Deitou a cabeça de volta no travesseiro e fechou os olhos, mas quando me levantei, ele abriu os olhos novamente. "Aonde você vai?"

“Vou pegar algo para a sua febre.”

"Febre?", perguntou ele, perplexo. "Onde estão os outros?"

"Fora."

“O quê, todos eles?”

Enxuguei um pouco do suor da testa dele. "Já volto. Tente beber mais água, se conseguir."

Fui até o banheiro no andar de baixo e peguei um ibuprofeno. Molhei uma toalha e voltei o mais rápido que pude. Olhei pela janela, mas não havia nada para ver, apenas escuridão.

Andrew havia adormecido novamente, e desta vez foi mais difícil acordá-lo.

“Ah, Lily”, disse ele, vagamente surpreso. “Onde está Sam?”

"Abra-se", eu disse. "Tenho algo que pode te fazer sentir melhor."

Ele olhou em volta, agitado. "Onde está Sam? Ele não está na sua cama."

“O Sam está no jardim”, eu disse. “Ele queria dar uma última olhada nos vegetais antes de dormir. Agora, abra a boca, Andrew, tá bom?” Ele abriu a boca. A língua dele estava branca. Coloquei o ibuprofeno nela e despejei mais água na boca dele. Ele adormeceu de novo logo depois.

Coloquei a toalha molhada em sua testa e pingei um pouco de água em seus lábios, que ainda estavam em carne viva e sangrando. A toalha pareceu esquentar muito rapidamente.

Um ruído. Olhei para cima e vi Tom. Ele estava sentado pesadamente na cama. Parecia exausto. "Bem, ela se foi", disse ele. Não disse nada e enxuguei o suor que se acumulava na garganta de Andrew.

“Como ele está?”

Dei de ombros. Tom aproximou-se para olhá-lo.

“Obrigado por cuidarem dele”, disse ele.

Virei-lhe as costas.

“Às vezes me esqueço de como você é jovem, Lily. Bem, veja só você agora. Entre as três finalistas.”

Mantive-me de costas para ele, sem dizer uma palavra.

Ele se deitou na cama, e eu continuei a enxugar o rosto de Andrew, esperando a febre baixar. Eu odiava os dois, mas não queria que Andrew morresse — fiquei acordada o máximo que pude, acordando-o sempre que possível para lhe dar mais água. Devo ter adormecido em algum momento, pois acordei mais tarde, na minha própria cama, embora não me lembrasse de ter me afastado de Andrew. Não acordei por conta própria: foi o som da voz que me despertou.

“Bom dia”, dizia a mensagem. “Andrew foi temporariamente retirado do complexo para receber tratamento médico. Ele não foi banido e retornará assim que for clinicamente recomendável.”

Pensei que talvez estivesse sonhando, mas a cama de Andrew estava vazia. Tom estava deitado na cama dele, sobre os cobertores, a luz do sol entrando pela claraboia e iluminando suas cicatrizes e queimaduras. Ele não se mexeu, mas eu sabia que estava acordado.

DEZESSETE

TOM NÃO SAIU DA CAMA.

Tdurante a maior parte do dia. Eu sabia que ele estava exausto por causa da desidratação, mas pensei que ele também pudesse estar deprimido por causa da partida de Becca.

Deixei-o lá e verifiquei todas as torneiras, luzes e o ar-condicionado, paranoica de que algo mais pudesse ter sido desligado. Eu também gostaria de ter passado o dia na cama, mas estava com medo de Tom e também do que mais poderia nos ser tirado, ou do retorno dos produtores. Embora, é claro, os produtores tivessem estado por perto o tempo todo, a presença deles agora parecia sinistra. Observando Tom dormir, me perguntei em que momento eles haviam entrado; quanta dor poderia ser infligida antes de ser considerada demais?

Passamos a maior parte do dia sem nos vermos muito. Ampliei meu pequeno ninho no quarto de rouparia, onde comecei a guardar comida e garrafas de água, algumas roupas e outros itens essenciais. Chequei compulsivamente a tela grande, mas ela continuava desligada, como estivera nos meus primeiros dias aqui. Talvez fosse porque Andrew estava ausente, ou talvez porque Tom e eu estávamos tendo um breve descanso. Embora eu estivesse feliz com isso, me incomodou vê-la em branco.

Vaguei até o camarim, onde ainda conseguia sentir o perfume das outras garotas. Minha telinha brilhava suavemente. Caminhei em direção a ela, como que em transe. Eu vinha negligenciando minhas Tarefas Pessoais há semanas, mas agora que me lembrei de fazê-las novamente, senti uma necessidade terrível e compulsiva de fazer o máximo possível. Nas três finais, as recompensas costumavam ser incríveis, e depois da nossa experiência com a água, senti que precisava aproveitar tudo o que me fosse oferecido. Eu estava determinada a vencer, mas sabia que Tom estava igualmente determinado; se ele me vencesse, eu queria... Partiriam com uma quantidade nauseante de recompensas, riquezas que tornariam a partida suportável. Mas pareciam saber que eu estava desesperada por uma recompensa: a tarefa dizia " *Faça um elogio ao Tom".* Ao vê-la, atirei um sapato na parede num acesso de raiva. Pensei, pela primeira vez em muito tempo, nas pessoas que observavam, em como deviam me achar estúpida. Imaginei-as rindo de mim, presa na casa com o Tom, como uma coelha vivendo com um leão. Como me achariam ridícula, bajulando-o e dizendo que ele era brilhante.

Mas a recompensa foram brincos de diamante.

Encontrei Tom na academia. Ele estava levantando halteres, aqueles que Ryan havia ganhado há muito tempo. Pensei, mais uma vez, em como as coisas poderiam parecer para um espectador: quando eu recuperasse minhas forças, voltaria a fazer as Tarefas Pessoais; quando Tom recuperasse as forças, ele iria malhar.

"Você está bem?", perguntou ele ao me ver. Assenti com a cabeça e, como não respondi nada, ele voltou a levantar peso.

“Qual o peso deles?”

“Trinta mil cada.”

“Posso tentar?”

"Claro."

Peguei uma, e embora me preparasse bem, mal consegui levantá-la. Tom me observava, com pena, mas também um pouco satisfeito. Coloquei-a de volta no chão.

"Nossa", eu disse. "É pesado."

“Não é tão ruim assim.”

“Você deve ser muito forte. Você é realmente muito forte, Tom.”

“Devo estar, Lily, devo estar.”

Virei-me para sair. Ele me chamou pelo nome e eu hesitei. "Aonde você vai?"

“De volta para casa.”

“Por que você não fica em casa pelo resto do dia? É melhor você não sair vagando por aí de novo.”

“Não me diga o que fazer.”

“Fique em casa, Lily. Estou te avisando.”

Fui até minha caixa de correio, com as mãos tremendo de emoção. A caixinha com os brincos era pequena e de veludo, com o nome da marca bordado. fio de prata. Abri e encontrei dois diamantes quadrados perfeitos, incrustados em uma base de prata. Retirei-os e os segurei contra a luz, encantada com seu brilho. Eram lindos, mais finos do que qualquer outra joia que eu possuía — embora eu tivesse imaginado brincos pendentes, com os diamantes enormes e ovais. Mas era um bom presságio do que estava por vir, quando Tom e Andrew partissem.

—

NAQUELA NOITE, SENTINDO-ME demasiado confinada no quarto de roupa de cama, acomodei-me na sala de estar, trazendo os meus cobertores e chinelos, bem como o meu pijama. Se pudesse, teria passado todo o meu tempo no sofá em forma de L. Além do jardim, era o lugar que mais me fazia lembrar o Sam, e imaginei que até conseguia sentir o seu cheiro ali, um pouco. Estava deitada ali, pensando no Sam, em deitar-me na curva do seu braço, com a sua mão a acariciar o meu cabelo, quando o Tom bateu à porta e entrou sem esperar que eu respondesse.

"Saia daqui", eu disse.

“Achei que você talvez quisesse dormir no quarto esta noite.”

“Definitivamente não quero.”

“Seja como for, você precisará dormir no quarto.”

"Por que?"

“Porque a Becca tentou me estrangular ontem à noite, e você ficou aí parado sem fazer nada. Eu não posso confiar em você.”

"Você acha que eu te estrangularia enquanto você dorme?"

“Não. Mas, pensando bem, eu também não achava que a Becca faria isso.”

“Não vou dormir no quarto.”

"Tudo bem", disse ele, e saiu. Voltou um minuto depois, com cobertores e um travesseiro. Acomodou-se no tapete.

"De jeito nenhum", eu disse. Tentei manter a voz irritada em vez de assustada.

“Eu também não quero dormir no chão. Mas preciso te manter à vista até decidir o que fazer com você.”

Fiquei imóvel, como se quisesse evitar ser vista. Meu coração acelerou. "Como assim, 'o que fazer comigo'?"

Ele não disse nada. Levantei-me e fui para o quarto, levando minhas coisas comigo. Ele me seguiu: ouvi seus passos, como os de um cachorro desajeitado, atrás de mim. Fui para a cama e fiquei bem quieta. Mantive os lençóis bem puxados para baixo, para que eu pudesse vê-lo claramente. Meu coração batia forte.

"Eu tenho uma faca", disse Tom. "Se você se levantar da cama de repente, eu vou usá-la."

Encarei o teto e pensei em casa. Parecia algo vago agora. Era melhor ou pior do que isso? Fiquei me perguntando se Sam estava observando. Fiquei me perguntando o que ele pensava de mim agora.

"Eu acho", disse Tom, após um longo silêncio, "que poderíamos morar juntos por um tempo. Poderíamos ficar na nossa. Não precisaríamos nos ver."

Eu não tinha certeza se Tom estava falando sério ou se queria me dar uma falsa sensação de segurança. Pensei, com certo desconforto, em Becca, em como ele gostava de tê-la por perto, mesmo quando ela o desprezava abertamente. Me perguntei se Tom se sentia melhor consigo mesmo se houvesse uma garota sempre por perto, pedindo sua ajuda e dizendo que ele era capaz e forte. "Tom", eu disse. "Eu te detesto. Você é um psicopata. Não quero morar com você. Assim que Andrew voltar, vamos te expulsar daqui."

Tom ficou em silêncio por um instante. Então: "Você acha que Andrew escolheria você em vez de mim?"

“Você e Andrew não brigaram no deserto? Sobre quem ia mandar em tudo?”

“Você não entende as leis dos homens. É mais fácil resolver isso no deserto, onde um homem pode ser homem, do que aqui dentro.”

"Ouvi dizer que vocês dois são como animais. Você realmente acha que conseguiria viver com o Andrew?"

“Não”, disse ele, “não tenho. Eu me certificaria de que ele fosse banido em breve.”

“Que bom”, eu disse. “As leis dos homens, não é?”

“Quando você entrou na piscina nua semanas atrás, você fez isso por mim?”

Virei-me para ele. No escuro, só conseguia ver seu enorme contorno. Ele estava olhando para o teto, pensei, mas não consegui distinguir a expressão em seu rosto. Senti uma breve e terrível sensação de pena por ele, junto com repulsa.

“Não”, eu disse. “Foi para um desafio pessoal. Não sabia que você estava lá.”

Ele ficou em silêncio por um momento. "Eu não gosto de você, Lily. Mas eu fiquei pensando. Pensei que talvez... o mergulho pelada, o desfile com seus shorts minúsculos e biquínis... E quando você quebrou meu toca-discos, eu fiquei bravo, mas me perguntei se você fez isso para chamar minha atenção, como uma garota no pátio da escola. Você é muito feminina, sabia? Acho que é por isso que tantos garotos se interessavam por você. Bem, fico feliz que você não goste de mim, que não tenha se sentido atraída por mim, porque eu nunca gostei de você desse jeito. A verdade é que eu não gosto muito de garotas

em geral — pelo menos não para estar perto delas. Eu gosto delas na minha cama: eu gostava da Vanessa na minha cama. A Becca era uma boa garota, eu achava, mas eu estava enganado. Vocês nunca são boas garotas, né?"

Virei-me de costas para não ter que olhar para ele.

Como é que o Tom ainda estava lá? Há algumas temporadas, havia uma garota no programa que era uma mentirosa compulsiva, e nós, os telespectadores, a odiávamos; a reação do público foi tanta que os produtores deram ouvidos. E não deu outra: desafios foram criados para expor seus segredos, para desmascará-la, e ela foi rapidamente expulsa. Em outro ano, havia um garoto tão insuportável e chato que repetimos várias vezes que queríamos que ele fosse embora, e na semana seguinte, ele também foi expulso. Na maioria das vezes, os participantes tinham o controle, mas às vezes, se o público detestasse alguém o suficiente, os produtores davam um jeito de eliminá-lo. Pensando na Candice, que saiu quase imediatamente após o desafio que revelou que o Andrew estava traindo, me perguntei se o público não gostava dela — se o desafio tinha sido orquestrado para expulsá-la.

Mas por que Tom ainda estava lá? Provavelmente havia um grupo de telespectadores que não gostava dele, mas também devia haver outro grupo que queria que ele ficasse; pessoas que concordavam com ele, que viam algo nele que lhes agradava.

Então por que eu ainda estava aqui? Bonita e ingênua: ninguém para quem eu precisasse maquiar.

Acordei na manhã seguinte, com o sol baixo entrando pela claraboia, Tom ainda roncando, e eu sabia o que fazer: um plano já perfeitamente formado na minha cabeça, surgindo do nada, como uma recompensa.

—

PASSAMOS a maior parte da manhã isolados, Tom no quarto cinza e eu perambulando do lado de fora. Eu estava trazendo coisas para dentro de casa o mais discretamente possível, lançando olhares apreensivos para a porta do quarto cinza. À tarde, bati nela.

“Entre”, disse ele.

Ele havia tirado o tapete da sala de estar e o colocado no quarto cinza, o quarto dele. O belo abajur que ficava no vestiário dos meninos também estava lá, preto e de latão. Destoava de tudo o mais que ele guardava ali, mas eu entendia por que ele o queria: era de longe a melhor luz da casa. Ele havia encontrado adereços para colocar na escrivaninha para disfarçar o fato de que a escrivaninha não tinha utilidade: ele não tinha laptop, material de escrita ou livros, mas tinha um mapa de um território distante. Com certa amargura, refleti que Tom, assim como Mia, traria para casa não apenas suas próprias recompensas, mas também coisas que tínhamos ganhado nas Tarefas Comunitárias. Ele era forte o suficiente também: conseguiria carregar o dobro do que eu, talvez até mais.

Ele olhou para mim com expectativa.

"Se eu fizer o jantar", eu disse, "você conserta a janela que o Sam quebrou?" O Sam a tinha coberto com uma lona, mas ela precisava ser consertada adequadamente.

“Não tenho os materiais certos. Não há vidro para substituir”, disse ele. Esperei, transferindo o peso do pé esquerdo para o direito. “Mas, acho que poderia tapar com

tábuas", disse ele. "Não ficaria bonito, mas seria melhor do que nada." Ele lançou um olhar irritado pela janela. "Todas as minhas Tarefas Pessoais ultimamente têm sido relacionadas a reformas ou construções. Está começando a me irritar."

Isso me surpreendeu um pouco. Tom não era particularmente bom em construção. Quase todas as minhas Tarefas Pessoais envolviam eu conversando com alguém e, geralmente, pagando mico ou fazendo coisas bobas que eu não queria fazer. Fiquei pensando se as pessoas gostariam de ver Tom em ação e me ver humilhada.

Ele pensou por mais alguns instantes. "O que você vai fazer?"

"Bife", eu disse. "Você pode comê-lo quando terminar."

—

TÍNHAMOS GUARDADO os bifes para uma ocasião especial. Teriam ficado melhores na churrasqueira, mas depois do incêndio não dava mais para fazer. Eram dez bifes; cozinhei dois e guardei o resto na geladeira. Enquanto Tom batia na janela — até eu sabia que ele estava demorando demais para fazer uma tarefa relativamente simples —, preparei batatas, salada e coleslaw, usando alguns dos produtos frescos que tinham acabado de chegar em uma das nossas últimas entregas. Usei a louça mais bonita, dobrei os guardanapos em cascata e, na falta de flores, peguei a planta de plástico que ganhei de prêmio e coloquei na mesa lá fora.

Eu sabia que ele tinha terminado porque o tinha visto sair algumas vezes para admirar seu trabalho de um ângulo diferente. Ele entrou na cozinha e se ofereceu para levar a comida, mas eu disse que podia fazer isso. Ele pareceu satisfeito.

Não pude deixar de me sentir satisfeita enquanto arrumava tudo na mesa. Nas últimas semanas, tínhamos comido as coisas mais simples: macarrão, massa, sanduíches. Parecia um luxo poder fazer tudo direito. Tom sentou-se e, um instante depois, levantou-se, dizendo: "Só um minuto". Enquanto esperava que ele voltasse, senti, pela primeira vez em muito tempo, vontade de tirar uma foto. A mesa estava tão bonita: o bife, a salada, os copos com cubos de gelo perfeitos. Coloquei molho de pimenta sobre a minha carne, mas esperei por Tom antes de comer. Ele voltou com uma garrafa de champanhe e duas taças.

"Tarefa pessoal", disse ele. "Recebi-a há algumas semanas. Ia esperar até terminar, mas posso muito bem tê-la agora."

Ele arrancou a folha de ouro com os dentes, rápida e metodicamente. Em seguida, retirou a rolha, que *estourou* como um tiro, e o champanhe transbordou imediatamente sobre a mesa. Com um ar profissional, limpou o excesso da mesa e encheu nossas taças. "À equipe!", disse ele.

Brindei com o copo dele e bebi. Estava quente, mas tudo estava quente.

"Você deveria ter colocado na geladeira", eu disse.

"Não podia fazer isso, podia? Você não tem um bom histórico de compartilhamento." Ele não estava sorrindo, e seu tom era de repreensão, mas acho que ele estava tentando ser brincalhão.

Coloquei a salada no prato dele. Havia uma brisa suave, agradável e com um aroma intenso de deserto. "Agora estou compartilhando, não é?"

Ele sorriu, olhando por cima da minha cabeça para a paisagem além dele. Sorriu como se estivesse gostando, embora eu não consiga imaginar o que havia para ver. Da minha parte, apenas a piscina me inspirou alguma reação estética. Ela havia sido enchida novamente, em algum momento da noite. O lago também estava cheio, e novos peixes nadavam felizes em suas profundezas.

Comi meu bife com gosto. Tom mexeu na comida no prato por alguns instantes.

"Está com medo de que esteja envenenado?", perguntei.

“Não”, disse ele. “Eu sei que você não me envenenaria. Estou mais preocupado com o fato de você ser uma cozinheira péssima.”

“Como você pode ter certeza de que eu não faria isso?”

“Porque aí você estaria sozinha. E você não se sairia bem sozinha. Você sabe disso também, eu acho.” Mantive os olhos fixos na minha comida. Eu conhecia as fraquezas de Tom, mas ele conhecia as minhas também. Ele cortou a carne em pedaços pequenos, o garfo raspando no prato, e comeu. Mastigou devagar e não deu nenhum sinal se gostou ou não. Eu não era uma boa cozinheira, Tom tinha razão. Estava passada do ponto, mas mesmo assim achei gostosa.

"Consertarei a cerca em breve", disse ele. "Tenho me tornado bastante habilidoso. Você viu a janela?"

Eu tinha inspecionado enquanto ele lavava a louça para o jantar. Estava razoavelmente bem revestida: por fora parecia lisa e elegante, mas por dentro era uma bagunça de pregos e madeira sobreposta.

“Sim, eu consegui. Onde você conseguiu a madeira?”

"Desmontei uma das camas que não estavam sendo usadas. Não precisamos de dez camas agora que só somos nós dois."

“Três”, eu disse. “Andrew volta logo. Provavelmente amanhã.”

“Certo. Vamos guardar um bom pedaço de carne para ele.”

Comemos em silêncio por alguns minutos. O frio da noite ainda não havia chegado, mas a temperatura estava caindo aos poucos.

“O que você faz mesmo? Algo na área financeira?”

Ele me lançou um olhar rápido, como se estivesse verificando se eu estava falando sério. "Sou analista financeiro."

"Certo."

“É um trabalho enorme. Muita responsabilidade. É muito complicado de explicar, então não vou me dar ao trabalho.”

"Você sente falta disso?", insisti.

Ele continuou comendo, metodicamente, sem levantar o olhar.

“Sinto muita falta disso.”

“Você vai voltar lá quando for embora?”

"O que está acontecendo com o interrogatório?", perguntou ele, com sarcasmo.

"Só estou tentando me dar bem com as pessoas."

Quando ele terminou, limpei a mesa e trouxe a sobremesa: uma tigela com morangos, mirtilos, fatias de maçã e pera, manga e framboesas. Eu tinha uma tigela separada com creme de leite fresco batido e um pote de sorvete.

"Que bom, Lily", disse Tom. Ele estava mais relaxado agora, tentando, eu acho, ser agradável.

"Obrigado", eu disse. "De qualquer forma, tem fruta demais para só duas pessoas. Vai estragar em um ou dois dias."

Coloquei as frutas na tigela dele com uma concha e, em seguida, ofereci o creme de leite e o sorvete.

“Normalmente eu não faria isso”, disse ele. “Engorda muito. Mas estamos tendo uma noite agradável, não é? Os dois finalistas.”

“Os três últimos”, corrigi, e acrescentei uma generosa porção de creme de leite e sorvete sobre as frutas dele. Para mim, escolhi apenas os morangos e as framboesas da tigela, junto com uma montanha de sorvete.

“Fui despedido do meu emprego”, disse ele. “Depois de trabalhar lá por oito anos.”

Peguei um morango da minha tigela. "O que aconteceu?"

Ele moveu os ombros num gesto de desconforto. “Havia um problema — controle da raiva, digamos assim. Eu tinha uma extensa rede de contatos e, quando perdi o emprego, entrei em contato com eles. Bem, a notícia se espalhou, ou alguém falou mal de mim, espalhou informações prejudiciais de propósito, e não havia ninguém que quisesse me contratar. Recorri ao meu amigo da época da faculdade, Leo. Moramos juntos por três anos e éramos amigos há mais tempo. Ele ocupava um cargo importante. em uma empresa parecida com a minha. Ele poderia ter me arrumado um emprego, fácil. Ele tinha me dito, não muito tempo antes, que estavam procurando alguém. Almoçamos no nosso lugar favorito, e ele me disse que a vaga não estava mais disponível. Era mentira. Nós dois sabíamos que era mentira. Nem meu melhor amigo quis me ajudar.” Ele largou o garfo. “Puxa, eu queria um cigarro.”

“E o que aconteceu em seguida?”

Eu não esperava que ele continuasse, mas ele disse: “Não tive tanto o que fazer durante meus dias quanto gostaria. Decidi visitar minha namorada, Amy. Ex-namorada. Ela dependia muito de mim. Ela sempre precisava de alguém para trocar os pneus, consertar o vazamento na pia, instalar uma prateleira ou algo assim. Então, dei uma passada lá para ver se ela precisava de ajuda. Eu sei como ela se esforçava para fazer as coisas.”

"E então?"

“E então ela entrou com um pedido de medida protetiva. Depois, me inscrevi para participar do programa. Um mês depois, eu já estava aqui.”

Olhei para o céu acima de mim. Estava escurecendo, mas ainda não estava completamente escuro. Eu precisava de mais tempo.

“Eu também quase fui demitida do meu emprego”, eu disse. Me ocorreu, com uma pontada de tristeza, que eu contaria essa história para Tom, mas nunca tinha contado para Sam. De certa forma, porém, era mais fácil. Tom já conhecia meus piores lados; eu suspeitava que ele os tinha visto antes de qualquer outra coisa.

“Você é cabeleireira ou algo assim, certo?”

Atendente de loja em uma loja de departamentos. Seção de maquiagem.

“Certo. Você gostou?”

"Quer dizer, eu gostava. Até achar que ia ser demitido. Desde então, não tenho gostado muito."

Percebi que Tom estava dividido entre ser educado e demonstrar indiferença. Ele fez um gesto com a mão, que interpretei como um sinal para que eu continuasse.

“Eu estava lá há um tempo, e eventualmente eles confiaram em mim para fazer o fechamento do caixa à noite. Arrecadávamos mais dinheiro do que você imagina em um dia. Eu também recebia uma comissão, o que era bom. Se uma garota viesse sozinha, geralmente conseguíamos fazer uma pequena venda, se fizéssemos uma maquiagem bonita nela e elogiássemos a pele. Era melhor se um homem viesse, porque Eles nunca faziam ideia, e se você balançasse a cabeça e lançasse um olhar de um jeito específico, eles se sentiam envergonhados e acabavam gastando mais. Mas o melhor era quando uma garota vinha com o namorado. Aí eu sempre dedicava bastante tempo à maquiagem dela. Escolhia as cores mais bonitas e as esfumava com tanto cuidado que parecia uma segunda pele. E ela ficava tão linda quando eu terminava, e o namorado a olhava e pagava o que ela quisesse. Aliás, acho que ele não entregava o dinheiro só porque ela estava bonita. Acho que era porque um homem se esforça muito se acha que a mulher não consegue viver sem ele: a garota *precisava* da maquiagem, e ele tinha que ser o responsável por dar a ela.

“Poderia ir direto ao ponto, por favor?”

“Bem, como eu disse, eventualmente me permitiram fazer o fechamento do caixa à noite. No começo, eu fazia com outra pessoa, e depois passei a fazer sozinha. Às vezes dava certo, mas às vezes dava errado — os números não batiam. Eu ficava lá por horas depois do fechamento, tentando corrigir. Bom, eventualmente desisti de tentar resolver. Nada parecia adiantar. Não foi uma burrice da minha parte? Depois de alguns meses, o contador ligou para o gerente e disse que tinham notado que os números estavam errados quando eu fechava o caixa. O gerente me acusou de roubar do caixa. Fiquei indignada com a acusação e ameacei pedir demissão. Então eles olharam as imagens da câmera e disseram que sabiam que eu não estava roubando. Mas não conseguiam entender por que os números estavam sendo registrados incorretamente o tempo todo. O gerente, o dono e o contador me fizeram explicar exatamente como eu fazia, com uma calculadora, e eu fiquei falando por um tempão, explicando passo a passo, e quando finalmente olhei para cima, vi que o contador estava me encarando, e os outros apenas olhavam para mim.” Que vergonha! Eu estava somando os números errado, sabe? Alguns números o computador calcula automaticamente, e outros você precisa somar manualmente, com a calculadora. Mas eu estava somando esses errados. Coisas simples, inclusive. Tão simples que eu nem percebi que precisava de uma calculadora. Eu achava que seis mais sete era quatorze, e que oito mais nove era dezesseis. O contador teve que me dizer que minha soma estava errada. Perguntei se eu estava encrencada, e ele disse que não, mas que eu deveria me limitar a fazer maquiagem. A garota de dezessete anos que abandonou a escola agora cuida do caixa. Bem, que vergonha, não é?

Ele parecia desconfortável. Terminei minha taça de champanhe. Eu adoraria ter tomado outra, mas queria me manter o mais alerta possível. Ele segurava a taça meio cheia com as duas mãos, como se temesse que eu pudesse estender a mão e tomá-la dele. Ele completou a própria taça, não a minha, e depois comeu mais alguns pedaços da sobremesa. Então disse: "Vou ver se o telão voltou a funcionar."

Ele se ausentou por apenas alguns segundos. Enquanto eu contava minha história, o sol se pôs e a temperatura caiu rapidamente. Teríamos que entrar logo. Ele voltou, mas não se sentou; em vez disso, pegou sua taça de champanhe e bebeu de pé. "E então?", perguntei. "Já começou?"

Ele assentiu com a cabeça. Tentei manter minha expressão neutra.

“Qual é a tarefa?”

"Adivinhe, em horas, quanto tempo falta para o Natal. Bobagem, não é?"

“Qual é a recompensa?”

“Roupas quentes”, dizia.

Comi um morango e fiquei pensando nisso por um tempo. Quando as torneiras foram fechadas, nos ofereceram água. Se nos ofereceram roupas quentes, era sinal de que o tempo ia mudar.

Eu só precisava chutar o número mais próximo, e ele estaria fora. Mas... um problema de matemática. Eu tinha caído nessa. Nós dois nos entreolhamos, pensativos. Ficou claro, então, quem eles queriam que ganhasse.

"Quanto tempo você acha que falta para o Natal?", perguntei.

Para minha surpresa, ele riu. "Você acha que eu vou responder assim, sem mais nem menos? Aí você dá uma resposta mais próxima da verdade e eu sou expulso antes mesmo de entender o que estou dizendo. Você é engraçada, Lily. Muito engraçada. Vou trazer a louça, você lava."

—

ASSIM QUE A LOUÇA estava lavada, dei uma volta tranquila pelo andar de baixo. Tom tomava banho todas as noites antes de dormir, por cerca de doze minutos. O chuveiro tinha alta pressão e era extremamente barulhento. Eu podia sair nesse momento, mas não um minuto antes.

Enquanto esperava, coloquei o resto dos bifes em um saco plástico e os deixei na bancada, prontos para ir assim que ouvisse a água ligar. Silenciosamente, fui de um cômodo para o outro e fechei todas as janelas. Encontrei a tesoura de poda da Jacintha e a deixei em cima da bancada também.

Enquanto esperava, fiquei pensando em meses, dias e horas. Que data Becca tinha mencionado? E quanto tempo havia se passado? Como eu não sabia quando Sam tinha ido embora? Eu tinha uma vaga ideia, mas os números se embaralhavam na minha cabeça. Se fosse início de outubro e faltassem, digamos, doze semanas para o Natal, então seriam doze multiplicados por sete, que por sua vez teriam que ser multiplicados por vinte e quatro. Eu não conseguia pensar nisso: estava nervosa demais, assustada com qualquer barulho vindo de cima.

Finalmente, ouvi o chuveiro ligar. Peguei o saco de carne e a tesoura e saí correndo.

Saí pelos fundos, trancando a porta atrás de mim. Passei apressadamente pela área de entregas, pela quadra de tênis e segui para o perímetro sul. Apesar do meu ímpeto, apesar do sangue pulsando nas minhas orelhas como o grito de guerra de um soldado, hesitei na divisa. Eu não sabia até onde teria que ir e temia ser considerado banido se fosse longe demais. Susie não tinha feito isso? Eu também não conseguiria?

Usando a tesoura, cortei o arame farpado em vários lugares, abrindo uma brecha o maior possível. Na pressa, cortei a mão em um dos farpas. Gritei e tentei abafar qualquer outro ruído, mas doía, e olhei para o corte em pânico. O sangue escorria sem parar da minha palma, e pensei por um instante, depois cerrei os dentes e estendi a outra mão, cortando-a também no arame farpado. O sangue jorrava em grandes gotas de ambas as

mãos, e me abaixei para passar por baixo do arame. O deserto me chamava, a lua alaranjada brilhando suavemente no céu, tingindo a areia de ouro.

DEZOITO

MAS NO DESERTO EU

Não vi nenhuma criatura, nem qualquer vestígio de vida. Sam tinha passado por ali, e Jacintha, e Ryan, e todos os outros, mas não havia nenhuma evidência de que eles tivessem estado ali. Corri, guiada pela lua, tentando contar os minutos que passavam. Não fui longe: melhor chegar cedo do que tarde, e que Tom me ouvisse voltar. Deixei a maior parte dos pedaços de carne o mais longe que ousei, deixei a tesoura no perímetro e voltei correndo para o complexo, deixando um rastro de sangue atrás de mim. Coloquei os últimos pedaços de carne ao redor da lateral e da frente da casa, onde Tom e eu tínhamos acabado de jantar.

Minhas mãos latejavam, ainda pingando sangue. Quando entrei pela porta, o chuveiro ainda estava ligado.

"Tom!" gritei, subindo as escadas correndo. "Tom, venha rápido! Tom!"

A água parou de repente. Ouvi a porta do box abrir. Eu estava do lado de fora da porta do banheiro.

Você me ligou?

“Venham rápido! Por favor!”

Ele abriu a porta com um puxão, com uma toalha amarrada na cintura.

“O que foi? O que aconteceu?” Ele me olhou atentamente, minhas mãos vermelhas de sangue, meu rosto abatido. “ *O que aconteceu?* ”

“Para fora, por favor!” Deixei minha voz ser engolida pelos soluços. “É lá fora!”

Ele desceu as escadas correndo, com os pés voando. "Fiquem aqui!", gritou ele.

Verifiquei o banheiro. Ele havia deixado a faca em cima da borda. Peguei-a, escondendo-a atrás das costas, e o segui escada abaixo. Quando ele passou pela porta da frente, fechei-a atrás dele. Não havia fechadura — não tínhamos previsto a necessidade de uma — então arrastei uma Peguei o armário da cozinha e o coloquei em frente à porta. Era mais pesado do que eu imaginava, ainda cheio de objetos aleatórios, e lutei por alguns instantes, com a adrenalina correndo nas minhas veias e os dentes cerrados, até que finalmente cobriu a entrada. Então, rapidamente, juntei os objetos mais pesados que consegui encontrar — frigideiras de ferro fundido e algumas panelas, além dos pesos que Tom havia usado antes — e os coloquei nas prateleiras de baixo para servir de contrapeso.

"Pega uma lanterna!" ele gritou. "Não consigo ver nada aqui fora!" Mantive as costas encostadas no armário, com o coração batendo forte no peito. Ouvi-o se movimentando e então ele disse: "Está muito escuro... o que você viu?"

Não disse nada, não me mexi um centímetro, e agora ele parecia mais urgente. "Lily, você consegue me ouvir? O que você viu? Lily, o que tem aqui fora?"

Sentei-me no chão. Vinte de setembro, Becca tinha dito: o dia em que Sam foi embora. Quanto tempo havia passado? Menos de uma semana? Mais? Sem trabalho, sem horário, eu não tinha motivo para marcar os dias e vivia num limbo estranho e atemporal que agora

me horrorizava. Como eu não sabia que dia da semana era? Fechei os olhos e repassei as semanas, contando nos dedos. Doze semanas. Doze vezes sete. Isso era possível, pensei. Setenta mais quatorze. Oitenta e quatro. Eu sabia disso, pelo menos.

"Lily! Você consegue me ouvir? Traga-me um isqueiro!"

Oitenta e quatro vezes vinte e quatro. Agarrei minha cabeça. Não ter calculadora era uma coisa, mas não ter caneta nem papel era outra bem diferente.

Tom estava à porta. Ela tremeu, mas não abriu. "Abra a porta, Lily; não há nada aqui fora. Está tudo bem."

Mas será que eu tinha certeza de que o número de semanas estava certo? Será que já fazia uma semana desde que Becca contou a Sam a data? Quanto tempo desde que Sam tinha ido embora? Uma eternidade; uma eternidade!

"Abra a *porta,* Lily", ele repetiu. A porta rangeu novamente. Atrás de mim, o armário permaneceu no mesmo lugar. Ele praguejou alto. Ouvi seus passos percorrerem a casa, em direção à porta dos fundos.

Becca tinha ido embora ontem. Foi ontem? Não, anteontem. E ficamos sem água por dois dias. Três dias? Dois dias. Mas quanto tempo antes disso? Será que Tom sabia que dia era? Ele tinha visto o registro de Becca, ou tinha mantido o seu próprio?

Ouvi a maçaneta da porta dos fundos tremer e os passos pesados de Tom ao redor da porta. do lado de fora da casa. Ele estava verificando se havia alguma janela aberta. Eu o ouvi ir até a janela do banheiro do andar de baixo — fechada — e depois até a janela do outro quarto de hóspedes — fechada também.

Levantei-me num pulo. A janela do quarto de Tom; eu não a tinha verificado. Corri o mais rápido que pude, meus passos ruidosos no chão de madeira. O abajur dele estava aceso no canto, e eu conseguia ver a janela de cima, ligeiramente entreaberta. Quando cheguei à janela, gritei: havia uma figura na janela, coberta de sangue. Mas era eu, era só eu, meu reflexo me pegando de surpresa. Devo ter tocado meu rosto com as mãos ensanguentadas; havia manchas escarlates por toda a minha face. Meus braços também, enquanto eu me esticava para fechar a janela, estavam cobertos de linhas e riscos de sangue. Eu havia cortado minha perna esquerda no arame farpado na pressa, e havia pequenos filetes de sangue ali também. Minhas mãos tinham acabado de parar de sangrar.

A maçaneta da janela estava lá em cima, e eu me estiquei para alcançá-la, meus dedos se estendendo, se estendendo, quando Tom apareceu do outro lado. Seu rosto estava contorcido de raiva; o meu, eu podia ver, estava aberto de choque. Eu quase consegui alcançar a maçaneta para fechá-la, mas não o suficiente. Se eu me virasse para pegar a cadeira, Tom teria tempo de abri-la mais e entrar à força antes que eu pudesse impedi-lo. Ele pareceu perceber a mesma coisa ao mesmo tempo: deu um pulo, seus dedos roçando a parte inferior da janela, mas sem conseguir se firmar. Subi rapidamente no parapeito da janela, me pressionando contra o vidro e segurando o varão da cortina para não cair. Agarrei a maçaneta interna da janela no exato momento em que Tom se agarrou à moldura. Puxei com força. Sua mão estava escorregando: ele enfiou a mão, mas eu puxei com mais força, esmagando seus dedos, e ele gritou de dor e tirou a mão. A janela se fechou com um estrondo retumbante.

"Deixe-me entrar agora, e eu não vou te machucar, Lily. Quero viver em paz com você, eu prometo."

Olhei para fora, meu rosto refletido nítido e pálido à minha frente, o dele sombreado e desfocado. De repente, seu rosto ficou nítido quando ele se inclinou contra o vidro. Sua mão bateu com tanta força na janela que me fez estremecer. "Deixe-me entrar!"

Examinei o vidro, procurando rachaduras, mas ele estava intacto. "Faça o desafio e eu deixo você entrar. Você diz sua resposta, depois eu digo a minha."

Tentei olhar além do meu rosto e ver o dele. Não consegui distinguir. muito. Ele cuspiu na janela, bem entre o reflexo das minhas sobrancelhas.

Ele se afastou e desapareceu na noite.

—

SENTEI-ME JUNTO à porta da frente, com a faca de Tom no colo. Achei que tivessem passado uns quinze minutos, talvez mais, desde que o trancara para fora. Conseguia ouvi-lo andando pela casa, batendo na janela fechada com tábuas e tentando abrir a porta da frente. Tentei ignorá-lo enquanto fazia meus cálculos. Tinha certeza de que conseguiria se estivesse tranquila e com papel e caneta. Mas eu me assustava com cada ruído e ficava me levantando para verificar as janelas. Na luta com a janela do quarto cinza, minha mão direita começou a sangrar de novo. Não conseguia manter os números na cabeça e acabei escrevendo as contas com o meu sangue no chão.

O problema, claro, era que eu era ruim em matemática, e ele era bom. A tarefa era perfeita para ele — mas a última, a corrida, não tinha sido também perfeita para ele?

Era possível que Tom soubesse exatamente quanto tempo havia passado, mas eu achava que ele não tinha certeza, senão teria sugerido que fizéssemos isso imediatamente. Quantos dias tem novembro? Toda vez que minha mente buscava uma resposta, minha mão coçava para pegar o celular.

De repente, ouvi Tom gritar. Acho que ele estava perto da lateral da casa, no pátio. Ele gritou de novo, mais alto, mais descontrolado, e eu resisti à vontade de me levantar. Essa seria a parte difícil.

"Volta!" ele gritou. "Volta—volta!" De repente, ele estava batendo na porta da frente, que estava bloqueada, a poucos centímetros de mim.

“Deixe-me entrar! Lily, deixe-me entrar! Tem alguma coisa aqui fora! Lily, abra a porta! Lily! Tem um... eu não consigo ver, mas tem alguma coisa aqui fora! Deixe-me entrar... *deixe-me entrar* !”

Consegui sentir a porta tremendo, mas o armário era grande e pesado na parte de baixo, e a barricada resistiu firmemente.

"Responda à pergunta!", gritei. "Quantas horas faltam para o Natal?" Minha voz não estava tão firme quanto eu gostaria.

“Há *algo aqui fora* !”

Um silêncio se instalou por alguns instantes. Ouvi um estrondo, e Embora tivesse prometido a mim mesma que não olharia, me vi levantando do chão e indo até a sala de estar. Mantive a luz apagada e observei do canto. Tom havia desmontado uma cadeira e segurava uma das pernas em uma mão e o assento na outra. No escuro, dois olhos brilhavam.

"Voltem para trás!" ele berrou. "Voltem para trás!"

A criatura avançou em sua direção, cruzando as patas dianteiras. Tom estava ofegante; eu podia ouvir sua respiração cortando o ar entre nós. Vi que era um animal de quatro patas, algum tipo de cão selvagem, talvez um coiote. Parou, sem tirar os olhos de Tom. Ele estava parado perto da mesa, sob a qual eu havia escondido pedaços de carne. Pensei que provavelmente não atacaria, que só queria a carne. Mas Tom ajustava a posição em que se apoiava na perna da cadeira e se inclinava para a frente, soltando baforadas brancas de ar. A criatura se esgueirou para a frente, apenas alguns centímetros, e Tom atacou, cortando o ar à sua frente. Mesmo com uma parede entre nós, eu podia ouvir o *som* da perna da cadeira cortando o ar. O animal se aproximou ainda mais, agachando-se rente ao chão como se estivesse pronto para atacar, e soltou um rosnado agudo. Em resposta ao rosnado do animal, Tom gritou e avançou em sua direção mais uma vez. Dessa vez, sua mira foi certeira, e o pé da cadeira atingiu o coiote com um baque audível. O animal se moveu com uma velocidade devastadora, e eu vi seus dentes brilharem, mas nada além disso. O grito lancinante de Tom cortou a noite. Encostei-me à janela e vi que o coiote havia cravado os dentes na mão de Tom. Ele pareceu congelado, perdido na dor por alguns instantes, até que abateu o pé da cadeira sobre as costas do coiote. O animal uivou e se afastou, mas manteve os dentes à mostra, um rosnado baixo escapando de sua boca.

Tom largou o assento, seu escudo improvisado, e brandia o pé da cadeira com a mão esquerda, a que não estava ferida, emitindo um som estridente na garganta. Foi então que o segundo coiote apareceu ao lado do primeiro. O recém-chegado virou a cabeça para me encarar diretamente. A cabeça de Tom se moveu para acompanhar seu olhar; quando me viu, virou-se completamente, mantendo o corpo voltado para os animais. O medo em seu rosto não era agradável de se ver, mas também não era desagradável.

"Deixem-me entrar!" gritou ele, com a voz rouca e frenética. "Deixem-me entrar!"

Sua mão estava dilacerada e ensanguentada; mas, pensando bem, a minha também estava.

“Tem carne atrás de você”, gritei. “Debaixo da mesa. Eles não querem te atacar. Só querem a comida. Jogue a carne para eles e saia de lá.”

Os coiotes não se aproximaram mais, mas o segundo também estava rosnando. Tom virou a cabeça bruscamente na direção deles.

Eu me perguntava se a equipe de produção estava por perto. Não tinha certeza do momento exato em que eles intervieram, como determinaram que uma vida estava em perigo. Tom estava mais seguro agora do que quando Becca o estrangulou com um cinto? Mais seguro do que Becca estava quando ele a manteve submersa por sessenta segundos? Eles avaliaram apenas o risco de morte ou também o nível de entretenimento da cena?

Então Tom soltou um grito estrondoso, um rugido alto e profundo. Ele avançou, braços estendidos, fazendo os coiotes recuarem. Perseguiu-os de volta repetidas vezes, até que estivessem além do alcance das luzes e fora da minha vista. Eu conseguia ouvi-los, porém: não rosnavam mais, mas emitiam ganidos, e Tom soltava aquele mesmo rugido, embora cessasse abruptamente, e um dos coiotes rosnou e depois uivou. Os sons foram se dissipando. Ele pode tê-los perseguido até o jardim, ou pode ter ido até o deserto. Quando não consegui mais ouvi-los, afastei-me da janela.

Voltei para a porta da frente e refiz meus cálculos. No chão, meus malditos números tinham secado. Eu tinha dois mil, quinhentos e oitenta, mas precisava ajustar de acordo com a hora atual. Estava escuro, provavelmente meia hora depois do banho do Tom, que eu

sempre imaginei que acontecesse por volta das onze: Tom ia dormir tarde e acordava cedo. Seriam doze, então?

Não havia nenhum ruído, a casa silenciosa, à espera, e então um estrondo repentino e violento atrás de mim. Dei um pulo para a frente, com o coração na boca, escorregando de quatro. Virei-me para o armário que bloqueava a porta, ainda caído no chão. Outro baque enorme, e o som do grunhido de Tom. Ele estava se atirando contra a porta com todo o seu corpo. Eu sabia, com alguma certeza, que se ele conseguisse derrubar o armário e entrar agora, ele me mataria. Ele se lançou novamente, e embora a porta tenha tremido, permaneceu fechada. Mesmo em meu terror, passou-me pela cabeça que ele deveria ter ido em direção à janela fechada com tábuas: Sam tinha Ele mesmo fez a porta, e era bem resistente. A janela foi toda obra do Tom, e até eu percebi que o serviço foi malfeito.

Ele bateu na porta novamente, e desta vez o armário foi empurrado para a frente, apenas alguns centímetros. Levantei-me num salto, mas ele devia ter percebido que tinha ganhado terreno, pois bateu na porta mais uma vez, rapidamente. Mal tive tempo de me esquivar quando, com um gemido, o armário caiu pesadamente, espalhando todos os apetrechos e objetos diversos que tínhamos guardado lá dentro nos últimos meses, além dos objetos mais pesados que eu tinha colocado.

Eu pulei por cima e me atirei contra a porta, alcançando-a ao mesmo tempo que ele. Nos chocamos dolorosamente de cada lado. Ele empurrou, e eu enfiei o pé desesperadamente na quina, mas ele tinha o ímpeto e a força. A porta abriu mais um pouco — mais um pouco — mais um pouco — até que eu pude ver o ângulo do seu queixo, a barba por fazer. Nós dois sabíamos que ele forçaria a porta, que eu seria derrotada, assim como Becca havia sido: espancada e humilhada.

Eu estava meio agachada, rente ao chão, com o ombro encostado na madeira. Alguns dos objetos dentro do armário tinham caído ao meu alcance. Eu o conhecia bem o suficiente. Era onde guardávamos coisas aleatórias e quinquilharias para as quais não tínhamos encontrado outro lugar. Geralmente, colocávamos os produtos de limpeza embaixo da pia, mas às vezes, se eu estivesse com preguiça, os jogava na gaveta de cima do armário.

Mantive o pé junto à porta, o ombro pressionado com força contra a madeira, e estendi a outra mão para trás, os dedos se alongando, procurando. Meu pé deslizou mais um pouco, e a porta se abriu mais. Os dentes de Tom brilhavam brancos na escuridão.

De repente, me veio à mente uma imagem nítida das meninas com quem eu trabalhava na loja, me observando e gargalhando.

Meus dedos encontraram um frasco de detergente. Me espremi entre o armário e a porta, no limite das minhas forças, e tentei abrir a tampa, meus dedos lutando para desrosqueá-la. Vi sua mão, e depois seu braço, se enfiando na fresta da porta. Tirei a tampa — sua mão agarrou meu ombro. Ele abriu a porta com força, avançando para cima de mim, bem na hora em que joguei o conteúdo do frasco em seu rosto. Ele recuou imediatamente, levando as mãos aos olhos, um grito terrível escapou de seus lábios. da boca dele. Não hesitei: fechei a porta, empurrei o armário de volta contra ela e fiquei ali, esperando, com os membros tremendo, a garrafa se contraindo na minha mão. Era feito para ser usado em sujeiras difíceis de limpar na cozinha. Havia uma foto de um forno brilhante, reluzindo com uma limpeza etérea. O rótulo me dizia que era o limpador de cozinha favorito do país. *Sem complicações, sem sujeira,* dizia o slogan em letras rosa e alegres.

Lá fora, Tom ainda fazia barulhos terríveis. Deixei a garrafa cair no chão.

Pouco tempo depois, ouviu-se uma batida na porta, um único baque.

"Deixe-me entrar", disse Tom, com a voz agora rouca e baixa. "Eu não consigo... Lily, deixe-me entrar. Preciso entrar."

Esperei. Agarrei-me à borda do armário. Então ele disse: "Dois mil quinhentos e vinte".

Movi o armário e abri a porta. Ele caiu lá dentro, com os olhos vermelhos e lacrimejando, sem a toalha.

“Dois mil quinhentos e noventa”, eu disse.

Ele estava sentado nu e ensanguentado no chão. "Vejam no telão", disse ele.

Entrei. Era verde. Enquanto eu estava lá, uma voz soou. Disse: “Boa noite, moradores. A resposta é dois mil, seiscentos e onze. Tom, você está banido.”

Quando voltei, ele ainda estava sentado no chão. "Preciso de ajuda", disse ele.

Permaneci onde estava, a uma distância segura. A faca, que eu havia deixado cair durante a luta, estava agora ao lado dele, não exatamente ao alcance do meu braço, mas perto o suficiente para que ele pudesse pegá-la antes que eu pudesse correr.

“Não”, eu disse.

“Por favor”, disse ele. “Não consigo ver.”

Permaneci onde estava, olhando para ele. Seus olhos eram de um vermelho feroz. Ele não estava olhando para mim, mas para a minha esquerda.

“Preciso lavar meus olhos. Não consigo ver nada. Lily. Por favor.”

Aproximei-me da faca o mais silenciosamente possível, sem desviar o olhar do seu rosto. Seu olhar permaneceu fixo no mesmo lugar. Peguei a faca e a apontei para o seu rosto, a um centímetro do seu olho. Mesmo assim, ele não se moveu.

"Eu tenho a faca", eu disse. "Se você tentar me machucar, eu te mato."

Sem dizer uma palavra, ele estendeu os braços. Depois de um instante, percebi que ele queria que eu o levantasse. Segurei um de seus pulsos e o puxei para que se levantasse. Ele gritou, e vi que seu tornozelo estava em carne viva e sangrando. Levei-o até a cozinha, com seu peso sobre mim, conduzi-o até a pia e abri a torneira. Dei um passo para trás e o deixei se virar sozinho, sem querer ficar perto dele. Ele gritou quando a água atingiu seus olhos e permaneceu curvado sobre a pia, enxugando-os por um tempo. Quando se endireitou, olhou para a janela, onde pude ver a lua brilhando no céu, luminosa e radiante.

"Bem?"

"Nada", disse ele. "Não consigo ver nada."

Esperei que algum sentimento de culpa me invadisse, mas ele nunca veio. Ficamos ali em silêncio por alguns instantes. Então ele se virou para mim, com os olhos inquietos. "Me ajude a pegar minhas coisas?"

Ele escorregou um pouco na escada. Nenhum de nós comentou nada. Joguei as coisas dele em uma sacola enquanto ele vestia uma camiseta e um short que eu lhe entreguei. Ele ficou agitado, perguntando se eu havia incluído itens diferentes dos que ele queria. “A camisa polo azul-marinho? O relógio — aquele que eu uso à noite?” Eu disse que sim, que havia colocado tudo, mas não tinha certeza se estava arrumando as coisas dele ou as do Andrew. Quando descemos para o quarto cinza, ele ficou em silêncio enquanto eu guardava o toca-discos quebrado e o mapa, a carteira de couro e o osso. Enchi três sacolas de lixo no total. Dei um nó em cada uma e as coloquei em seus braços. Seu rosto se fechou. “É só isso?”

"Eu penso que sim."

Olhei para ele atentamente e, pela primeira vez em muito tempo, sem nenhum medo. Eu não sabia o que ele estava esperando: não sei se ele pensava que eu poderia ter misericórdia e deixá-lo ficar até o amanhecer, na esperança de que ele recuperasse parte da visão. Ficamos em silêncio por tempo suficiente para que ele perguntasse: "Você ainda está aí?"

“Sim”, eu disse.

“Você pode me levar até o limite do campo?”

"Se você quiser", eu disse. Eu lhe devia isso, pelo menos.

Eu o guiei pela casa e através do terreno. A noite estava fria e silenciosa, e eu podia ouvir sua respiração ofegante, seus suspiros de dor.

“Você estava perto”, eu disse. “Você quase acertou o número. Você viu o caderno da Becca?”

“O quê da Becca?”

“Ela vinha acompanhando a contagem dos dias.”

“Não”, disse ele. Caminhávamos devagar, quase na divisa. Eu sabia que era o medo, além da dor, que o fazia andar tão devagar. “Eu tinha feito uma lista na parede do meu quarto. Era aniversário da minha namorada — da minha ex-namorada Amy — em agosto. Eu tinha planejado voltar para casa nessa época, mas quando chegou a hora, eu não quis. Um mês atrás, eu poderia te dizer o minuto, a hora e a data num piscar de olhos. Era a primeira coisa em que eu pensava quando acordava. Mas eu tinha me esquecido dela. Eu não achava que ia me esquecer, mas me esqueci.” Ele fez uma pausa. “Você deixou um rastro pelo terreno?”

“Liderando a partir do deserto.”

“Você ultrapassou o limite?”

"Eu fiz."

Levei-o até a entrada sul, onde eu havia cortado o arame farpado e por onde os animais tinham entrado. "Chegamos", eu disse.

Ele olhou, sem ver.

“Onde—? Eu não—”

“Estamos no ponto mais ao sul. É por onde você entrou. Se continuar em frente, alguém estará lá para recebê-lo.” Eu não sabia como essa parte funcionava — nunca mostraram isso na televisão. Eu nem sabia se era verdade.

Um vento soprava pela areia, frio e com um aroma adocicado. O tempo estava mudando: eu podia sentir.

Eu havia recuado, mas ele largou as malas e caminhou em minha direção, com as mãos estendidas, tateando o ar entre nós. Quando me alcançou, segurou minhas mãos, e por um instante pensei que estivesse tentando uma despedida carinhosa. Mas ele apenas tirou a faca da minha mão, virou-se, pegou as malas e atravessou a fronteira sem dizer uma palavra. Pude vê-lo por alguns segundos, os braços estendidos, o brilho terrível da faca em sua mão, até que ele desapareceu na noite.

—

FUI PARA A CAMA. Tinha lutado para manter os olhos abertos a noite toda, mas agora não conseguia dormir. Cochilava por breves períodos e depois acordava sobressaltada, imaginando dentes afiados e mandíbulas estalando. Desci as escadas e peguei o pé da cadeira que Tom tinha usado mais cedo. Ele o havia deixado na grama alta, mas eu o encontrei com facilidade. Estava brilhando no orvalho da manhã.

Eu estava apavorada com a possibilidade de alguém aparecer e, ao mesmo tempo, desesperadamente sozinha. Às vezes, eu ansiava por acordar e ver o rosto de Sam no travesseiro ao meu lado, mas também queria muito falar com minha mãe e ouvi-la dizer que tudo ficaria bem. Eu não sabia como tinha chegado ali, deitada ensanguentada e sozinha em uma cama desarrumada, agarrando uma arma improvisada e me assustando com qualquer ruído.

Acordei pouco depois. Ouvi um barulho vindo de fora e fiquei deitada por um instante, com os membros rígidos e sem vontade de me mexer, antes de esticar as pernas, atravessar o piso de madeira em silêncio e descer as escadas na ponta dos pés. Parei no pé da escada, segurando a perna da cadeira. Andrew estava parado diante de mim. Ele levou a mão ao rosto, num gesto que, depois de um momento, percebi ser de horror.

“O que aconteceu?”, perguntou ele.

Olhei para mim mesma, coberta com meu próprio sangue. Havia sangue também no chão à sua frente, algumas manchas e outros padrões mais definidos, números e símbolos.

“O Tom já foi embora”, eu disse.

"Quando?"

“Não faz muito tempo.”

Ele parecia aflito. "Ele não queria se despedir?"

Eu me perguntava se Andrew realmente não sabia que Tom o detestava. Seu rosto estava contraído e abatido, e me lembrei de como ele ficava em meio à febre, com o rosto tão quente sob minha mão. Apesar do que eu havia dito a Tom, eu realmente não acreditava que Andrew voltaria. Tinha certeza de que ele havia morrido, e eles só nos diziam o contrário para que pudéssemos manter a farsa de que estávamos seguros e sendo cuidados.

“Ele me pediu para lhe dar um adeus”, eu disse. “Ele lamentou ter que ir, mas chegou a hora dele.”

Ele assentiu com a cabeça, resignado.

"Pensei que você fosse morrer", eu disse.

Ele sorriu, um sorriso suave e gentil. "Eu não disse que eles não nos deixariam morrer, Lily? Eu não disse isso o tempo todo? Eles cuidaram tão bem de mim, você não acreditaria. De verdade, você não acreditaria. Eles me ajudaram a me recuperar. Me sinto forte de novo e animado também por estar de volta."

“Fico feliz que você também tenha voltado, Andrew.”

“Eles cuidaram tão bem de mim, Lily. O Tom ficou muito chateado? Eu queria ter me despedido. Ele disse para eu me despedir, você disse?”

“Ele disse que sentiria falta daqui e que apreciava tudo o que você fez.”

Ele se aproximou e me abraçou, apertando-me contra si. Ele tinha um cheiro limpo e fresco: não como aquele leve aroma do deserto que todos nós exalávamos há tanto tempo. Sua respiração fez cócegas na minha nuca e levantou meus cabelos.

“Eu sabia que eles estavam cuidando de nós”, disse ele.

Voltei para a cama e ele saiu para ver o nascer do sol.

DEZENOVE

OS LENÇÓIS FORAM ARRANCADOS.

Tme arrancando do sono. Eu gritei, mas era só o Andrew.

"Hora de acordar!", exclamou ele. Estava debruçado sobre mim, os olhos brilhantes, recém-lavados e sorrindo. Entregou-me um café, feito na caneca que eu havia ganhado alguns meses atrás. Olhando para ela, vi que ficava rosa na água quente. Eu não tinha percebido, pois nunca a tinha usado. Achava que era bonita demais para usar. Na minha mão, o roxo se desfez em rosa, como num sonho, fantástico.

“Ainda é cedo”, eu disse, lançando um olhar por hábito para o feixe de luz cinza-claro que filtrava pela claraboia. Tentei pegar os lençóis, mas Andrew os jogou no chão. Ele sentou-se ao meu lado, e eu me sentei de modo que minhas costas ficassem apoiadas na cabeceira.

“Há tanta coisa para fazer”, disse ele. “Mais um dia, mais um dólar.”

"Não quero fazer nada", eu disse. "Quero dormir."

"Durma!" ele riu. "Não, não, não." Ele ainda estava sorrindo abertamente. Eu me remexi desconfortavelmente.

“Você não está cansado? Você estava tão doente antes…”

“Ah, eles me deixaram ótima. Me sinto fantástica agora. Fantástica . ”

Quando ele voltou, pareceu-me estranho, mas imaginei que talvez estivesse sob o efeito de remédios. Agora, à luz da manhã, parecia maníaco, frenético. Peguei a manta que estava amontoada aos meus pés. Puxei-a até o queixo e segurei a caneca de café nas mãos. Só pelo cheiro, sabia que era uma marca de luxo. Era o café do Andrew. Quando ele realizava alguma tarefa, quase sempre recebia um item de luxo.

“Então, eu estive pensando”, disse Andrew, aproximando-se de mim. “Passei a noite toda pensando. E sabe no que eu estive pensando?” Legado. Quero garantir que as pessoas se lembrem de nós. Precisamos deixar nossa marca neste lugar.”

“É um programa de televisão”, eu disse. “Eles vão se lembrar de nós.”

Ele me olhou com um leve desagrado. "Quero dizer, os futuros moradores. As pessoas que virão depois de nós. Quero que as pessoas que morarem aqui depois pensem: 'Nossa! Aqueles caras realmente viveram'."

Resolvi entrar na brincadeira. "Certo. Como vamos fazer isso?"

"Acho que deveríamos construir um monumento. Algo impressionante. Algo que grite *legado.* Acho que impressionará muita gente. E acho que também *os impressionará."*

“Quem são eles?”

Ele gesticulou ao nosso redor. " *Eles.* Os produtores. As pessoas que tornam tudo isso possível."

“Andrew”, eu disse, “você está bem?”

“Um monumento causaria um grande impacto”, disse ele. “As pessoas realmente teriam uma noção da vida que temos aqui. Então, acho que vou construir o monumento, e você

deveria se dedicar a arrumar a casa. E você provavelmente poderia cozinhar e fazer outras coisas também, não é?"

"Eu não sou muito bom na cozinha."

Ele olhou para mim, espantado. "Isso não é verdade. Isso não é verdade de jeito nenhum. Você e o Carlos costumavam fazer refeições maravilhosas!"

"Eram Candice e Carlos", eu disse. "Eu fiz a limpeza. Limpei a cozinha."

"Sério?", disse ele. "Bem, eu tenho fé em você."

"Não sei..."

"Olha para este lugar. Olha para todas essas possibilidades. Você não quer fazer parte de algo maior do que você mesma? Lily", disse ele, usando sua voz séria e pensativa. "Deixe-me perguntar uma coisa. Como você quer que sua vida seja?"

A pergunta me alarmou. Era a que eu não queria responder e a que mais me atormentava. Eu sabia o que não queria: não queria voltar a trabalhar e fazer bicos sem importância. Não queria me obrigar a sair da cama todas as manhãs e sentir como se minha alma estivesse sendo arrancada do meu corpo. Eu não queria viver com... minha mãe, mas eu não queria procurar outro lugar para ficar. Eu queria me libertar do confronto diário com a lenta decadência da humanidade e de tudo que havíamos construído. Eu queria ficar sozinha. Eu queria silêncio. Eu queria parar de fingir que me importava com as coisas.

"Suponho", eu disse, "que gostaria de levar a vida num ritmo mais lento. Por um tempinho."

Ele assentiu. "Entendo", disse ele. "Compreendo isso, Lily. De verdade. Acho isso realmente vanguardista. Agora, deixe-me fazer outra pergunta, e quero que você pense bem sobre isso." Ele fez uma pausa, parecendo querer uma confirmação, e eu assenti. "Por que você acha que nós dois chegamos até aqui?"

Pensei por alguns instantes. Parecia bastante óbvio, por mais deprimente que fosse. Eu estava ali porque achava que era isso que eu deveria querer: a casa, as recompensas e todas as coisas boas. Andrew estava ali porque tinha necessidade de exercer controle, aliada a um medo paralisante da solidão.

"Porque nós dois queríamos isso", eu disse.

"Porque nós dois queríamos isso", ele repetiu, assentindo com a cabeça. "Você tem razão, Lily. Muito bem. Mas acho que tem mais coisa envolvida, não acha? As pessoas devem ter *torcido* para que nós dois chegássemos tão longe."

"Acho que eles não querem que eu vença", eu disse. Será que eles não tinham tentado me caçar repetidas vezes? Eu ainda estava lá porque Tom não acreditava que eu tivesse a mesma maldade que ele. Eu também não tinha certeza, até atravessar para o deserto, isca na mão.

"Eu não disse ganhar", disse ele. "Quero dizer chegar entre os dois finalistas. Essa é uma recompensa muito mais valiosa do que ser o último a ficar de fora, não acha? Porque assim podemos trabalhar juntos, nos ajudar, certo?"

"Certo", eu disse. Senti que estava voltando aos velhos hábitos. Sempre havia uma parte de mim que queria impressionar Andrew; jogar conforme as regras dele. Ele tinha tantas ideias, e eu não me importava de receber ordens.

"Você sabe que sempre tive uma queda por você, não sabe? Você é realmente especial, Lily. Sempre achei isso." Ele se inclinou para a frente, apoiando-se no cotovelo, com o rosto perto do meu. Ele me olhava com uma intensidade estranha. Eu podia sentir sua respiração

no meu rosto. “Não é provável?”, ele disse. Disse: "Eles querem que fiquemos juntos? Por que mais sobrariam só nós dois?"

"Eu não quero você", eu disse. Deixei as palavras escaparem sem pensar. "Eu quero o Sam."

“Não se preocupe muito com isso. Acho você ótima, Lily, mas também não estou particularmente interessado em você. Não que eu não ache você bonita. Claro, você é uma ótima garota e tudo mais, só que…” Ele parou de falar, e nós dois desviamos o olhar um do outro. “Mas acho que devemos dar ao público o que ele quer, não é? Se eles querem que fiquemos juntos, quem somos nós para discordar? Estamos aqui apenas pela benevolência deles.”

"Acho que não quero fazer isso." Incomodada, tentei me afastar um pouco mais dele.

Ele me encarou até que nossos olhares se encontraram novamente. Eu conseguia ver os pontinhos verdes ao redor de sua pupila. Qualquer beleza que Andrew possuísse não me comovia: absolutamente nada. Ele ergueu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Manteve a mão ali, atrás da minha orelha, segurando minha cabeça no lugar. Tentei não me mexer. Olhei para ele, e ele retribuiu o olhar, com a mão no meu cabelo. Permanecemos abraçados, sem vida, por um tempo, nos encarando como se esperássemos que o outro cedesse.

“Você não teria que fazer nada que não quisesse”, disse ele. “Seria tudo fingimento. Nada seria real.”

"Tudo bem", eu disse lentamente. "Se você acha que é melhor assim."

“Ah, isso é genial.” Ele soltou meu cabelo e se levantou da cama. “Bom, vou começar a trabalhar no monumento, e por que você não começa a limpar lá embaixo? Não sei o que você e o Tom aprontaram, mas você precisa arrumar aquela bagunça perto da porta, Lily.”

"Está bem", eu disse.

“Agora seria bom”, disse ele, e, estendendo a mão, pegou a xícara de café delicadamente da minha mão.

Ele desapareceu do quarto e eu fiquei deitada na cama, tentando reunir energia para os meus membros. Eu conseguia ouvi-lo cantarolar lá embaixo enquanto revirava os armários, desafinado e com uma voz estranhamente aguda. Me mexi quando senti o frio me invadir. Eu estava quase nua debaixo do lençol, usando apenas roupa íntima. Não achei que ele tivesse percebido.

—

NOS DIAS QUE se seguiram, Andrew foi trabalhar lá fora e eu limpei a casa. Não me importei com a limpeza. Na verdade, gostei, pois me dava algo para fazer. Enquanto trabalhava, pensava principalmente em Sam. Quando o trabalho ficava tedioso, imaginava que ele estava no quarto ao lado e que conversaria com ele assim que terminasse.

Muitas vezes, eu só via Andrew à noite, quando ele vinha jantar. Eu sempre usava um vestido bonito e me esforçava ao máximo na cozinha, mas Andrew ficava feliz com qualquer coisa.

Embora não fosse a situação que eu havia imaginado para mim, eu tinha o conforto e a segurança de Andrew, enquanto recebia recompensas incríveis — tudo era de grife, caro, o

melhor do melhor: uma poltrona reclinável de couro, um aparador de jacarandá, um lustre de vidro de Murano, uma máscara facial de LED, um cardigã de cashmere, os cosméticos que eu havia vendido, mas não podia comprar. Eu nunca estive tão bonita.

Andrew raramente fazia tarefas pessoais — alguns dias depois de voltar, ele recebeu uma camisa do seu jogador de futebol favorito, Máximo Igale. Ele parecia satisfeito com a recompensa e a usava quase todos os dias, mas, fora isso, não se dava ao trabalho de checar sua telinha. Passava a maior parte do tempo lá fora, trabalhando principalmente em seu monumento, que parecia ser uma imensa pilha de lixo que crescia a cada dia. Havia as embalagens das minhas recompensas, outros itens que as pessoas tinham deixado para trás, coisas quebradas pela casa e objetos disformes e não identificáveis que sobreviveram ao incêndio. Era horrível, mas não tive coragem de dizer isso a ele. No resto do dia, ele ficou perambulando, às vezes tentando consertar a cerca ao redor do perímetro e, às vezes, preocupantemente, andando por aí e falando sozinho.

Não podia fingir que não notava que Andrew estava estranho desde que voltara. Seu humor era instável e, embora às vezes fosse gentil e atencioso, na maioria das vezes estava distraído e agitado. Ia para a cama cada vez mais tarde e dormia pouco, sempre acordado e trabalhando antes de eu acordar. Irritava-se com qualquer tipo de bagunça e me repreendia para manter a casa em ordem. Sempre se desculpava depois, torcendo as mãos nervosamente.

Tentávamos, com uma timidez excruciante, fingir ser um casal. Isso geralmente se resumia a ele segurando minha mão enquanto se sentava ao meu lado no sofá à noite, contando como tinha sido o seu dia. Andrew gostava de falar sobre o que faria no dia seguinte, mas, acima de tudo, gostava de falar sobre o quanto os produtores e a equipe de produção cuidaram bem dele quando ele estava doente. Ele podia falar sobre eles por horas. Eu sentia que não tinha escolha a não ser ficar em silêncio e ouvi-lo, com a mão dele macia na minha. Na maior parte do tempo, eu tentava me desligar e pensar em outras coisas.

Certa noite, quando ele já não tinha mais nada a dizer e estávamos sentados em silêncio, perguntei-lhe: "Achas que o Sam gostaria de me ver? Lá fora?"

Andrew não olhou para mim. "Não sei", disse ele. Assenti com a cabeça e me esforcei para não chorar.

“Você acha que Candice gostaria de te ver?”

“Não”, disse ele. “Ela não faria isso.”

“Mas como você sabe? Ela pode ficar feliz em te ver quando você sair.”

“Por que ela aceitaria? Eu escolhi isso em vez dela. Ela não ia querer ser a segunda opção, e eu também não esperaria isso dela. E de qualquer forma, nenhum de nós vai embora. Vamos ficar mais tempo do que qualquer um: seis meses, talvez um ano. Vamos criar um ótimo lugar para nós mesmos, e quando finalmente formos embora, os próximos competidores ficarão muito impressionados com o que construímos.” Ele pegou minha mão e encostou a bochecha no topo da minha cabeça.

Embora nossa tentativa forçada de relacionamento me parecesse ridícula, certamente havia pessoas em casa que ou gostavam da farsa que apresentávamos, ou queriam nos torturar ainda mais. Algumas das minhas Recompensas Pessoais agora tinham um quê de erótico: perfume com aroma de lírio, lingerie de grife, algemas cravejadas de joias. Elas me

envergonhavam: acrescentei-as à pilha de itens que compunham o monumento de Andrew e torci para que ele não percebesse.

Andrew parecia bastante satisfeito com a nossa situação e nunca mencionou a possibilidade de um de nós ir embora. Eu realmente não acho que Andrew quisesse ganhar: acho que ele não queria ir embora, mas precisava de alguém. por perto para validá-lo. Eu sabia que eventualmente teria que considerar como fazê-lo ir embora, mas quanto mais estabelecida nossa rotina se tornava, mais fácil era adiar. Mais alguns dias, eu dizia a mim mesma toda semana, o ar ficando frio e revigorante, as noites chegando rapidamente.

Enquanto passávamos nossas noites tensas sentados lado a lado na sala de estar, a tela se acendia diante de nós, exibindo nossa tarefa atual com um leve brilho azul no rosto de Andrew, que permanecia inalterado enquanto não a realizássemos. Na fonte quadriculada característica do programa, estava escrito que a recompensa seria uma chave, embora não soubéssemos o que ela desbloquearia. Nunca comentávamos sobre a tela, embora ela pairasse diante de nós, impossível de ignorar. " *Tarefa",* dizia, e então, simplesmente: " *Beije o outro residente".*

—

CERTA NOITE, ANDREW simplesmente não veio para a cama. Quando a lua desapareceu da vista da claraboia, e eu permaneci deitada, rígida, por horas a fio, preocupada e sem conseguir dormir, saí para procurá-lo. Senti um arrepio de medo no instante em que pisei lá fora. As noites agora eram terrivelmente frias, um frio cortante e brutal, diferente de tudo a que eu estava acostumada. Minha respiração era visível à minha frente, e fiquei parada na porta por mais tempo do que deveria, relutante em deixar o calor da casa. Algum instinto me dizia para não sair, para voltar para a cama. Então, vi Andrew, parado no perímetro norte, com uma lanterna na mão, olhando para as areias do deserto. Chamei-o pelo nome, mas ele não respondeu. Peguei o casaco que ele guardava perto da porta e saí para encontrá-lo. Embora eu o chamasse repetidamente, ele ainda se assustou quando cheguei perto, olhando para mim com uma confusão que me lembrou de como ele estivera durante os períodos de febre.

"O que você está fazendo aqui fora?", perguntei. "Está congelando."

“Estou apenas de olho”, disse ele.

"Para quê? Você não pode ficar no frio", eu disse. "Você vai ficar doente."

“Bem”, disse ele, “se eu ficasse doente, eles viriam cuidar de mim.”

Com um toque de receio, me perguntei se Andrew queria ficar doente.

“Vamos entrar”, eu disse, colocando a mão em seu braço.

“Só mais um pouquinho.”

“Não, Andrew. Isso é uma bobagem. Vamos entrar. Você precisa dormir.”

"Acho que vou trabalhar no monumento por mais um tempo."

Perdendo a paciência, eu disse: "É plena madrugada. Você está sendo ridículo."

Ele se virou para me olhar, balançando a tocha, o feixe de luz rompendo a noite. Seu rosto estava sério. "Você não está com raiva de mim, está?"

“Não, não estou zangado. Só acho que deveríamos voltar para dentro.”

"Tem certeza de que não está louco? Você não está pensando em... em ir embora, está?"

“Não, não estou pensando em ir embora. Vou ficar aqui por muito tempo.”

Ele se virou novamente para encarar o deserto, a luz da tocha girando junto com ele. “Só percebi o quão perto eles estão depois que me levaram. Foi assim que conseguiram chegar tão rápido. Para nós, parece só areia e nada, mas existem aberturas que nos conectam a eles, logo além, eu acho. É uma estrutura incrível — eles têm tudo lá. Claro”, disse ele baixinho, “não é tão bom quanto o complexo.”

“Transformamos este lugar em algo especial”, eu disse. “Fizemos dele o nosso lar.”

“Eles estão tão perto”, disse ele, movendo a tocha lentamente para frente e para trás, como o feixe de luz de um farol. “Eles estão logo ali.”

Ele estava realmente começando a me deixar nervosa, mas antes que eu pudesse responder, ele apertou meu ombro. "Desculpe. Vou entrar, está bem?"

Peguei-o pelo braço e o conduzi de volta para a casa. Enquanto atravessávamos a vasta extensão de nada, passamos pelo seu monumento, imenso agora, uma pilha de todo tipo de objetos estranhos encontrados ao redor do terreno. "O monumento está ótimo", eu disse, apertando seu braço.

Ele virou o rosto para o meu, com as feições iluminadas. "Não é?"

Ao chegarmos à entrada, parei. Havia uma fechadura na porta. Estendi a mão e tentei abri-la, mas a porta permaneceu fechada.

“O que é isso?”, perguntou Andrew.

“Está trancado”, eu disse. “Eles devem ter vindo quando eu estava procurando por você. Estamos trancados para fora.”

Andrew virou a cabeça bruscamente. "Eles ainda podem estar aqui", disse ele, quase gritando, e saiu correndo em direção ao perímetro norte. Dei a volta na casa, verificando as janelas, mas sabia que não havia nada de bom. Quando terminei, sentei-me no degrau dos fundos da casa, no calor aconchegante. O brilho da casa atrás de mim. Tremi violentamente. Não me senti particularmente chocada ou irritada com o novo acontecimento. De certa forma, eu sabia que não sairia impune do que tinha feito com Tom. Imaginei que estivessem rindo agora — quando tranquei Tom para fora, ele lutou contra animais do deserto e arrombou uma porta para entrar. Eu estava apenas sentada ali, tentando fingir que nada estava acontecendo. Eles sabiam como humilhar alguém, isso eu podia admitir.

Chamei por Andrew até que ele voltasse. "Nenhum sinal deles", disse ele.

“Venha cá um minuto”, eu disse. Ele sentou-se ao meu lado e, na penumbra da casa, pude ver as olheiras profundas e escuras sob seus olhos.

“Precisamos decidir quem vai beijar quem”, eu disse. “Assim, um de nós pode entrar e o outro pode sair.”

"Ir?", disse ele. " *Ir?* Nenhum de nós vai, Lily. Não seja boba."

“Não podemos ficar aqui a noite toda”, eu disse. “Está muito frio e há coisas lá fora no deserto.”

“Bem, eu vou te proteger.”

Ficamos sentados em silêncio enquanto eu tentava pensar em algo para dizer.

“Espere um minuto”, disse ele, e então desapareceu na escuridão. Fiquei sentada, tremendo, pensando se deveria simplesmente me atirar em seus braços e beijá-lo. Será que eu conseguiria fazer isso com ele? Seria certo?

Não o ouvi voltar, mas senti-o pegar na minha mão. Olhei para ele com culpa. Então senti o metal gelado e olhei para baixo. Havia uma algema no meu pulso, aquela que eu

tinha ganhado como recompensa, com joias brilhando ao longo dela, e Andrew estava me prendendo a um cano que saía da casa. Gritei, virando o rosto para que meus lábios não ficassem à mostra para ele.

"Não vou te beijar", ele riu. "Não quero me livrar de você. Só preciso garantir que você não vá embora."

Encarei-o fixamente. "O que você está fazendo? Me solta! Não podemos ficar aqui a noite toda. Andrew, me solta!"

"Vamos ficar bem", disse ele. "Se alguma coisa acontecer, eles cuidarão de nós."

“Andrew”, eu disse. “Por favor!”

“Mas”, disse ele, “eles chegariam mais rápido se estivéssemos realmente doentes ou feridos.”

“Espere”, eu disse. “ *Espere* —”

Observei, como se estivesse debaixo d'água, Andrew olhar ao redor. Ele ponderou por um instante e, então, num movimento rápido e brusco, bateu com a cabeça na parede. Gritei, e ele ricocheteou, agarrando a cabeça e gemendo. Chamei seu nome, e ele cambaleou por um momento, depois se virou para mim, com sangue já escorrendo da testa e o nariz deslocado.

"É ruim?", perguntou ele. "É ruim?"

“Meu Deus”, eu disse. “O que há *de errado* com você? Por que você fez isso?”

“Estou ferido”, disse ele, com sangue escorrendo pelo queixo. “Eles virão me buscar e cuidar de mim. Não vão me deixar aqui fora assim.” Ele levou a mão à testa e verificou o sangue, fazendo uma careta. “Tudo bem”, disse ele. “Agora você.”

"O que?"

Ele procurou por um instante e então encontrou uma pedra nos destroços perto da lixeira. "Você precisa se machucar também, para que nós dois possamos ser cuidados."

Encarei-o fixamente. "Você está brincando. Você é louco."

Ele me olhou perplexo. "Não vou te deixar aqui sozinha, Lily. Eles vão nos acolher e cuidar de nós, e quando nos devolverem, estaremos muito melhores e poderemos descobrir como entrar. Para ser sincero, acho que se pedíssemos a chave, eles nos dariam. Eles são assim mesmo."

Comecei a puxar desesperadamente as algemas, mas o metal só cortava minha pele. Mesmo assim, continuei puxando, usando toda a força que me restava. Então Andrew deu um passo em minha direção, com a pedra na mão, e gritei o mais alto que pude, como se houvesse alguém por perto para me ajudar. O som pareceu assustá-lo, e ele largou a pedra e se afastou rapidamente. Continuei puxando a algema, agora chorando. Ele voltou e parou a poucos metros de mim. "Eu não ia te forçar", disse ele, carrancudo, com o rosto vermelho de sangue. "Eu não sou como o Tom. Eu sou legal."

Continuei a soluçar, e o rosto dele suavizou enquanto me observava. Ele sentou-se atrás de mim, e eu me contorci desesperadamente, tentando ficar fora do seu alcance. "Deite-se", disse ele. "Está frio. Vamos nos aquecer, está bem?" Ele me forçou. Meu corpo se encolheu em posição fetal, atrás de mim. Meu cabelo estava molhado, e eu sabia que era com o sangue dele.

“Que bom, né? Vamos ficar assim por um tempo, nos aquecendo, e logo eles chegam. Vou garantir que levem você também, tá bom? Eles vão cuidar tão bem da gente, você nem vai acreditar.”

“Você está sangrando, Andrew. Você precisa de ajuda. Deixe-me ajudá-lo.”

“Shhh”, disse ele. “Eles chegarão em breve.”

Continuei a chorar, meu corpo convulsionando com soluços e tremores violentos. Mesmo com medo, o frio me dilacerava insistentemente. Depois de um tempo, com Andrew pressionado contra minhas costas, seu sangue escorrendo para minha camiseta, ele disse: “Você me faria um favor? Não quero te deixar desconfortável, mas…”

"O que?"

Ele apertou meu abraço. Falou baixinho, embora sua voz fosse o único som no complexo. "Você poderia fingir ser Candice por alguns minutos?"

“Andrew…”

"Eu só queria dizer... eu costumava acariciar o cabelo dela para ajudá-la a dormir. Posso acariciar o seu cabelo e fingir que estou dormindo?"

Não disse nada. Apenas chorei e puxei a algema. Meu rosto estava molhado de lágrimas e dormente de frio. Senti a mão de Andrew alcançar e repousar em minha cabeça. Ele acariciou meus cabelos da raiz às pontas com uma delicadeza terrível. "Está tudo bem", disse ele. "Eles chegarão em breve."

Não sei como, mas de alguma forma acabei adormecendo. Acordei algum tempo depois, com o amanhecer num tom púrpura fantástico ao meu redor. Levantei-me bruscamente e me virei para encarar Andrew. Pensei que ele estivesse morto e gritei. Ele não estava morto, mas estava pálido e coberto de sangue. Estendi a mão e pressionei-a contra sua testa. O ferimento não era tão grave. Ele não tinha se machucado de forma muito eficaz. Seus olhos se abriram e ele se sentou. Olhou em volta, parecendo um pouco com Tom na noite do incêndio, quando viu o galpão ser consumido pelas chamas.

"Eles não vieram?", perguntou ele. Balancei a cabeça negativamente. "Eu tinha certeza de que eles viriam."

“Andrew…” Eu não sabia como dizer isso a ele. Acho que ele sabia. Então, no ar cortante da manhã, com o sangue seco formando uma poça rasa no chão, percebi que não havia ninguém ali que se importasse com ele. Era pior do que Tom saber que tinha sido espancado. Não senti nenhum prazer nisso. Vi-o olhar ao redor do complexo com uma tristeza que me comoveu. Ele não tinha feito nada nas últimas semanas. Apesar de todos os seus planos, não tinha consertado nada, nem melhorado o complexo de forma alguma. Uma parte de mim queria proteger Andrew da constatação que finalmente começava a surgir: ele não servia para muita coisa. Mas minha mente se esquivou desse pensamento, tanto por ele quanto por mim. Se Andrew não tinha nenhuma utilidade real para o complexo, o que isso dizia sobre mim?

"Tudo bem", disse ele, depois de um minuto. "Sim, tudo bem."

“Deixe-me limpar seu ferimento. Talvez eu possa tentar consertar seu nariz.”

“Deixa isso pra lá”, disse ele. Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma chave. Destrancou as algemas e eu me soltei, tentando me afastar. Antes que eu pudesse ir longe, ele estendeu a mão e segurou meu rosto entre as mãos. Tentei me desvencilhar, mas ele me segurou com firmeza.

Ele se agachou ao meu lado e sorriu. "Agora, comporte-se, está bem?"

"Espere", eu disse. "Não." Ele segurou meu rosto com firmeza.

"Me beija e eu vou embora", disse ele. Tentei balançar a cabeça, mas fui pega em seus braços. Ele apertou um pouco mais, não o suficiente para me machucar, mas chorei como se tivesse machucado. Fechei os olhos e o beijei. Senti o gosto do seu sangue.

“Andrew”, disse a voz. “Você está banido.”

“Está tudo bem”, disse ele. “Você vai se divertir aqui. Há lenha e combustível suficientes para os meses frios. E você sempre pode pedir mais, se precisar.”

Balancei a cabeça negativamente, anestesiada demais para fazer qualquer outra coisa.

“Suponho”, disse ele, e então pegou minha mão, como que por hábito, “suponho que não sei bem o que estou fazendo. E se estou me envolvendo nisso tudo... suponho que também não estou muito feliz. Bem, acho que ninguém está realmente feliz, não é? Mas sabe de uma coisa? Valeu a pena tentar. E foi bom, não foi? Nós nos divertimos, não é? Foi realmente especial”, disse ele. Colocou a mão no coração e olhou para fora. “Foi absolutamente magnânimo. Me sinto muito sortudo.”

Estendi os braços e o abracei com força, até demais. Ele teve que se desvencilhar dos meus braços. "Não me acompanhe até o perímetro", disse ele. "Vá pegar a chave na área de entregas e entre. Vá direto para a cama, e as coisas estarão melhores quando você acordar."

"Eu não quero que você vá", eu disse. Apesar de tudo que eu havia feito para chegar até aquele momento, de repente não conseguia suportar a ideia de ficar completamente sozinha.

“Calma, calma”, disse ele, carinhosamente. “Você não pode continuar assim, senão eu vou chorar, e como isso ficaria? Quando você for embora, seja quando for, você traz minhas coisas? Eu não consigo entrar, senão sei que nunca mais vou conseguir. Empacote tudo e traga, e eu vou te buscar no ponto de encontro, quando você achar que é a hora, tá bom?”

O complexo, só para mim; eu não conseguia imaginar. Eu não o queria. Por que eu o quisera alguma vez? "Por favor, não vá", eu disse. "Por favor, não me deixe aqui."

“Você não estará sozinho”, disse ele. “Estaremos de olho em você, em casa. Todos nós estaremos.”

Ele olhou para a casa mais uma vez, depois se virou e caminhou, até que eu não consegui mais distinguir sua forma na sombra informe. Permaneci onde estava, sentada no degrau, como se esperasse que alguém chegasse.

VINTE

EU DEMOREI UM POUCO Para entrar. Não havia chave, mas uma seleção de objetos estranhos: um cabide, uma chave de fenda e um grampo de cabelo. Claramente, meu beijo com Andrew não tinha sido convincente o suficiente para os produtores. Passei um bom tempo tentando abrir a fechadura, com as mãos dormentes, alternando entre o grampo e a chave de fenda repetidamente. Várias vezes considerei simplesmente quebrar uma janela, mas me lembrei, com uma vaga surpresa, de que não haveria ninguém por perto para consertá-la para mim. Quando finalmente destranquei a porta, senti uma onda de satisfação que se dissipou quase imediatamente ao entrar na casa vazia. Andei por ali como se fosse uma residência completamente nova. Liguei o aquecimento e ouvi a casa ganhar vida. Na sala de estar, a tela acendeu em verde. Ao me aproximar, uma mensagem apareceu em letras grandes e brancas. " *Diga o que deseja",* dizia.

"Chinelo", eu disse.

Vesti um casaco — o casaco do Andrew, que ele usava quando tentava trabalhar ao ar livre — e fui até a área de entregas. Meus chinelos estavam lá, forrados de pele e perfeitos. Eu tinha visto uma foto de uma atriz usando o mesmo par enquanto estava sentada na cadeira de maquiagem, lendo o roteiro. Eu os desejava há anos. Fiquei me perguntando como eles sabiam que eu queria exatamente aquele par.

Você não precisava trabalhar para receber as recompensas, mas ainda assim tinha que agradecer à marca.

"Obrigado, Corst", eu disse. "Estou feliz por ser o orgulhoso proprietário de um par de seus chinelos de camurça de edição limitada."

Calcei-os e voltei para a tela grande. Deixei meus sapatos velhos do lado de fora, perto da área de entrega.

Diga o que você quer.

"Quero um espumador de leite elétrico", eu disse. Pensei por alguns instantes. "E quero um limpador à base de óleo. Gostaria de rolos de cabelo aquecidos. E óculos de sol em formato de coração, e papel higiênico bem macio, e um liquidificador ultrarrápido, e um tapete de pele de carneiro. E gostaria de um cortador de unhas, um aspirador de pó portátil, uma etiquetadora, fósforos gigantes e uma vela com aroma de jasmim. Gostaria muito de um vestido preto que cubra meu busto, mas que valorize meu bumbum, e um suéter listrado de mangas largas. E um iogurte que promova a saúde intestinal e um inflável motorizado para a piscina."

Depois de agradecer a todas as marcas, voltei para a tela grande e pedi um carrinho de mão. Quando ele chegou, carreguei minhas recompensas e o levei para dentro de casa. Queria levá-las para o quarto — *meu* quarto —, mas demoraria muito, então fui para um dos quartos vazios no andar de baixo e as deixei lá. Arrastei um colchão para o quarto e sentei de pernas cruzadas, examinando todas as minhas novidades, e acabei adormecendo

ali mesmo. Acordei no meio da noite e dei um pulo, pensando que havia uma figura ao meu lado, pairando sobre a minha cama. Mas era apenas o carrinho de mão cheio de recompensas, e quando meu coração voltou ao ritmo normal, voltei a dormir.

—

PEDI uma variedade de bebidas alcoólicas, misturas, frutas, xaropes, canudos e guarda-chuvinhas cor-de-rosa, e passei meus dias vagando por aí bebendo coquetéis. Estava frio demais para nadar, então me agasalhei bem, deitei no meu inflável motorizado e flutuei na piscina durante a maior parte da tarde. Quando queria alguma coisa, pedia para a tela grande, e passava o resto do tempo pensando no que mais eu poderia querer. Depois de alguns dias, ficou surpreendentemente difícil pensar em algo além do que eu já tinha. No terceiro dia, pedi uma pizza e estava entrando quando a voz soou. "Boa noite, Lily", disse ela. "Por favor, lembre-se de agradecer à marca." Dei um pulo com o som, derrubando minha pizza. Fiquei parada, tremendo. Eu tinha me esquecido da voz. De alguma forma, pensei que ela tivesse ido embora junto com todos os outros.

"Obrigada, Gourmet Gals", eu disse. Minha voz estava arrastada, e eu estava Subitamente, fui tomado por uma grande onda de vergonha. Joguei minha pizza no lixo e pensei, vagamente, nas caixas de pizza vazias que vi no meu primeiro dia ali, deixadas pelos antigos moradores. Presumi que tivessem saído às pressas, talvez depois de algum conflito, mas agora me perguntava se não teriam saído discretamente; simplesmente terminado a refeição e ido embora.

O som daquela voz me assustou, e subi correndo para o meu quarto e me escondi debaixo das cobertas por um tempo. Eu tinha me esquecido de que as pessoas ainda podiam me ver. Quando só restou uma pessoa, eles passaram a exibir apenas um episódio por semana, em vez de diariamente. Era só uma checagem rápida, mostrando as coisas embaraçosas ou interessantes que eles faziam. Os telespectadores não estavam realmente envolvidos naquele momento, mas ainda tinham um leve interesse; era como reencontrar um amigo que você não vê há anos. Deixar a pizza cair no chão estando visivelmente bêbado provavelmente apareceria. O momento do dia anterior em que chorei porque não conseguia vestir meu suéter — isso provavelmente também apareceria.

Não bebi nada no dia seguinte.

Continuei a ter dificuldade em pensar no que pedir. Não era que meu desejo por coisas tivesse diminuído, mas sim que me sentia sobrecarregada pelas opções, em pânico por estar esquecendo algo que realmente queria, preocupada que sempre houvesse algo melhor em que eu simplesmente ainda não tivesse pensado. Frequentemente me sentia ansiosa, com a sensação de que, sempre que não pedia algo, estava desperdiçando minha oportunidade.

Tendo passado tanto tempo no confinamento, achei cada vez mais difícil distinguir as memórias da minha própria vida das lembranças dos participantes anteriores do programa. Embora eu nunca tivesse conhecido nenhuma das pessoas das temporadas anteriores à minha, elas me pareciam mais reais do que as pessoas que compunham a minha vida antes. Sentei-me à beira da piscina e pensei em Brittany e Donna, geralmente consideradas as participantes de maior sucesso na história do programa.

Brittany e Donna eram amigas que chegaram à final. Elas eram próximas desde o início e, embora ambas tivessem namorados no confinamento, não pareceram se importar muito quando eles saíram. Eram amigas no verdadeiro sentido da palavra: defendiam-se até a morte, eram honestas e gentis uma com a outra, e cada uma achava que a outra era a pessoa mais engraçada que já tinham conhecido.

Embora nenhuma das duas tivesse realmente "vencido", elas foram as que ficaram por mais tempo. Não receberam recompensas ilimitadas, mas trabalharam bem juntas e realizaram tarefas pessoais suficientes para garantir um fluxo constante de suprimentos. Curiosamente, as tarefas raramente tinham um tom sinistro ou malicioso para elas: estavam tão empenhadas em se divertir que as tarefas apenas aumentavam seu potencial para fazer palhaçadas ou para fazer uma à outra rir. Ocasionalmente, havia uma tarefa que tinha como objetivo gerar conflito — *dizer à Donna o que você não gostava nela* — mas se elas não gostassem da tarefa, simplesmente a ignoravam. Pareciam satisfeitas apenas em se divertir. Encheram a banheira com o champanhe que haviam ganhado, mas que nunca tinham bebido. Ambas entraram na banheira, completamente vestidas, e gritaram de rir, ficando embriagadas com as bolhas em que se banhavam. Fizeram todo tipo de bobagem, e todos adoravam observá-las. Ficamos esperando que uma delas se voltasse contra a outra, que tomasse o prêmio para si, mas isso nunca aconteceu. Elas ficaram seis semanas sozinhas e pareceram aproveitar muito. Então, Brittany ganhou uma pipa em uma Tarefa Individual. Os dois ficaram eufóricos, ansiosos para empiná-la. Era de um lindo azul-real, me lembro, com uma linha dourada. Eles jogaram a pipa para o alto várias vezes, mas não havia vento e ela caía todas as vezes. Tentaram por um tempo, o azul da pipa contrastando com o azul do céu, repetidamente. Quando caiu mais uma vez, eles a deixaram no chão e se entreolharam. Não disseram nada — era impossível saber o que se passou entre eles — mas entraram, arrumaram suas coisas e foram embora em menos de uma hora. No dia seguinte, havia novos competidores no local. Eles jogaram a pipa fora sem pensar duas vezes.

Naquela noite, me deixei desfazer em lágrimas: soluços altos, feios e convulsivos. Passei o dia seguinte da mesma forma, chorando na quadra de tênis, chorando na cozinha, chorando na cama e chorando enquanto caminhava lá fora. Chorei enquanto tomava café da manhã e enquanto tomava banho. Quando não estava chorando, ficava deitada na cama ou, às vezes, no sofá. Depois de alguns dias assim, quando fui buscar um café com leite na área de entregas pela manhã, encontrei um celular pequeno, elegante e brilhante.

Sentei-me na beira da piscina, com o celular na mão. A piscina estava nojenta de tão suja, a água de um cinza-esverdeado turvo, cheia de cinzas, areia e detritos. Eu até poderia ter encomendado um filtro novo, mas não me senti com disposição para o trabalho.

Liguei para minha mãe, o único número que eu sabia de cor. Chamou por um longo tempo, e eu pensei que se ela não atendesse, eu simplesmente me inclinaria para a frente e cairia na piscina.

"Olá?", disse ela com a voz no meu ouvido.

“Alô? Você consegue me ouvir?”

“Sim, é a Lily?”

“Sim, sou eu.”

“Ah. Ah, muito bem. Então, o show terminou?”

“Não, eu ainda estou aqui.”

“Eu pensava que não deixavam você falar com pessoas de fora.”

“Normalmente não, mas sou o último aqui, então acho que me deixaram.”

“O último, você disse? Então por que você ainda está aí?”

"Eu sou o vencedor", disse eu, irritado. "Posso ficar o tempo que eu quiser."

“Ah”, disse ela. Eu conseguia ouvir os sons da nossa cozinha: o barulho da água na pia, o ruidoso da chaleira.

“Você não tem assistido ao programa?”

"Assisti a um ou dois episódios. Não é bem o meu tipo de coisa."

Não sei dizer como eu queria que a ligação tivesse sido. Me senti um pouco como quando era adolescente, terrivelmente bêbada em uma festa, ligando para ela para que me buscasse. Lembrei-me exatamente da sensação: parada do lado de fora, cambaleando nos meus saltos, sabendo que ela gritaria comigo, mas pensando que valeria a pena se ela simplesmente viesse me buscar.

“E aquele rapaz com quem você estava? Ryan, não era?”

“Não é o Ryan. É o Sam.”

"Sam, tudo bem. Pensei que você tivesse arranjado um namorado e estivessem juntos. Não é assim que funciona?"

“É um teste”, eu disse. Me sentia sonhadora; me sentia separada de tudo ao meu redor. Não conseguia conciliar a voz da minha mãe no meu ouvido com o fato de estar sentada no quintal, com os pés repousando ao lado da espuma na superfície da piscina. “Você encontra alguém com quem quer viver e forma um casal. Se você realmente gostar dessa pessoa, vocês ficarão juntos e resistirão à tentação de recompensas infinitas.”

Minha mãe ficou em silêncio por alguns minutos. Ouvi um leve arranhão e um rangido discreto de madeira. Consegui imaginá-la perfeitamente, acomodando-se na poltrona vermelha perto da porta da cozinha. Estava gasta e surrada, e estava lá desde que eu nasci.

“Então você não é exatamente um vencedor, não é?”

Eu sabia, então, que minha mãe não estaria lá no ponto de coleta, fosse onde fosse. Andrew tinha dito que viria, mas eu não queria vê-lo. Ele ficaria tão decepcionado comigo ao ver a bagunça que eu tinha feito no terreno: o pouco esforço que eu tinha feito para manter nossa casa como era antes.

"Talvez eu volte para casa em breve", eu disse. "Como estão as coisas lá fora? Houve algum problema?"

“Ah, não sei, Lily. As coisas continuam as mesmas, suponho. O melhor que se pode esperar, considerando a situação atual.”

Fiz uma pausa e perguntei: "Alguma notícia do papai?"

“Não”, disse ela. “Ainda nada.” Ela parecia cansada, talvez por me ouvir fazer a mesma pergunta novamente, talvez por ter que dar a mesma resposta.

Eu costumava pensar que já tinha experimentado aquela vida e que estava farta dela. Pensava que, por não querer meu pequeno pedaço de vida — sentada em frente à televisão, tentando não ocupar muito espaço na casa da minha mãe, evitando as notícias, mas esperando por novidades sobre meu pai —, eu não queria nada daquilo. Mas naquele momento, de repente, eu quis ir para uma cidade e deixar estranhos passarem por mim; quis ir para o mar e deixar meus cabelos serem agitados por ventos fortes e salgados; quis encontrar Sam, deitar ao lado dele em uma caminha minúscula em um quartinho minúsculo e fazer planos para o fim de semana juntos. "Você acha que eu deveria ficar aqui, então?"

“Ficar aí? E fazer o quê?”

Comecei a puxar os cadarços de um dos meus sapatos. Eram brancos e brilhantes, recém-saídos da caixa. "Não preciso fazer nada aqui. Posso simplesmente viver em paz. Ninguém me incomoda. A casa, todo o terreno, é meu para fazer o que eu quiser. Se eu decidir ir embora, o próximo grupo de participantes pode vir e começar tudo de novo, como nós fizemos."

“E se você decidisse ficar? O que aconteceria então?”

“Como assim, o que acontece depois? Posso ficar aqui e conseguir tudo o que eu quiser, basta pedir.” Houve um momento de silêncio. “A casa, o terreno, as recompensas: tudo é meu. Ninguém ficou mais de seis semanas. Mas acho que serei a primeira. Quanto mais tempo você fica, mais famosa você se torna. Ninguém se lembra das pessoas que ficam apenas alguns dias, mas todos se lembram das duas garotas que ficaram seis semanas.”

"Bem", disse ela. "Se é isso que você quer."

“Ei”, eu disse. “Você sabe... você já ouviu falar... se as pessoas, ah... gostam de mim?”

“Não sei. Na verdade, não tenho prestado muita atenção. Tenho certeza de que eles gostam de você. Por que não gostariam? Eu pretendia acompanhar mais, mas você sabe como são as coisas no trabalho. Chego em casa tão cansada que não quero fazer nada. Aliás, é melhor eu ir, já está na hora de me arrumar. Não quero me atrasar.”

"Certo", eu disse. "Falarei com você em breve."

"Tudo bem. Obrigado por ligar." Fiquei olhando fixamente para o nada, sentindo-me vazio por dentro.

Assim que desliguei, o telefone desligou. Olhei para ele na minha mão, pequeno e escuro, como uma barata. Nunca tinha visto um modelo parecido e pensei que devia ter sido lançado um novo modelo enquanto eu estava no complexo.

Fui para a cama, embora o sol ainda estivesse alto. Estava com frio e queria me enrolar nas cobertas e ficar olhando para o teto. Não tinha certeza de que horas eram; poderia ter pedido um relógio, mas tinha um vago receio de ver o tempo passar lentamente. Não queria me lembrar de quanto tempo havia passado e de quão pouco eu havia realizado. Me perguntava se eles me expulsariam quando ficasse claro que eu não faria nada de interessante, ou se continuariam me observando enquanto eu dormia cada vez mais tarde e deixava a mim mesma e ao complexo se deteriorarem.

Ouvi um bipe estridente ao meu lado. Gritei e imediatamente me senti envergonhada por ter reagido. Olhei em volta para ver de onde vinha o barulho. Do outro lado da cama estavam algumas das recompensas que eu havia pedido nos últimos dias: sérum para cílios, e pilhas, e uma touca de natação, e um quebra-cabeça que eu ainda não tinha aberto, e um pacote de jujubas e uma luva de bronzeamento artificial. Eu tinha jogado o celular no meio de tudo isso sem nem perceber. Peguei-o do meio da bagunça e fiquei olhando para a tela, iluminada com uma única mensagem. Me perguntei se era minha mãe, lembrando de me dizer que estava com saudades. " *Uma nova mensagem de voz",* dizia a tela. Olhei para ela preocupada. Segurei o celular na mão por um tempo e fiquei olhando para o teto. Afastei algumas coisas para poder me deitar confortavelmente na cama. Apertei o play.

“Ei”, disse uma voz. Pausei a mensagem de voz para me permitir chorar, mas só por um minuto. Apertei o play novamente. “É o Sam. Não sei se você está ouvindo isso no complexo ou se já voltou para casa. Na verdade, nem sei se você vai conseguir ouvir. Eu queria entrar em contato, mas os produtores disseram que não era possível — aí me mandaram esse

número hoje de manhã e disseram que talvez você gostasse de ouvir uma voz familiar. Espero que não se importe. Tentei ligar, mas o sinal está péssimo onde estou. Espero que esta mensagem chegue até você de qualquer forma. Estou viajando agora — na verdade, estou num barco. Estou visitando uma ilha sobre a qual li numa história quando era menino. Eu não achava que ela existisse de verdade, mas estava olhando voos algumas semanas atrás e vi que era só uma viagem de cinco horas de onde eu moro. Foi estranho voltar para casa depois do complexo. Achei que estava ansioso, mas me senti meio anestesiado nos primeiros dias. Alguém da produção me ligou uma semana depois que eu saí para saber como eu estava. Eu disse que Foi bom, mas não me senti totalmente conectado à realidade. Disseram-me que era normal, que todos os participantes se sentem assim quando saem. De qualquer forma, pensei que seria bom mudar de ares, então vendi algumas das coisas que ganhei — não tinha noção do quão valiosas algumas das recompensas eram. Deu para comprar uma passagem de avião, então reservei um voo e depois um barco, e agora acho que estou quase lá.

“Vou viajar um pouco e depois talvez trabalhe em um vinhedo por um tempo. Acho que vai me fazer bem. Sinto falta do calor do deserto: agora estou sempre com frio. Gostaria de voltar a trabalhar sob o sol. Sinto falta de entrar na sombra depois de trabalhar ao ar livre por muito tempo, com os músculos doloridos e o suor escorrendo pelo rosto e pelas costas, e daquela sensação ao tomar o primeiro gole de água gelada.”

Sinto falta de acordar com você ao meu lado. Às vezes me pergunto se imaginei tudo isso, principalmente agora, em um lugar novo. Sinto tanta saudade que às vezes não sei como vou conseguir passar o dia.

"Eu já vinha me sentindo mal há algum tempo, mesmo antes de entrar no programa. Eu não sabia o que fazer da vida. Era difícil fazer planos para o futuro. Eu ficava pensando: 'Para quê me preocupar, se provavelmente estaremos mortos daqui a vinte anos, talvez quinze?' Acho que todos nós devíamos estar muito infelizes, senão por que faríamos isso conosco? Sei que dizíamos a nós mesmos que queríamos viver em paz, mas acho que estávamos procurando novas maneiras de nos tornarmos miseráveis. Eu gostei, por um tempo. Eu era feliz quando estava com você."

"Sinto muito pela forma como as coisas terminaram. Já repassei essa cena mil vezes, repetidamente. Eu faria qualquer coisa por uma segunda chance com você."

"Acho que não vou voltar para casa tão cedo. Mas eu realmente gostaria de te ver. Não sei o que tem acontecido com você — você me disse para não ficar olhando, e eu não tenho usado muito o celular. Ou eu poderia ir te ver quando você sair. É uma jornada assustadora, ir do complexo até o ponto de encontro. Mas talvez você não queira me ver, ou talvez esteja planejando ficar por lá um tempo. Espero que você esteja feliz, seja lá o que estiver fazendo."

"Ok, acho que já falei demais. Vou deixar meu celular ligado por alguns dias caso você queira entrar em contato. Te amo. Tchau."

Fiquei sentada em silêncio por um tempo. Empurrei as coisas para fora da cama e me levantei. Me espreguicei e olhei para a claraboia, onde pude ver uma pequena mancha de azul opaco.

Fui até a tela e pedi uma última coisa: um trenó. Um dia, bêbada, eu havia pedido um carro, mas me negaram. Um trenó era a única coisa que me veio à mente, grande o suficiente para acomodar todas as minhas coisas e as do Andrew. Levei horas para arrumar

tudo. Incluí também algumas coisas que outras pessoas haviam deixado para trás: o lenço diáfano da Candice, o perfume da Jacintha e o telescópio do Sam. Joguei o celular descarregado no monumento do Andrew; era literalmente a coisa mais feia que eu já tinha visto na vida. Não conseguia imaginar o que os próximos moradores fariam com ele.

Puxar o trenó pelo deserto foi, sem dúvida, a coisa mais difícil que eu já fiz. Meus braços doíam como nunca antes, meu Minhas costas estavam tensas e com cãibras. Apesar do frio, o suor escorria pela minha testa e grudava no meu cabelo.

O dia deu lugar à noite, e a noite à madrugada. Eu conseguia ver a fumaça da minha respiração à minha frente, e pouco mais. Estava terrivelmente cansado, mas não com medo. Parava com frequência e olhava ao redor, mas não havia nada para ver além da silhueta do enorme trenó atrás de mim. Eu não sabia para onde estava indo, nem se havia algum ponto de referência que pudesse usar como guia. Quando a temperatura caiu ainda mais, parei, tremendo, apavorado com a possibilidade de ter passado do ponto de encontro e de não haver ninguém lá para me buscar. Eu nunca tinha visto essa parte do programa antes e não tinha certeza se ela realmente existia. Embora racionalmente eu soubesse que isso não seria exibido, eu continuava imaginando pessoas me observando enquanto eu procurava por alguém que não estava lá, tropeçando às cegas, agarrando minhas recompensas. Que espetáculo brilhante seria, pensei com algo próximo da histeria — que televisão excelente, excelente!

E então: uma voz chamou meu nome. Uma mão se ergueu, em saudação, ou como se para espantar um animal arisco. Levantei a mão, retribuindo o gesto, e dei um passo à frente, com o trenó arrastando-se pesadamente atrás de mim.

AGRADECIMENTOS

UM MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS A Rachel Mann, sem a qual este livro não teria sido possível: Sou muito grata por todo o trabalho que você realiza e, acima de tudo, por sua bondade e sabedoria inabaláveis.

Agradeço à minha família pelo apoio; agradeço a Felim por me deixar pintar as paredes da sua casa enquanto escrevia, e a Bernie por ser um dos primeiros leitores. Um agradecimento especial a Deirdre e David, a quem este livro é dedicado, pelo apoio e entusiasmo inabaláveis. Na loteria da vida, tive a sorte de ter vocês como meus irmãos.

Obrigada à Aisling Grennan por estar sempre presente e por me ensinar a dirigir.

Agradeço aos meus editores de ambos os lados do Atlântico: Miriam Khanukaev, Caitlin McKenna, Suzie Dooré, Beth Coates e ao revisor de texto Simon Fox; sou muito grata pelas suas ideias, gentileza e consideração.

Agradecemos a todos da CAA, em especial a Mollie Glick, Via Romano, Sarah Harvey e Yasmin McDonald. Agradecemos também a todos da Random House, em particular a Naomi Goodheart, Allison Rich, Maria Braeckel, Windy Dorresteyn, Erin Richards, Madison Dettlinger, Cara DuBois, Sandra Sjursen, Rebecca Berlant e Barbara Bachman. Agradecemos ainda a todos da The Borough Press, em especial a Jabin Ali, Jo Kite, Emily Merrill e Maud Davies. Pelo design artístico e da capa, agradecemos a Carrie Graber, Sarah Horgan e Greg Mollica.

Agradeço a Cathal e Ciara Lee por me permitirem terminar minhas edições em Carcassonne; um agradecimento especial a Meadhbh e Cliodhna por sua ajuda. Sua ajuda foi inestimável, e agradeço por ter esperado que eu terminasse antes de entrar na piscina.

Sou grato a todos os meus alunos, mas gostaria de expressar um agradecimento especial à minha turma do Ensino Médio de 2023-24 pelas conversas entusiasmadas e estimulantes sobre consumismo e capitalismo em estágio avançado, que ajudaram a formar algumas das ideias centrais deste livro.

SOBRE O AUTOR

AISLING RAWLE nasceu em 1998 e cresceu no condado de Leitrim, no oeste da Irlanda. Atualmente, vive em Dublin. *"The Compound"* é seu primeiro livro.



Qual é o próximo item da sua lista de leitura?

Descubra sua próxima grande leitura!

Receba recomendações de livros personalizadas e notícias atualizadas sobre este autor.

Inscreva-se agora.

_9001707_